Collecção Antonio Maria Pereira

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

250 réis em brochura e 400 réis encadernado

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas á margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol. br. 600 rs.; enc. 900.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo, br. 1$700 rs.; enc. 2$400 rs.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pag. em papel de linho nacional. Tiragem 48 ex., br. 6$000 rs.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 ex., br. 2$500 rs.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 ex., br. 1$000

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco. — Fl. 1$000.

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

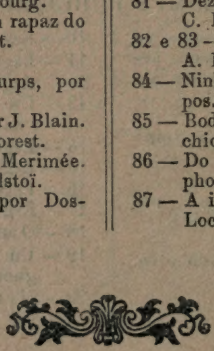
ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 150 réis o volume

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt.
6 — Esgotado.
7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot.
8 — Esgotado.
— Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um ooração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — Esgotado.
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.

21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pent Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo generalTcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed Lockroy



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 48.º Volume

VASCO

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

L Por
L7996v

ARTHUR LOBO D'AVILA

VASCO

Romance original

347904
14. 3. 38.

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1903

Officinas typographica e de encadernação, movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
LISBOA

I

Findára o ensaio.

No palco de S. Carlos havia apenas a debil claridade avváramente fornecida pelas janellas da caixa, de exiguas dimensões e de empoeiradas vidraças. Concorria para augmentar ainda a penumbra, a sombra dos bastidores, avançados ou recuados com a irregularidade d'uma fila de recrutas, e a projecção das vistas, que, mais ou menos desenroladas, desciam da urdidura, algumas rotas e maltratadas, lembrando velhas bandeiras pendentes do tecto d'um museu d'armas.

Para além do palco, no theatro em grande escuridade, os poucos bicos de gaz accesos na orchestra faziam scintillar no fundo escuro os doirados ornatos dos camarotes, e as cortinas de damasco branco da magestosa tribuna real sobresaiam, enquadradas nas guarnições de velludo escuro, como no collete talhado *en cœur* o peitilho irreprehensivel d'um elegante.

A toda esta luz dubia, juntava-se, como um complemento do seu tom geralmente morbido, essa atmosphera particular dos palcos, em que o cheiro das collas empastadas nas telas se confunde com o bafio e as emanações do gaz estravasado da canalisação.

Sentia-se o leve tilintar dos instrumentos, que os musi-

cos guardavam, cortado, como trecho desordenado de orchestra que se perdeu, ora pelos silvos do flautim, em que o musico repetia uma phrase complicada, ora pela nota carrancuda e grave d'um rabecão, como que zangado por o contrabaixista o abafar na capa de baeta verde.

No palco ia a grande confusão d'uma algaraviada, trocada em todas as linguas possiveis e imaginaveis, podendo comparar-se com a outr'ora mandada em castigo aos arrojados obreiros de Babel.

Nas bancadas da platéa, lobrigavam-se destacando vagamente d'entre a penumbra, os vultos dos privilegiados a quem fôra concedido assistir ao ensaio geral; e, por um acaso engraçado, de todos os logares do theatro, só as duas primeiras frizas da esquerda, em que á noite se ostentam os supremos sacerdotes da ordem publica, o sr. governador civil e o sr. commandate das guardas municipaes, estavam atulhadas pelos *leões*, que n'aquella época infestavam a capital, feras aliás bastante pacatas, dispondo de orçamentos enfezados, que só lhes deixavam ostentar a seducção terrivel das suas jubas em façanhas relativamente modestas.

A turba, que enchia o palco, foi-se dispersando.

O desapparecimento das dançarinas, recolhidas á convencional inviolabilidade dos seus camarins, fizera ausentar boa parte dos frequentadores da caixa, e as simplorias coristas, especie de segunda linha d'aquelle exercito gentil, sairam levando comsigo os ultimos somenos galanteadores, alguns já grisalhos, de faces engelhadas, formando perfeito *pendant* com as carcassas em extremo deterioradas, que desde a volta do imperador ali se esganiçavam nocturnamente.

O illuminador, de blusa de chita azul e barrete de marinheiro, saltava, qual gorita, por cima das cadeiras e estantes da orchestra, fechando as torneiras dos poucos bicos

que haviam allumiado os musicos durante o ensaio, e ao fundo da caixa os operarios mudavam bastidores d'um lado para o outro, fazendo prodigios de força e destreza, qual o arlequim que no circo equilibra a bamboleante percha.

A sala estava agora mais escura ainda. Só do *gallinheiro*, uma pequena janella aberta deixava passar a linha d'uma luz baça, que se destacava no fundo escuro por uma faxa de poeira, e que, tremelicando no ar, terminava na friza em que ainda se distinguiam dois vultos fallando baixo, aclarando-a suavemente, como a luz electrica a janella de Margarida, no Fausto.

D'uma porta ao fundo do palco, sobre a qual havia o distico: «*Empreza*», saiu Pietro Corini, que descendo junto á ribalta, disse:

— *Comte! Corina vous attend.*

— *J'y vais* — respondeu-lhe um d'elles, n'um francez puramente pronunciado. E, voltando-se para o individuo com quem fallava, proseguiu, mettendo na algibeira uns papeis que este lhe dera:

— Posso então estar certo de que me fazes publicar isto no teu jornal?

— Isso e tudo que tu quizeres, conde... Mas, é bom lêres, traduzindo-o, á pequena, para vêr se lhe agrada; escrevi segundo os apontamentos que te deu, mas isto de artistas nunca acham elogios que os satisfaçam.

— Onde te encontrarei antes da noite?

— Jantas em casa?

— janto, vae o Salvatore e o Corini... Lá te espero.

— Está dito.

E o critico musical, provisoriamente intimo do conde, que ao fechar o theatro deixava de o conhecer, porque já não precisava do seu valioso auxilio nas conquistas que enprehendia durante a época, apertou-lhe a mão e saiu.

O conde de S. Giraldo, ao entrar no camarim da formosa

cantora, não poude esconder uma certa contrariedade, achando-a acompanhada pela costureira do theatro, que acabava de lhe fazer provar o trajo com que devia apparecer no dia seguinte.

O contratempo não permitiu ao conde dar largas ao seu espirito galanteador, limitando-se a beijar a mão que a *diva* lhe estendeu, dizendo com fingida tristeza, emquanto apontava para o fato de escoceza:

— *J'arrive trop tard.*

No rosto da artista transpareceu um leve rubor, accusando desgosto pelo que ouvia; mas, n'um instante, a este sentimento succedeu a scentelha espirituosa da italiana travêssa, que respondeu ironicamente:

— *Oui... comme les carabiniers.*

A costureira, dobrando o fato, ia sair, a cantora, porém, fez-lhe signal, sem que o conde visse, para se deixar ficar.

Durante alguns instantes o fidalgo e a artista trocaram, ora em francez, ora em italiano, gracejos e amabilidades; o conde sincava com frequencia, ao empregar o idioma do Dante, e então a formosa rapariga, mostrando duas fileiras de perolas ao compasso de estridentes gargalhadas, corrigia lhe os erros.

Quando este facto, se dava, Martha, que ordinariamente discorria d'um lado para o outro do elegante camarim, como um canario irrequieto dentro d'uma gaiola doirada, parava, sentava-se perto do fidalgo, e ensinando-lhe um termo, ou o modo de pronunciar, cravava os olhos nos d'elle, com uma expressão de amisade honesta, mas ardente e franca, que perturbava o estroina, affeito aos olhares provocadores. Depois, dada a lição, a cantora baixava os olhos compromettida; umas vezes abafava um suspiro, outras disfarçava uma tristeza fugitiva, parecendo dar grande attenção ao lavrado das costas de marfim d'uma escova, que tomava do toucador; ou, como que afugentando tristes pensamentos, aspirava soffregamente o per-

fume das rosas e violetas d'um *bouquet*, a que estava enlaçado com uma fita côr de rosa um bilhete do conde.

A conversação, tocando, incerta e variada, numerosos assumptos tratados por demais, acabou por fixar-se na festa da noite seguinte, e o conde, entre muitos cumprimentos á maestria com que Martha executava a sua parte, pondo os olhos no chão, titubeando um tanto, pediu-lhe que ouvisse um artigo que escrevera a seu respeito, e que desejava mostrar-lhe, antes de o fazer publicar na *Harmonia Portugueza*, jornal cujas criticas eram geralmente reproduzidas nas folhas musicaes estrangeiras, especialmente nas de Milão.

Se o conde de S. Giraldo, em vez d'aquellas palavras, tivesse aberto ante os olhos da cantora o estojo de velludo azul, que encerrava o riquissimo collar de brilhantes, que lhe havia de offerecer na noite seguinte, a sua amabilidade não seria agradecida com maior enthusiasmo, nem recebida com mais aberta satisfação.

O fidalgo começou a ler com voz algo tremula; ás vezes hesitava n'uma ou n'outra palavra, falhava a natural cadencia da pontuação, e as phrases eram pronunciadas com uma accentuação franceza.

Martha, porém, não reparava em nada d'isso; aquelles elogios á sua esplendida voz, á correcção do seu methodo de canto, á nitidez do seu modo de phrasear, á sciencia dramatica que juntava á superioridade como cantora, a celebração da sua formosura, comparada á das antigas estatuas gregas, elevavam-n'a a um setimo ceu, dando-lhe a felicidade inebriante da satisfação completa d'esse desejo voraz e ardente de elogios e renome, que nos artistas chega a ser um vicio, e que os torna ás vezes ferozes para com os seus émulos.

Ao terminar o conde a leitura, a *diva*, n'uma explosão de egoismo e satisfação orgulhosa, exclamou em italiano, referindo-se ás duas outras damas da companhia:

— Bianca e Giuzepina, vão morrer de inveja! — Depois, parecendo envergonhada do que dissera, perguntou ao conde se elle é que tinha escripto o artigo.

— Sim — respondeu o fidalgo sériamente enleiado.

— Não o sabia escriptor; faço-lhe os meus cumprimentos.

O conde agradeceu contrafeito, e tentou mudar de assumpto; ella, porém, tirou-lhe o artigo da mão.

— Agora vou eu ler, quer ver como já sei o portuguez?

Concluida esta segunda leitura, Martha perguntou ao conde se tinha duvida em substituir dois ou tres termos por outros de que gostava mais. Elle accedeu immediatamente, e a cantora pediu-lhe, entre varias alterações, que em vez de: *côros angelicos*, palavras com que o articulista terminava um paragrapho, em que comparava o effeito da voz de Martha ao d'um longiquo *orphéon* de cherubins, escrevesse: *harmonias celestes*.

O conde de S. Giraldo pegou com certo receio na penna, que a cantora lhe offerecia, e dizendo: — Vou fazer uma letra impossivel, por causa da luva, — commetteu, por meio d'umas garatujas verdadeiramente aggressivas das mais leves noções orthographicas, duas asneiras monumentaes, rabiscando: *armonias selestes*.

Martha, porém, não lhe agradeceu menos a boa vontade, e elle retirou-se mais do que nunca enlevado nos seus encantos.

II

As damas, que na seguinte noite iam occupando os camarotes e frizas de S. Carlos, notavam um facto desconhecido nos annaes do theatro: sobre o parapeito dos camarotes estavam collocados dois pequenos ramalhetes, com a regularidade das boccas de fogo n'uma bateria.

N'um d'estes camarotes, uma baroneza, que acabava de fazer as honras da casa a um casal de brazileiros, ricos e viscondes, dizia maliciosamente, apontando para as flôres:

— Foram certamente invenção do conde de S. Giraldo; do que eu duvido é de que os versos tenham a mesma origem...

— Conforme; se os pagou, são d'elle, como as flôres — replicou o barão; e, sorrindo, continuou para os seus convidados: — Tem feito verdadeiras loucuras por causa d'esta cantora: hontem vi eu uma *rivière*, que comprou por tres contos de réis! para lhe offerecer.

— Bem sei, era da condessa de S Roque. A cabelleireira levou-m'a um dia, a vêr se eu a queria; mas era um capricho demasiado serio — concluiu, lançando certo olhar ao visconde, que do fundo do camarote retorquiu:

— Exactamente, dizes muito bem, demasiado serio, para quem tem filhos.

A viscondessa virou a cara para a sala, fingindo não lhe prestar attenção, e os barões trocaram um olhar acompanhado d'um risinho, veloz como o raio, e que só elles entendiam.

Quando Martha appareceu em scena, os binoculos convergiram para a *diva*, e consecutivamente muitos d'elles mudaram de direcção, assestando-se para a friza em que estava o conde de S. Giraldo, o seu amigo D. Aleixo Garcia, e, ao fundo, de pé, o redactor da *Harmonia portugueza*.

Emquanto, no intervallo, a superioridade absoluta da cantora, no papel de Lucia, era assumpto de todas as conversas, um visconde embonecado, qual cartucho de pastilhas, via-se grego para satisfazer a curiosidade das tres interessantissimas filhas da abastada viuva Peres, que lhe disparavam um chuveiro de perguntas sobre quanto dizia respeito á gentil *diva*, começando a mais nova por indagar se era effectivamente certo que o conde de S. Giraldo esti-

vesse tão enamorado da artista que casasse com ella, como se dizia, ao que o visconde respondeu, dirigindo-se á viuva, cuja monomania aristocratica lhe convinha lisongear, porque pretendia a menina do meio.

— Não creio que o conde esqueça até esse ponto quem é.

— Eu sei lá, — retorquiu a nobre dama com desvanecimento — tem-se visto tanta coisa n'estes ultimos tempos... E' o progresso, sr. visconde... — concluiu sardonicamente.

— Diz V. Ex.ª muito bem; — confirmou o cavalheiro — n'este turbilhão confuso de ambições baixas, os que estão no alto mostram tanta disposição a descer por interesse, como os que estão em baixo teem de soffreguidão por subir...

— Lá está o José Melchiades escondido no fundo do camarote da dançarina ingleza — disse muito naturalmente a mais nova das meninas.

— Parece-me que te enganas — retorquiu a irmã mais velha – saiu agora mesmo da friza do ministro da Belgica.

A viuva fingiu não ter ouvido coisa alguma, e, dominando o cochichar das filhas em polemica, proseguiu a conversa com o visconde.

— Ainda hontem, meu primo D. Manuel me contou como tem sido infeliz a filha, que casou com o tal brazileiro; o pae é um selvagem, que. .

N'este ponto, entrou no camarote o dito José Melchiades, um grandissimo labrego, de casaca, cara ordinaria e cabello cortado á navalha, que trazia ainda luto alliviado por seu pae, riquissimo fabricante de solla, de quem ficára unico e universal herdeiro, e D Thomazia Peres utilisou convenientemente a velocidade adquirida, para lhe dizer, apertando-lhe a mão:

— Estou mal com v. ex.ª.

— Porquê? — respondeu o recemchegado, depois de pro-

curar mentalmente, durante alguns segundos uma fórma distincta de se expressar.

— Não apparece ha tres dias! — interrompeu a menina mais velha, indo sentar-se no fundo da friza, junto ao mocetão, que assim ficou entre ella e a mãe.

— Tenho tido muito que fazer lá na fabrica.

— Ora, a fabrica...

— O que v. ex.ª deve fazer é vendel-a, — accrescentou a viuva.

— Era o que faltava! — replicou o mancebo n'uma expressão de egoismo mercantil, que fazia parte da herança paterna. Mas tendo a viuva, e sobretudo a filha, recebido com gestos de amuado desgosto a sua resposta, concluiu: Mais tarde é possivel, veremos... E fez com o chapeu de pasta um gesto, como que abanando-se, mas cujo fim era fazer signal á dançarina ingleza para desviar o oculo, que insistemente lhe dirigia.

Mãe e filha perceberam o gesto, surprehenderam-se mesmo trocando um olhar, que era como que a reciproca confissão de tal descoberta.

Mas José Melchiades representava o melhor de trezentos contos. Foi como se nada vissem, e continuaram conversando com elle mais intimamente. Só a viuva, virando completamente as suas largas espáduas para a sala, interceptou o fogo da loira estrangeira.

Entretanto, o visconde lia á menina que cortejava a biographia de Martha Corini, publicada n'um jornal da noite, emquanto a mais nova das filhas de D. Thomazia dava repetidas voltas na cadeira, para se certificar se era a ella, ou a uma visinha da outra friza, que um elegante militar dirigia, da platéa, apaixonados olhares.

«Martha Corini — ia lendo o visconde — a illustre *diva* que os frequentadores do theatro lyrico festejam todas as vezes que apparece na scena, arrebatando-os com as manifestações do seu duplo talento de cantora e de actriz, não

é filha do conhecido baixo Thomazo Corini, que o publico de Lisboa ouviu durante alguns invernos.

«A distincta *virtuose* tomou, ao debutar no theatro de S. Carlos de Napoles, o nome do artista que a adoptou e lhe fez dar uma longa e cuidada educação musical.

«Ha dias que a formosa *prima-donna*, dando-nos a conhecer a enorme gratidão e amisade que tributa ao artista a quem chama seu segundo pae, nos contou, saudosa e commovida, as scenas da sua infancia, attribulada e pobre, de que o feliz encontro de Corini havia de eleval-a para a opulencia e para a gloria.

«Sorrento, Amalfi, Chiaya, deliciosas povoações dos suburbios de Napoles, acham-se enlaçadas nas recordações da cantora pela idéa da terra natal. As reminiscencias dos seus primeiros annos dizem-lhe que seus paes eram pescadores, que habitavam perto d'esses logares; não sabe porém precisamente qual, nem onde actualmente se acham os seus progenitores.

«De algumas scenas da juventude guardou Martha uma fiel idéa, sendo tocante a maneira por que as descreve. Lembra-se, por exemplo, dos dias escuros e ventosos, em que, dentro da pobre morada, se ouvia o rugir da tempestade, emquanto a mãe, rodeada pelos irmãos, resava ajoelhada ante a imagem da *Madona*, aos pés da qual ardia um cyrio.

«Nem se esqueceu dos barcos dos pescadores, que, pelas noites tranquillas e escuras, deslisavam suaves junto á praia, interrompendo o silencio com o marulhar dos remos na agua dormente, em que se reflectia a luz do brazeiro crepitando á prôa. E, porventura n'uma primeira revellação da sua tendencia natural para a arte, em que hoje é insigne, ella aprendeu, ainda creança, a cantar expressivamente a *Santa Lucia*, ouvindo-a aos barqueiros de Napoles, que nas noites de luar passeavam nos seus bateis os habitantes da cidade.

«Thomazo Corini cantava no theatro de S. Carlos de Napoles, em cujo vestibulo a filhinha dos pescadores exercia o seu pequeno commercio, vendendo as flôres que os monges de Amalfi lhe deixavam colher na cerca do convento. A gruta de Pausilippo, que a pequena florista atravessava todas as noites que vinha á cidade, embora illuminada, como via de transito publico que era, fazia-a estremecer e apressar o passo, sobretudo ao passar nos sitios em que uma cruz de madeira, ou duas tibias cruzadas sob uma caveira, rememoram scenas terriveis das luctas entre os novos crentes de Jesus e os sectarios do Arianismo da primitiva Roma.»

N'este ponto da leitura, ouviu-se o tremelicado som da campainha electrica, annunciando a continuação do espectaculo; do fundo da sala começou a brotar copiosa torrente de espectadores, emquanto na orchestra os musicos iam surdindo das acanhadas portas falsas inferiores ao proscenio, succedendo-se á porfia como formigas que saem d'um formigueiro.

O visconde levantou-se, e, despedindo-se, deixou sobre a cadeira o jornal, como se por tal não desse, e quando apertou a mão á sua ouvinte, esta fez um risinho de quem percebia e approvava o estratagema para uma segunda visita, no intervallo seguinte.

A viuva e a sua primeira filha em nada repararam, e machinalmente responderam ás despedidas do elegante, tão embebidas estavam em persuadir o joven fabricante a que se retirasse da vida commercial, comprando com uma parte do valor da fabrica o palacio e carruagens d'um opulento banqueiro recentemente fallido.

— Uma pessoa na situação de V. Ex.ª deve estabelecer-se n'aquelle pé — opinou a viuva.

E a filha, n'um sublime arrebatamento, encarando primeiro o rapazola, revirou os olhos, e exclamou:

— Que vida feliz se deve passar em tal casa!

No final do *rondó*, Martha Corini recebeu uma enthusiastica ovação. Thomazo, o velho cantor, foi tambem chamado, e em meio d'uma scena pathetica e commovente, abraçou a filha adoptiva. Elle estava radiante. Encasacado rigorosamente, pendia-lhe do peito o habito de Christo, com que fôra recentemente agraciado.

Atravessando corajosamente por entre a chuva de ramos que açoitava o palco, saiu dos bastidores a mais acriançada figura do corpo de baile, em *toilette* de anjo, a julgar pela exiguidade das vestes e abundancia de azas, e dirigindo-se á diva em graciosas piruetas, ajoelhou ante ella, levantando uma almofada de setim branco, em que descançava uma formosa corôa, no centro da qual estava o estojo das joias offerecidas pelo conde, e já admiradas por todos os freguezes do ourives que as fornecera.

A cantora agradeceu, um tanto confusa, emquanto o exbaixo dirigia com o maior desplante amigaveis agradecimentos para a friza do titular; e como que inspirado por uma feliz idéa, com a corôa enfiada no braço esquerdo e o estojo na mão, veiu ao fim do tablado e, estendendo a dextra mão para a friza do fidalgo, obrigou este a um *shake hands*.

Quando o panno desceu, ao murmurio que o caso levantára, seguiram-se varias apreciações:

— Oh! que maráu!

— O conde parece-me lorpa, e o italiano é capaz de o metter n'alguma embrulhada!

— Não te assustes, que lá tem ao lado o *camarista*, o D. Aleixo...

E n'um camarote de primeira ordem, o velho marquez de Monteirado exclamou para o seu capellão:

— Aqui está, padre Antonio, ao que chegam os mais illustres fidalgos; quando seguem as taes *idéas modernas*, que minha filha tanto defende; arranjam condecorações para os comicos, e apertam-lhes a mão em publico!

A senhora arguida, que occupava o logar de honra no camarote, sorriu, e por unica resposta, encolheu os hombros; o padre sorriu tambem, e vendo que a dama não lhes prestava mais attenção e começára a fallar com uma visinha do camarote immediato, respondeu:

— E eu que ignorava quanto v. ex.ª me tem contado do conde!...

— E' um estroina, um devasso, um ignorante; e peor do que isso tudo, uma alma perdida.

— E mais foi cuidadosamente educado pelo pae, que seguiu a real familia exilada.

— Imagine, padre Antonio, que ao perguntar-lhe pela preciosa saude de sua magestade e de sua real familia, me respondeu o libertino: «creio que o sr. D. Miguel continua sem novidade em sua importante saude, meu caro primo. Eu nada sei dos negocios do partido; assim que meu pae morreu, deixei a Allemanha, e vim para Paris, aproveitar a minha mocidade, e o resto dos bens que a politica deixou a meu pae!

— Censuras ao auctor de seus dias!...

— Se fosse só isso!... O melhor ouvi-lh'o depois, quando, percebendo o franzir dos meus sobr'olhos, pretendeu explicar o seu procedimento. Não falta intelligencia a esse estraga-albardas; a Providencia não quiz recusar-lhe, n'este ponto, as qualidades da raça illustre a que pertence; mas a completa ignorancia, que se esconde com o pedantismo e ousadia d'esta época, o ter visto muita coisa lá por fóra, dão-lhe uma apparencia de illustração, que, no fim de contas, está longe de possuir.

— Modernas educações!

— Isso mesmo.

— V. ex.ª está mal com o conde?

— Pois o que havia eu de fazer quando lhe ouvi os vergonhosos despauterios, senão responder-lhe ao pé da lettra?

— Certamente.

— Quando me disse, todo empertigado: «as razões por que não pretendo saber coisa alguma dos negocios publicos são as seguintes: odeio a politica liberal, porque foi ella que exilou meu pae e devastou as suas propriedades; mas detesto egualmente a politica absolutista, porque não tem já motivos que a justifique, e porque foram as desarrasoadas ambições d'esse partido que lançaram os meus no caminho da ruina», difficilmente, padre Antonio, difficilmente consegui responder-lhe com apparente serenidade: «Senhor conde de S. Giraldo! em minha casa reune-se frequentemente uma parte da aristocracia portugueza, da que professa idéas exactamente contrarias ás suas; julgo dever prevenil-o d'isto, porque, na sua posição, é natural que outros se lhe dirigissem, como eu, e por certo o fatigará ter de estar a repetir a cada um a sua profissão de fé politica...

— Bem respondido, sr. marquez — affirmou o padre.

— Comprehendeu-me, e nunca mais lá foi a casa.

— Esta aventura com a cantora tem dado que fallar.

— Hoje já nós o vimos apertar em publico a mão do pae; quem sabe se ámanhã casará com ella, como por ahi dizem?

— Não creio, sr. marquez; apezar de tudo o conde não dará tal passo; não lh'o permittirá o instincto natural da sua illustre raça: *quod natura dat nemo negare potest.*

— Quantas vezes temos nós visto falharem as mais conceituosas sentenças! — replicou o fidalgo, com um sorriso levemente ironico.

III

No dia immediato os cartazes do theatro lyrico, em que estava annunciada a segunda representação da *Lucia*, appareceram atravessados por uma tira vermelha em que se

lia: *Por justos motivos, e com permissão da auctoridade, não ha hoje espectaculo.* Duas terças partes da população sabia já do acontecimento do dia: o conde de S. Giraldo raptára a cantora.

Faziam-se os commentarios do estylo, e o escandalo era apresentado sob muitas versões.

—E' certo que o S. Giraldo estava um pouco alegre; mas, se o D. Aleixo o não desafiasse a fugir com a rapariga, não tinha havido esta *sensaboria.*

—Eu ainda os quiz dissuadir, mas qual? chamaram-me logo *moralão;* e eu não disse mais nada.

A policia não ligava a taes versões o menor credito, e depois de energicas medidas esperava em bemaventurada quietação as ordens do governador civil, que se achava em sessão secreta com o emprezario do theatro, o baixo Thomazo, D. Aleixo e alguns politicos importantes, que haviam entrado á formiga acompanhados de amigos e parentes do conde.

Em frente do governo civil estacionavam trens, uns de praça outros particulares, e os cocheiros cavaqueavam sobre o caso:

—Parece-me que o cantor jurou que ha de matar o conde.

—Eu ouvi que já o desafiou...

—Vocês ainda engolem essas *lampanas?* O que elle quer é bago!

—Máu!—reforçou um trintanario—se eu tivesse n'esta hora as libras que d'aqui a nada lhe estão a cantar na mão! E depois, talvez o fidalgo faça a rapariga feliz...

O conde rodava trem, e dava jantares: tinha pois amigos.

Esses amigos tinham deputados, esses deputados tinham ministros, esses ministros tinham auctoridades. Tudo isto tinha muitas coisas para absolverem do crime o fidalgo,

em prejuizo da cantora, que, pela sua parte, só tinha Thomazo Corini, desejoso de especular á sua custa em favor proprio.

Nas regiões officiaes abafaram-se os primeiros procedimentos nascidos das queixas do cantor. Este calou se a troco de dinheiro. E a falta do conde foi considerada uma estroinice, cara para elle, vantajosa para a victima.

Comtudo,— o publico nem de leve o suppunha,— ella estava bem acima do triste nivel moral, em que se não sentem profundamente desgraças d'aquella ordem, ou se aproveitam como especulação. Ouvira sempre considerar taes desventuras como precalços da vida do theatro, para que havia reparação. E na sua innocencia fazia uma tal ideia das pessoas que lh'a deviam promover e dar, que acreditava piamente que a teria tambem para si.

Deixára-se enlevar nos attractivos do conde, e, acreditando nos seus protestos, consumira-se de intima tristeza ao lembrar-se da distancia que os separava.

O attentado de que fôra victima desfazia essa distancia, e ella, que tantas vezes recuára horrorisada, quando, n'um delirio de paixão, lhe accudia rapido o pensamento de que, se quizesse, poderia prender o conde a si para sempre, agora que, independentemente da sua vontade, o facto se dera, receava o que elle poderia pensar a seu respeito, e a duvida d'algum ressentimento da sua indole fidalga, mas contava que isso o não impediria de lhe chamar sua mulher.

Quando esta idéa a dominava, havia um momento em que lhe accudiam ao espirito as mais risonhas esperanças d'uma vida de intima felicidade, e, n'um ésto de gratidão para quem a rehabilitára dando-lhe o seu nome, protestava tornal-o, pela sua parte, illustre, tão illustre quanto lhe fosse possivel, adornando-o de glorias colhidas no campo da arte.

Taes eram os esplendidos castellos erguidos pelos seus

vinte annos inexperientes. cegos da cegueira da virtude, e que a sordida ambição do cantor lançava por terra d'ahi a pouco, fazendo com que, n'uma rapida transição, ella votasse o mais completo desprezo e odio aos dois homens a quem até ali mais estremecera.

Foram tão desoladoras as palavras com que a artista, reconhecendo toda a miseria da sua posição, accusou a sorte por se vêr só no mundo, que dos labios do patife saiu, mau grado seu, a revellação até alli cautelosamente evitada.

— Teu pae é barqueiro em Castellamare!

Martha soltou um grito, em que havia a alegria feroz do desventurado, cuja mão encontrou a unica coisa que lhe faltava para se vingar: uma arma.

— Como se chama meu pae?

— Para que o queres conhecer?

— Para te matar, e ao conde!

— *Povereta!* — exclamou o baixo, com uma risadinha de piedade e escarneo.

Aquella hilaridade fez a luz no espirito da desgraçada. Comprehendeu a sua situação, a sua fraqueza, e que a vingança immediata era impossivel.

— Emquanto não souber o nome de meu pae, não tornarei a cantar. Tu pagarás a multa ao emprezario.

— Sim? E o nosso contracto? Eu sou responsavel para com o theatro, mas tu és responsavel para commigo. Quem te sustentou tantos annos? Quem te educou? Quem pagou as lições que recebeste dos mais afamados mestres? Eu!

— Nem a liberdade tenho! — proferiu a triste, com desespero.

— Exactamente; durante tres annos ainda, tens de cantar por minha conta.

— Não! Nunca mais! E' mais facil morrer á fome.

— Não me servia isso de nada. Demandar-te-hei. Tens joias riquissimas!

O olhar da pobre rapariga fuzilou de esperança.

— Pois bem! evitemos o processo. Tenho joias. São tuas. Dá-me o contracto, que assignei.

— As tuas joias? Todas as tuas joias? Olha que são todas!

— Sim. Todas. Todas. Todas. Miseravel!

— Onde estão? quero vêl-as primeiro.

E o cantor dirigiu-se ao quarto de vestir de Martha. Esta tomou resoluta um punhal, que jazia perto do seu fato da *Africana*, e collou-se na frente da porta.

— Tu, que me vendeste a honra, és capaz de me roubar Essas joias são a minha liberdade. Toma sentido!

— Enlouqueceste?

— Pelo contrario! Comecei a ter juizo; a conhece-t e. Tomo as minhas precauções. Com a mão direita receberei a minha carta de alforria, com a esquerda dar-te-hei tudo quanto possuo de valor. Vae buscar o contracto.

Thomazo, ensaiando um sorriso affectado, ia fallar. Ella atalhou, imperiosa:

— Convem-te o negocio? Sim ou não!

— Sim; — respondeu o baixo dolorosamente, como que forçado a uma resolução angustiosa.

— Vae buscar o contracto, — ordenou a rapariga altivamente, indicando-lhe a porta.

Martha preparava as suas malas para regressar a Italia, quando lhe annunciaram que um desconhecido pretendia entregar-lhe uma carta, em mão propria.

A artista, embora receiosa, mandou-o entrar.

Era um homem edoso, modestamente vestido de preto, ar serio e grave, que, sem encarar Martha, lhe offereceu a missiva:

— Esta carta do sr. conde de S. Giraldo.

Ella fez-se livida e ficou um momento perplexa e confundida; mas, recobrando o sangue frio, pegou na carta, dizendo:

— Aqui está a resposta que eu dou a este novo insulto do miseravel que aqui o mandou; — e dirigiu-se rapidamente ao fogão, a cujas chammas ia atirar a carta.

No rosto do velho transpareceu claro espanto, e, n'um rapido movimento, agarrando o braço da cantora, exclamou:

— Olhe que encerra contos de réis!

Martha deteve-se, e aos labios assomou-lhe um sorriso de despreso, correspondido por outro do velho criado do conde, que pensava para si: «bem o dizia, é uma especuladora». Mas d'ahi a um momento quasi pedia perdão de tal pensamento, ouvindo Martha dizer indignada:

— Torne a entregar esta carta a quem lh'a deu, e diga-lhe que nem as cinzas do seu dinheiro eu quero em minha casa.

Quando Martinho, era este o nome do velho mordomo da casa de S. Giraldo, saiu, a cantora tinha a certeza de haver encontrado n'elle um amigo leal e honrado; e o ancião, pela sua parte, estava convencido de que o brazão de seu amo, ennodoado pela sua falta, recobraria todo o seu esplendor, se fizesse condessa, de direito, a mulher que, para elle, o era já de facto, e que duplamente respeitava por este titulo e pela nobreza de caracter que lhe descobrira.

IV

O conde de S. Giraldo era um caracter nimiamente fraco, versatil, mudando constantemente o rumo das idéas, seguindo as ultimas impressões recebidas, com a inconstancia d'uma bandeira fluctuando á mercê das brizas.

Se o espirito do conde, naturalmente debil, houvesse sido tratado por uma educação moralmente robustecedora, os germens bons, que existiam no fundo de seu coração não teriam permanecido estereis e inuteis, como um the-

souro enterrado, deixando que, mais tarde, a tentação dos prazeres e o desejo de gosar, o encontrassem ignorante dos perigos do mundo e sem força para lhes resistir.

Até aos vinte e cinco annos todas as suas relações com a sociedade se haviam limitado á frequencia da restricta, fria e tristonha aristocracia portugueza exilada. Ahimesmo, era sempre guardado á vista por seu pae e pelo padre Nicolau, capellão da casa, creaturas a que o ligavam dois sentimentos deploraveis: ao pae, um respeito que se não differençava bem do medo; ao padre, positiva antipathia.

O velho marquez, preoccupado constantemente com os desastres politicos e com a precaria situação do seu partido, parecia haver feito um voto de só tornar a sorrir quando de novo contemplasse a barra do Tejo, que saíra com a nostalgia do exilio a apossar-se-lhe do coração.

— Bons dias, meu filho. Que Deus te abençôe, — e outras phrases curtas, frias, sempre as mesmas, indispensaveis a uns certos actos quotidianos, haviam sido quasi exclusivamente as palavras que em creança o conde ouvira ao auctor de seus dias.

Depois, mais aberto já o entendimento, quando ao passar pelas ruas animadas de Vienna começára a adivinhar que toda aquella gente vivia uma vida differente da sua e dera signaes da impressão que o seu espirito recebia, o pae tomára para elle uma nova fórma: a d'um ser vivendo exclusivamente alimentado pela idéa da desforra. O marquez tinha então largas praticas com o filho, mas, no rosto, a seriedade constante, as palavras caindo dos labios, graves, medidas e demoradas, como as badaladas d'um funebre dobrar, e o assumpto sempre o mesmo: o dever do futuro senhor de S. Giraldo de sustentar a causa do throno e do altar.

O padre, esse, emquanto elle era pequeno, obrigára-o a mal dizer muitas vezes as continuadas orações a que o forçava; reprehendia-o com aspereza se elle dava o menor si-

gnal de ter durante a missa prestado a minima attenção ao que não fosse o acto religioso, e mais tarde impunha-lhe severas reclusões se o encontrava buscando, n'algum jornal esquecido pelo pae, noticias d'esse mundo que o cercava, mas que lhe era desconhecido, como para o encarcerado os campos que lhe rodeiam a prisão, e cujos aromas e sons lhe chegam pela alta fresta, a que não pode ascender.

A monotonia em que viviam foi um dia interrompida pela chegada d'um conde, illustre parente, que, tendo resolvido professar em Roma, vinha despedir-se do seu rei. D. Aleixo acompanhava o futuro monge, de cujas façanhas mundanas fôra matalote, e viajando ainda á custa da sua bolsa, disfructava os ultimos raios d'aquelle sol esplendido e benefico, a cuja luz se aquecera por bastantes annos.

A primeira frialdade, ou melhor, receio, com que o illustre viajante fôra acolhido pelo velho marquez e o padre, mudou-se em entranhado carinho e respeito assim que tiveram conhecimento da sua resolução de começar a penitencia dos passados erros na reclusão do claustro, applicando os bens, que lhe restavam, á sustentação do legitimismo e á pobreza do Summo Pontifice.

Toda a desconfiança e temor de contagio convergiu então para D. Aleixo. Bem o percebeu este, e desde logo tratou de desviar as menores suspeitas e animosidades, porque não estava disposto a deixar ir pela agua abaixo a preciosa mina que fôra encontrar no estrangeiro, quando em Portugal taes thesouros começavam a ser desconhecidos, ou a sua pessoa e habitos a serem conhecidos de mais.

Aquelle D. Giraldo, herdeiro d'uma fortuna ainda solida, com um pae que breve partiria d'esta para melhor vida, inexperimente do mundo, mas naturalmente sequioso de gosar, era o que lhe convinha a elle que ia ficar sem o

conde, quando os filhos familias e os herdeiros ricos de Lisboa lhe davam já, evidentemente, de mão.

Attitudes mysticas e extáticas durante as ceremonias religiosas; o nome de Deus invariavelmente seguido d'uma barretada; positiva approvação dada frequentes vezes á resolução do conde, misturada d'uma vaga tristeza de não poder fazer o mesmo, porque, emfim, dizia elle ao padre n'um rasgo de peccador sincero e franco, «não se achava bastante forte para ter a certeza de ser um bom sacerdote e esquecer completamente o mundo»; jejuns completamente observados; — taes foram os meios com que o ladino D. Aleixo logrou a inteira confiança do marquez e do padre Nicolau.

Conseguida esta primeira victoria, D. Aleixo, sem arriscar, em nocturnas fugas com o mancebo, ou em escondidas patuscadas, os seus creditos, como teria feito qualquer corruptor mediocre, incutia-lhe no pensamento a idéa e desejo de gosar, em praticas, que o padre muitas vezes surprehendera com um franzir de sobr'olhos, mas que o eximio catechista sabia terminar de modo a mais robustecer os seus creditos de peccador verdadeiramente contricto.

Ao cair d'uma noite de carnaval, o padre Nicolau, D. Aleixo e o futuro conde estavam n'uma sala, pela janella da qual entrava a bulha das mascaras, que se dirigiam aos bailes, o som brincalhão dos guizos dos polichinellos, dos pandeiros dos andaluzes e das gaitas de folles dos escocezes, que passavam na rua.

O mancebo dirigia-se repetidas vezes á janella, e, fascinado, seguia com os olhos a turba buliçosa, cujos toucados multiformes se agitavam em baixo, como ondas espumantes d'um mar de carneirada; depois, temendo alguma observação do padre, voltava para o interior da sala, e, disfarçando um suspiro, abria um jornal illustrado, ou um

album, e n'elle parecia mergulhar toda a sua attenção.

D. Aleixo tinha já feito signal ao padre para o observar e quando mais uma vez D. Sebastião se sentou junto á meza, parecendo todo entregue a um problema de xadrez da *Illustração*, que havia dias estudava, disse baixo ao capellão:

— Os olhos estão no jornal, mas com o pensamento segue as mascaras. E' o *diabo mundo* que o tenta...

E levantando-se, fez um signal ao sacerdote, apontando para a janella, e perguntou-lhe em voz alta:

— Está desagradavel o tempo; faz frio. Não acha, padre Nicolau?

— Vae talvez nevar, sr. D. Aleixo. Seria bom fecharmos a janella.

D. Sebastião levantou involuntariamente a cabeça, e o hospede, fazendo notar o gesto ao capellão, fechou a janella; em seguida voltou a cochichar-lhe:

— Tudo isto por cá passou, conheço-lhe o remedio...

E com ar mysterioso acercou-se do mancebo, emquanto fixava o padre, parecendo dizer-lhe: «vae vêr».

— Que feliz te julgarias, Sebastião! se em logar de ahi estares a fingir que estudas esse cheque ao rei, te deixassem seguir a marcha desordenada e ruidosa d'esses loucos que estão passando! Não é verdade?

E como D. Sebastião, por unica resposta, se contentasse em fazer um sorriso, que ainda assim escondia ao padre, voltando-lhe as costas, proseguiu:

— Com que curiosidade, tu que rarissimas vezes tens visto um theatro, e que, felizmente, jámais assististe a um baile de mascaras, de que apenas fórmas uma vaga idéa, entrarias de roldão com esses doidos na sala brilhantemente inundada de luz, cheia da multidão de mascaras endiabrados, com as galerias guarnecidas de mulheres formosas e elegantemente vestidas, e a orchestra ao fundo querendo arrebatar a todos na dança vertiginosa. Todo

este conjuncto de tentações te poriam n'um momento á vontade, a ti, que havias estacado um instante á entrada, parecendo-te que toda aquella gente, que nem sonhava que pela primeira vez assistisses a tal espectaculo, suspendera os seus movimentos, esquecera quanto pensava, para fixar na tua pessoa hesitante, receiosa e deslumbrada, toda a sua attenção. Passada essa repentina impressão, a tua edade, os desejos de gosar e de te divertires, excitados pelo *mau espirito das trevas*, te identificariam com a situação, e dentro em pouco quererias levar a palma aos mais enthusiasmados heroes da desgarrada folgança. Hein?

N'este ponto, o sacerdote sem poder conter-se no circulo de tregeitos a que até ali se entregára, ia pedir a D. Aleixo que não proseguisse em taes termos. Este, porém, fez-lhe signal com a mão para que se conservasse tranquillo, e elle aquietou-se percebendo que, na fórma do costume, o preopinante, depois de atear o fogo dos desejos e paixões, ia vasar-lhe em cima a torrente suavemente dominadora das considerações moraes.

N'um tom mais do que nunca solemne, o hypocrita continuou:

—Tudo isso que sentes é natural; provém do calor da mocidade e dos desejos que ha na juventude... Mas taes aspirações, quando satisfeitas, tornam-nos insensivelmente escravos dos prazeres d'esta vida passageira, attribulada e miseravel, descurando de nos prepararmos devidamente para outra, que é eterna e plena de bemaventuranças...

O padre começava rasgados signaes de approvação, emquanto o mancebo, intimamente aborrecido da predica, se fingia attento.

—Esquecer aquella, e cuidar inteiramente de se preparar para esta, eis a empreza mais sublime a que se póde entregar o bom christão; e a obra é tanto mais meritoria, se toma a fórma do sacrificio e da penitencia, isto é, se nos entregâmos á meditação, elevando-nos tanto mais para a

bonança celeste, quanto mais nos perseguem as tentações da terra... E concluiu com profundo recolhimento e compunção: — Padre Nicolau, chamam-nos ao oratorio as nossas oracões da noite. São horas.

*

O velho fidalgo falleceu pouco tempo depois, e logo que os seus restos descançaram no jazigo, D. Aleixo obteve do padre que o novo conde fizesse com elle uma pequena viagem, para se distrair das tristezas naturaes do seu estado.

A excursão prolongou-se por fórma a preoccupar o sacerdote, e quando lhe constou que os viajantes, em vez de se estarem santificando com os ares de Roma, corriam os theatros e cafés de Paris, enviou-lhes uma alarmada intimação de regresso, em que na melhor boa fé deixava transparecer tanto susto ante a idéa do joven se corromper, como de se inutilisar o trabalho de D. Aleixo no caminho da sua regeneração e arrependimento.

A resposta foi redigida por este e assignada pelo conde, que se revelava uma creatura inteiramente diversa do timido e obediente pupillo, a que o padre se dirigira; era o senhor da casa que altivamente o demittia de seu conselheiro, avisando-o de que, no caso de querer continuar na capellania, teria de voltar a Lisboa onde tencionava fixar a sua residencia no futuro inverno.

Conhecida a dedicação do sacerdote pela côrte exilada, esta offerta equivalia a uma despedida. Conheceu-o o padre, que era fanatico mas honrado e digno, e correspondeu deixando a casa.

Estava conseguida a primeira parte do projecto do ardiloso D. Aleixo, o cynico que respondera directamente ao padre, pelo cuidado que n'elle tinha, n'uma carta hypocritamente humoristica que terminava assim:

«Deixae-me acatar em tudo os decretos da sorte: é ella

que parece ter determinado que S. Pedro não tenha de exercer as suas funcções de celeste chaveiro, para me dar entrada. O mundo tentou-me novamente, e eu não pude resistir-lhe... Que quereis, oh! padre! se a carne é fraca».

O conde lançou-se, pois, no turbilhão da extravagancia, com o ardor do galgo represo, a que soltam a trella.

O ascendente de D. Aleixo sobre elle era completo. Os seus conselhos determinavam as acções do sr. de S. Giraldo, como a vara do cornaca governa o elephante.

V

— Senhor conde! — disse o mordomo, vendo que elle não dava pela sua presença, ao voltar de casa da cantora.

— Então, Martinho?

— Eram justas as suspeitas de v. ex.ª. A questão do dinheiro foi uma especulação torpe do italiano, a que ella é completamente estranha.

— Bem t'o dizia eu. Conheço a; é digna como as que mais o são, orgulhosa até... — e continuou, fallando comsigo: — Por isso os meus remorsos se duplicam...

— Assim é, sr. conde, — acrescentou o mordomo; e, depois de breve pausa, attento ao effeito que produziria no amo o que ia dizer, concluiu: — a resposta que me deu dir se-hia d'uma fidalga.

O conde estremeceu, e sem levantar os olhos, perguntou:

— Qual foi?

O ancião repetiu fielmente o que se passára, acrescentando, porém, um final de sua invenção, em que attribuia á cantora estas palavras:

— Só ha uma indemnisação, que eu deva receber...

O fidalgo ergueu-se visivelmente irritado, exclamando.

— Bem sei: o meu nome! mas isso não posso eu fazer;

não pertence a mim só, mas a todos esses que ahi estão.. — e apontou para a vasta sala contigua, em cuja parede se descobria, pela porta meio aberta, uma fileira de retratos dos dez primeiros titulares de S. Giraldo.

O mordomo não respondeu, permanecendo n'uma silenciosa concentração, em que o conde adivinhou pouca sympathia pelas suas theorias.

— Não achas justo o que digo?

Martinho continuou silencioso.

— Não achas, bem o vejo .. — e n'um accesso de soberba, concluiu ironicamente: — tão mudado está tudo, qne até os nossos servidores nos aconselham uniões com a gente do povo.

Os olhos do mordomo chisparam, e observou, respeitoso mas firme:

— Tão mudado está tudo, sr. conde! que até os fidalgos pedem conselhos aos criados, quando não querem seguir os exemplos de seus avós honrados!

— O que queres tu dizer, Martinho? — perguntou o amo, visivelmente arrependido do que avançára.

— Que o sr. coede não teria fallado d'esse modo, se soubesse lêr o seu brazão. — E como o amo parecesse não comprehender, chegou-se á porta, arredou um pouco o reposteiro, e, apontando para um dos retratos, concluiu: — Porque é, sr. conde, que do retrato do quarto senhor d'esta casa para cá, todos teem no escudo de armas um lyrio que antes não figurava no brazão?

— Ouvi dizer a meu pae que estava ali o resumo d'uma historia galante da nossa familia. Nada mais sei.

— Pois eu lh'a conto. O terceiro marquez de S. Giraldo que ali está retratado com a armadura e o manto dos cavalleiros de S. Thiago, soube um dia que seu filho D. Nuno amava delirantemente a filha d'um villão, seu vassallo, tendo-lhe promettido recebel-a. Chamou-o á sua presença, e, reprehendendo-o ásperamente, prohibiu-lhe que

désse tal passo. Então D. Nuno fez-lhe saber que estava ligado pela sua palavra, e que havia de restituir á filha do vassallo a honra que lhe tirára.

— «Casae, pois, D. Nuno: cada um deve soffrer as consequencias das suas culpas.

«E o marquez indo encontrar o rei contou-lhe o succedido, pedindo que ao filho fossem retiradas todas as honras, direitos e regalias de cavalliro. D. Nuno partiu d'ahi a pouco para a Africa, como simples peão. Quando voltou, já seu pae não existia, e el-rei em recompensa dos seus serviços armou-o novamente cavalleiro por occasião das justas com que se festejou a volta da armada victoriosa. O titulo de nobreza foi assim concedido á filha do villão, e o marquez obteve liçença para symbolisar no seu escudo de armas as virtudes de sua mulher, juntando a este um lyrio».

— Achas então, Martinho, que devo seguir o exemplo d'esse meu antepassado? — perguntou o fidalgo depois de breve silencio.

— Acho, sr conde.

— E parece-te que ella é digna de usar o meu titulo, como o foi essa filha do povo de quem descendo?

— Perdão, sr. conde; a pessoa que sabe, não tem a minima pertenção de ser conhecida no mundo por condessa de S. Giraldo; quer apenas uma satisfação ante a sociedade que conhece a sua desgraça: depois d'isto, sairá de Lisboa para continuar com o seu antigo nome a sua carreira de artista.

— Julgas que seja sincera essa modestia?

O mordomo respondeu fazendo prova da boa impressão que o caracter de Martha lhe deixára e do respeito que já lhe prestava.

Escutava-o o conde cada vez com mais agrado, e a serenidade e o contentamento vinham, a pouco e pouco, transparcendo no seu rosto. O conhecimento d'aquelle caso

semelhante, e do modo por que procedera um seu antepassado era o bastante para lhe socegar o espirito sobresaltado pelos prejuizos de raça com que fôra educado.

Uma vez projectada no seu pensamento aquella forma de reparar a acção má que praticára, o conde começou a encaral-a, como fazia com todos os assumptos, pelo lado por que o pudesse entreter agradavelmente e occupar-lhe as idéas fatalmente necessitadas de correrem atraz de planos indecisos, não defendidos e fixos, mas sempre novos e variegados.

Ergueu-se sensivelmente desacabrunhado, foi com o mordomo ás arrecadações do palacio passar revista a quantas antiguidades de toda a especie tinham pertencido ás senhoras da familia, e começou a ordenar reparações de moveis marchetados, arranjos de leques antigos, mandou aos criados que puzessem ao ar velhas e riquissimas colchas, emfim, merecia-lhe attenção e cuidado quanto pudesse tornar agradavel aquella casa á mulher que a viria habitar. Depois, percorreu as salas phantasiando decorações e adornos, e finalmente a guarnição dos quartos da futura esposa absorviam-n'o, quando o mordomo desconfiado, porque o conhecia, e ainda o não ouvira dizer positivamente: «Caso com Martha», sentindo a voz de D. Aleixo que chegava, lhe perguntou:

— O sr. conde esta então resolvido a casar?

O fidalgo, confuso e enleiado, titubiou:

— Mas, porque o perguntas?...

E como D. Aleixo entrasse, fez um gesto impondo silencis ao mordomo e segredou-lhe:

— Logo fallaremos.

*

D. Aleixo farejou o assumpto, que occupava o conde e o mordomo, como o perdigueiro de nariz fino dá com o vento de perdizes distantes, mal entra no matto.

Os conselhos honrados e a experiencia do fiel servidor

mais d'uma vez tinham livrado o conde de se comprometter e sevandijar seguindo as indicações do amigo; tanto bastava para este desconfiar de Martinho. Resolvido a sondar o terreno, disse para o fidalgo:

— Vejo-te assim meio tristonho por causa *d'estas coisas*; é uma asneira, tudo está arranjado... Em todo o caso parece-me conveniente sairmos algumtempo de Lisboa. Justamente recebi esta manhã uma carta da Éliza Cryte, que chegou ao Porto com uma companhia para o circo, na qual me diz ter uma porção de gentis collegas; vamos até lá ver aquella gente...

O conde respondeu que não podia acceitar a proposta, dando a conhecer os seus planos, de olhos no chão, timido e receioso, como creança confessando uma maldade e temendo a prisão no quarto escuro.

«Mas a explosão que elle esperava da parte do mentor, não se deu; no fim de contas estava longe de conhecer toda a velhacaria de que era capaz aquelle caracter baixo, interesseiro e completamente perdido, a que o seu andava como que enfeudado.

D. Aleixo não o tratou com severidade, não se mostrou irritado com a sua ideia, mas, aprumando-se orgulhoso nas suas proprias fidalguias, lembrou solemnemente ao csnde o dever que lhe assistia de não fazer um vulgar enxerto na arvore genealogica de S. Giraldo.

Era espectaculo deploravelmente curioso o d'aquelle filho bastardo d'um fidalgo devasso e d'uma d'estas especuladoras que atravessam a sociedade patenteando a deshonra no proprio luxo que ostentam, temendo perder a mesa, a casa e a bolsa do conde se elle casasse, e encontrando argumentos para o desviar de tal proposito na sua altivez nobiliarchica e nesciamente soberba.

O perigo despertava no seu animo, ao mesmo tempo, as tendencias naturaes da sua tristissima filiação: a rapinancia pulha e o orgulho balofo.

Elle, o conhecidissimo D. Aleixo, que entrava nos camarotes dos primeiros titulares, fingindo não perceber que para lá não voltar o recebiam friamente e de proposito o deixavam ficar de pé; que não obstante corria apressado a offerecer as capas ás senhoras e os casacos e as bengalas aos homens, e depois, no salão, olhava sobranceiro todos os que não tinham um *D.* antes do nome; elle, que tratava sempre por um *vossê* malcreado, disfarçado n'uma familiaridade obsequiosa, os modernos e ricos viscondes, e lhes escrevia *V. Ex.ª* e *meu caro visconde*, para lhes pedir dinheiro emprestado, — dizia com uma soberba digna d'um embaixador de Carlos V:

— Esse teu antepassado, que casou com a camponeza, depois sr.ª marqueza de S. Giraldo, estava apaixonado, quer dizer, com o juizo perdido; e demais, tivera um filho d'ella...

— E se o mesmo me acontecer?

— Ora, isso é negocio para se tratar mais tarde... Podes assegurar-lhe o futuro...

— Mas será um bastardo!

— E o que tem isso?

Martinho entrára trazendo uma carta para o conde, e, não se podendo conter, exclamou:

— Não tem nada, sr. D. Aleixo, da bastardia teem saido tantos miseraveis... Será mais um!

D. Aleixo era bastardo, mas fingiu não comprehender o que havia de profundamente offensivo para si nas palavras do velho, e respondeu n'um tom de benevola reprehensão a um servidor antigo, a quem se tem uma certa amisade, que ainda assim não permitte todas as liberdades.

— Martinho, eu fallava com o sr. conde.

O mordomo não respondeu, e saiu.

D. Aleixo não abandonou o conde em todo o dia, e quando acabaram de jantar estava resolvida a partida para o Porto na madrugada seguinte.

Foi só quando entravam para o trem, que Martinho, chamado pelo conde para receber as suas ordens, conseguiu dizer-lhe, n'um tom tristemente reprehensivo:

— Então, sr. conde! e os seus projectos?

— Escrevo do Porto — respondeu em voz baixa porque D. Aleixo entrava pela outra portinhola.

Com effeito, escreveu d'ahi a dias, para dizer ao mordomo que lhe enviasse dinheiro. Ordenava-lhe mais que mandasse para a cidade invicta acompanhado por um criado, o *Éclair*, soberbo cavallo de corridas, que trouxera de Paris, cuja offerta á eximia e interessante amazona da companhia, que trabalhava no Porto, os jornaes noticiavam d'ahi a pouco.

*

Entretanto, o mordomo visitava diariamente a cantora, a quem prestava crescente afeição e respeito, á medida que melhor a ia conhecendo. Ella mudára se para uma casa modestissima, detida em Lisboa pelos pedidos de Martinho, que esperava a todos os momentos dar-lhe uma boa nova, confiando demasiado no brio do conde.

O velho, para a distrahir, trazia-lhe á noite os jornaes, e, sem o saber, collocou-lhe sob os olhos a noticia de nova conquista no amo. Leu-a ella em voz alta, serena, desprezadora, e disse:

— Aqui está porque tanto se tem demorado a tal resposta...

— Vou ao Porto! aquelle D. Aleixo é o seu anjo máu! — exclamou o velho exasperado.

— Não vale a pena, meu amigo. Eu é que não acceitaria já um tal nome... — e depois, com uma resolução e uma confiança que espantaram o velho, concluiu: — Deixe estar, Martinho, um dia se ajustarão as minhas contas com seu amo. Lembre-se do que lhe digo.

VI

Na secretaria do lyceu de Lisboa, o velho relogio de caixa achoroada bate as oito horas, a hora terrivel, dolorosamente esperada pelos penitentes, que, amarellos e enfiados, aguardam nos corredores.

Vão começar os exames.

O doutor Vargas, examinador sabio, democrata azedo, de carão severo e vestuario sebento correspondendo a taes qualidades, entreabrindo a porta, perguntou ao continuo:

— Estão todos os examinandos?

— Só falta o sr. D. Jorge da Silveira Paiva e Cunha de Lacerda.

— Maior o nome do que a pessoa!

O continuo approximou-se e disse confidencialmente:

— E' o filho da marqueza de Mont'eirado, casada com o dr. Katzein, amigo particular do nossso reitor... Assistem fóra de portas, por isso não admira que se demorem.

— Não sei cá d'isso! Deu a hora. Quem está, está; quem não está, estivesse!

E voltando-se, ia convidar os collegas a darem começo ao acto, quando os viu fallando, reservadamente, no vão d'uma janella.

— Temos empenho de algum masmarro! — resmungou, disfarçando o seu mau humor e cumprimentando o reitor que chegava.

— Veremos o que se pode fazer, para cumprir as ordens de sua eminencia — dizia entretanto o padre Conceição ao collega.

— O meu discipulo D. Jorge é fructo de boa arvore. Por sua mãe, é do nobre sangue dos fidalgos que nos fins do seculo passado tanto lustre deram á litteratura nacional e ás sciencias...

O dr. Vargas não se conteve, e exclamou:

—Não obstante o quê, o grande Pombal teve de ir buscar professores ao estrangeiro, quando quiz livrar a universidade de Coimbra dos sotainas, que só podiam dar á mocidade a fraca seiva de conhecimentos exclusivos e depurados, ou melhor, scientificamente tornados impuros, no cadinho chamado *index-expurgatorio.*

—Historias da vida! —contestou o professor de D. Jorge.

E o padre, beatifico e humilde na expressão do rosto, refugiou-se na docilidade evangelica e parodiou as palavras sublimes:

— Perdoae-lhe, senhor! elle não sabe o que diz...

Mas o philosopho voltára a prestar attenção ao reitor, e o padre proseguiu:

— Assim me diz o sr. cardeal patriarcha n'esta carta, em que me recommenda o seu discipulo. — E leu:

«Tem o joven D. Jorge a alta intelligencia de sua mãe, mas possue o acanhamento, a modestia, que ás vezes se torna em perturbação, traços estes caracteristicos na pessoa de seu pae, o erudito sabio allemão dr. Katzein. E' natural que lhe custem as primeiras provas publicas, a que se apresenta, e por isso peço a v. rev.ma o anime como merecem o seu talento e applicação.»

— E' isso mesmo! Sua eminencia assistiu mais d'uma vez ás lições do meu discipulo, ás de historia, sobretudo, em que elle é especialmente forte...

E o padre, sorrindo ao alamiré, replicou:

— Interrogal-o-hemos sobre historia. Porque compendio aprendeu?

— Pela minha historia; é da mais facil comprehensão para as intelligencias tenras...

— *Quod erat probandum,* — resou ironicamente o sacerdote, emquanto o collega corria á janella, sentindo parar um trem.

— E' a marqueza que chega! — exclamou, e dirigiu-se

á porta, seguido pelo reitor que dizia baixo ao padre:

— Não pergunte ao pequeno nem arithmetica nem grammatica, porque está fraco em taes materias.

— Já sei, historia é que é o seu forte!

— Exactamente; e de preferencia os reinados de D. Affonso Henriques, D. Diniz e D. João I e IV. — E concluiu ao ouvido do padre, envolvendo a confissão na bulha dos pés dos que desciam alguns degraus da escada ao encontro da marqueza. Pelo amor de Deus, não insista nas datas.

Entretanto, o phylosopho, espreitando da porta, viu o reitor offerecer o braço á marqueza, o padre passando a mão proteccionalmente sobre a cabeça do pequeno, emquanto o seu mestre recebia das mãos do lacaio a sombrinha da fidalga, o que tudo o fez resmungar desdenhosamente:

— *Simile cum similibus, facile congragantur.*

*

Começou a chamada. Era de seis o turno dos examinandos, e os dois ultimos nomes do grupo, que o continuo proferiu: D. Jorge da Silveira Paiva e Cunha de Lacerda, e Vasco da Nazareth.

— Presente! respondeu um rapazito de apparencia delicada e fina, contrastando visivelmente com a modestia do trajo. Acompanhava-o um individuo tambem modestamente vestido de preto, baixo, magro, curvado, trigueiro como um canarim, o cabello grisalho; um todo de sachistão.

O homem veiu seguindo a creança desde o meio das bancadas em que se achavam, e parando á frente d'ellas indicou-lhe a ultima cadeira vaga dos examinandos, a que lhe pertencia, dizendo a sorrir para os examinadores:

— Deus te leve em bem. — E virando-se, como se só en-

tão désse pela presença da mãe de D. Jorge, fez-lhe respeitosa venia:

— Sr.ª marqueza, um criado de v. ex.ª

— Adeus, sr. Florencio. Tem graça: os dois visinhos de casa, visinhas tambem no exame; — e apontava para D. Jorge e Vasco, sentados ao lado um do outro e que se haviam saudado sorrindo; depois, concluiu em voz baixa, porque o acto começava já.—Como está o sr. conde?

— Bem, sr.ª marqueza, muito agradecido a v. ex.ª

Decorreu uma boa hora, durante a qual o terrivel phylosopho, dando largas ao mau humor de que estava possuido, fez *estender* razamente os quatro primeiros rapazes, que tinham a infelicidade de serem companheiros de exame d'um protegido aristocrata, ponto de que partia a severidade do lente.

Interrogava elle sobre leitura e analyse grammatical, materia que lhe deu margem a muito seccantes perguntas.

O presidente e o padre cochichavam, com ares de quem desapprovava tal rigorismo, e encaravam o auditorio como partilhando o descontentamento de que parecia tomado, e que se revelava principalmente n'uma ou n'outra phrase saida do grupo, que, lá ao fim da sala, atulhava a entrada.

— Eu queria vêr se elle mesmo respondia a certas questões que ahi tem levantado!

— Fazer perguntas de algibeira a creanças!...

Taes eram os ditos de alguns que saiam descontentes.

Quando os ultimos grãos de areia da ampulheta, prestes a cairem, mostraram ao presidente que era chegado o momento do filho da marqueza ser interrogado, elle levantou-se e foi para a secretaria, onde com bastante receio se pôz a escutar por detraz da porta a prova a que seu collega o ia submetter.

D'ahi a pouco, punha as mãos na cabeça, consternado; o padre fingia ler no calhamaço que de ordinario sobra-

çava, e a marqueza, dignamente impassivel na apparencia, estava com desejos de morder o sujo examinador, que fizera dar ao filho o maior dos estenderetes até ali exhibidos.

— Que verdugo! — dizia um do auditorio.

— Mas a verdade é que este rapaz não sabe nada, — retorquia outro.

— Estou a tremer pelo meu, — dizia o homem que fallára á marqueza, e que se levantára para vir fumar no corredor.

Entretando, a nobre dama não podendo supportar por mais tempo a vista do tyranno, fallava no corredor com alguns amigos da familia, que, para a obsequiarem, tinham vindo assistir ao exame do filho.

— Já viram um selvagem d'esta ordem?

— Deixe estar, sr.ª marqueza, que ámanhã interpello na camara o sr. ministro do reino sobre este modo de exigir provas publicas a creanças.

— E eu transcrevo a interpellação, — acrescentou o proprietario e redactor d'um jornal, intimo da familia, que tinha ali ido expressamente para no dia seguinte descrever o soberbo exame do pequeno.

— Não fez a meu filho uma unica pergunta rasoavel, clara e precisa. Isto é incrivel!

Mas da sala chegavam agora como que uns échos de reprimida satisfação e applauso. Correram todos á porta, e ouviram o ultimo examinando fazendo frente ao questionario, mais e mais difficil, que o fero pedagogo lhe dirigia.

Quando o quarto de hora passou, o apoquentador disse finalmente, humanamente expansivo:

— Muito bem! Estou satisfeito! Tem dito muito bem!

Depois, levantando-se, encarou o auditorio, e sorrindo ao vêr o seu contentamento pela victoria do pequeno, resmungou de modo que todos ouviram:

— Não ha rigores demasiados, o que ha é muita ignorancia. Agora se viu: quem sabe, sabe...

*

Era a vez do padre interrogar.

A sala encheu-se novamente: todas as figuras do começo da scena occuparam os seus respectivos logares; o amofinador dos rapazes voltára para a sua cadeira.

Tocou a vez de D. Jorge.

— Sr. D. Jorge da Silveira Paiva e Cunha de Lacerda, — leu o padre.

O filho da marqueza inclinou-se, e emquanto o padre, correspondendo ao cumprimento, fungava assoando-se no lenço tabaqueiro, o presidente inclinou-se para elle, como para chegar á caixa de rapé, que tinha na frente, e, emquanto tirava uma pitada, segredou-lhe.

— Reinados de D. Affonso Henriques, João I e IV, e alguma coisa de D. Diniz, o lavrador.

A prova foi brilhante. Nunca o padre Conceição fôra tão eximio na sua arte especial de responder ás perguntas, antes de as haver terminado.

— Sabe — dizia elle — que a historia de cada paiz se divide n'uns periodos *aynasticos*, isto é, conforme a permanencia no throno, dos reis d'uma determinada familia... Não é assim?

— Sim, senhor — respondia o examinando.

— Muito bem... Queira dizer-me como se chamam esses periodos historicos?

— Dynastias — acudia immediatamente o rapaz.

— Sim, senhor, é isso mesmo, dynastias... Agora diga-me: A historia de Portugal divide-se em quatro dynastias, não é verdade?

— Sim, senhor.

— Bem! Qual foi o primeiro rei da primeira dynastia?

— D. Affonso Henriques, o conquistador, acclamado rei em Ourique, depois de em muitas batalhas ter...

— Basta, vejo que sabe...

O professor de D. Jorge deleitava-se com os sorrisos e gestos de approvação dos ouvintes, que rodeavam a marqueza, membros da aristocracia, pessoas chegadas ao paço, e certo de que por taes orgãos subiria ás altas regiões o echo d'aquella victoria, entrevia-se já beijando agradecido a mão de quem lhe obtivera a cruz de Christo.

Entrou-se na segunda parte do exame, a prova escripta.

O padre dictou um trecho dos *Logares Selectos* para analyse grammatical; depois, o professor de D. Jorge leu os problemas de quebrados, uma regra de tres e outra de companhia, para serem resolvidas pelos examinandos.

Quando estava prestes a terminar o praso em que as provas deviam achar-se concluidas, Vasco sentiu o pé do seu visinho D. Jorge tocar no seu, e dando pelo signal recebeu d'este uma alluvião de perguntas, que o companheiro, muito enfiado, lhe fazia sobre o modo de analysar o trecho já escripto. Condoeu-se o pequeno da atrapalhação do visinho, lembrando-se do estenderete que o sebento examinador lhe fizera dar, e querendo livral o d'uma *rapoza*, sem nada lhe responder, passou-lhe a sua prova por escripto, que acabava de concluir, dizendo-lhe apenas «assigne», e convidando-o a que lhe desse a que escrevera.

Mal tinha lançado a vista sobre o papel e verificado a profusão de erros de orthographia, que o auctor commettera, o presidente percorria as carteiras exigindo as provas.

O pequeno assignou aquelle acervo de disparates e entregou-o, soltando resignado um suspiro.

Demorou-se o resultado do exame.

Cá fóra, chegavam ao corredor os echos confusos de grande discussão, provocada sobre o apreciar das provas.

E assim era de facto.

— E' impossivel — clamava o examinador democrata — que esta prova seja do tal D. Jorge.

— Não queremos saber de supposições — retorquia o presidente, pugnando pelo merito do seu discipulo — está assignada por elle, não ha mais que vêr.

— De facto — reforçava o padre — não podemos arriscar-nos, como juizes que somos, a commetter uma grave injustiça, não tendo por sua esta prova, só porque na analyse oral não mostrou a mesma sciencia do que na analyse por escripto ; devemos lembrar-nos de que a solemnidade do acto o podia ter perturbado.

E a discussão prolongou-se ainda por bastante tempo, tendo por epilogo, d'ahi a pouco, a leitura feita do livro de assentamento de exames, pelo continuo, no corredor, com a voz fanhosa dos actos officiaes :

— D. Jorge da Silveira Paiva e Gunha de Lacerda, *approvado com distincçãa!* = Vasco da Narareth, *approvado...*

*

A' saida, a marqueza, radiante do triumpho que o filho obtivera, dizia-lhe :

— Tenho pena do Vasco, pobre pequeno, escapar pela tangente, tendo feito tão bom exame oral. .

— Ah ! mas a prova escripta foi detestavel, — interrompeu o professor de D. Jorge.

— Mamã, — concluiu este —deixa-o ir lá jantar ámanhã ?

— Pois sim.

E o filho da marqueza foi, muito satisfeito, fazer o convite ao que lhe valera no grave aperto. Assim buscava apasiguar a consciencia. Mas voltou mais penalisado, porque ouviu o homem, que acompanhava o pequeno, dizer a este em tom severo :

— Eras o primeiro na aula, esperava o méstre que fosses aprovado com louvôr, e só apanhas dez valores. Como tu arranjaste a parte escripta é que eu queria saber!

VII

No dia seguinte, a marqueza de Mont'eirado, saindo completamente dos seus habitos, madrugou, e ás oito horas da manhã apeava-se á porta do melhor ourives da rua do Ouro. Quando ia a entrar na loja, porém, pareceu arrepender-se, e disse comsigo:

— Não deve ser este o meu presente de hoje; joias tem elle de mais; e se as appetecer, que as peça.

Tornou a subir para o trem, agradecendo a reverencia do desapontado ourives, e antes de voltar para casa fez estações e largas compras n'um estofador do Chiado e na melhor livraria da baixa.

Quando entrou no pateo do palacio, chegava uma padiola com as mobilias que comprára; e do interior do caleche, tornado carro de mercadorias, o guarda-portão e os criados tiravam numerosos embrulhos.

— Ponham essas coisas na sala de todas as noites, — ordenou a marqueza; e vendo um criado, que chegára a uma janella, perguntou-lhe: — O menino já acordou?

— Não, senhora marqueza!

— Bem; abre com cautella, não o vás despertar, a porta da sala de todas as noites para o seu quarto de estudo;— e voltando-se para os criados: — tirem toda a mobilia que lá está e ponham esta; só fica a pedra das contas, mais nada... Eu já lá vou.

D'ahi a um momento, a marqueza, perfeitamente á vontade na sua *robe de chambre*, trabalhava a par dos criados na transformação do quarto em que D. Jorge estudava. Se, ao arrastarem as pesadas estantes de pau santo, rica-

mente trabalhadas, ao collocarem a secretária, a banca de dezenho ou as cadeiras, se produzia qualquer estrondo, ella corria ao movel, queria sustel-o resoluta, e brilhava-lhe nos olhos uma scentelha de colera, que desapparecia rapida, confundindo-se n'uma ordem.

— Não façam bulha, já lhes disse.

Depois, pé ante pé, comprimindo a respiração, estendia a cabeça, impondo a todos silencio, erguia o pesado reposteiro e entrava no quarto do filho, com o andar medido e compassado d'um ratoneiro, para se certificar de que não fôra interrompido o somno d'aquella victima do seu excessivo amor de mãe.

No quarto, sô um fio de claridade lograva passar a triplice barreira das gelosias, das cortinas interiores de renda e das portas cerradas.

Aquellas quasi trevas, não deixavam distinguir os objectos aos seus olhos affeitos á luz, e por isso caminhava ás apalpadellas, descrevendo com as mãos no ar gestos caprichosos, emquanto nas passadas, mais e mais discretas á medida que sabia approximar-se do leito, accusava a desconfiança de que a felpuda alcatifa não absorvesse completamente o ruido dos passos, só existente, aliaz, na sua imaginação.

Dir-se ia uma d'essas videntes, que os romances da escola antiga nos mostram, subjugadas pelo magnetismo, transpondo precipicios, para arrancar as joias encravadas nas anfractuosidades d'um abysmo.

E de facto, tinha para a marqueza o valor d'um thesouro, que o filho não accordasse antes que estivesse completamente preparada a surpreza, que lhe queria fazer n'aquelle dia, duas vezes festivo, por ser o do seu anniversario, e da celebração do feliz resultado do seu primeiro exame.

Passado um instante, ella retrocedia, com as mesmas precauções, e continuava dirigindo os arranjos. Terminados que foram, mandou chamar o marido.

— Que te parece o meu presente ?

— O mais improprio para uma creança de dez annos... — respondeu o dr. Katzein.

— Ahi vens com o teu spartanismo de positivista allemão.

— Será o que tu quizeres. Achas conveniente que se dê a um fedelho, que ainda hontem fez exame de instrucção primaria, um gabinete de estudo, digno d'um academico tão avançado na edade como na sciencia ? Está no teu direito ! Eu digo o que sinto, e um dia conhecerás que não é por este systema que se fazem os homens de incontestavel saber.

Depois, n'uma transição subita, parecendo um outro homem que fallava, o dr. Katzein deixou-se cair negligentemente n'uma poltrona, a contemplar os diversos moveis, e continuou :

— Que bem se está trabalhando em Lisboa ! E' pena que não existam escolas publicas, em que se eduquem muitas vocações artisticas, que por ahi vegetam amparadas unicamente pelo proprio merecimento.

— Assim é, de facto.

— Eú conheço esta mobilia ! — exclamou elle subitamente, como recordando-se — esta, ou outra egual, foi mandada fazer para o gabinete do presidente da academia.

— Esta mesma ! — contestou a marqueza, com ar triumphante — o custo da obra de talha fez exceder o orçamento, não a quizeram acceitar, e...

— E tu abarcaste-a immediatamente para o quarto de estudo do Jorge — tornou elle, já friamente e um tanto ironico. — Vamos, completa a obra, manda tirar d'aqui aquella pedra em que eu tanto rabisquei... Não vês como destaca de tudo o mais ? No quarto em que eu estudava, em Berlim, tinha ella por companheira uma larga meza de casquinha e estantes iguaes ; e comtudo, o palacio do barão

de Katzein era citado como um dos mais sumptuosos da capital...

A marqueza nada respondia; era porém evidente o constrangimento que as palavras do marido lhe causavam.

Acercando-se d'ella e pegando-lhe nas mãos, o allemão, perdendo outra vez a fria indifferença caracteristica da sua raça, disse carinhosamente:

— Bem sabes porque assim fallo, com risco de te desgostar; quizeste ser a directora da educação do Jorge, e eu consenti n'isso, reservando-me porém o direito de dar a minha opinião, sempre que te visse fazer um passo menos acertado. Não faltarei a esse dever, embora me custe; Deus queira que seja eu que me engane, mas creio que empregas o systema com que, d'um moço com uma tal ou qual intelligencia, só se pode fazer um pedante.

O doutor saiu. Ficou por alguns momentos pensativa a marqueza; subitamente ergueu-se e, como que fazendo um esforço para se desenvencilhar da preoccupação em que a envolvera o dizer do marido, exclamou:

— Excentricidades de allemão! no fim de contas. — E foi arrumar os muitos livros, ricamente encadernados, que comprára.

As duas estantes eram as peças principaes da luxuosa mobilia. Representavam uns pequenos templos da architectura grega, transformada pelos romanos. Encimadas por uns frontões de ordem dorica, uma tinha no cimo uma pequena estatua representando a Arte, a outra a Sciencia, e nos extremos, em vez de goteiras, descançavam, n'uma, os bustos de Miguel Angelo e de Leonardo de Vinci, a que correspondiam na outra os de Voltaire e de Newton.

Não comportando muitos livros, uma ficou quasi cheia com os que a marqueza trouxera e com os volumes amontoados a um canto da saia; e, mau grado seu, ella não pôde deixar de se lembrar do que o marido dissera, quando, para que a outra não ficasse completamente vasia, arru-

mou a um canto os poucos e mal tratados livros em que o filho estudára.

Graças a um par de grandes espheras e a uns modelos de gesso, para desenho de ornato, a estante ficou meia guarnecida.

A installação estava concluida. Sobre a meza de desenho abria-se um esplendido estojo, e os quadros e réguas graduados destacavam sobre as alvas folhas de cartão inglez.

Das paredes pendiam bellissimos mappas; na secretária havia petrechos bastantas para se escrever uma historia universnl.

Tendo lançado um ultimo golpe de vista á sua obra, a marqueza encaminhou-se para o quarto, mas não já com as precauções de ha pouco.

Entrada n'elle, abriu a janella, dando livre pratica á luz do sol, e este, como que agradecendo-lhe, foi afagar o rosto do filho, fazendo-lhe scintillar os cabellos louros sobre a alvura da almofada de bretanha.

Ao receber em cheio aquelle jacto de claridade, o pequeno fez uma careta, a mão saindo da roupa buscou enxutar a luz importuna, e a marqueza escondeu-se por detraz dos cortinados da cama, julgando que Jorge ia acordar. Mas, pelo contrario, succedeu ao gesto e á careta um sorriso, que lhe ficou impresso no semblante, e a creança como que pareceu fazer as pazes com a claridade, continuando a dormir socegadamente.

Agora já a prolongação de tal somno parecia importuna á marqueza. Ella quizera que o filho tivesse despertado, no momento em que dava o ultimo toque ao preparar da surpreza. Quizera que um anjo tutellar viesse contar-lhe em sonhos o afan em que a mãe andava para traduzir, n'um facto e em objectos, a idéa, duplamente carinhosa, de alegria pelo seu anniverssario e da aspiração ardente a que elle fosse um dia um homem distincto, pela intelligencia e pelo saber.

Parecia-lhe que esse anjo, terminada a sua tarefa, devia ter dito a Jorge: «Acorda e agradece-lhe!»

Mas Jorge dormia; agora até ressonava. A impaciencia da marqueza ia n'um crescendo cada vez mais accentuado Abrira todas as janellas, arrastára uma cadeira, deixára cair outra no chão, mas o tapete era tão espesso que todo o ruido se abafava na sua felpa.

A marqueza queria que o filho acordasse, porém não queria acordal-o. Por ultimo escancarou com estrondo as portas do quarto de estudo. Mas, simultaneamente, produziu-se a bulha do rodar d'um grande cavallo de molas, que o dr. Katzein empurrára, desde a porta da sala do lado opposto, e que veiu esbarrar contra a secretária, escalavrando-lhe os ornatos.

O pequeno acordou, sentando-se repentinamente na cama. O doutor e a marqueza cruzaram um olhar, em que reciprocamente se convidavam a occultar-se, e no qual ao mesmo tempo se lançavam o seguinte repto: «vejamos se não é o meu presente que mais lhe agrada.»

— Um cavallo de molas! — fôram as primeiras palavras de D. Jorge; e saltando do leito, vestido apenas com longa camisa de dormir, em que tropeçava, correu a montal-o.

O allemão ia a sair victorioso do vão da janella em que se escondera, quando a marqueza, vendo o filho absorto ante a transformação do seu quarto de estudo, lhe fez signal para que ali se conservasse, e parecia dizer-lhe: «Agora eu!»

D. Jorge, montado no cavallo, mirou e remirou quanto o cercava, e, fitando os bustos no alto das estantes, exclamou:

— Que diabo quererão dizer aquelles monos?!

Ao almoço, a marqueza disfarçava mal, entre as alegrias do dia, o pezar pela incontestavel victoria obtida pela offerta de seu marido.

Discutindo-se o caso, e ouvido o proprio D. Jorge, con-

firmára que, comquanto muito sensivel á lembrança da mãe, que promettia aproveitar em longos e aturados estudos, não escondia que a lembrança do pae lhe dera especial satisfação.

E quando a marqueza pretendia sustentar que na realidade a victoria fôra d'ella, o marido apontava-lhe, sorrindo, para o cavallo de molas, que D. Jorge nunca mais largára, e que, durante o almoço, conservava atado pelas redeas ás costas da cadeira.

— Pudera! — exclamava a marqueza exasperada. — Querias que elle trouxesse comsigo o quarto de estudo?

— Não digo tanto, mas ao menos alguns dos taes monos que lhe chamaram a attenção!—respondeu, rindo.

D. Jorge levantou-se, e saiu cavalgando a fera de pau.

— Estás mais contente do que Mephistopheles, quando Margarida esquece as flôres de Syebel, para se adornar com as suas joias.

— Citas o caso?! Pois tira d'elle a moral para o teu...

— Bella moral na verdade! Moral de espirito máu!

— Bella, sim, porque é verdadeira! Se Margarida preferiu as joias, não foi por influencia do espirito malefico; a vantagem do demo, consistiu em saber que era a uma mulher que tinha de fazer um presente...

VIII

A marqueza de Mont'eirado descendia d'um ramo da arvore genealogica da casa da Ericeira, sendo portanto remotamente apparentada com as familias aristocraticas que no seculo XVIII professavam especial paixão pela cultura das lettras. Esta circumstancia, teve uma grande influencia na producção do facto extraordinario da união de caracteres tão differentes, como o doutor Ktzein e a nobre senhora.

Como o estrondear d'um canhão de que estamos distantes nos chega muito depois de termos divisado o clarão do tiro, assim o casamento da marqueza tivera indirectamente e remotamente por causa essa antiga paixão litteraria de illustres senhores portuguezes, na qual, desgraçadamente, influiu demasiado a conveniencia politica e de classe, tornando estereis as locubrações dos espiritos para o engrandecimento da litteratura patria.

Nas familias nobres, desde a época de Camões até depois da restauração, era tradicional a affeição pelas artes e pelas lettras, e em algumas, ainda que poucas, se conservou esse culto, quasi até nós.

Os avós da marqueza de Mont'eirado haviam sido dos mais fieis em o guardar.

A bibliotheca da casa passava de paes a filhos, cercada de recommendações e avisos, como se fôra um segundo brazão da familia. Cada um a enriquecia com as producções do seu tempo, ou com as raridades que tinha a fortuna de encontrar, e manuseando os seus volumes decorriam para os senhores de Mont'eirado as mais felizes horas da vida.

Mais do que a nenhum outro, merecera ella carinhos e attenção ao pae da marqueza. Retribuira-lhos, porém, porque fôra engolphando-se na leitura das obras, que guarneciam as suas estantes, que o velho marquez de Mont'eirado conseguira abrandar o soffrimento produzido por dois golpes rudes, que simultaneamente lhe tinham ferido o coração: a morte de sua mulher, e as desventuras da causa realista.

A marqueza de Mont'eirado não conhecera já a mãe, que saira do mundo quando a filha n'elle entrava. Educada desde os mais tenros annos por seu pae, os dias da sua infancia tinham-se passado correndo e brincando sobre o pavimento de tijolo da livraria do palacio, emquanto o marquez, sentado á vasta meza de pau santo collocada ao

centro, lia os grandes in-folios, ou d'elles recolhia notas.

Quando ella era ainda creança, bastas vezes a chamára, obrigando-a a interromper os seus brinquedos, para lhe mostrar as illuminuras e estampas dos velhos pergaminhos quinhentistas.

Mais tarde, o fidalgo escolhera n'aquelle vastissimo thesouro as joias com que havia de adornar-lhe o espirito.

Quando a marqueza chegou á idade em que o coração da mulher começa a anciar pela vida animada da sociedade, e a abrir-se aos sentimentos romanescos, professava já pela bibliotheca da casa uma amizade profunda; parecia-lhe vêr n'ella uma irmã da velha aia que lhe servira de mãe e fizera a sua educação de senhora, a creatura do seu genero, que mais presava.

O marquez frequentava pouco a sociedade; a filha, portanto, quasi não apparecia. Demais, não era bonita, e por isso ia passando na vida sem que os admiradores a viessem cortejar.

Mas, apezar de afastada do mundo, a marqueza conhecia-lhe melhor os segredos do que os que mais o frequentavam, porque o estudára nas descripções dos analystas sociaes.

O pae só lhe aconselhára a leitura das obras, que tratavam de historia, de arte e de sciencia; ella, porém, não deixára de passar um exame minucioso ás estantes em que descançavam as producções dos velhos e modernos romancistas. E a tal ponto investigára, educando-se a si mesma e progredindo n'essa vaidade mundana inseparavel do ente humano, que, sósinha, sem adoladores que a incensassem, não recebendo o minimo cumprimento da sociedade grave, classica e masculina, que ordinariamente frequentava o palacio, a pouco e pouco fôra formando de si, dos seus conhecimentos, da dóse de romantismo que havia na sua vida excepcional de rapariga bonita (nenhuma senhora se crê feia, nem mesmo sendo horrenda), nobre, sá-

bia e riquissima, educada por um velho fidalgo entre os in-folios vetustos d'uma bibliotheca historica, uma idéa superior, que a levava a esperar com impaciencia o momento em que, finalmente apparecesse na sociedade, certo de que esse momento resgataria largamente o seu passado de reclussão, porque seria, o d'um triumpho excepcional, em que a admiração dos espiritos mais delicados e o preito dos corações mais ternos, viriam prostrar-se a seus pés.

Essa hora ditosa, tão ardentemente ambicionada, soou emfim...

Durante o periodo em que a sorte foi propicia aos realistas, e D. Miguel teve uma côrte, o marquez não póde deixar de figurar n'ella.

Sua filha appareceu, e n'esse momento, que antevira como o mais ditoso de toda a sua existencia, soffreu a superlativa desillusão, que havia de operar no seu espirito uma revolução completa.

A sociedade masculina não a cortejou, porque não era formosa: a sociedade feminina, conhecendo-lhe a superioridade intellectual, chamou-lhe pretenciosa, porque não estava acostumada a curar de frivolidades, e ironicamente a apontou como sabichona e erudita.

Um sentimento natural de orgulho offendido fez-lhe erguer a luva que lhe arrojavam, respondendo com o despreso á indifferença com que tinha sido recebida.

Alguns especuladores, que, com vista na rica herança do marquez, vinham apresentar-lhe os protestos de ardentes dedicações, encontravam n'ella a indifferença glacial d'uma estátua. Esses titulos de sabichona e erudita, com que pretendiam ridiculisal-a, passou a ambicional-os ardentemente.

Por desgraça, porém, começou a proceder desordenadamente, tal como o jogador a quem a sorte foi adversa, e que, pretendendo subjugal-a a todo o custo, esquece as regras e a prudencia, commettendo os maiores desatinos.

Até ali estudára, obedecendo a um desejo natural de saber; mas desde esse momento, só a guiou a aspiração de ser notada. Antigamente, eram os homens de lettras ou da sciencia, que frequentavam o palacio do marquez, que buscavam o prazer apreciavel, tanto era raro, de poderem discutir com uma senhora nova e intelligente os assumptos que mais os interessavam; agora, era ella que, ao entrar nas salas, apenas trocava algumas palavras com as senhoras, correndo pressurosa aos grupos que discutiam questões transcendentes. Até então, quando dava por concluido o estudo de qualquer obra, tinha-a comprehendido a fundo, e o seu peculio de conhecimentos fôra augmentado com as theorias ali expostas; agora, o que desejava era saber muitos nomes de auctores e dos seus trabalhos, passal-os n'um relance d'olhos, estar em dia com todas as publicações, não recolhendo, porém, sciencia alguma effectiva e sã, mas balota e superficial, limitada a citações de principios e leis, que não conhecia, de instrumentos de que nem sonhava as funcções e a utilidade, de processos e systemas de cuja applicação não tinha a menor ideia.

Tornada charlatã pela força das circumstancias, as manifestações exteriores, que chamassem a attenção e dessem que fallar, mereceram-lhe especial cuidado. Corria os alfarrabios e a feira da Ladra, procurando velhos calhamaços; começou a escrever para differentes jornaes, revelando a origem dos seus artigos pela escolha de pseudonymos pomposos; não passava por Lisboa uma notabilidade, e muitas vezes uma insignificancia, nas lettras ou sciencias, que ella não fizesse que lhe fosse apresentada, e compozera-se uma roda de poetas amaricados e de prosadores falhos de assumpto, que por toda a parte a seguiam, tendo uns e outros a missão permanente de lhe trazerem o nome e o merecimento em constante annuncio.

Tal era a situação da marqueza, situação difficilmente supportada pela seriedade do velho fidalgo, quando um

dia os jornaes deram a noticia da proxima chegada do barão de Katzein, ministro de sua magestade o rei da Prussia junto á côrte de Lisboa. Acrescentavam que o acompanhava seu filho, o doutor Katzein, notabilidade do seu paiz, um sabio de vinte o oito annos, laureado durante o curso na universidade de Berlim, nomeado lente de philosophia e historia em virtude d'um concurso brilhantissimo em seguida á formatura, auctor de trabalhos differentes, e que acompanhava o barão, tendo o fim principal de fazer na peninsula investigações minuciosas, de que recolhesse subsidios para a historia das raças latinas, em que trabalhava.

Esta noticia deixou a marqueza alvoroçada, tal como o caçador enthusiasta a quem um couteiro viesse annunciar famosa entrada de caça de arribação.

Ainda o dr. Katzein não tinha feito as malas para sair de Berlim, já uma *Revista litteraria* publicava a sua biographia, assignada: *Horacio.*

Chegando a Lisboa, o dr. Katzein procurou o seu Plutarcho, para lhe agradecer, e ficou maravilhado por encontrar uma senhora.

Estabeleceram-se entre os dois relações de amisade, e, sem desconhecer os pequenos ridiculos da marqueza, o sabio allemão apreciou devidamente a sua intelligencia, a educação austera com que o pae a dotára, a natural bondade do seu caracter, e julgando que lhe seria facil apartar do trigo excellente a pequena dose de joio que tinha misturado, entregou-se francamente a uma paixão de que resultou o seu casamento com a fidalga, e que esta apreciou como o mais glorioso dos seus brazões.

IX

Emquanto a marqueza constatava com delicias, nos jornaes redigidos por alguns dos seus intimos, o triumpho de

D. Jorge, e dava as suas ultimas ordens para a festa d'aquelle dia, preparava-se n'uma casa proxima um dos convivas que haviam de fazer honra ao banquete.

Era o pequeno Vasco da Nazareth, filho do mordomo do conde de S. Giraldo, que morava no palacio do amo.

Entremos no vasto pateo, rodeado pelas estrebarias e cocheiras, de que outr'ora saiam os sumptuosos coches de gala para conduzirem ao paço os illustres ascendentes do conde, e de que hoje apenas sae um *cabriolet*, em que elle roda sobre o caminho da ruina, não podendo, como fidalgo orgulhoso, resignar-se a andar a pé, nem mesmo para ir ao encontro da miseria.

Ao centro do pateo ha um grande tanque, e em torno a erva cresce alta, cortada de carreiros abertos pela passagem quotidiana.

No fundo do pateo, em frente da entrada, sob um grande arco, começa a nobre escadaria de marmore. As paredes estão escalavradas e cheias de fendas, a guarnição inferior de antigos azulejos, victima egualmente do tempo e do abandono, apresenta largas manchas de argamassa, da qual se desprenderam as placas de louça.

Amplo patim, rodeado por tres portas altas, ao cimo da escadaria. Não arredemos, por agora, os cortados e desmerecidos reposteiros, pendentes quaes insignias de desleixo e pobreza, em que ainda se percebem vestigios do bordado brazão da casa, para conhecermos a decadencia que vae lá por dentro, maior do que aquella que se nos revelou exteriormente.

Uma das arcadas dos lados da escada deixa perceber ao fundo o jardim, e no extremo d'este apparece, como que n'uma fresca decoração de theatro, uma pequena casa, d'onde sae o ruido de conversa animada.

Vasco entrára de repente, e seu tio e padrinho guardára apressado uma carta que lia, enxugando as lagrimas, que lhe corriam pelas faces.

— O que tem? porque está a chorar?

— Não tenho nada.

— Tem, sim; porque chora? — tornou o pequeno, pretendendo beijar-lhe a mão.

O velho quiz ainda retiral-a, mas os beiços de Vasco iam tocal-a.

— Não, não faças isso! que já t'o prohibi.

— Mas todos os afilhados..

— Isso é lá entre a gente fina; cá nos da nossa classe seria pretenção...

— E se eu encontrar um dia o rei? agora me esteve o sr. conde a fallar n'um beija-mão do paço.. Lá todos beijam a mão ao rei!

— Ah! se encontrares o rei, é um caso differente, deves fazel-o, e com todo o respeito... Mas vamos a conversar n'outra coisa.. Vaes hoje jantar a casa da sr.ª marqueza de Mont'eirado... Quero fazer-te algumas recommendações, para que te conduzas como deves. . Estás aqui acostumado a fallar com o sr. conde, que te trata com a maior franqueza; mas se te succeder o contrario com essas pessoas para cuja companhia hoje vaes, não te admires. Na sociedade cada um deve conhecer a sua posição, e nunca aspirar a mais do que lhe pertence; sobretudo, quando se trata com pessoas da nobreza, deve-se sempre ter em vista que existe n'essa classe um certo orgulho, e individuos da nossa posição devem conhecer a distancia que nos separa d'elles e...

Havia já um instante que o pequeno ouvia constrangido a pratica do ancião, que parecia ler attentamente nos seus olhos o effeito do que dizia; de repente a côr subiu ao rosto da creança, e disse com mau humor:

— Sabe que mais? eu não vou a casa da marqueza!

— Porquê?

— Porque não tenho genio para essas coisas... Todos são eguaes cá n'este mundo... Nascer filho do creado ou

do senhor, é questão do acaso... Se alguem me convidar para, no fim de contas, me tratar mal, nunca mais lhe ponho os pés em casa .

— Has-de ir, porque eu quero... Tens um genio orgulhoso, como eu conheço poucos. E' preciso que o domes...

— Quer então que me acostume a ser para ahi um capacho de toda a gente ?

— Não é isso... Quero apenas que saibas conhecer a tua posição.

— Isso sei eu... Deixe-me dizer-lhe : o filho da marqueza não faz nada de mais se hoje me obsequiar ; a distincção que teve hontem no exame, fui eu que lh'a dei...

— Como ?

Vasco relatou o incidente da troca das provas, concluindo :

— Não me arrependo do que fiz : tamanha foi a satisfação de toda aquella gente... Tenho a consciencia de ter feito melhor exame do que elle, e por isso nem contei o caso ao pae, quando se zangou comigo.

— Procedeste bem — respondeu o velho — não falles no serviço que lhe prestaste.

— Não precisava d'essa recommendação... Não obsequeioninguem para depois fazer alarde d'isso...

Vae buscar papel e tinta para escreveres a carta.

Martinho, o antigo mordomo, que, velho e muito doente, fôra substituido no exercicio activo das suas funcções pelo irmão, pae de Vasco, ficou pensativo até que o pequeno voltou com os objectos pedidos.

— Abre aquella caixa, tem dentro um relogio de ouro e uma carta, que a tua madrinha te manda como premio do teu primeiro exame.

Vasco estendeu apressado a mão para o estojo e abrindo-o não pôde conter a sua admiração.

— Que lindo, e que rico !

— Primeiro lê-se a carta — ordenou o velho rispidamente. — Fecha a caixa.

O pequeno obedeceu e abrindo a carta entregou-lh'a.

— E' para ti, e não para mim, póde encerrar algum segredo.

— Que graça! — tornou Vasco sorrindo, e tomando novamente a carta, leu em voz alta:

«Florença, 24 de abril de 18...

«Meu querido afilhado. Tendo sabido, por carta de meu compadre, que no começo do mez de maio deves fazer o teu primeiro exame, calculo que estas minhas felicitações chegarão em época propria de serem recebidas por ti.

«Não tenho a menor duvida de que o seu resultado será o condigno premio dos teus continuados estudos.

«Acceita, como recordação d'esta primeira victoria, o relogio que te offereço; e só peço que me agradeças a lembrança trazendo-o sempre comtigo. Eu tenho um egual, e n'elle contarei todos os dias as horas, até que chegue a sobre todas ditosa e abençoada, em que te possa dar os abraços e os beijos que aqui te envio. Martha».

— Ia apostar que chorou quando escreveu esta carta. Olhe as ultimas palavras! veja como a tinta alastrou; parece que lhe caiu algum pingo de agua em cima.

— Vamos agora a vêr o relogio — objectou o velho, com a voz a tremer, piscando os olhos para evitar novamente as lagrimas indiscretas.

— Tenha paciencia, espere mais um bocadinho; agora sou eu que lhe digo: primeiro responde-se á carta!

— E' justo — concluiu Martinho, acolhendo com um sorriso aquella ingenua reprehensão.

X

Percorrendo as antecamaras e os salões do palacio, supporiamos que o senhor de S. Giraldo mudára de residen-

cia, se não conhecessemos já o estado decadente da sua casa.

D'uma sala fôram arrancadas as tapeçarias que revestiam as paredes, n'outra ficou o damasco, que emoldura os paineis, esfarrapado ao tirar as telas.

Em uma antecamara ha como unica guarnição quatro cadeiras, cuja talha e fórros de Cordova deviam ter sido ricos e bellos, e advinha-se facilmente que a sua decrepitude, a perna quebrada d'esta, as costas desconjunctadas d'aquellas, as dispensaram de prestar tributo ás exigencias gastadoras do conde, do mesmo modo que os defeitos physicos livram os recenseados de pagarem á patria o tributo do sangue.

Seguindo a correnteza d'aquelles salões, out'ora ricos e magnificos, sente-se que a mão perdularia do proprietario, depois de ter enchido a ultima folha do seu livro de cheques, fez d'ellas uma segunda edição d'esse livro.

Do primeiro saque foram vendidas a um inglez as soberbas talhas da *sala da India*: o segundo, mandou para o bazar d'um judeu allemão os ricos armarios da *sala Luiz XV*; e cada folha mais que se firmava, era uma ordem para a sahida dos contadores arabes, dos lustres de Saxe, ou dos bronzes italianos.

Lá no extremo do palacio desvastado, como soldado que se bate atraz dos ultimos entrincheiramentos, o conde habita tres quartos, mobilados com as migalhas da opulenlencia dos seus antepassados. Ahi vamos encontrar o prodigo, que, não tendo já nenhuma folha do livro de cheques para encher, pensa em fazer dinheiro da sua encadernação.

Mas, n'este ponto, uma luta surda, porém acirrada, se travou entre a voracidade do estravagante e o orgulho do fidalgo. Embora fossem claros e evidentes os signaes da sua ruina, nunca esse orgulho lhe deixára suppôr que alguem podesse saber que hypothecára as suas propriedades, que depois entrára a fazer receitas diarias da venda de mo-

veis preciosos, até que, finalmente, se resolvesse a confessar a sua penuria, vendendo o palacio depois de ter consumido quanto o guarnecia.

O campo em que tal batalha se fere é a sua alma. D'um lado, combatem uns restos de sentimentos nobres, auxiliados pelo orgulho e pela vaidade; as armas de que se servem são a recordação de que n'aquella casa nasceram e morreram os seus avós, e o tédio pungente, a humilhação publica, de ser no dia seguinte um fidalgo sem solar. Do outro, está a necessidade imperiosa de tentar, n'essa mesma noite, a fortuna ao jogo, de comparecer no dia seguinte, munido com um adereço de brilhantes, a certa entrevista anciosamente esperada, e de voltar, emfim, a ter por mais algum tempo, essa vida, unica para elle acceitavel, em que se attende apenas aos caprichos e aos desejos.

Com a chegada do mordomo, essa lucta vae terminar. Elle traz aos ultimos dos contendores um possante reforço: uns rolos de tentadoras libras. O doirado d'estas lembra ao conde *certos cabellos;* n'um relance, tanto explendor, que significa oiro e formosura postos á sua disposição, fazem-n'o perder aquella tenue veneração pelos seus maiores, e n'este momento resolve assignar o contracto que tem na sua frente.

Terminou a pugna, e comtudo ainda não assignou! Mas que importa? a difficuldade estava em assignar moralmente; isso já elle fez. Agora, só resta a parte material do acto, e essa vae cumpril-a, já tão senhor de si, que, muito artisticamente e de caso pensado, representa para com o mordomo uns ultimos escrupulos.

— Não sei se deva fazer este negocio... Vender o palacio? Que achas, Florencio?

— Quanto ás duvidas particulares do sr. conde, nada me cumpre dizer... Pelo que respeita á transacção, reconheço que, nas *circumstancias presentes*, é a mais vantajosa possivel.

— Conforme, conforme...

— Perdão, sr. conde; foi a minha sollicitude que obteve as condições vantajosissimas d'este negocio; permitta v. ex.ª que não deixe este ponto em duvida...

— Então?

— Então, o sr. conde levantou trinta contos sobre o seu palacio; o agiota, que lhe fez tal emprestimo, está pedindo a Deus que v. ex.ª lh'os não possa pagar no fim do mez, para, segundo o contracto, tomar conta da casa, e chamar-lhe sua por tal preço... Eu descobri um comprador estrangeiro, que dá quarenta contos, offerecendo desde já este signal; que manda fazer lá a transacção por um advogado, com quem eu tratarei, sem que v. ex.ª tenha de se incommodar, ficando de certo modo em segredo todo este negocio...

— Bem, com essa ultima condição acceito; ninguem saberá que eu fiz tal venda. Quando vier tomar conta da casa, dir-se-ha que eu lh'a aluguei a largo praso.

— Isso agora, é que não sei se...

— Dou-lh'a por menos dois contos, se acceitar esta clausula — e o senhor de S. Giraldo concluiu com um rir desdenhoso: — mette-lhe este empenho, e verás como cede... Para mover certa gente, basta tocar-lhes na mola real da algibeira.

— Perdão, sr. conde, esta pessoa parece, ao contrario, ter um genio bem rasgado, tanto que, não vindo para Lisboa n'este anno mais proximo, fez-me saber que, se o senhor conde o desejasse, poderia até então continuar vivendo aqui...

— Ainda não preciso que um desconhecido qualquer me dê casa para morar.

— Como V. Ex.ª deseja salvar as apparencias... — replicou o mordomo, dando estalinhos com os nós dos dedos, os olhos cravados submissamente no chão, mas com o seu risinho jesuitico nos labios, podendo dizer egual-

mente escarneo, ou receio, na insistencia da offerta...

O conde ficou alguns instantes concentrado. Nova lucta se dava no intimo dos seus sentimentos, e a victoria foi novamente dos que, a despeito das subitas explosões de arrugancia aristocratica, se iam apossando de todo o seu caracter, assevandijado gradualmente com a pratica de negocios duvidosos e de sociedades equivocas, como a gangrena se alastra pelo corpo em que as feridas franquearam o accesso á corrupção.

— Olha, temos tudo arranjado... Escusas de lhe dizer que eu acceito o favor, — e como que machinalmente ia assignando o contrato — continuarei na casa, e quando souberes que deseja tomar posse, avisa-me com alguns dias de antecedencia...

Tinha já mettido naturalmente nas algibeiras os rolos de libras de signal, e pegando no chapeu saiu.

Florencio da Nazareth deixou-se cair n'uma cadeira de braços, e dando largas ao contentamento, exclamou:

— Ao menos, o palacio está salvo!

XI

Corria animado o jantar da marqueza de Mont'eirado. Sob o ponto de vista das suas affeições pessoaes, a sociedade era em extremo selecta.

Nove pessoas apenas, na meza principal; n'uma outra, posta a um canto, jantavam o heroe da festa, Vasco, e dois litteratos, commensaes assiduos, que tinham a todo o custo pretendido acompanhar os pequenos, desterrados em virtude do prejuizo da dona da casa pelo numero treze.

A amabilidade e o desejo de se acharem mais á vontade em frente do genuino *Bordeos*, tinham influido no animo d'aquelles senhores.

Assim como se tem andainas de fatos para passeio ou

para o theatro, para o frio ou para o calor, assim a marqueza, correspondendo ás variadas exigencias da sua posição especial na sociedade, possuia diversos turnos de convidados.

Tratava-se, por exemplo, de obsequiar uns velhotes, membros da parentella fidalga da provincia. A marqueza escolhia uma noite em que o marido tivesse alguma conferencia ou sessão academica a que tencionasse assistir, prevenia a cohorte litteraria de que ia passar a noite fóra, convidava as suas relações aristocraticas e offerecia aos venerandos parentes um chá. N'essa noite, a sala do seu palacio representava fielmente uma scena do tempo do sr. D. João VI.

Em outra occasião era necessario obsequiar um artista ou um homem de lettras, de passagem em Lisboa.

A marqueza organisava um sarau litterario ou musical, mandava accender a bibliotheca e a galeria, convidava a tribu artistica e lettrada dos seus amigos, e como, emfim, sempre fazia com os parentes e relações da sociedade mais alguma ceremonia do que com aquelles, em vez de lhes dizer simplesmente que não ficava em casa n'aquella noite, escrevia-lhe umas linhas: «Vem cá esta noite F... a quem *meu marido* convidou. Não sei com certeza se lhes possa garantir uma noite menos mal passada... Querendo correr o risco, dão-nos muito prazer».

Entre estas mesmas turmas havia ainda uma subdivisão. Nas litterarias e democratas enfileiravam-se as affeições que eram propriedade exclusiva e especial da marqueza, e outras a que o dr. Katzein ligava particular consideração; estas compareciam nas recepções realmente determinadas por elle. No grande bando aristocratico havia tambem grupos, uns de velhos, e novos, pretenciosos e indigestos como bolos de especie, que o douto allemão não podia absolutamente supportar, outros que apreciava por serem illustrados, affaveis e guardadores das conveniencias.

*

Da primeira grande classe tinha a marqueza escolhido os nove commensaes do dia.

A baixa e alta illustração dera cada uma o seu contingente. O dr. Katzein não podera deixar de fazer pelo seu punho alguns dos convites para o banquete com que era celebrado o primeiro exame de seu filho. Por tal motivo se achava sentado á sua esquerda o douto conselheiro Mourão, um litterato profundo, traductor de Homero e dos classicos latinos, homem que fallava grego, com o mesmo desprendimento com que os nossos *crèvésinhos* se atiram ao francez depois de terem estado oito dias em Paris.

A erudição de boa lei era ainda representada pelo dr. Travassos, lente d'uma escola superior, naturalista até onde é possivel sel-o, investigador scientificamente democrata, que ligava muito maior consideração aos animaes do que aos homens.

Havia mais o conhecidissimo Marcos Talane, critico de arte de primeira ordem, que firmava a sua reputação na circumstancia de ser filho d'um velho musico italiano, e de publicar um almanach illustrado com gravuras e apreciações criticas respigadas na roda do anno em differentes illustrações estrangeiras.

A este seguia-se o professor de D. Jorge, que ali vinha participar da gloria do discipulo, como o inventor d'uma nova industria colhe os applausos por uma feliz experiencia.

E a roda completava-se com um poeta e um folhetinista quasi imberbes, além do conhecido jornalista Rufino Mira, correspondente de jornaes da provincia, collaborador de alguns da capital, nos quaes escrevia sob um pseudonymo caprichoso, addicionando ao appellido a palavra *dôr*.

Era um sujeito alto, magro, de grande bigode russo.— Alferes nas campanhas da liberdade, o recordar os acontecimentos da sua vida militar era uma delicia que o ufanava: — Trazia sempre na lapella a fita da medalha de D.

Pedro e D. Maria, e em dias de festa juntava-lhe a do comportamento exemplar.

O sr. Mira fazia-se acompanhar por sua esposa, D. Genoveva de Montalvão e Mira, dama de fidalgas presumpções, a que o casnmento viera juntar umas prosapias litterarias. Se a apresentavam a algum homem de lettras, a sr.ª D. Genoveva fallava-lhe logo nos seus trabalhos, para o obrigar a um troco immediato, e então, desvanecida, dizia modestamente: «Sim, com effeito tenho escripto alguma coisa: sou das poucas senhoras que em Portugal cultivam a litteratura».

Com tão mesclada companhia, a conversa correra animada desde o começo do jantar.

A dona da casa, para quem n'aquelle dia só existia um objecto digno de attenção, o exame do filho, dizia para o seu visinho:

—Não sei qual seja maior, se o meu reconhecimento pela sua descripção do exame de Jorge, se a admiração pela correcção da forma e elegancia de estylo com que está feita.

—Sim, não tenho escrupulo em o dizer,—confirmou D. Genoveva—quando Rufino (omittia sempre o artigo antes dos nomes, para fallar á franceza) me acordou alta noite e me leu o artigo, porqae elle vela sempre que tem assumpto importante a tratar, eu, ainda meia presa do somno, exclamei: parece me um trecho classico.

—Oh! deuses immortaes! eu vos agradeço! Que explendido assumpto para um folhetim: Mirador, de penna na dextra a artigo na sinistra, barrete de noite guardando a careca, acorda Genoveva, que ouve estremunhada a leitura, e exclama amarrotando a touca de folhos na almofada: parece-me um trecho classico! Que assumpto!!

—E eu cantal-o-hei em verso. Que gazetilha! Dá cá essa garrafa.

Assim apreciavam o caso os dois litteratiços, lá na sua

meza distante, emquanto o proprio Mira, desconfiando da galhofa, a que os pequenos se associavam, retorquia:

—Senhora marqueza, classico, longe estou de o ser, apezar do que diz minha esposa, mas de alguma coisa me hade servir o convivio com os que o foram...

—O convivio *com os que o foram*, não me parece muito facil—observou sorrindo o dramaturgo...

—E' um modo de dizer, empregado pelos melhores auctores—volveu estomagado o articulista—subentende-se: a leitura das suas obras... E' claro...

—Com effeito,—atalhou a dona da casa, para abafar o incidente—nada ha como a leitura das boas obras, para formar o estylo. Jorge ha de ler, um por um, os classicos portuguezes e estrangeiros.

—Que massada mamã!—gritou o pequeno.

—Cala-te; não sabes o que dizes—e concluiu para os da sua meza—coisas de creança. . Eu lhe direi se os hade ler ou não...

—Bem fará, sr.ª marqueza... Não o deixe caminhar em falso,—proseguiu o sr. Mira, que ainda lá tinha uma seta para arremessar ao dramaturgo,—eu, com vinte annos de jornalista, tremo cada vez que me sento á banca do trabalho... mas hoje, todos escrevem...

—Com que então, sr. Montalane, a sua discussão com o redactor do *Mundo Artistico* promette continuar?

Ah! certamente .. Não será emquanto eu possuir voz na imprensa que um barbaro ignorante abocanhará a sublime arte da minha Roma...

—*Noblesse oblige*,—proferiu D. Genoveva, fazendo uma boquinha caricata, para melhor parodiar a pronuucia da costureira franceza sua visinha; e concluiu amavelmente:—Não se é impunemente italiano; e os que, como V. Ex.ª, ouviram ainda creanças o murmurio das aguas do Tibre, ficam toda a vida enfeudados ao culto da arte.

—Abundando nas ideias da sr.ª D. Genoveva—disse o

dr. Katzein, trocando um olhar com os seus amigos — peço ao sr. Montalane que me diga o que entende pela *sublime arte da sua Roma?*

— Entendo — começou o interpellado um tanto compromettido — entendo a arte que produziu, entre outros monumentos...

— Estes esplendidos rabiollos — interrompeu em voz alta o poeta da segunda mesa.

Todos riram do aproposito, menos o sr. Montalane, que, emquanto os mais riam, recobrava o seu sangue-frio, proseguindo serenamente:

— Entendo a arte que elevou o Colyseu, o Panteon, o Capitolio e... e...

— E o Vaticano! — acudiu sentenciosamente D. Genoveva.

A citação teria produzido effeito egual ao dito do poeta, se cada um não fizesse todo o possivel por guardar o seu serio, mas houve ainda assim uma estupefacção geral, que obrigou o sr. Mira a intervir, dizendo á esposa em tom de leve correcção:

— O Vaticano é um monumento muito mais recente.

— Não sei se o Vaticano é antigo ou moderno; o facto é que está em Roma, é um dos monumentos que primeiro se mostra aos estrangeiros ..

— O que seria Roma sem o Vaticano? O que seria a Penha sem o lagarto? interrogou o folhetinista.

Este dito foi acolhido com om riso forçado, no qual se confundiam as impressões diversas que em cada um produzira, taes as côres esbatidas d'uma pintura se unificam n'um tom geral.

Tem isto, de bom, o riso e as lagrimas. Servem para dizer nas faces o contrario do que vae no coração. Chora-se, de alegria; ri-se doidamente, por effeito d'uma allucinação dolorosa.

D. Genoveva ria, e se podesse trincaria as orelhas do

espirituoso litterato; a marqueza ria, e comtudo estava intimamente vexada, pela demasiada liberdade do mancebo; o dono da casa ria, mas deplorava que a graça se passasse na presença dos seus dois sisudos amigos; estes riam, e sentiam-se envergonhados por respeito ao dr. allemão; só não ria o auctor da pilheria; não ria, por modestia.

Estes momentos eram crueis para a marqueza, e durante elles muitas vezes formulára o plano de fechar a sua casa a similhante roda. Mas a impressão passava, vinham os elogios d'um, o soneto offerecido por outro, o folhetim dedicado por este, a noticia redigida por aquelle, e tudo isto a par das palavras frias e solemnes dos velhos amigos de seu marido, faziam-n'a abandonar os acertados propositos. Era-lhe indispensavel uma roda que a incensasse, e ella comprehendia a impossibilidade de a encontrar entre individuos d'ouro valor.

Mais do que ninguem, sentia o dr. Katzein estas pequenas miserias a que sua mulher se expunha, e assim, era quasi sempre a sua auctoridade que vinha socorrel-a.

— Fallemos seriamente, — disse — não se vá tudo em ditos espirituosos; o meu fim, ao fazer aquella pergunta ao sr. Montalane, era mostrar-lhe que o seu antagonista do *Mundo Artistico* tem carradas de razão para contestar a existencia do genio artistico, que um louvavel patriotismo o fez...

— ?! *Per dio!* — exclamou o critico de arte, deixando estudadamente escapar aquella dupla invocação ao Creador, e ao pouco italiano que sabia—Mas então os monumentos que citei são ou não são grandiosos?

— Grandiosos, sim, mas não artisticamente fallando. Os aqueductos construidos pelos romanos, como os seus canaes, os circos, as bazilicas, são obras que se impõem pela grandeza, mas que não dispertam o sentimento de admiração que se experimenta quando se contempla as ruinas da arte grega. E se buscamos n'aquellas uma identica re-

presentação do bello artistico, só achamos uma inconsciente confusão das ordens architectonicas da Grecia... Aponte-me, se pode, uma descoberta dos romanos?

— Inventaram o arco! Deram esse grande passo em architectura!

— Perdão, o arco é mais antigo do que as mesmas ordens dorica, jonica e corynthea; o arco existia já nos monumentos egypcios, contemporaneos dos factos que se perdem na incerteza das investigações historicas.

— Mas foram elles que principalmente o applicaram.

— Isso não é inventar! Applicaram, sim, mas depois dos etruscos, que fizeram essa descoberta archeologica, terem fixado sobre tal ponto as leis d'um novo systema de construcção..

Um criado annunciou n'este momento que o sr. Elorencio da Nazareth vinha buscar o menino.

— Diga-lhe que entre para aqui,—ordenou a marqueza, que, por consideração pela companhia, essencialmente democrata d aquelle dia, se compenetrára da producção do typo da mais lhana burguezia.

— Como soube que ainda estavam á meza, disse que d'aqui a pouco voltaria.

— Então, mande-o entrar assim que vier. E' o pae do companheiro de exame de Jorge, — explicou aos convidados — mordomo do conde de S. Giraldo.

— Bem sei, — contestou D. Genoveva — é seu visinho, sr.ª marqueza, não é?

— E', mora a dois passos d'aqui, no palacio á direita — respondeu pela dona da casa o professor de D. Jorge, que até ali não encontrára assumpto ao seu alcance.

— Está mal de fortuna, segundo tenho ouvido — opiniou o sr. Mira.

— Hum! Tomára eu o que elle ainda tem — retorquiu o professor, começando a animar-se como paladino voluntario da fidalguia. — Era uma casa soberba, das primeiras

da nobreza d'estes reinos, famosa pelos seus bens, e ainda mais, pelo seu nome historicamente illustre . .

— Pois então, — exclamou o conselheiro Mourão, que não podia supportar o professor, — parece que o actual senhor de S. Giraldo protestou dar bote egualmente profundo n um e n'outro d'esses legados dos seus maiores. . .

— Porquê ? — volveu o lente.

— Porque não só deu cabo da casa, mas ennodoou o seu nome com a celebre aventura da cantora. . .

— Ora ! calumnias que inventaram. .

— Vamos tomar café para a sala — interrompeu a marqueza, novamente incommodada com o assumpto da conversa.

Levantaram-se todos, e emquanto os dois litteratos desterrados na meza supplementar se despediam do alambreado Madeira, Vasco chamou á parte o filho da marqueza e perguntou-lhe :

— Era do sr. conde que fallavam ?

— Não dei bem attenção, mas parece-me ter ouvido pronunciar o nome de S. Giraldo. Não estou certo.

A marqueza dirigia-se n'aquelle instante para os pequenos, emquanto os dois litteratos a saudavam á pressa, com os olhos n'uma caixa de charutos, que o dr. Katzein fôra buscar ao seu escriptorio, e que attraia para junto d'elle a maioria dos convivas, pressurosos como as gallinhas quando ouvem o *bico, bico*, acompanhado dos estallinhos do milho sobre o chão.

Percebera a mãe de Jorge as ultimas palavras trocadas entre os pequenos, e despertaram-lhe certa curiosidade, que a fez perguntar ao filho, que lhe beijava a mão :

— O que dizia o teu amigo ?

— Queria saber se era do sr. conde de S. Giraldo que ha pouco fallaram. . .

— A sr.ª marqueza é que póde fazer o favor de m'o dizer. . .

— Interessa-o isso? — perguntou ella, cada vez mais curiosa, porque havia nos modos do pequeno a seriedade d'um homem que trata um assumpto grave.

— Certamente.

— Porquê?

— Porque ouvi a um d'aquelles senhores, que essa pessoa a que se referiam tinha ennodoado o seu nome. Ora, se fallava do sr. conde, eu queria dizer-lhe que estava completamente enganado... Conheço-o perfeitamente, não era capaz d'isso.

— Esteja descançado, tratou-se effectivamente d'um conde de S. Giraldo, mas não de cá, é d'outro paiz.

— O pae do sr. Vasco está na sala — annunciou um criado.

— Vamos lá — concluiu a dona da casa para os rapazitos, que a seguiam, emquanto ella pensava no que Vasco acabava de dizer.

Quando a marqueza entrou na sala em que os seus convidados saboreavam o café, o aspecto d'aquella pequena sociedade lembrava uma reunião de pessoas desconhecidas umas das outras.

O dr. Katzein fugira um instante para o escriptorio com os seus amigos O dramaturgo parecia estar lendo com interesse um jornal. O professor de Jorge, conservava-se de luneta assestada em frente d'um retrato do pae da marqueza, e devorava com os olhos os bordados da farda e as condecorações do velho fidalgo.

Montalane, de chavena de café na mão, estatico qual D. Bartholo, fingia se extasiado ante uma pequena estatua collocada a um canto sobre um plintho forrado de velludo granada. De instante a instante, fazia uns gestos com o pollegar da mão direita, como se traçasse no ar os contornos da figura, e então lançava de revez um olhar para o espelho, que lhe ficava superior, a ver se os mais se apercebiam d'aquella profunda apreciação a que se entregava.

O folhetinista, á vontade n'um sophá, saboreava o charuto, lançava para o ar caprichosas fumaças, emquanto a cabeça, bezuntada de pomada, se recostava no estofo de damasco; havia em toda a sua pessoa a sem-ceremonia do valdevinos, que se acha n'um botequim, e essa modorra somnolenta de quem, apoz um bom jantar, faz o chilo, entre confortos a que está pouco acostumado.

Entretanto, o poeta, de temperamento mais nervoso, sorvia repetidos copinhos de licor, para o que naturalmente se fôra sentar junto á meza em que o criado collocara a frasqueira, e fingia dar a um album de retratos a attenção que realmente empregava em escutar a sarrasinação de D. Genoveva, que arrastara o esposo para o vão d'uma janella.

— Já te disse, guarda as tuas observações para quem t'as pedir.

— Devia então deixar-te dizer que o Vaticano...

— Era uma asneira? Deixal-o! Corria por minha conta...

— Mas na presença de...

— Foi melhor expôr-me ás graçolas d'aquelle... não foi? Eu, se a marqueza continua a admittir aqui certa gente, não ponho cá mais os pés...

— Deixa, que em elle lá me indo á redacção pedir bilhetes de theatro, eu lh'o direi...

— Ella o que quer é agradar a estes pelintras, que a bajulam — proseguiu D. Genoveva, que odiava na marqueza uma rival litteraria; mas como visse que justamente ella entrava, concluiu: — caluda, que ahi vem — e, de sorriso nos labios e modo affabillissimo, foi ao seu encontro.

Montalane, vendo no espelho que emfim chegava quem elle esperava, voltou aos gestos com o enthusiasmo d'um regente de orchestra, e ao approximar-se a dona da casa, simulou ter concluido o seu exame com esta phrase:

— *Bello! bello da vero!*

Mas a marqueza não lhe prestou attenção, porque buscava o pae de Vasco, que se conservava no corredor, espreitando para a sala, onde não se atrevia a entrar.

— Então, sr. Nazareth, faz favor de entrar.

O sr. Florencio avançou timido, cumprimentando á direita e á esquerda, como um D. Bazilio. A muito custo deu as boas noites á marqueza e dirigiu aos mais um, *meus senhores:* emquanto o lenço tabaqueiro, o chapeu e o guarda-chuva eram successivamente passados da mão direita para a esquerda, n'uma confusão em que ellas tremiam e os dedos pareciam tocar as chaves de um cornetim invisivel, ao passo que os olhos acompanhavam esses movimentos, n'um relanciar constante para toda a casa e para todos.

Mais difficil foi ainda conseguir que o enleiado mordomo se sentasse.

O acanhamento do pae era uma tortura para o filho, que, sempre que podia, ia respondendo por elle. As suas palavras eram poucas, mas claras e precisas, e mais d'uma vez impressionaram a marqueza, que insensivelmente prolongava o entertenimento.

Vasco é que já o não o podia aturar.

A' vista d'aquella gente, que não prestára a minima attenção á entrada de seu pae, mas agora parecia attenta e curiosa á sua falta d'uso da sociedade, observando o seu compromettimento, era-lhe insupportavel e obrigou-o a repetir:

— Vamos, que são horas, — até que a marqueza se levantou dizendo:

— Que apressado elle está!

Vasco despediu-se da marqueza e de Jorge, e saiu sem fazer o minimo cumprimento aos mais, emquanto o pae parecia atirar a todos mãos cheias d'elles.

*

E' meia noite Da sala da marqueza acaba de sair o ultimo convidado, o poeta, que se deixou ficar, para, em tom de quem conta uma historia divertida, narrar á marqueza a conversa de D. Genoveva com o marido.

O dr. Katzein, perfeitamente ennojado de varias peripecias da noite, afastára-se para um canto a ler um livro, e quando finalmente o vate se despediu um tanto contrariado pela pouca importancia ligada á sua intriga, disse-lhe adeus lá de longe, não se incommodando em lhe vir apertar a mão.

Depois, interrogou a esposa com um olhar, olhar que tantas vezes lhe tem dirigido ao terminarem reuniões como a d'aquella noite, e no qual lhe pergunta:

— Ainda nào estás farta d'estas scenas? Quando mandas passear esta sucia?

Mas d'esta vez, a marqueza nem mesmo lhe responde, desviando os olhos, como de costume, o que é prova da razão que lhe acha, e ao mesmo tempo mostra que ainda não é aquelle o dia d'essa resolução heroica.

Em vez de se afastar do marido, approximou-se e diz-lhe radiante:

— Mal sabes tu que descoberta importante eu hoje fiz n'um dos nossos convidados!

— De juizo não foi, por certo...

— Descobri um companheiro de estudo para Jorge!

— Quem? o pequeno do mordomo?

— Exactamente... O que te pareceu?

— Gostei d'elle, gostei . Olha, tirados os meus dois velhos, como tu chamas ao conselheiro Mourão e ao dr. Travassos, era a unica coisa em termos que havia cá hoje — volveu o dr. Katzein, rindo.

— Ahi vens com as tuas graças..

— Não ; fallando serio, conversei com o pequeno quando chegou, e gostei de o ouvir... Contou-me as horas a que estuda, os livros que tem lido, e sobretudo, espantou-me quando me disse as rasões por que deseja estudar para medico. Ha n'aquelle cerebro um desenvolvimento extraordinario para a edade .. Pode ser bom, e pode ser máu...

A marqueza narrou então quanto ouvira, pela sua parte, ao rapasito, que a tinha tambem agradavelmente impressionado.

XII

A marqueza realisou o seu projecto.

Ha dez annos que Vasco é o amigo predilecto de D. Jorge, seu companheiro inseparavel e collega nos estudos.

Os sentimentos da mãe de D. Jorge mudaram porém inteiramente a seu respeito. Ella a ninguem o diz, mas quizera desfazer essa obra, que é sua ; a ligação dos dois rapazes.

Ha occasiões em que o seu extremoso affecto de mãe a leva quasi a odiar o filho do mordomo.

Depois, cae em si, envergonha-se e arrepende-se dos proprios sentimentos por esse rapaz, que não vê outra coisa mais que o seu filho. Lembra-se das noites em que, cedendo aos caprichos de Jorge, que só deseja correr bailes e theatros, o levava a S. Carlos, e ao chegar a casa, á uma hora da noite, vinha achar Vasco no celebre quarto de estudo, a preparar a lição que o amigo daria no dia seguinte, perdendo o resto da noite a metter-lh'a na cabeça.

Recorda mais, que, ao passo que Vasco empregava dias e dias escutando as sabias explicações do dr. Katzein, ella consentia que o filho perdesse o tempo em caçadas e em divertimentos. Em taes momentos, reconhece que não é nos bailes, nas patuscadas e nos theatros, que se ha-de formar esse estudante nomeado e distincto, que ardentemente deseja ver em Jorge.

Mas a estes pensamentos succede uma especie de allucinação, produzida pelo tremendo pezar das esperanças illudidas; accommette-a uma como demencia, que a faz considerar por um momento se não haverá meio de transformar Jorge em Vasco, e Vasco em Jorge. Se o podesse fazer, mesmo roubando ao filho do mordomo o fructo do seu trabalho e do seu estudo, não hesitaria; mas reconhece o absurdo d'essa hypothese louca, e então, só tem o sentimento da aversão para o que é aquillo que o filho não pôde, ou não quiz ser.

*

Ha muito que Vasco percebeu tudo isto, e não quer mal á marqueza, embora lhe deva muitos dissabores.

A sua vida não tem sido ditosa. A' proporção que elle se desenvolvia, o pae tornava-se cada vez mais reservado e ceremonioso.

Tentára fallar-lhe da familia, dos parentes, de sua mãe, e o mordomo fugira, visivelmente, do assumpto. Insistira, pedira-lhe para não continuar.

O pae, tornara-se para elle um estranho respeitoso.

Habitando ainda junto do conde, ligou-se-lhe por sympathia e compaixão, não obstante as continuadas reprimendas do pae, por tal motivo.

Mais ainda, buscára regenerar o fidalgo. Mal tinha, porém, encetado esta difficil empreza, faltou-lhe um auxiliar poderoso, a penuria extrema do conde, que á força o arrancava á estroinice.

Um velho morgado, parente do fidalgo, legou-lhe vinte contos de réis, que vieram reviver a sua extravagancia, como um sopro de vento ateia o brazeiro amortecido sob as cinzas.

Vasco buscou então novo refugio na amisade da familia que se creára em casa da marqueza, á falta da que a natureza lhe negára.

Passando largas horas com o dr. Katzein, foi a este que primeiro se soccorreu. Encontrou um affecto sincero e solido, mas frio, amisade de sabio e de materialista, que só praticava com elle sobre doutrina scientifica. Parecia ver n'elle unicamente o quartannista laureado de medicina.

Mãe, familia, a summa felicidade que reconhecia na terra, e o seu coração pedia, era para o futuro medico um sonho irrealisavel.

Vasco, junto á mesa de marmore das dissecações, tivera bastos ensejos para se compenetrar do imperio da materia n'este mundo. Quantas vezes pedira a esse grande poder, como os ambiciosos pedem milhões á sorte, que lhe désse uma insensibilidade moral, digna da inercia physica dos cadaveres em que enterrava o escalpello!

A materia nunca lh'a concedera. Oh! que provas reaes tivera da sua impotencia n'este ponto!

Uma vez, chegára quasi a convencer-se de ter conseguido o seu desideratum, e n'um instante caiam por terra todas as suas illusões.

Fôra o caso seguinte:

Suicidára-se, no camarote d'um theatro de Lisboa, um individuo conhecidissidimo. Fortuna, honras, familia, tudo que póde concorrer para a felicidade n'este mundo, lhe fôra doado pela sorte.

Assim, ninguem achava explicação áquelle acto de desespero. O suicida fôra levado para o hospital, e no dia seguinte fizeram-lhe autopsia. Tendo-se retirado os professores, Vasco acercou-se da mesa ensanguentada, e pegando no coração do suicida levou-o para estudar em casa.

Sentou-se a almoçar, e, sem o minimo nojo ou repugnancia, abriu o embrulho, e ora cortava com a faca um bocado de biffe que engulia, ora com o escalpello retalhava o orgão que trouxera.

— Agora sim; — pensava, muito contente de si, — estou um materialista consumado, cheguei a esta perfeição.

E o ingenuo, emquanto esphacellava o coração do suicida, não desconfiava, sequer, que era essa doença moral que o minava, que o fazia buscar, elle medico, elle homem da sciencia, n'aquelle despojo humano, o signal, como se o podesse haver, d'uma dôr qualquer, intima, secreta, desconhecida de todos, que lhe revelasse o segredo d'aquella morte.

Na frente tinha um jornal do dia, e, farto do exame, começou a ler com curiosidade a noticia do fatal acontecimento. O noticiarista notava, entre outros detalhes, que o sr. F. se suicidára no dia em que fazia quarenta e nove annos, circumstancia que tornaria ainda mais profundo o golpe para os seus.

Ora aqui está uma vantagem de não ter familia! Se eu me matasse, não dava pesar a ninguem!

Mas recordou-se da familia de Mont'eirado, do conde e de seu pae, de quem vivia mais afastado do que de todos os outros, e concluiu:

— Não; é possivel que lhes custasse alguma coisa... Deixavam talvez de ir ao theatro n'essa noite, se estivessem para o fazer.

E, novamente satisfeito da propria insensibilidade ante os sentimentos affectuosos, e da frialdade que julgava ter inoculado no seu coração, lembrou-se de vêr no jornal em que dia o suicida fizera annos. Na ante-vespera, quinze; teve uma ideia subita; a desesete fazia elle proprio annos.

Olhou para o alto da pagina, involuntariamente a confirmar a sua ideia, e empallideceu; quiz resistir a uma pressão que parecia afogal-o, e não poude; deixou cair a cabeça entre os punhos, e dos olhos desprenderam-se-lhe lagrimas.

Era de facto o seu anniversario! Sabia-o, porque sua madrinha lh'o mandára dizer n'uma carta, havia muitos annos. Ninguem mais existia que se importasse com isso; e n'aquelle dia ninguem o buscava, ninguem lhe trazia pa-

rabens, e parecia que uma força suprema lhe mostrava quão só estava no mundo, dando-lhe por companheiro ao almoço o coração d'um suicida.

Então, sentiu baterem á porta; foi abrir apressado. O que ambicionava era ver gente, fallar com alguem.

O correio trazia-lhe uma carta, as estampilhas tinham a effligie de Victor Manuel. Que alegria! Era uma carta de sua madrinha! Aquella nunca se esquecia de tal data. Não estava absolutamente desprovido de amisade n'este mundo.

*

Desde esse dia, perdera toda a esperança de encontrar na phylosophia positiva o conforto das suas dôres. Desde esse dia, quando algum collega pretendia sustentar na sua presença o poder absoluto da materia, perguntava-lhe:

— Tens mãe?

— Sim.

— Pois bem: no dia em que ella morrer, pede á materia que te não deixe virem as lagrimas aos olhos. Verás se o consegues.

Não realisando a amisade do sabio allemão esse ideal confortavel que buscava, Vasco teve a infelicidade de o procurar na marqueza, justamente na occasião em que ella começava a mudar de sentimentos a seu respeito.

Um espirito acerado pelas dôres moraes não se engana; é delicado e susceptivel, como o ouvido d'um phtysico.

Vasco não se illudiu, antes conheceu logo a causa da mudança da marqueza a seu respeito. Não se resentiu; pelo contrario, admirou o excesso de affeição maternal, que ia até á inveja, e d'ahi á aversão, por aquelles que mais valiam do que o objecto d'esse grande affecto. Acreditou que um amor de mãe de tal intensidade, poderia chegar para dois filhos, e quiz que a marqueza, por gratidão o reconhecesse como filho seu.

Desde esse momento, emprehendeu uma tarefa sublime em que da sua parte havia o empenho profundo de não brilhar nas aulas, de perder os premios, de estragar a reputação de intelligente e instruido, que se ligava ao seu nome, ao passo que se entregava a um trabalho de ferro, para que Jorge concluisse com distincção o curso, desejando que n'elle brilhasse a gloria que em si extinguia n'um sacrificio excepcional, semelhante ao da cochonilha, que morre por ter descendencia, e cujos restos mortaes, com uma dedicação por assim dizer posthuma, servem de abrigo aos ovos, até que as larvas d'elles saiam

Acompanhava o amigo ás aulas, para que não faltasse; fallava aos lentes, que pessoalmente o consideravam, na applicação a que o condiscipulo se resolvera; escolhia assumptos brilhantes sobré os quaes lhe fazia dissertações, tinha brigas com Jorge, para o levar a decoral-as, e fazia que o professor o chamasse sobre o assumpto.

Começára a cultivar a litteratura com bastante felicidade, o que fôra um dos grandes desesperos da marqueza, que jámais conseguira que o filho se entregasse a taes locubrações. Desde aquelle dia, nem mais uma linha escreveu que firmasse com o seu nome, mas continuou a applicar-se, apurando-se como nunca, em trabalhos que appareceram em publico, como as primeiras armas que Jorge fazia.

O mais rigoroso segredo envolvia a especie de contracto que entre os dois amigos tivera logar, que um proposera com uma dedicação tão singularmente excepcional, como extraordinaria fôra a falta de decoro com que o outro a acceitára.

Jorge era um caracter inferior, senão falso.

Apesar de todas as qualidades que havia no caracter de seu pae, o tom dominante da ideia que Jorge d'elle formava, era o d'uma fria severidade, que se não casava com o seu espirito naturalmente ligeiro. De quantas virtudes adornavam o caracter de sua mãe, Jorge só recolhera um prin-

cipio: o da condescendencia por todos os seus desejos. Tinha a prova d'isso nos sacrificios que fazia, das mais caras aspirações, aos seus meros caprichos.

Esse ideal de estudante laureado, de litterato distincto, de rapaz de talentosa fama, ia-se tornando impossivel, ella bem o conhecia, com os pedidos de Jorge, todos os dias, hoje para não estudar á noite e ir ao theatro, ámanhã para faltar á aula por causa da caçada; e assim continuadamente, ao tempo e á applicação perdida nos bailes, nos touros, nos *pic-nics,* a marqueza nada mais oppunha do que uma vaga esperança illusoria, n'um caminho direito em que energicamente o faria entrar *um dia*, que nunca chegava.

N'essa vida que levava, na sociedade que todos os dias frequentava, Jorge encontrára uma grande maioria de rapazes nas suas condições, ou peiores ainda, porque nem ao menos tinham mãe como a sua.

Dentro em pouco, resentiu-se do meio que o rodeava. Adquiriu a facilidade de enganar, porque viu o desplante com que n'uma roda se apertava com urbanidade a mão d'um sujeito cuja honradez se acabava de pôr em duvida; acostumou-se ás exterioridades, porque as viu mascarando todos e tudo, no sentido unico da conveniencia; fez-se pedante, porque viu o pedantismo passar por merito; tornou-se orgulhoso com aquelles em que não adivinhava importancia, cumprimentador e affavel com os personagens de qualquer especie, porque assim viu fazer á maioria.

Em pouco tempo, achou-se habilitado a commetter acções d'esta ordem: em casa, Vasco era o seu melhor amigo, uma especie de irmão, de quem podia acceitar toda a qualidade de serviços e obsequios; mas se por um acaso, o encontrava na rua, n'um theatro, ou, por acaso rarisssmo, na sociedade, parecia que tal intimidade não existia. Vasco só era então o filho d'um mordomo, a quem fallava como por demais, cuja mão apertava á pressa furtivamente.

Depois, comprehendendo o fraco do caracter de sua mãe,

começou a illudil-a, para lhe arrancar concessões. Precisava dinheiro, pedia-lh'o para livros, em que gastava a decima parte do que recebera, e vinha mostrar-lh'os muito enthusiasmado. Frequentou redacções, fez-se conhecido de actores, metteu em casa alguns artistas, applicou-se a quanto podesse fazer-lhe crêr, que, emfim, se revelava o digno filho por que ella suspirava. Tudo fazia, comtanto que lhe não custasse o preço que já não podia pagar: o estudo e a applicação, cunhados na moeda legitima do trabalho.

Quando Vasco, delicadamente e usando de rodeios, começára a fazer passar com o nome d'elle os proprios escriptos, tivera um desengano cruel a seu respeito.

O filho do mordomo adivinhára uma parte dos sentimentos de Jorge a seu respeito, e nunca se enganára julgando ter ali um amigo de boa tempera; o que não suppunha, porém, era que os seus sentimentos fossem de tal ordem que não tivesse de luctar com as suas recusas, que invocar, em desculpa da sua offerta, a alegria que a marqueza havia de ter em que o filho creasse um nome nas lettras. E era Vasco quem, por um sentimento de respeito á dignidade de ambos, ao apresentar-lhe qualquer trabalho, para que tivesse ao menos uma ideia do que passaria por seu, protestava que em breve acabaria a sua intervenção, por já desnecessaria.

XIII

Um dia, a pequena roda que em Lisboa parodía o que nas grandes cidades se chama *sport*, achou-se possuida de uma grande preoccupação: o barão de Rio Oiro!

Certo domingo de inverno, em que as *equipagens* se tinham dado *rendez-vous* no Campo Grande, appareceu um *landean* tirado por uma bella parelha de alazões, governados por um cocheiro inglez. Dentro, um sujeito de apparencia distincta, um d'estes typos a quem não é facil indi-

car a nacionalidade, embora á primeira vista se affirme ser estrangeiro. Ao seu lado, sentava-se uma senhora mais idosa do que elle, e na frente, uma linda, rosada e loira rapariga, que poderia ter vinte e cinco annos.

Alguns dos mais bem informados sabiam apenas que, havia dias, chegára no paquete de Bordeus um tal barão de Rio Oiro, que vinha passar algum tempo em Lisboa, para o que alugára e fizera mobilar um palacio conhecido, tendo no mesmo dia despachado na alfandega diversos trens do mais apurado gosto e tres soberbas parelhas.

Devia ser aquelle, pensaram todos.

O *landeau* passou vagarosamente, entre a fileira de cavalleiros e de carruagens, pobres e de mau gosto. As pessoas que n'elle iam olhavam para todos os lados com a curiosidade benevola de quem reconhece a inferioridade de quanto o cerca, mas faz o possivel por o esconder.

Havia nos rostos dos tres personagens um sorriso que parecia dizer: — não somos orgulhosos, não conhecemos ninguem e desejamos fazer relações.

Não diz isto sem resultado quem se apresenta n'um *landeau* d'aquelles, com uma corôa de barão na portinhola.

Mal o trem passou, as perguntas e observações romperam n'um fogo vivo.

— Quem será?

— Não sei.

— A mulher é mais velha do que elle, mas deve ter sido uma formosura.

— E a filha? que *bijou!*

— Deve ser o barão hespanhol, ou italiano, que hontem chegou.

— O que alugou o palacio do visconde de Riró?

— Sim.

— Esse ouvi dizer que é mexicano, ou coisa que o valha...

— Seja o que fôr, sigamos a carruagem, para vêr a pe-

quena — concluiu do centro dos cavalleiros o filho da marqueza do Mont'eirado, que montava um fino corcel.

Partiram a trote. O que Jorge queria era mostrar o bicho que montava, e que realmente era a flôr de toda a cavalgada.

Quando chegava junto do trem, ao estrangeiro caiu uma luva da mão um pouco saída fóra da carruagem, e Jorge, que era habil cavalleiro, debruçando-se do selim, apanhou-a do chão e entregou-lh'a.

O desconhecido agradeceu em hespanhol, cumprimentando-o sobre a sua destreza, depois admirou o cavallo, e quando o tem voltou ao ponto em que os mais estavam reunidos, vinha rodeado pelos cavalleiros, que conversavam com as pessoas que elle conduzia.

*

No domingo seguinte, ao chegar o barão e a familia, de todos os lados os sorrisos e os cumprimentos os acolhiam.

Cada um julgava saber a seu respeito mais do que o sufficiente, para lhe fazer uma recepção tão affavel e sympathica.

O barão vinha passar o inverno em Lisboa, por conselho dos medicos, em vista da saude delicada de sua mulher. Era riquissimo, a sua casa iam já alguns rapazes do corpo diplomatico, tomára um camarote em S. Carlos, e estava acabando de se installar para começar a receber.

Todos suppunham conhecer o barão desde pequeno, formavam d'elle a idéa d'um cavalheiro da maior distincção a todos os respeitos, como aliás as suas maneiras affirmavam, desde o primeiro momento.

Em resumo, tudo quanto se sabia dava um total de informações officiosas, d'um e de outro, que passavam ás boccas e ouvidos de todos com a solicitude anonyma com que,

no jogo do diabrete, os parceiros se impingem o compromettedor valette.

*

A' porta d'uma loja do Chiado, uns elegantes fallam do baile annunciado para a semana proxima em casa do barão, o que é a ordem do dia.

— Vaes?

— Vou, se tiver convite...

— Se queres, eu te apresento. Não fazes idéa, é a gente mais agradavel, mais despida de cerimonias e preconceitos, que se póde imaginar.

— Na verdade, só vendo se acredita. Fui lá ha tres dias, com o Jorge, pela primeira vez; depois estive com elles no camarote em S. Carlos; pois hontem o barão encontra-me, e quiz por força que fosse jantar lá a casa.

— E foste?

— Podera.

— Quem estava!

— O D. Jorge, o conde de S. Giraldo, e esse tenor que hontem chegou e que já os conhecia de Paris.

— Pois eu ainda lá não fui, nem tenciono — opinou um janota de aspecto macambusio e triste, que até ali ainda não dera palavra.

— Tens medo de te comprometter?

— Tenho, sim; porque o não direi?

— Ora deixa-te de asneiras — replicou o que na vespera fôra jantar com o estrangeiro.

E, didaticamente, continuou para a roda:

— Eu, se tivesse dinheiro para ir viver lá fóra, nunca mais punha o pé n'esta terra. Isto é a gente mais exquisita e mais tola, que Deus deitou a este mundo...

— O que queres tu dizer n'esse teu arrasoado?

— Quero dizer: que se o barão, em vez de ser um ho-

mem franco, que gosta de receber bizarramente e de se divertir e fazer passar agradavelmente os que vão a sua casa, fosse um orgulhoso, emproado da sua riqueza, que não não désse um prato de sopa senão a ministros e diplomatas, que exigisse estas e aquellas apresentações, ai pae da vida! o que não diriam! ..

— E depois?

— Depois, como é justamente o contrario, estão já a vêr n'elle um moedeiro falso, um cavalheiro de industria fugido do estrangeiro, e que precisa, para se fazer passar por pessoa honrada e séria, que tu e outros personagens lhe frequentem a casa! Prodigioso!!

— A isso tudo respondo eu com simples pergnntas: Quem é o barão?

— O barão... é o barão!

— De que paiz é o titulo?

— E' do Brazil — observou um.

— E' de Italia — emendou outro.

— De Hespanha, me affirmaram a mim — asseverou terterceiro.

— Aqui estão já tres opiniões, nenhuma das quaes é positiva. Pois bem, eu posso-lhes afiançar que, fallando com os representantes d'esses paizes em Lisboa, me garantiram que não havia lá tal titulo.

— Póde ser de outro paiz!

— Isso é verdade; tudo póde ser n'este mundo. Mas passemos a outro ponto: De onde vem o barão?

— De Bordeos — responderam todos á uma.

— Sim, isso é o ponto em que embarcou para aqui; mas o que eu pergunto é: onde estava, o que fazia, a que familia pertence?

— Homem! — interrompeu um recemchegado — o que parece haver de verdade é isto: Este homem é natural da Corsega, ou da Sicilia, segundo ouvi; foi para a America, e lá começou a fazer fortuna negociando em gados, depois

veio para Baltimor e fundou uma companhia de exploração agricola, que lhe deu grandes lucros, depois...

— Não é nada d'isso — interveio enfastiado o que lá fora jantar — elle esteve mas foi na California; a companhia que formou foi para explorar uma grande mina proxima d'um rio a que deram o nome de Rio Oiro, e d'aqui é que lhe veio o titulo e a grande riqueza...

— Pois tambem tu estás enganado — opinou um terceiro.

— Vejam lá no que ficam! qual sabe a verdade? — tornou o meticuloso.

— Julgo sabel-a eu, — respondeu o ultimo interruptor.

— Vamos a ouvir.

— Este homem é d'uma d'aquellas republicas hespanholas da America, e fez fortuna durante a guerra do Norte com o Sul.

— Repito, como ha pouco. Qual de vocês garante a sua versão? Nenhum! Ora, eu é que não vou, sem mais nem menos, frequentar a casa de um homem que não sei quem é, d'onde vem, nem para onde vae, só porque tem bom modo, falla bem diversas linguas, e é illustrado e attrahente.

— Exquisitices.

— O que vocês quizerem. Não é a primeira vez que estes passaros de arribação dão que fallar; um dia safam-se; e os que os frequentavam carregam com parte da fama, boa ou má, que deixaram.

— Cala-te, ao menos agora, que elle ahi vem.

— Effectivamente o barão chegava n'um *phaeton* elegantissimo. Parou junto ao grupo, e depois de varios apertos de mão, levou comsigo tres dos que ali estavam. No carro não havia logar para mais gente.

— Aqui está do que elles gostam: pandega e mais pandega; observou o reservado cavalheiro.

— Effectivamente, tanta franqueza já me vae parecendo historia — obtemperou o que lá fôra jantar na vespera, despeitado por não ter sido da carrada.

*

Tal era a situação do barão do Rio Oiro em Lisboa, quando abriu as portas dos seus salões, que a socidade elegante transpoz pressurosa, animada d'esse sentimento especialmente indigena, mixto de somiticaria e tendencia disfructadora que leva cada um a não dar festas, criticando ao mesmo tempo que os mais as não dêem.

As funcções do opulento estrangeiro succediam-se com assignalado progresso de explendor, concorrencia e animação: todas as semanas um convite do barão caía sobre o mundo elegante, avido e esfomeado de folganças, com a regularidade persistente dos jorros d'agua que os alcatruzes d'uma nora despejam sobre o taboleiro alcatroado e limoso.

A pouco e pouco desappareceram as duvidas dos mais escrupulosos, e cada novo baile fornecia meia duzia de attestados de que até os meticulosos e emproados personagens da sociedade se rendiam á descripção da amabilidade opulenta e distincta do barão.

Dentro em breve elle era o homem da situação.

— Quem será bom empenho para o ministro do reino?— perguntava um sujeito animado do louvavel desejo de produzir um administrador de concelho.

— O barão de Rio Oiro. Ainda outro dia lhe offereceu um jantar...

— O caso é que elle queira fazer o pedido; mas, se o fizer, é negocio certo.

N'um circulo, de natureza differente, troca-se entre amadores d'objectos d'arte o seguinte cavaco:

— Se não compro o diabo da estatua, endoideço... Mas, dois contos de réis .. eustam a dar...

— Queres um conselho? não concluas o negocio, sem consultares o barão de Rio Oiro .. Aquillo é que é um entendedor....

E d'ahi a dias, conforme a opinião do oraculo, o collecionador dizia novamente ao amigo:

— Comprei-a immediatamente, vale dois contos aos olhos fechados

O barão tinha approvado a compra.

Ou então:

— De que espiga eu me livrei... Dois contos por um mono d'aquelles...

O barão não gostara.

Um cantor arranhava livremente os ouvidos dos frequentadores de S. Carlos, e os arranhados applaudiam-n'o freneticamente, porque o barão de Rio Oiro sustentava ser um artista de *primo cartello*, e o convidava para os seus concertos.

A suprema ventura, o cumulo do *dandymo*, a ultima expressão da elegancia, era ter recebido d'aquelle deus do bom-gosto uma recommendação para os seus alfayates e sapateiros de Londres e de Paris, e gastar d'elles. Chegava ao ponto de que alguns até usavam calças e luvas cedidas pelo barão.

Havia sobretudo uma cathegoria entre a roda vastissima que frequentava a casa do estrangeiro, que era ambicionada a par da carta de conselho, fazendo dos priveligiados, a quem era concedida, objecto de profundas invejas. Consistia essa ventura em ser dos *intimos*, dos que entravam no palacio encantado sem se fazerem annuciar, saíam sem se despedir, chegavam tres dias consecutivos á hora do jantar ou do almoço e sentavam-se á meza como fariam na propria casa, passeavam com o barão no *coupé* em que só havia logar para um amigo, acompanhavam ao piano a filha do capitalista ou eram acompanhados por ella, e recebiam de vez em quando presentes dignos de quem os dava, verdadeiros acontecimentos.

— Já viste a espingarda que o barão deu ao conde de S. Giraldo?

— Vi. E' uma maravilha digna d'um caçador d'aquella ordem.

— O peior é que em vindo algum revez de *copas* ou *paus*, marcha para o prego.

— Tomára eu saber isso, que a vou logo comprar.

D'outra vez dizia-se:

— Olha, ahi vae o D. Jorge no cavallo que o barão lhe offereceu...

—E' uma estampa!

— Vamos a vêr se lhe dá a filha com a mesma facilidade...

— Duvido...

— Não sei, o rapaz faz-lhe a côrte descaradamente; o pae bem o vê, e cada vez o recebe com mais intimidade.

— Isso é verdade. A semana passada, consta-me que jantou lá todos os dias e foi sempre com elles para o camarote ..

— Os convites para o concerto de terça feira foram deixados pelos barões á descrição da filha e do Jorge.

— Mas no fim de contas a rapariga parece que tem essa intimidade com o Jorge, mas que a respeito de namoro não ha nada...

— Tem-me parecido que lhe dá attenção.

— Tanta como dá a outros.

XIV

Vasco estava no quarto do conde, escutando a descripção que este lhe fazia do concerto realisado na vespera em casa do barão, quando lhe entregaram um bilhete em que D. Jorge dizia precisar fallar-lhe quanto antes.

Despediu-ss, dizendo comsigo: «o que me quererá este estouvado!»

D'ahi a pouco entrava no gabinete de D. Jorge, que, en-

tre abraços e festas, lhe disse ter um grande favor a pedir-lhe.

— Falla — respondeu.

— O que tens tu ouvido dizer de mim com relação á filha do barão de Rio Oiro?

— Que lhe fazes a côrte — replicou Vasco, bastante admirado da pergunta.

— E que mais?

— Que mais? Mais nada. E' tudo quanto sei, e já não é pouco, para quem anda affastado da alta roda. .

— Se queres que eu te apresento em casa do barão—tornou Jorge n'um tom cortrafeito.

— Obrigado. Não tenho nada que lá ir fazer — tornou o filho do mordomo com leve ironia em que havia igual despreso pela supposição do amigo de que elle tivesse formulado um pedido, e pela mesquinharia d'aquelle offerecimento forçado, de quem precisava outro favor.

— Então, eu te conto o que ha — principiou D. Jorge livremente, por se vêr desobrigado da apresentação e provavelmente servido.

— Vamos a ouvir!

— Dizem todos por ahi que de quantos rapazes teem procurado fazer a côrte á Pepita, só eu tenho sido bem recebido... Isto é muito lisongeira, mas só eu sei a figura ridicula e compromettedora que me obriga a fazer.

— Ora essa! Porquê?

— Porquê? Porque a filha do barão é uma rapariga incomprehensivel, ou antes, uma d'estas mulheres com quem não é facil ser-se homem...

— Deve ser curioso isso; mas francamente, não comprehendo.

— Eu te digo: aquella rapariga, que parece uma leviana e uma estouvada, em cuja cabeça só ha romances e caprichos em fermentação, tem ás vezes perguntas da mulher mais perspicaz e sensata; ha momentos em que, na seriedade

com que discorre e pensa, eu julgo estar ouvindo minha mãe.

— Começo a perceber... apaixonaste-te por ella, e está tudo dito.

— Qual historia!—volveu D. Jorge com desprendimento, concluindo com bastante desdem — Não a acho feia, mas, physicamente, não é cá o meu typo...

— N'esse caso, para que soffres os ridiculos e compromettimentos a que te referiste? E's rico; não creio que seja a fortuna do barão que te fascina.

— Fortuna! Pois tu julgas que eu acredito n'essas lérias? Aqui entre nós e muito em segredo eu não me admiraria nada, se o barão amanhã désse um estallo, ou desapparecesse deixando dividas por todos os lados.. Aquillo é um gastar louco, de gente que parece atirar com o dinheiro apressadamente, com medo de ámanhã não ter tempo para o fazer... Eu tenho estudado muito este caso; olha que o modo de gastar é o melhor indicador da fortuna do que gasta... Eu heide casar rico, mas não penses que vá buscar a filha d'um barão de Rio Oiro... Nada, que ali ha coisa! aquella fortuna faz-me lembrar o luxo elegante dos artistas dos cavallinhos: trazem uns grandes casacos de pelles, grilhões, um famoso brilhante, e muitas vezes, mais nada sobre o corpo, e mais nada em casa.

— Mas então para que cortejas a filha, e mais ainda, para que vives em tanta intimidade com uma familia que receias dê um dia que fallar?

— Oh! filho! essa não é má! Pois sou eu só que lá vou? Toda a sociedade os frequenta. Imagina que amanhã, por exemplo, o barão desapparecia, tendo fallido, se é negociante na America, como alguns pretendem, ou deixando ahi dividas; emfim, por qualquer fórma! Que diabo tinha eu com isso? Ia lá a casa, porque elle me convidava; não era seu tutor nem conselheiro, não lhe dizia que gastasse assim ou assado, nada tinha com os seus negocios... Pois não achas isto claro e corrente?

— Clarissimo... e correntissimo—respondeu Vasco ironicamente, esfregando as mãos.—Agora explica: porque namoras a pequena?

— Por um capricho!—replicou D. Jorge com a maior promptidão.— Andavam ahi quatro ou cinco com fumaças a esse respeito, e eu quiz tirar-lh'as ..

— E conseguiste-o... ao que parece...

— Tocaste o ponto: *ao que parece*, ahi é que está o *busilis*.

— Então?

— Quando elles estão presentes, Pepita dá-me toda a attenção e eu sustento o meu papel; mas se ficamos sós o caso muda de figura: umas vezes torna-se muito séria, parece uma creatura que intimamente soffre, e olha para mim e diz certas phrases, faz taes perguntas, parecendo dizer em tudo: «esta é que é a verdadeira feição do meu caracter, impressione-o agora, se é capaz.» E como eu fico sem saber que dizer nem fazer, tem uns risinhos ironicos, que parecem perguntar: «então, acabou-se-lhe o espirito de ha pouco?» e levanta-se, arranjando sempre umas despedidas, em que julgo vêr esta conclusão: «és simplesmente um imbecil!»

Jorge fez uma pausa, olhando admirado para Vasco, que tinha os olhos cravados no chão, e parecia não dar attenção ao que elle dizia; para o chamar ao assumpto, bateu-lhe no hombro, concluindo:

— E' para lhe fazer perder tal idéa a meu respeito, que te peço uma coisa...

— O que é?

— Que me escrevas uma declaração, boa de lei, que lhe quero entregar.

— Estás doido!?

— Não estou, não!

— Escreve-a tu!

— Isso sim! Faze-me isto, anda? Quero entregar-lh a esta noite no baile do club, e tenho tantas voltas a dar... De-

mais, é preciso uma declaração fogosa, de poeta perdido de amores; não sou capaz de a fazer em termos...

— Quer dizer, precisas uma carta escripta por um doido e pedes-me amavelmente que a redija... Obrigado!

D. Jorge explicou-se com desculpas, novos abraços e festas, de modo que d'ahi a pouco, emquanto ia provar no quarto proximo a casaca que o alfayate trouxera, Vasco ficava á carfeira a compôr a famosa epistola.

Quando o filho da marqueza voltou vociferando contra o alfayate, que, no seu dizer, lhe fizera uma casaca detestavel, teve a compensação gostosa de encaixar na algibeira da mesma casaca, para que não a esquecesse, a carta, que achou excellente.

Era, como pedira, uma declaração d'arromba. O paraizo, com as suas doçuras inefaveis; o ceu com as suas estrellas brilhantes, e com a pallidez casta da lua; a terra, com as suas flôres mais puras e delicadas, tudo havia dado o seu contingente para o quadro monumental da apaixonada declaração.

O filho do mordomo, ao retirar para casa, sentia como que o começo d'um remorsosinho a debuchar-se-lhe na consciencia, produzido pela convicção de haver escripto, pela primeira vez, para uso do amigo, uma peça litteraria que não teria a coragem de firmar com o seu nome.

XV

No dia immediato, assim que Vasco sentiu passos no quarto do conde, que ficava superior ao seu, foi ter com elle.

Era singular a franqueza e a amisade com que o rosto, precocemente enrugado, do sr. de S. Giraldo se expandia sempre que Vasco entrava. Apertava-lhe a mão, como se

na realidade não fosse o filho d'um creado seu, e sem affectação o tratava familiarmente por Vasco, e ás vezes com certo respeito por: *sr. doutor*, ou: *meu caro medico.*

O vicio não conseguira nunca arrancar do espirito do conde a finura e a delicadeza peculiares da sua raça. Verdadeira personificação do adagio: *o que o berço dá a tumba o leva*, aquelle homem havia de descer á terra tendo praticado muitos actos improprios do seu nome, mas sempre distincto no porte, sempre fino e perspicaz, para conhecer e apreciar todos e tudo.

Dava-se um phenomeno notavel nos seus pensamentos. Quando, passadas as orgias e jogatinas, se lembrava da gente com quem estivera, como que repellia a idéa de que tivesse sido o verdadeiro conde de S. Giraldo que se associára com tal roda, e voluntariamente se espoliava do seu titulo por alguns momentos, para só vêr em si um libertino, que se ligara aos mais, mas sem admittir a idéa de que elles subissem nunca até ao nivel da sua personalidade.

Ora, a respeito de Vasco, por um principio identico convencera-se de que elle estava n'essa mesma altura. E assim, muitas vezes, ao deixal-o, surprehendera esta pergunta intencionalmente formulada no seu espirito: «Como saíu este rapaz filho d'um mordomo?»

Elle, conde de S. Giraldo, que vendera successivamente tudo quanto tinha, sabendo-se já illudido em parte, n'essas transacções, pelo mordomo, e preferindo isto a acceitar-lhe officiosos emprestimos, muitas vezes recorrera á bolsa do filho.

As relações entre os dois tinham-se renovado desde que Vasco, percebendo que o conde se achava novamente sem recursos, tornára a conceber o projecto de o regenerar.

Demais, no fidalgo, que se approximava dos cincoenta annos, a força da idade começava a prohibir-lhe as fogosidades d'outros tempos. Agora, já uma noite passada em claro lhe custava sensivel incommodo, e esse cançasso phy-

sico fôra seguido de perto por uma fadiga moral de tudo quanto até ali constituira o viver que o deleitava.

Tivera uma grande influencia n'essa transformação a chegada do barão de Rio Oiro.

No estrangeiro, despertára-se a respeito do conde curiosidade e interesse, como os que o tinham levado a examinar as ruinas do Carmo. Diziam-lhe os informadores que aquellas eram um bom exemplar dos estragos feitos pelo terremoto em Lisboa, da mesma fórma que no conde estavam umas ruinas d'esse terremoto social chamado extravagancia. Aquelle, deitara por terra o mosteiro do condestavel; este, reduzira á miseria a casa poderosissima d'um dos primeiros nobres do reino.

O rico estrangeiro era tambem um extravagante, mas um extravagante fino: e o conde, assistindo ás suas festas de homens, começou a perceber que differença havia entre a estroinice burrifada de *champagne* e passada em salões artisticamente ornados, e aquella em que dissipara a sua fortuna e que tivera frequentemente por theatro as casas de pasto do Campo Grande. Dentro em pouco comprehendeu que se perdessem contos de réis ao *baccarat*, entre ditos espirituosos, de envolta com a conversa animada e fina d'uma companhia escolhida, e então começaram a parecer-lhe outros tantos sonhos essas perdas de cartuxos e cartuxos de libras, que tantas vezes soffrera, nas espeluncas das feiras de Vizeu e da Gollegã, em que os parceiros eram alquilés ou marchantes, e o jogo o monte ou a ronda.

Viu que o barão emprestava dinheiro a quantos lh'o pediam, parecendo contar muitos amigos por isso; não acreditava n'essas amisades, mas observou que, ao menos apparentemente, ellas residiam em pessoas com quem o estrangeiro se podia apresentar. Elle, se fosse a rodear-se d'aquelles a quem emprestara centenares e centenares de mil réis, formaria em torno de si uma larga roda de ciganos, de fadistas valentões de officio ou de puros valdevinos.

A's veze,s n'essa intimidade com que o barão o tratava, acontecia revelar-lhe o preço fabuloso que pagára por um quadro, ou por um movel de talha, e então o conde sentia apertar-se-lhe o coração, lembrando-se de que vendera pela vigessima parte um quadro do mesmo auctor, ou que dera a resto de barato um movel de muito maior merecimento.

Dois mezes depois da chegada do barão, o conde era outro completamente. Aquelle curto espaço de tempo bastára para dotar o fidalgo, velho e arruinado, com a educação que infelizmente não tivera emquanto novo e rico.

Então, começou a ser devorado por uma paixão terrivel: o desejo de tornar a possuir todas essas preciosidades que despresára, de tornar a ser rico, talvez para novamente extravaganciar, mas extravaganciar com gosto, distinctamente.

Tão poderosa era essa paixão, que ás vezes o cegava completamente, e então parecia-lhe facilima, dependente apenas d'um pequeno favor da sorte, a realisação dos seus votos.

Ser rico? Podia volver a esse estado, da noite para o dia! Pois no jogo em casa do barão, depois das senhoras se retirarem, vira já ganhar e perder dezenas de contos de réis. Tres noites de sorte, e teria o bastante, não para reconstituir a fortuna que herdára, mas para comprar a quinta de S. Giraldo, nos suburbios de Lisboa, e rehaver o palacio. Depois, mobilal-o, seria facil; e como principio d'essa operação, tratava pessoalmente com um cuidado extremo as poucas coisas boas que ainda guarneciam os quartos em que habitava. Uma outra esperança, pueril como as demais em que a sua imaginação se librava, vinha sorrir-lhe frequentemente: o estrangeiro, que comprara o palacio, havia muitos annos que addiava as reparações que lhe queria fazer, não tendo ainda sequer posto o pé em Lisboa para vêr a propriedade. D'aqui concluia o conde que o ho-

mem pouca estima ligava á sua compra, sendo facil rehaver a casa por modico preço.

Animado agora d uma força de vontade, que nunca tivera, o fidalgo trabalhava com paciencia e cautella para realisar as suas aspirações, como um encarcerado prepara cuidadosamente a fuga.

Ao declarar-se o jogo forte em casa do barão, elle só possuia um resto da pequena deixa que recebera. Não hesitou. Começou a jogar, mas com toda a reserva, como quem só tinha um proposito: ganhar! Se percebia uma noite que não estava em veia, fazia simplesmente um jogo de curioso que nada mais pretende do que explicar a sua presença; mas quando a sorte o favorecia, os banqueiros tremiam do seu arrojo.

*

— O sr. conde dá licença? – disse o filho do mordomo, do corredor.

— Entra, Vasco.

— Muito bons dias, sr. conde: venho saber se se divertiu muito no concerto de hontem?

— Divertir? Os velhos já se não divertem com essas coisas...

— Mas nunca faltam, apesar d'isso.

— Ora, fui por ir... Olha, o certo é que não perdi o meu tempo, armaram uma partidinha, e sempre ganhei duzentas libras...

— Veja lá, sr. conde!—disse Vasco pausadamente, como quem recommenda prudencia a um amigo.

— Deixa estar, meu doutor, que eu hoje sei o que faço... Já me não apanham... Ah! Vasco, se eu tornasse a ser rico, havia de gosar e tu tambem!

— Muito obrigado pela boa vontade...

— Mas a verdade é que tu não precisas d'um pobre como eu; quem tem o teu talento e o ten seber, faz fortuna

em querendo, e quando mesmo o não consiga, tem na sua illustração, nos seus livros, no seu estudo, bastante com que se deleite e passe alegremente a vida .. Os que estão no meu caso é que não... E' terrivel a realidade d'este estado, Vasco, mas eu conheço a... Os que toda a vida, como eu, só encontraram felicidade em trens, cavallos, estroinices, jogo e luxo, se um dia lhes falta com que sustentarem tudo isso, ficam para ahi bestealisados a um canto, inuteis e semsaborões, taes quaes são na verdade... — e reparando em Vasco, que o ouvia com visivel tristeza, bateu-lhe no hombro, e, para o alegrar, concluiu rindo: — uns verdadeiros carrapatos na lama! ficam como o peixe tirado da agua, meu rapaz!

Vasco forçou um sorriso.

— O meu sabio está hoje triste?

— Eu!

— Não dizes nada, ficas-te meio sorumbatico eom o meu arrazoado?

— Isso sim! Estava muita gente em casa do barão?

— Estava! Quando te decides tu a deixar-me apresentar-te?

— Um dia; veremos...

— Promettes?

— Depois tratamos d'isso... Diga-me, sr. conde, viu lá o Jorge?

— Vi. Porquê?

Andava de volta com a filha do barão, hein?

— Como sempre...

— O que lhe parece aquella côrte?

— Parece-me que a rapariga manga com elle, como finge que attende a quantos se apresentam. Anda almoçar.

— Muito obrigado, o de hoje já cá está.

— E' o mesmo; qual é a barriga que não come dois almoços?

— A minha!

— Ah! é verdade, esquecia-me que estava fallando com um medico.

— Quer alguma coisa da rua?...

— Onde vaes tu com essa pressa?

— Tenho de ir a casa da sr.ª marqueza, fallar ao Jorge...

— A estas horas ainda está na cama!

— Talvez não.

— Ahi anda coisa... As tuas perguntas a respeito da Pepita, agora essa pressa de fallar ao D. Jorge... N'alguma andam vocês mettidos.

— Isso sim...

— Tu já passas por ser o seu inspirador litterario, vê lá em que mais o mettes!

— Que outros digam isso, não me admira, mas o sr. conde...

— Anda cá, meu susceptivel — terminou o fidalgo, abracando-o ao sair a porta — vaes zangado?

— Era o que faltava!

— Vaes, sim.

— Não vou.

— Então promettes vir jantar depois de ámanhã commigo.

— Com todo o gosto.

— Bem; agora largo-te.

*

Vasco saiu do palacio e descia a rua dirigindo-se apressado a casa da marqueza. Subitamente parou, teve um momento de irresolução sobre se continuaria ou não o seu caminho, e depois voltou para casa vagarosamente.

O filho do mordomo, não tendo, pela força das circumstancias, uma pessoa em quem depositasse illimitada confiança, a quem communicasse os seus mais secretos pensamentos, acostumára-se a desdobrar em duas a sua indivi-

dualidade, e ás vezes fallava comsigo mesmo, aconselhava-se ou reprehendia-se. Voltára, portanto, para casa, depois de se ter dito:

— Vamos a vêr, sr. Vasco! que pressa é esta de saber se a filha do barão está de posse das asneiras que escreveu por conta d'outro? O que quer dizer essa tolice de pensar, a cada quarto de hora, nas phantasias excentricas d'essa rapariga caprichosa? Porque é que já admitte a possibilidade de se deixar apresentar em sua casa para conhecer essa heroina? Ora volte para traz; é o melhor que póde fazer.

E voltou, passando o resto do dia a escrever uma longa carta em que noticiava, muito enthusiasmado, a sua madrinha, que estava novamente animado de grandes esperanças de *salvar o homem*, referindo-se ao conde. O joven medico relatava miudamente toda a sua vida á madrinha, que assim lh'o pedira. Fazia-o com tanto maior prazer, porque d'este modo desafogava no papel as confidencias que não tinha a quem offerecer verbalmente, e porque se convencera de que era esta a paga mais apreciada pela senhora a cuja liberalidade sabia dever quanto era.

XVI

Na madrugada d'aquelle dia, passava-se no quarto de vestir de Pepita um scena bem diversa.

Emquanto a creada lhe desfazia o penteado com que assistira ao concerto, a filha do barão, tendo-lhe contado entre gargalhadas estridentes, as hesitações de D. Jorge antes de lhe entregar a carta, fizera em voz alta a sua leitura, depois do que dissera:

— Como eu vou divertir-me com este pateta!

— Então a menina não gosta d'elle?

— Eu! Custa-me a supportal-o! Que ridiculo! Olha, a

cavallo é que não fica mal, tem uma bonita posição... Mas, vê tu, já a valsar é outra coisa: um verdadeiro macaco!

— Por valsas?— interrogou a creada — esta noite fartou-se de dançar, hein? Eu espreitei-a; só com aquelle senhor que é official valsou tres vezes...

— E' elegante, não é? Ahi tens, aquillo é que é valsar. . Valsa por si e pelo par, quando dançamos, nem sei por onde vou; elle é que me leva.

— Dança muito bem, dança, e parece ter sua graça...

— Ai! lá isso não; é um semsaborão impossivel, com pretenções a espirituoso...

— Pois eu julguei... Vi-os rir tanto...

— N'isso é que está o martyrio: ter a gente de rir, por delicadeza, de baboseiras a que não acha graça alguma. Hoje, por exemplo, quiz fazer espirito a respeito do filho da marqueza de Mont'eirado, e repetiu-me, como se fossem d'elle, uma chusma de ditos que teem auctores conhecidos, sobre o tal negocio do Jorge possuir um amigo, que lhe escreve artigos que, dizem, faz passar como seus.

— Uma creada da marqueza, que veio trazer aquelles livros para a senhora baroneza, tambem me deu a entender isso... Parece que o tal rapaz tem realmente muito talento... E não é mal parecido, ao que disse... A menina conhece-o?

— Já o vi uma vez, de fugida... Passou por aqui com o conde de S. Giraldo, que o trouxe por este caminho, porque tive curiosidade de conhecer o tal genio occulto do meu apaixonado...

— Não sei como elle ainda não procurou vir cá alguma vez...

— O conde disse que havia de o apresentar, mas não tornou a fallar mais n'isso... e eu não lh'o lembro, porque estas coisas correm de bocca em bocca, e não quero que o tal sabio da Grecia me appareça ahi todo inchado, com a idéa de que morro por o conhecer.

— Bem, isto está prompto — declarou a creada, tendo acabado de lhe desfazer a *toilette*.

— Vamos a dormir, que são horas — respondeu a filha do barão, levantado-se — e acorda-me cedo, ao meio dia; quero responder ao meu senhor, de manhã, emquanto estiver com as idéas frescas.

XVII

— Desapprovo completamente a tua idéa! — dizia o dr. Katzein para sua mulher.

— Não sei porquê?

— Porque é uma coisa extravagante: ir agora offerecer um sarau litterario a um homem que em nada mais pensa do que em cavallos e cães de raça, patuscadas e jogatinas...

— Estás enganado! O barão de Rio Oiro, se não é um academico, tem pelo menos uma instrucção variada, e havia de apreciar a nossa lembrança. . Tu, á força de receios e duvidas a seu respeito, acabas por ser injusto... Não o conheces, e por isso não podes formar d'elle a opinião que merece...

— Talvez...

— Estou certa d'isso. Asseguro-te que se pode ouvir o barão fallar sobre as litteraturas das seis linguas que falla... Em tempos, disse-me elle, estando na America, foi corespondente de jornaes de Londres e de Paris... Sobre arte, não creio que tenhamos por cá quem mais entenda; isto é notorio... Portanto, não me parece que seja mal cabida a idéa de lhe offerecer um sarau litterario.

— Pois sim, sim, o que tu quizeres — volveu o allemão no mesmo tom de reprovação.

— Eu, a obsequial-o, não o farei d'outro modo... Danças e jantares lhe teem todos offerecido...

O sabio sorriu d'estas palavras, e não se conteve:

— Sim, queres dar-lhe a conhecer a tua especialidade... Mas, fallando agora serio: que necessidade tens tu de obsequiar essa gente?

— Teem sido tão amaveis com o Jorge...

— Mas isso não é razão bastante! Elle frequenta essa casa, com muitos outros rapazes que por ahi ha. Nós, só lá temos ido a duas reuniões maiores, e ainda assim bem contra minha vontade!... Não gosto d'aquella gente;—e callou-se.

A marqueza ficou um instante silenciosa; o seu bom senso não podia repellir completamente a opinião do marido. Demais, sabia que o melhor meio de trazer o esposo a concessões não era á viva força.

— Tinha tanta vontade que o Jorge lhe fizesse a leitura da sua comedia...

— Minha querida! sê franca—começou peremptoriamente o dr. Katzein, erguedo-se—ha no teu projecto uma idéa reservada, que eu desapprovo ainda mais do que o mesmo projecto: tu sabes, como eu, que Jorge faz a côrte á filha do barão, e acaricias a idéa de que d'ahi possa resultar um bom casamento para nosso filho... Por tal motivo desejas fazel-o brilhar diante d'essa gente.. Ora, com toda a franqueza, não tenho pretenções aristocraticas, bem o sabes, mas com o meu voto não se unirá Jorge a uma familia que para ahi caíu de repente... Agora faz o que melhor te parecer.

O dr. Katzein saíu, deixando a marqueza com os olhos fitos nos lavrados do tapete, a pensar na cathegorica declaração, que acabava de ouvir.

XVIII

Entretanto, chegava ao quarto de D. Jorge o seu amigo Vasco, que elle mandára chamar para lhe lêr a resposta que recebera da filha do barão.

Vasco tivera a constancia de não pôr os pés em casa da marqueza durante dois dias; assim, Jorge, emquanto fechava cuidadosamente a porta, dizia-lhe:

— Por onde tens andado mettido? Se não te mando chamar, não apparecias; parece que adivinhavas que seria d'esta ordem a resposta á *nossa* carta... uma roda de tolos, soberba!

— Era de esperar!—respondeu Vasco estoicamente.

— Toma, lê em voz alta... o diabo da rapariga *chama-nos* asnos, mas com graça.

— Perdão, observou o filho do mordomo — empregas pela segunda vez o plural, com o que me não conformo: disseste *nossa carta*, e agora: *chama-nos*... Não acceito a parte que me queres dar...

— Pois está dito, mas lê...

Vasco sentou-se n'uma cadeira e, desdobrando a carta, principiou, com uma tal ou qual commoção, a leitura.

«Ex.mo Sr. —Acabo de receber de V. Ex.a uma carta, que já esperava, ha muito. Estive para lhe responder sem a abrir, tamanho era o conhecimento que eu já tinha do que me havia de dizer. Sim, V.a Ex.a tem-me honrado com a sua côrte, desde o primeiro momento que me viu, e esse interesse que tive a fortuna de lhe lhe merecer, dá-lhe enthusiasmo e espirito quando estamos rodeados de gente, mas deixa-o timido, frio e mudo, quando nos achamos a sós. V. Ex.a, por um excesso de amabilidade, attribue este phenomeno á mesma intensidade do seu amor por mim, mas eu parece-me poder-lhe assegurar que se engana, e que a

verdade é esta: eu não tenho, estando só, poder bastante para o enthusiasmar e despegar-lhe a lingua. Assim deve ser. Prezo-me de possuir ao menos uma qualidade boa: sou franca. Por isso lhe digo sem rodeios: não me admira que tal succeda, porque, para que os olhos d'uma senhora consigam exercer na garganta d'um homem embuxado, funcções identicas ás de um saca-rolhas no gargallo d'uma garrafa, é preciso que esse homem tenha sabido primeiro conhecer qual é o seu verdadeiro caracter, e marchando por esse caminho seguro, se lhe aposse absolutamente do coração. Os olhos, Ex.mo Sr., serão então criados d'este: farão o que elle lhes ordenar.

*

«Consinta V. Ex.ª que eu divida esta minha carta em duas partes, como V. Ex.ª costuma fazer aos seus interessantes folhetins.

Na primeira, respondi á sua carta, no tom homoristico que ella merecia; n'esta ultima, deixe-me escrever-lhe como a um bom rapaz, cujo amor não posso acceitar, por emquanto ao menos, mas cuja amizade aprecio.

«Sim, meu amigo, alguma coisa entreviu, mas entreviu só, nada mais, do que eu realmente sou. Como diz na sua carta, tambem eu creio que em mim existem duas raparigas: uma, que é falladora das rodas animadas, a cavalleira das corridas arriscadas e loucas, a criticadora de todos e de tudo, a cabeça unicamente preoccupada com phantasias e divertimentos. Esta conseguiu o meu amigo impressonar, e, com franqueza, não faz má idéa de si. Infelizmente, quando se trata de escolher um homem para marido, como que existe em mim uma outra pessoa de caracter inteiramente differente. Como boa amiga, o mais que posso fazer é affirmar-lhe ser verdade o que suppõe que eu lhe digo

quando nos achamos sós, e que agora lhe repito: veja se consegue impôr-se a esta segunda edição da que é

«Sua affeiçoada,

Pepita».

P. S. — Sabe que mais? Não se metta n'isso! Vae talvez ter muito trabalho sem resultado».

— Que tal, hein! O que se ha de fazer? — perguntou o filho da marqueza, revelando claramente quão dificil lhe parecia responder a tal carta.

— Responder-lhe! toda carta tem resposta. Pucha pela cachimonia, e põe-lhe os pontos nos ii.

— O quê! pois tu, depois de me teres escripto a primeira carta, não queres escrever a segunda?

— Homem! quem te ouvisse, diria que eu te comprometti, e agora te não acudo... Se tal é a tua idéa, convem que te lembres quanto instastes commigo para. .

Jorge comprehendeu como fôra intempestiva aquella phrase, em que se revelára a pequenez do seu caracter, e querendo a todo o custo obter uma resposta digna da carta em que assim era mettido a ridiculo, e sentindo-se incapaz para o fazer, empregou, como de costume, os abraços e as caricias, dando ao amigo as mais amplas explicações.

— Bem, não se falla mais n'isso — disse Vasco com o seu proverbial sorriso.

— Então, anda, responde-lhe — tornou Jorge, offerecendo-lhe já uma penna.

— Tem paciencia! isso é que não póde ser!

— Porquê?

O filho do mordomo ficou silencioso, para não dizer ao seu amigo que não respondia á carta, por isso mesmo que sentia um desejo ardente de lhe responder.

— Não tens razão nenhuma para dar! Anda, faz-me este favor! Olha: antes quero isto, do que a comedia que me estás acabando.

Vasco, sempre silencioso, fez um gesto de quem fôra importunado por estas ultimas palavras, e como se quizesse affastal-as para longe.

— Então? Não fazes o que te peço? — insistiu novamente Jorge.

— Homem! isso não póde ser. Estar eu agora a tomar o papel d'um outro, em negocio de tal natureza!

— O que tem isso?

— Tem muito! Tem tudo! Depois d'esta carta vem outra, a que será preciso responder, e aqui estou eu namorando, permanentemente, por escripto e de tua conta. — E, como no seu pensamento havia um receio, uma desconfiança de si mesmo, que a sua lealdade não lhe permittia de calar, concluiu perguntando-lhe a sorrir; — E se ás duas por tres eu ficar deveras apaixonado pela rapariga?

— Cedia-t'a com o maior prazer!

— Sim? — volveu o filho do mordomo, sentindo, mau grado seu, uma intima e rapidissima satisfação.

— Já t'o disse o outro dia: eu não gosto d'ella: tudo isto é apenas uma questão de capricho, e por isso mesmo lhe quero responder nos devidos termos, agora que a sua carta me poz em cheque.

Vasco resistiu ainda, mas acabou por ceder ante as repetidas instancias do filho da marqueza.

Quando, depois de novamente alludir ao perigo de se apaixonar pela filha do barão, se deu por vencido, e Jorge esperava que fosse immediatamente escripta a desejada carta, o joven medico respondeu-lhe:

— Agora não, que tenho voltas a dar: ámanhã pela manhã aqui a terás.

— Leva então esta, para a tornares a ler.

— Não é preciso.

E, com effeito, Vasco ficára com ella impressa na memoria, e por isso mesmo lhe queria responder d'entre o socego do seu modesto escriptorio. Era alli, rodeado dos livros que tinham dotado o seu espirito, em presença do retrato do virtuoso tio que lhe formára o caracter, que elle escrevia á sua madrinha as cartas em qne se expandia desafogadamente a torrente dos seus sentimentos; e como aquellas, a carta em que ia responder á filha do barão, havia de ser toda sua, e não um d'esses autographos cuja elaboração era antecipadamente submettida é idéa de que Jorge o havia de assignar.

Tudo isto Vasco pensava sem bem saber porque, ou antes, fugindo de o averiguar.

XIX

No mesmo dia em que a Pepita recebia a resposta á sua carta, a folha official publicava um documento excessivamente lisongeiro para seu pae: o decreto que lhe fazia mercê da grã-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição.

O facto fez sua bulha, e os graves conselheiros, os illustres e disciplinados grandes do reino, os politicos mais circumspectos, saindo do seu serio, e pondo de parte reservas e conveniencias, condemnaram alto e bom som o acto do poder moderador.

— D'aqui a pouco estarão todas as ordens sevandijadas! — dizia exasperado um medalhão dos mais egoistas.

— Infallivelmente, Ex.mo Sr. Dessem-lhe a commenda de Christo, uma vez que a inutilisaram como distincção, por isso que teem condecorado com ella todo o bicho careta.

— A grã-cruz da Conceição! a um brazileiro de torna viagem, ou peior talvez! — clamava outro despeitado.

Estas e outras apreciações chegaram aos ouvidos do presidente do conselho, que era sujeito altanado, e que enten-

deu explicar a graça de que tivera a iniciativa, dando mais profundo golpe no orgulho chocado dos illustres berradores.

A folha official publicou d'ahi a dias uma portaria de louvor ao barão de Rio Oiro, pelos esforços que empregara, como representante d'uma das primeiras casas bancarias de Londres, para a favoravel emissão dos titulos do ultimo e recente emprestimo.

Este documento acabou com os murmurios, do mesmo modo que um cobertor ensopado abafa as labaredas, e desde então a posição do barão na sociedade ficou claramente definida: já não era o possuidor d'um titulo de procedencia duvidosa, era um grande do reino; deixara de ser olhado com desconfiança como capitalista, pois que era homem que collocava um emprestimo nacional.

Estas circumstancias actuaram poderosamente no animo da marqueza de Mont'eirado, e a despeito da persistente opposição do dr. Katzein, annunciou-se no mundo elegante o proximo sarau litterario em honra do barão de Rio Oiro.

No dia em que a marqueza tomou esta resolução, tiveram logar varias conferencias entre ella e os diversos prosadores e poetas que haviam de tomar parte no certamen.

A' noite realisou a marqueza a que mais a interessava: na sua presença e na de Vasco, o filho fez com difficuldade a leitura da comedia a que o verdadeiro auctor dera, n'aquelle mesmo dia, os ultimos toques.

Concluida a leitura, e attribuido o facto de Jorge se engasgar, repetidas vezes, *ás emendas* que o amigo fizera ao seu original, este offereceu-se para a passar toda a limpo, na sua lettra garrafal.

A offerta foi logo acceita, e retirando-se o filho do mordomo, Jorge acompanhou-o ao corredor, e ali, com ares de bastante curiosidade, perguntou-lhe rindo:

— Dize-me cá, em que alturas vae o meu, quer dizer, o nosso, ou melhor ainda, o teu namoro com a Pepita? Quan-

tas cartas lhe tens escripto por minha conta? não estou certo.

— Tres. Mas porque perguntas isso?

— E' porque a encontrei esta manhã, e fallou-me de modo que me fez desconfiar que a endiabrada da rapariga deu com a marosca.

— Então?

— Eu, de proposito, não tenho lá ido, porque, como não dei grande attenção ás cartas, tive medo de não fallar de accordo com ellas...

— Que tolice, homem! que falta de cuidado! — tornou Vasco, rindo.

— O melhor ainda tu não sabes: quando me mandaste uma d'ellas, estava eu para sahir a cavallo, e com muita pressa—continuou sorrindo—porque tinha que seguir um trem que passara por aqui n'aquelle momento, e o facto é que, com a atrapalhação, assignei a carta tal qual tu m'a mandaste, e o creado lá a levou.

— Oh! com os demonios!

— Ora, parece, isto com franqueza, que ella já estava desconfiada de que não era eu que lhe escrevia, porque hoje, encontrando-me, disse-me em voz baixa, ao despedir-se: «Depois de ámanhã á noite ha-de apresentar-me o seu secretario.»

Vasco escutara com mal contida satisfação quanto o amigo lhe dissera, e respondeu-lhe rindo:

— Podes desde já dizer a tua mãe que não conte commigo para essa noite.

— Porquê?

— Porque me quero livrar d'essas embrulhadas. Tambem ha dias se deu um facto, que me fez desconfiar, e que combina com o que dizes: o conde dictou-me um bilhete para o seu alfayate, e depois de o guardar, disse-me rindo: «Não imaginas o empenho que o meu alfayate tem de conhecer a tua lettra...»

— Não foi senão ella que lh'o pediu para comparar a let-

tra com a da carta .. Pois só te digo uma coisa: depois de ámanhã conto-lhe como se tem passado toda esta brincadeira, apresento-te, e. . entendam-se vocês dois á sua vontade...

— Isso não é coisa que se faça; acaba com isto, mas não digas uma palavra do que ha. Olha a figura que vaes, que vamos fazer...

— Eu quero cá saber d'isso!

E Jorge, estouvadamente, pondo os olhos em alvo e apertando as mãos sobre o coração, exclamou:

— Eu agora só penso na minha bella do trem!

— Quem?

— Amanhã te conto esta aventura; a mamã está a gritar por mim ha que tempos.

Vasco, ao saír de casa da marqueza, ia possuido d'uma alegria que jámais experimentara. A sua paixão pela filha do rico estrangeiro era já um facto do qual não pretendia sequer duvidar, mas nunca esperara que d'ahi lhe podesse resultar mais que alguns dias de dissabor, emquanto esse capricho não passasse, esquecendo aquella rapariga, como esquecera outras que, por momentos, o tinham impressionado.

Era este o grande merito do espirito de Vasco. Isolado, por assim dizer, no mundo, sem grandes affeições que o fizessem acreditar em affectos immensos e extraordinarios, estudara em si e nos mais as necessidades do coração humano, com a facilidade e a imparcialidade com que um forasteiro diz bem ou mal, segundo o que viu, da sociedade que encontrou certa noite no baile d'um club, e á qual o não prendem considerações de amisade, gratidão e cerimonia.

D'este modo, Vasco chegara ao convencimento de que as profundissimas dôres, como as grandes alegrias, tinham effeitos mais ou menos rapidos, segundo o espirito que as experimentava se tinha ou não educado phylosophiicamente.

Quantas vezes lhe acontecera achar-se perseguido pela imagem d'esta ou d'aquella rapariga, e pensar que daria, de bom grado, a amisade da marqueza e de sua madrinha, a offeição sincera do dr. Katzein, a sympathia evidente que o conde lhe tributava, espoliando-se emfim de quantos affectos possuia, para obter o d'aquella creatura.

E assim andava preoccupado, tristonho, meia duzia de dias; de repente encontrava uma outra mulher, e aquellas phantasias acabavam, ou antes, e como nos quadros dissolventes, desvanecia-se uma imagem ante o seu pensamento para outra apparecer.

Portanto, Vasco sabia que a preoccupação amorosa pela filha do barão passaria como as demais. Não lhe dava por isso maior receio entregar-se a ella; mas estimara ouvir aquellas palavras de Jorge, porque tambem, pelas mesmas cartas de Pepita, conhecera que estava desconfiada de que não eram do filho da marqueza as que recebia, e o que elle apreciava especialmente era que os successos não levassem o seu amigo a duvidar um momento da sua lealdade.

O caminho do amor é tentador e escorregadio; quem n'elle põe o pé dá em seguida um passo, ainda com tenção de voltar para traz, e dentro em pouco passeia regaladamente sem mais cuidar em se ir embora.

Assim pensava o filho do mordomo, desculpando-se e reprehendendo-se simultaneamente pela idéa que lhe viera de passar pelo palacio do barão antes de ir para casa.

Quanto daria para divisar da rua, por entre as cortinas, a figura elegante de Pepita! Era esta esperança que o levava a dar uma volta d'um bom quarto de legua.

Chegando em frente do palacio, parou desesperado; os transparentes descidos deixavam passar suavemente a luz interior, fazendo destacar do fundo escuro do edificio o relevo das janellas.

Vasco passou uma vez para baixo, outra para cima, tor-

nou a voltar, demorando-se a certa distancia. Subitamente dobrou a esquina em frente da casa um vulto, que parou, soltando um assobio, e um instante depois levantou-se um dos transparentes, percebendo-se uma figura por dentro dos vidros.

O filho do mordomo sentiu um estremecimento, imaginando logo que só podia ser Pepita quem acudira ao signal d'um trovador, que á falta de bandolim empregasse o trivial silvo. Desceu apressado a rua e ao chegar em frente da janella exultou duplamente: reconheceu effectivamente a figura esbelta da filha do barão, espreitando o tempo, e no homem da esquina um fadista que repetia desesperadamente o assobio, chamando ao mesmo tempo pelo nome de *Tejo* um cão que perdera.

Vasco riu-se do ciume que o accommettera, e tornando a olhar para a janella, já lá não encontrou quem procurava, mas quando subia novamente a rua, a porta do palacio abriu-se, e viu o trem posto e parado na loja deante do guarda vento. Iam a sair; esperou.

Passado um instante, o porteiro abria o guarda-vento, o trintanario a portinhola do trem, e a baroneza, depois seu marido e em seguida a filha, entraram n'elle. Vasco occultou-se na sombra da casa fronteira, e fosse ou não illusão, pareceu lhe que, ao virar a carruagem, Pepita olhára para o sitio em que elle estava.

O joven medico ficou a seguir a carruagem com os olhos; subitamente acudiu-lhe uma feliz ideia: iriam para o theatro? Não hesitou um momento, e pouco depois achava-se em S. Carlos, mirando furtivamente o camarote do barão.

Vasco bemdizia a sua qualidade de desconhecido, que o deixava admirar o objecto dos seus pensamentos, sem lhe chamar a attenção, quando sentiu que alguem lhe tocava no hombro. Voltou-se, e deu com o conde que lhe dizia muito admirado:

— Tu por aqui? Que milagre é este?

— Vim ouvir esta opera, que me disseram ser muito bem cantada.

Ficaram alguns momentos a conversar, e não deu por que a filha do barão, vendo o conde ali, os olhava com attenção, pois que uma ou outra vez surprehendera o olhar de Vasco, que a fitava

D'ahi a pouco era elle que não sabia já como sustentar os olhares de Pepita, desde que, tendo o conde ido visital-a ao camarote, os vira fallar a seu respeito, certamente, porque o miravam e remiravam.

XX

Ao passo que a filha do barão de Rio Oiro assim mostrava admittir a côrte de Vasco, alguem insistia para que outro acceitasse a sua mão, da qual parecia poder dispôr, como bem entendesse.

Era a marqueza de Mont'eirado.

Jorge, acudindo ás repetidas chamadas de sua mãe, ouvira um longo preambulo sobre o seu futuro, depois do qual lhe declarara que o sarau que ia offerecer ao barão tinha por fim o estreitar relações entre as duas familias, abrindo o caminho para o seu casamento com Pepita, e que não se dava ao trabalho de lhe perguntar se lhe agradava, porque era de todos conhecido o enthusiasmo com que lhe fazia a côrte.

Não é facil imaginar o desapontamento da marqueza, quando Jorge lhe respondeu repellindo semelhante plano. Por mais perguntas que lhe fizesse para saber o motivo d'aquella resolução, que estava longe de esperar, Jorge, que, doidivanas como era, tinha n'aquelle momento a cabeça cheia da tal rapariga do trem, só respondia como as creanças teimosas:

— Não me agrada, porque não me agrada!

Então a marqueza entrou n'uma longa enumeração das vantagens que lhe podiam resultar d'aquelle casamento. Adquirira já a certeza de que o barão não era um aventureiro, como tinham ao principio pretendido as más linguas; indagára isso cuidadosamente, e soubera-o de familias da primeira ordem de Paris e de Londres, que se davam com elle. Era uma gente séria, fina e illustrada, como os que mais o eram, e, ninguem o podia negar, tinha em Portugal o fôra da nobreza.

A respeito da filha, e era este o ponto que mais a captivava, não havia em todas as familias portuguezas uma rapariga que tivesse a educação illustrada de Pepita.

Ella, que tantas vezes pensára que lhe seria talvez necessario ir procurar no estrangeiro uma esposa digna, pelos dotes do espirito de seu filho, exultára reconhecendo na menina a que elle fazia a côrte uma instrucção completissima. Como razão final, a marqueza concluiu:

— Tudo isto, junto a mais de mil contos, não é coisa que se despreze...

Jorge estava morto por vêr a conferencia terminada, e correr ao theatro de D. Maria, onde esperava encontrar o objecto da sua ultima paixão. Entendeu que o melhor era dar por concluida a sessão, apresentando um motivo forte em favor da sua recusa, e calçando as luvas e dispondo-se a sair, começou:

— Isto é um segredo que eu a ninguem devia revelar... Mas, emfim, devo fazer-lhe saber a razão por que me é inteiramente impossivel acceitar uma tal proposta: todos pensam que sou eu que faço a côrte á filha do barão, e no fim de contas o namoro é com Vasco... Elle gosta d'ella, e ella ainda mais d'elle...

A marqueza abriu uns olhos desmezurados, mas Jorge, que viu imminente um chuveiro de interjeições e perguntas e queria safar-se quanto antes, pôz o chapeu e atalhou apressadamente:

— A'manhã lhe conto isso tudo! E' uma historia longa e curiosa!

E safou-se, antes que a mãe tornasse a si, de espantada e attonita que ficára com a extraordinaria revelação.

Não obstante, fazendo-se transportar ao theatro no trem d'um batedor, no ouvido de Jorge, penetrando como que de envolta com o rodar da carruagem, zumbiam aquellas palavras da marqueza: *mais de mil contos*, fixamente, importunas e persistentes, como nos fica nos tympanos, por muito tempo, o badalar forte d'um sino que nos atordoou

XXI

O filho do mordomo recolheu do theatro acompanhado pelo conde, que durante o caminho não cessára de fazer galhofeiras e trocistas allusões ao motivo que o tinha levado n'aquella noite a S. Carlos, Depois, obrigou-o a subir aos seus aposontos para tomar chá, e então, deixando-se de rodeios, felicitou-o claramente e muito a serio, porque, na sua opinião, só dependia da vontade de Vasco o possuir a mão da filha do barão de Rio Oiro, por que tantos suspiravam.

— Eu, sr. conde, desconhecido, sem fortuna nem posição, não posso nem devo aspirar a tanto — respondeu Vasco, satisfeito interiormente de vêr julgada por outra pessoa esta questão que a si mesmo se propuzera mais d'uma vez já.

— Olha, Vasco! felicitei-te, não por estar apaixonada por ti a filha d'um millionario, que é a esta que os especuladores cortejam; felicitei-te, porque tiveste a fortuna de encontrar uma rapariga, a que muitos chamarão estouvada, mas que, por seu fino criterio, percebeu que as cartas que recebia não podiam ser do Jorge, mas d'um homem que moralmente lhe estava bem mais superior, e sympathisan-

do com esse desconhecido, tratou de saber quem era. Isto não o faria qualquer leviana. O seu coração, posso affirmál o, porque tive provas d'isso, pertencia-te, sem mesmo te conhecer. Podes estar certo de que, ainda quando o pae, por motivos iguaes aos dos teus receios, fizesse a minima opposição á sua escolha, Pepita possue bastante energia de caracter para passar sobre essas considerações. Felizes dos que pensam como ella, que não é da satisfação de preconceitos e orgulhos que vem a felicidade—concluiu o conde, caíndo subitamente n'uma tristeza que Vasco mais d'uma vez lhe tinha já notado, referindo-se a assumptos d'esta ordem.

O filho do mordomo respondeu, confessando o seu affecto por Pepita, e como certos obstaculos que antevira haviam desapparecido ante as declarações de Jorge; depois, com grande enthusiasmo, revellou os seus intentos de trabalhar, a fim de que o seu nome fosse um dia bastante conhecido, para merecer que a filha do barão se não arrependesse, se por acaso o tivesse acceitado.

— Já ficas prevenido: depois de ámanhã, em casa da marqueza, eu é que te hei-de apresentar a Pepita. Reserva-me este prazer, que se me afigura tambem como que uma sasatisfação de estereis arrependimentos, que hoje me assaltam.

Vasco nada respondeu; o silencio parecia-lhe o melhor meio de provocar da parte do conde a confissão d esse acto da sua vida, que dizia ter sido a origem de toda a sua infelicidade, a que em diversas occaziões o vira alludir.

— Houve um momento em que, após uma acção má, a sorte me offereceu a felicidade, tenho a certeza d'isso, e com ella eu teria seguido uma vida mais digna no meu nome, e na qual não teria desbaratado a fortuna que herdei. Entendi, porém, que não devia juntar ao meu titulo um nome desprovido de nobre origem... Depois fiz coisas peiores, e agora que estou velho e pobre, os que então me

acompanhavam, aconselhando-me d'aquelle modo, gratificam com a indifferença esse acto, pelo qual me privei de ter uma familia. . Por isso hoje detesto esses principios.

— Mas tem amigos, sr. conde.

— Amigo, dize antes; um só! tu! Nos mais, acreditei n'outro tempo; agora já não me illudo. Mas, com franqueza, por maiores que sejam as provas que tenho da tua affeição, ella não póde apagar duas lembranças e dois remorsos: ante a honra, a moral e a religião eu sou duas vezes culpado, porque abandonei um filho, e sua mãe. A morte repentina de teu tio, do meu velho Anselmo, cortou-me a ultima esperança de saber se ao menos existem essas duas creaturas a quem eu devo uma grande reparação. E hoje que eu sinto que, porventura, poderia ser ainda bom chefe de familia, foram se-me todas as esperanças de a poder encontrar.

— Quem sabe? talvez um dia . . . —respondeu Vasco machinalmente, sem ter a consciencia do que dizia, tão diversas e extraordinarias eram as impressões que n'elle se produziam.

Era tarde bastante, e não estando acostumado a noitadas, a vigilia causava-lhe como que um estonteamento, admiravelmente apropriado para mais accentuar a feição de sonho que o seu espirito parecia dar ás scenas decorridas havia seis horas, em que se tinha succedido a leitura da comedia em casa da marqueza, a voluntaria renuncia de Jorge ao coração de Pepita, a sua ronda em frente do palacio do barão, a ida ao theatro, a volta para casa com o conde, e agora esta scena final de sentimentalismo.

Illudido, como tantas vezes fôra durante o somno, por risonhas perspectivas, em que a ardente sêde do seu coração era um momento saciada, encontrando a affeição de mãe por que anhelava, tendo familia que o recebia com as alegrias de quem festeja o regresso d'um irmão que se pensou não mais tornar a vêr, e acordado por um raio de sol

que lhe dava na cara, achando-se sósinho no seu quarto, com a realidade do seu isolamento e do seu abandono, tendo pago com muitas manhãs de lagrimas esses fugitivos instantes de falsa ventura, no seu espirito o receio e a duvida tinham penetrado tão profundamente, que mesmo sonhando parecia dizer-se: «não acreditemos n'esta radiante felicidade; vou acordar e tudo desapparecerá rapidamente». Assim, quando abria os olhos, a luz do dia não brilhava já sobre as suas lagrimas, mas allumiava o sorrir pungente das consecutivas decepções, mais cruel talvez, porque nem ao menos é, como aquellas, um desafogo.

Para o chamar á realidade era preciso uma impressão energica, e, sem o suppôr, o conde produziu-a. Como o choque electrico deixa excitado o organismo que o recebe, assim as suas palavras haviam não só de mostrar a Vasco que d'aquella vez estava acordado, e bem acordado, mas impossibilital-o até de dormir em todo o resto da noite.

— Queres saber, Vasco? Houve um tempo em que cheguei a acreditar que eras tu esse filho que eu abandonei! — disse o conde muito naturalmente, com a tranquillidade de quem se tinha desenganado a tal respeito, e estava convencido de que era absurda esaa idéa.

— Que lembrança! — respondeu o filho do mordomo, apparentando serenidade, mas sentindo-se poderosamente agitado, com o coração a bater apressado e desordenadamente, como quando se experimenta um susto repentino e forte.

— Sim, foi uma idéa extravagante, produzida ainda em grande parte por esse mesmo orgulho que me perdeu... Quando tu, lembras-te? antes de eu receber a pequena herança de meu tio, começaste a acompanhar-me, a querer chamar-me ao bom caminho com os teus conselhos, tive instantes em que, como inspirado por uma revelação superior, compuz um romance sobre a tua simples dedicação de migo Seria a Providencia que fazia do filho por mim aban-

donado, e educado com sacrificio por esse velho respeitavel cujos conselhos eu despresei, o regenerador do pae criminoso. Oh! com que sonoras risadas acolheu teu pae este meu sonho, quando lh'o revelei! As suas palavras, que jámais esquecerei, porque ficaram como que gravadas a ferro em braza no meu coração, mostraram-me o que havia de insensata ambição no meu phantasiar:

—«Com que então, senhor conde, V. Ex.ª não deseja mais nada, do que encontrar esse filho que obandonou, e que Deus sabe por onde anda, tornado um rapaz de talento, instruido, serio e virtuoso, como o meu Vasco? Oh! isso seria bem bom, mas tinha apenas um defeito: o recompensar a Providencia as acções condemnaveis como a que o sr. conde commetteu, em vez de as castigar.»

— Que estranha linguagem da parte de meu pae! — exclamou Vasco.

— Foi, com certeza; mas eu, seu amo, não tive uma palavra de reprehensão para o corrigir, porque tremi, parecendo-me que não era o meu mordomo que me fallava, mas a voz da justiça suprema. Sim! era insensata e soberaqnella minha idéa. Era ainda do fidalgo orgulhoso a pretender que um rapaz como tu não podia ser filho do seu mordomo; ao passo que o filho desprezado não seria, como as circumstancias o devem ter feito, vicioso e mau, como seu pae.

— Oh! sr. conde. Não diga tal! Errou na sua mocidade, como succede a muitos, mas tornou-se bom, o que só acontece a poucos. Não desespere; quem sabe se ainda não virá a ser bem feliz... — concluiu Vasco, erguendo-se, desejando retirar-se.

— Não creio! Olha, eu julgo um impossivel tornar a reconstituir a minha casa; mas ainda assim, quando me lembro do mais que me seria necessario para me fazer completamente ditoso, tal difficuldade affigura-se-me um brinquedo, porque o resto me parece um milagre. Mas, basta

de recordações tristes; a ti, sorri a vida e o futuro; és bom e tudo mereces. Que te não prendas em exaggerados escrupulos .. Ficamos n'isto: depois d amanhã serás apresentado por mim á tua futura. Ella é que m'o pediu... não te digo mais nada.

Vasco desceu ao seu quarto, deitou-se e quiz dormir, mas não poude conciliar o somno. Na cabeça volteava-lhe quanto o conde lhe dissera; sentia a necessidade como que de repartir com outrem o peso que lhe sobrecarregava o cerebro.

Ergueu-se, e n'uma longa carta a sua madrinha narrou todos os successos d'aquella noite; como sempre, era ella que recebia o excesso de impressões que havia no seu coração.

XXII

Realmente, era preciso que a marqueza de Mont'eirado tomasse muito a peito a realisação da festa em honra do barão de Rio Oiro, para se impôr os tormentos que, uma vez em cada anno, faziam do seu anniversario um dia aborrecido e custosamente passado.

E' que, sendo conhecida aquella data das diversas rodas que separadamente recebia durante o anno, com o cuidado com que uma rapariga namoradeira desencontra as horas dos differentes namorados, acontecia que n'aquelle dia concorriam á sua casa, a um tempo, o elemento aristocratico, o puramente erudito, a litteratura de fancaria, a burguezia abastada, a democracia invejosa e, ás duas por tres, em toda aquella gente que viera para a felicitar, a marqueza só via testas franzidas, beiços estendidos pelo despeito, só lhe chegavam aos ouvidos risos sarcasticos e phrases ironicas ou indignadas, significando tudo isso a seu respeito uma censura assim formulada por cada um dos orgãos d'aquelle desafinado côro: se queria obsequiar uns, não devia

receber os demais. A marqueza devia ser ou bem fidalga, ou bem democrata. Aquillo assim, era jogar com pau de dois bicos.

A funcção em obsequio ao rico estrangeiro tinha fatalmente de ser a fiel reproducção das recepções d'esse dia angustioso.

O barão de Rio Oiro recebia em sua casa a fina flôr da sociedade lisbonense. A alta sociedade, sobretudo depois que o vira elevado á grandeza do reino, trazia-o nas palminhas. Não havia pois meio de o convidar, sem convidar a primeira roda.

Mas, por outro lado, o motivo da reunião era fazer brilhar os dotes de espirito de Jorge. Para isso, tornava-se necessaria a cooperação não só dos que haviam de entrar no certamen litterario, mas dos que ali mesmo e no dia seguinte nos jornaes empunhariam as tubas da fama para buzinarem aos ouvidos do capitalista as glorias d'aquelle mancebo, que se propunha chamar lhe sogro.

Dez ou doze dos mais seguros e experimentados trombeteiros da marqueza bastariam na verdade para fazer a necessaria bulha; mas sabia que para o effeito ser completo n'uma peça não bastam os actores principaes, tornando-se necessarios os coristas e os comparsas.

Convinham os extensos artigos laudatorios d'estes, mas não dispensavam os bravos e as palmas retumbantes d'aquelles.

Se muitos applaudiriam aos minimos signaes de aprovação de poucos, era tambem necessaria a presença d'uns para justificar depois estas phrases sonoramente bombasticas com que descreveriam o successo: *em presença d'uma sociedade tão numerosa como illustrada* .. ou: *os bravos e as palmas romperam expoutaneos e unanimes do selecto anditorio* ...

Obedecendo, pois, a variadas e importantes considerações, a marqueza fizera uma lista de convidados, copia fiel

da do ultimo baile pelo seu anniversario, e quando a mostrára ao dr. Katzein, este dissera ironicamente:

— Percebo: clero, nobreza e povo! reunião de estados geraes, como no dia dos teus annos!

*

Começaram as amarguras da marqueza com a confecção do programma do sarau. Convidara para tomarem parte n'elle o conselheiro Mourão e o dr. Travassos, e á ultima hora ambos se escusavam, apresentando desculpas, atravez das quaes bem via transparecer a verdade: não queriam concorrer com o sr. Mira, jornalista, e com a esposa d'aquelle, que empregava esforços inauditos para tomar parte no torneio litterario, dando conhecimento ao auditorio de algumas das paginas do *Diario d'uma romantica*, que brevemente tencionava publicar.

O marido, na sua qualidade de correspondente de jornaes da provincia e d uma folha somenos do estraegeiro, de que era em Portugal o unico leitor, concebera uma idéa engenhosa, e para a executar pedia ser quem encerrasse a sessão.

Isto contrariava a marqueza, que já tinha destinado á leitura da comedia, por seu filho, a missão de *bonquet* final.

Depois de alguma discussão, teve que ceder, aliás com prazer, porque o plano do correspondente era de molde a explorar as suas fraquezas em favor da mesma presumpção do auctor. Tencionava elle fingir que, durante o sarau, escrevia a sua descripção para a enviar aos jornaes, e dava a esta correspondencia para o effeito da sua leitura no fim da sessão, o titulo de *Surpreza!*

De ante-mão phantasiava já a idéa que todos faziam d'aquelle cerebro poderoso, que, ao passo que escutava as diversas composições, lançava rapidamente no papel, em es-

tylo elegante e cuidado, cheio de imagens e citações, as linhas da sua apreciação critica.

Ao principio, a marqueza objectou que lhe parecia impossivel, por demasiado difficil, a execução d'um tal plano, e o sr. Mira respondeu, como entre pessoas que muito bem se conhecem:

— Sim, eu não poderia escrever tudo desde o principio até ao fim, mas, como o programma é conhecido, trarei preparada uma resenha dos diversos trechos, e seus pontos mais apreciaveis, tomando aqui apenas as notas do effeito produzido, das passagens que mais agradaram, e farei as observações que me occorrerem durante a leitura.

E desde logo, sacando uma papeleta da algibeira, expoz á apreciação da marqueza o que elle chamava: *uma especie de ante-projecto da sua correspondencia*, e que era simplesmente a critica laudatoria da comedia de D. Jorge.

A marqueza acceitou e agradeceu a idéa, e mudando a leitura da comedia, pelo filho, para o final da primeira parte, começou antecipadamente a gosar o seu triumpho, pela lembrança que lhe acudia gratamente e com frequencia, d'aquella apotheose na presença do rico estrangeiro e n'uma sala atulhada de gente.

*

A magnifica bibliotheca da casa de Mont'eirado era o theatro escolhido para se representar o espectaculo litterario.

Ao fundo, fôra collocado um estrado, e sobre elle a mesa e a cadeira destinadas ao leitor, depois, a pequena distancia, começava uma perfeita platéa formada por quantos bancos e cadeiras havia no palacio.

Como a festa se realisaria exclusivamente n'aquella grande sala, todas as demais tinham concorrido para os seus

adornos. Assim, os enormes lustres da sala de baile pendiam do tecto, e ajudados por grande numero de placas conseguiam encher de luz o vasto recinto.

Nos intervallos das pesadas estantes dominava uma claridade menos activa, e d'essa especie de penumbra destacavam sobre o fundo negro das telas os rostos dos antepassados da marqueza, como que perguntando admirados o que significava aquella perturbação da tranquillidade habitual da sua antiga mansão de estudo.

Nas primeiras filas de cadeiras, occupadas pela fidalga parentela, alguns commentarios se faziam, que eram como que as respostas ás perguntas formuladas por esses olhos, que esgazeadamente pareciam saltar dos paineis.

— Se o meu terceiro avô, o bispo-conde, que ali está retratado, volvesse á terra, o que diria d'esta profanação do retiro em que se escreveu a vida dos santos martyres!—dizia uma respeitavel dama.

— Outros tempos, outros costumes — objectou um ancião, que se achava proximo.— N'esse tempo, no meu, posso dizel-o, os litteratos celebravam o amor e a formosura das damas; e os assumptos mais ponderosos da sciencia ou da religião eram tratados pelos philosophos, pelos legistas, ou pelos doutores da egreja; hoje, não! Vejam vv. ex.as este programma...

E o velho estendia para as damas que o circumdavam um pequeno cartão, ainda com a graça elegante com que, havia bons cincoenta annos, as enthusiasmára dançando a gavota.

— Leia, D. Rodrigo, leia-nos esse delicioso *menu* com que vamos ser envenenadas.

— Teremos algum prato do tal moderno guizado, o indigesto realismo? — objectou um desembargador, compondo cuidadosamente as pregas da toga sob a fita escarlate da commenda de Christo.

— Eu leio, eu leio, — tornou D. Rodrigo, com voz alam-

bicada, transportado involuntariamente aos seus tempos de enamorado parnaziano.

E começou, pausado e repressivo no dizer:

— Primeira parte *Ruinas venerandas*. Estudo dos monumentos da Arte romana em Portugal, pelo ex.mo sr. Marcos Montalane.

— Vá lá, esse ainda se póde ouvir, sempre é italiano, e amante da boa arte — observou a idosa sobrinha do bispo-conde.

— *O supplicio dos sycophantas*, poemeto pelo ex.mo sr. Tristão Ruivo — continuou D. Rodrigo.

— Isso cheira-me á tal litteratura moderna! — exclamou o desembargador, carregando o sobr'olho.

— Eu espero que o bom senso do dr. Katzein não consinta que aqui se leiam coisas improprias! — commentou a fidalga.

— *Entre Scylla e Carybedes*, comedia em um acto, por D. Jorge. Segunda parte: *Diario d'uma romantica*, pela ex.ma sr.a D. Genoveva Mira.

— E' a parte comica da festa — interrompeu a nobre senhora.

— Não conheço nada mais ridiculo do que as pretenções litterarias d'aquella creatura — confirmou outra dama.

— Já era romantica nos tempos de Garrett! e ainda se mette em fofas! — acrescentou o desembargador.

— O que quer v. ex.a? duas vezes somos creanças — observou a parenta da marqueza.

— *Surpreza!* pelo ex.mo sr. Mira — concluiu D. Rodrigo, sem que houvesse mais ápartes, porque se approximavam alguns convidados suspeitos.

Eram escriptores, entre os quaes o poeta e o sr. Marcos Montalane, que se distinguiam pelos seus originaes enrolados na mão, quaes bastões de commando, pondo-se em evidencia como heroes do momento.

Passavam olhando com attenção minuciosa para os livros

encerrados nas estantes, exaltavam o nome d'um auctor, a variedade das edições, a riqueza da bibliotheca, e depois, parando em estudadas posições, discutiam litteratura, sciencias, ou artes, deixando caír de vez em quando sobre os magotes aristocraticos, que os rodeavam, uns olhares indifferentes.

Entretanto o dr. Katzein approximava-se cumprimentando affavelmente gregos e troyanos; se o acompanhava algum erudito de peso, e que se começasse a tratar assumpto transcendente, os sabios de ha pouco iam-se safando á formiga, emquanto as aristocraticas lunetas os seguiam impertinentes.

*

A sala estava já cheia, quando sobre o burburinho da multidão impaciente se ouviu dizer, lá no fim, que chegára o barão. Houve um roçagar de sedas misturado com o arrastar das cadeiras, e emquanto á porta assomava a figura distincta do estrangeiro, destacando entre a turba o negro da sua magnifica barba, nascendo d'um rosto delicadamente alvo, o peito alto e elegante cortado a tiracolo pela grã-cruz da Conceição, sobre a brancura do peitilho, uma certa emoção veio percorrendo o auditorio, suavemente, como em dia sereno se desenrola uma onda pela elevação da praia, emquanto de bocca em bocca passavam estas palavras: o barão! o barão!

Foram precisos alguns minutos para que o pequeno cortejo formado pela familia do estrangeiro e pela da casa que a acompanhava, percorresse a longa e estreita coxia. De todos os lados partiam sorrisos e cumprimentos, a que o bemvindo correspondia; por sobre as cabeças estendiam-se mãos ambiciosas d'um *shake-hands*, revelador de amisade mais intima.

Emfim, o barão chegou ás cadeiras que, na primeira fila, á direita, lhe tinham sido reservadas, e mal elle e os seus as

occuparam, como succede nas festas em que a hora do programma é a da chegada das pessoas reaes, o sr. Marcos Montalane subiu ao estrado, e tendo cumprimentado o auditorio e dado as tossidelas do estylo, começou a leitura do seu artigo, que durante tres quartos de hora injectou sciencia archeologica, um tanto avariada, nos ouvidos dos circumstantes. Finalmente concluiu, e alguns applausos celebraram este facto.

Depois succedeu-lhe o sr. Ruivo, que inquestionavelmente occupava o estrado com soberba magestade. Uma das mãos appoiada na meza, a banda da casaca exaggeradamente revirada sobre o hombro, a outra mão desgrenhando a tufada cabelleira, os olhos revirados ora para o tecto ou percorrendo o auditorio, o vate, á força de se querer mostrar inspirado, trazia á lembrança uma estatua felizmente concebida, representando o charlatanismo.

Durante alguns momentos soberanamente comicos, mudando bruscamente de posição, ficou com o braço direito estendido horisontalmente para a frente, emquanto com os olhos meio fechados fitava o extremo da sala, como se fosse um pintor que estudasse os tons e detalhes d'aquelle fundo distante. Subitamente esgaseando os olhos, com um gesto ameaçador e terrivel, soltou o primeiro verso do seu poemeto:

«Eil-o! Lá está o torpe sycophanta!»

E com grande abundancia e variação de gestos e olhares, foi recitando a sua composição até matar todos os sycophantas, isto é, os espiritos retrogados, com *ballas de progresso! frexadas de luz electrica! punhaladas de sciencia! explosões de pensamentos, independentes como os quereres da Sorte, possantes como as tempestades de Deus!*

Quando o vate berrou este soberbo final, quedando-se immovel na ultima posição, qual a dançarina que com a medida da musica termina um passo difficil, de meia sala para

traz, romperam calorosos bravos e applausos, emquanto para a frente o auditorio se conservava mudo e severo, n'uma tranquillidade desapprovadora, entre a qual irrompiam discretamente as indignações reprimidas, ou se elevavam graças aos ceus, por se terem ouvido tamanhas heresias sem se ser accommettido de apoplexia fulminante.

Entretanto, a marqueza esperava com impaciencia que Vasco apparecesse, pois tinha um negocio da maior importancia a tratar com elle. Se não fosse esta preoccupação, que a não deixára attender uma só palavra da poesia, que torturas não teria passado emquanto o auctor recitava!

No momento em que D. Jorge começava, compromettido e hesitante, a leitura da comedia, a mãe descobriu Vasco no extremo da sala, e, levantando-se, dirigiu-se, pé ante pé, para ali. Ia andando, e chegavam-lhe aos ouvidos as phrases mais agradaveis:

— D. Jorge! um talento de primeira ordem!

— Filho de peixe sabe nadar!

— Como elle está á sua vontede, hein?

Entretanto, a marqueza chegava junto de Vasco, e com uma amabilidade que este estranhou por demasiado cerimoniosa, pediu-lhe que a acompanhasse á sala proxima.

*

Vasco entrára havia pouco n'aquella casa em festa, bem disposto, contente de si e dos mais, parecendo-lhe todas as caras sympathicas, desejoso de conhecimentos, com vontade de obsequiar toda a gente. Elle mesmo se desconhecia, perguntando se o que era feito d'esses sentimentos de reserva e desconfiança de todos e de tudo, companheiros constantes das suas eternas horas de tristeza e aborrecimento.

Devia ser apresentado n'aquella noite á filha do barão!

Todo o phenomeno consistia n'isto. Nas circumstancias em que os dois estavam, este facto tinha um importancia maior, uma significação e alcance bem differentes d'uma simples entrevista amorosa.

Não ia Vasco conhecer uma rapariga com quem sympathisava e de quem poderia vir a gostar, não se levantavam na sua frente muitas esperanças risonhas, mas com ellas as difficuldades proverbiaes d'uma paixão, desde as primeiras confissões até á consagração em frente do altar. Esse conhecimento estava já feito. O carro andara adiante dos bois, como diz o proloquio.

N'esse commercio affectuoso que existia entre a filha do barão e o joven medico, os primeiros passos haviam sido justamente os que só se dão depois de satisfeitos os banaes e ridiculos cumprimentos do travar de relações amorosas.

Não se tinham trocado as phrases consagradas, o fogo vivo dos juramentos, os protestos de ternas dedicações, para se descer depois ao lado pratico da questão, dando um a hora a que ha de passar d'ali em diante, o oufro os signaes indicando que vae ao theatro.

Vasco e Pepita, lançados por uma casualidade n'aquelle encontro aventuroso, elle, começando as declarações por conta alheia, ella, escrevendo a primeira carta com o firme proposito de se divertir á custa de D. Jorge, haviam-se revelado, porventura sem o quererem, taes quaes eram, de caracteres superiores, bons e sympathicos.

Depois, ella certificára-se de que as cartas não eram de Jorge; pela sua parte Vasco sabia que tinha sido arrastado a escrever muito a serio e por sua conta, e por isso em breve e como simultaneamente, imposera-se aos seus espiritos a necessidade tentadora e risonha, sincera e honesta, de mudar o caracter d'esse convivio, tornando-o d'uma brincadeira n'um facto serio.

Mas, para a celebração d'esse solemne tratado, ambos haviam comprehendido que não bastaria o papel e a tinta;

quem sabe se elles não obedeciam a um sentimento de honestidade, que lhes fazia duvidar d'esse processo, empregado por todos, julgando antes que na voz e nos olhos ha meio mais digno de tomar os solemnes encargos do coração, e que quando os labios dizem o que elle verdadeiramente sente, as palavras veem tão pesadas de verdade que o vento as não poderá nunca levar.

Calcule-se pois o effeito que, n'estas circumstancias, produziria em Vasco o exordio da marqueza, solemnemente dito:

— Sr. Vasco da Nazareth, é ao amigo de meu filho, ao cavalheiro que ha muito recebemos em nossa casa como se fosse pessoa de familia, que peço tenha por não ditas umas palavras com que elle, estonteado por um capricho de rapaz, o poderia ter auctorisado a fazer a côrte a uma menina que hoje aqui recebemos, e cuja união com meu filho é approvada por nós.

Vasco ergueu-se bruscamente, como se o tivessem queimado com um ferro em braza, e a marqueza viu-lhe passar nos olhos esse fogo de altivez e dignidade com que, ainda creança, no primeiro dia em que jantára em sua casa, lhe perguntára se era ao conde de S. Giraldo que alguem se referira desfavoravelmente. Nunca esquecera esse olhar, em que havia tamanho contraste com a expressão geralmente modesta e timida do fallar e maneíras de Vasco.

Mas aquelle exaspero passou rapido, e, após o ruido de alguns bravos e palmas com que a *claque* litteraria animava o atrapalhado D. Jorge, que lá conseguira recitar menos desengraçada e incorrectamente uma scena da comedia, Vasco respondeu:

— Não posso esconder a v. ex.ª quanto estranho o que acabo de ouvir! — Foi tudo o que Vasco pôde dizer, abatido e desanimado, ante a lembrança da sua negra má sorte, que voltava a opprimil-o.

— Tem uma certa razão, convenho, mas bem sabe, o Jor-

ge é um maluco; aquella cabeça anda sempre no ar; disse-lhe coisas que não devia, nem podia ter-lhe dito, mas que o sr. Vasco tem bastante experiencia para vêr que não póde nem deve tomar a sério...

O medico sentiu um repellão de colera que o perturbava, e perguntou com hombridade:

— E porque não podia nem devia eu, sr.ª marqueza, tomar a sério essas palavras?

Esta pergunta fez caír do rosto da mãe de Jorge a mascara do liberalismo democrata, da frequentadora da burguezia, da escriptora, e appareceu o verdadeiro rosto soberbo da fidalga de Mont'eirado, respondendo com sobrecenho:

— Porque cada um deve conhecer a sua posição, e saber ao que póde aspirar.

Vasco enfiou, e completamente perdido, ia dizer que era d'elle a fama de Jorge, d'elle as cartas para a filha do barão, d'elle a comedia que estava lendo, d'elle um diploma de medico que o outro não possuia, tendo apenas um titulo de nobreza doado pelo acaso do nascimento, quando na sala se levantou um grande burburinho e confusão, de entre os quaes chegavam palavras destacadas:

— Desmaiou!

— Dêem-lhe agua!

— Logo vi que não levava a leitura ao fim!

— Abram as janellas!

— O que não sabe é lêr.

— Já acredito que os trabalhos são do tal amigo.

N'este momento saía d'uma pequena porta da bibliotheca, escondida na parede, o dr. Katzein, que vinha como que fugindo envergonhado.

— O que tem o Jorge? — perguntou a marqueza afflicta.

— O que tem? O que teve, deves antes dizer; teve que se fingir incommodado, porque se atrapalhou com a leitura do que não tinha escripto. E' bem feito que todos assim

sejamos castigados. Nós, por consentirmos que figure como auctor do que é de outro; elle, por ter a fraqueza de o fazer.

O allemão saíu pela porta fronteira áquella por que entrára, emquanto a marqueza caía n'um sophá, banhada em lagrimas. Vasco tinha-se afastado ao perceber as primeiras palavras do dr. Katzein, e atravessára a bibliotheca para ir ter com Jorge, que haviam transportado para o vão d'uma janella aberta.

O ar reanimára já o filho da marqueza, que agradecia os cuidados que todos lhe prodigalisavam. Quando Vasco chegou, ergueu-se da cadeira em que tinha sido conduzido, e levando-o para a varanda da janella, muito baixo, quasi ao ouvido, disse-lhe em tom de accusação:

— Tu e a mamã é que me fizeram atrapalhar...

E como Vasco se mostrasse admiradissimo do que ouvia, concluiu:

— Eu bem os vi lá ao fundo da outra sala, e logo adivinhei que se tratava do negocio da filha do barão... Porque não deixaram isso para outra occasião? Comecei a darlhes attenção e atrapalhei-me na leitura... Por fim, tive de me fingir incommodado... Já que foste causa d'este meu fiasco, não deves recuzar-te a uma reparação,— continuou, mais alto para ser ouvido da mãe, que chegava — peço-te que leias a comedia por mim.

Vasco indignado por tão repetidas manifestações de egoismo e de má fé; pela evidencia de que aquellas pessoas, por quem tivera tanta dedicação e amisade, só nutriam a seu respeito sentimentos de sordido interesse, e só viam n'elle um instrumento dos seus planos, ia dizer que era mais facil atirar-se d aquella janella do que fazer semelhante coisa, quando deu com os olhos na marqueza, que parecia implorar mais essa concessão com um olhar submisso e desalentado, o contrario exactamente do que havia pouco brilhára em seus olhos.

Não era a fidalga de Mont'eirado, era a mãe, que tudo daria para tirar o filho d'aquella triste posição, e a cujos ouvidos zumbiam as palavras do marido e as apreciações que ouvira a muitos, e parecia dizer-lhe: «Não o abandone já agora; não queira vingar-se obrigando-o a uma tal figura na presença da filha do barão.»

Vasco percebeu, ou antes, adivinhou este pensamento, e tanto bastou para que, n'um rasgo de magnanimidade, esquecendo tudo o que se tinha passado, tomasse das mãos do amigo o original, que elle não largára durante o fingido desmaio, dizendo-lhe:

— Vamos lá. Anda sentar-te ao meu lado, emquanto eu leio.

A marqueza cobrou animo, e logo fez saber a todos o expediente adoptado para que a *indisposição* produzida pelo calor da sala na pessoa de Jorge, os não privasse de ouvir a sua comedia. E ella dizia estas mentiras obrigada pelo seu amor de mãe, mas intimamente envergonhada d'aquelle papel de charlatão, com o coração despedaçado pela revelação da nullidade do filho, que a sua vaidade e presumpção nunca lhe deixára reconhecer.

*

Quando Vasco terminou a leitura, os applausos, que já durante ella se tinham manifestado, por diversas vezes, romperam calorosos. Mas que diversas eram as fontes de que brotava essa torrente de enthusiasmo! Os parentes fidalgos de Jorge applaudiam o seu talento, a sua rehabilitação, chamavam o *auctor*; e o leitor, que descera do tablado mal acabára de lêr, não lhes merecia a minima attenção, como se ali tivesse ido cumprir uma obrigação e nada mais.

A claque litteraria, depois de muitas chamadas a Jorge, dispensava umas leves palmas a Vasco, mas accentuando bem a differença do merecimento d'aquelle como auctor,

d'este como simples repetidor do seu trabalho; e não concordou inteiramente com o sr. Mira, que, no seu artigo final, descrevendo o sarau e referindo se patheticamente ao desmaio de Jorge e á dedicação do joven medico, comparava os dois a Castor e Polux.

Mas entre todos esses applaudidores, alguns ratões havia que se conservavam tranquillos, trocando em voz baixa as suas considerações, entre sorrisos ironicos, que eram a justa critica d'aquella scena curiosa.

A' marqueza não escapava agora nada d'isto, e mudou de côr quando ouviu a filha do barão, que dizia ao conde de S. Giraldo:

— Eu ia apostar que a comedia foi feita pelo seu amigo Vasco. Veja se m'o apresenta, ande.

O conde afastou-se procurando-o. A marqueza seguiu-o, e quando elles se encontraram, approximou-se disfarçadamente, escutando o que diziam.

— Tu não és capaz de me deixares assim compromettido, homem! Isso é brincadeira.

— Desculpe-me, sr. conde, invente a meu respeito o que melhor lhe parecer, mas, tenha paciencia, não quero ser-lhe apresentado... não posso fazel-o...

— Mas o que significa essa mudança? Que motivos tens para...

— Não posso dizer-lh'o, sr. conde... Só lhe dou a minha palavra de honra que faço o que devo fazer...

E deixou o fidalgo, esquivando-se por entre a multidão, sem querer ouvir as suas razões.

A marqueza, percebendo que Vasco se dirigia para a porta, foi esperal-o, e estendendo-lhe a mão, que o medico apertou visivelmente contrafeito, disse-lhe:

— Muito obrigada, por tudo.

— V. ex.ª nada tem que me agradecer, eu é que devo pedir um favor: que a sr.ª marqueza me não leve a mal se eu deixar de aqui vir.

XXIII

Contra o que Vasco esperava, o conde, no dia seguinte, referindo-se aos acontecimentos da vespera, apenas lhe dissera:

— Obrigaste-me a uma figura de pateta, com a tal asneira de não quereres que te apresentasse á filha do barão. Tive que inventar umas desculpas, em que certamente não acreditou.. Emfim, combinámos que te apresentaria a primeira vez que nos encontrassemos em qualquer sitio.

Depois fallara de mil assumptos differentes, como quem não ligava maior importancia áquelle negocio.

O medico não se illudiu com esta indifferença, e logo suppoz que, ou era um calculo para o fazer explicar o seu estranho proceder, ou o resultado d'uma tactica ajustada com Pepita. Não podia duvidar de que, depois das cartas trocadas e da combinada apresentação, o seu rompimento devia ter parecido uma acção de doido, pelo menos.

Por isso, aquella abstenção que se imposera de quanto podesse lembrar-lhe esse sonho de felicidade, que por alguns dias o embalara, e de que estava resolvido a esquecer-se a todo o custo, era duplamente difficil, porque o privava de se poder desculpar como homem e de desabafar a sua dôr.

Tivera porém força bastante para corresponder ao conde com uma reserva digna da sua.

A' noite, porém, sentindo a imperiosa necessidade de communicar a outrem os seus segredos e tristezas, historiou n'uma carta para sua madrinha, os estranhos successos da vespera, e ao fechal-a pareceu-lhe que lhe ficava mais ligado, com toda a força da affeição que retirara áquella familia que tão indignamente pagara a sua amisade.

XXIV

A noite paira por sobre a cidade, envolvendo-a no seu manto de escuridão e silencio.

Na zona do palacio de S. Giraldo, o conjuncto é tanto mais activo, porque a cidade baixa está distante, e a casa é rodeada de quintas e jardins, resguardando-a qual estação de saude.

Inebriando-se com esse ambiente capcioso, Vasco, sentado á banca do trabalho, faz por esquecer os recentes dissabores, voltando novamente ás locubrações litterarias, com o ardor de quem busca n'um affecto puro e superior ás desidias do coração humano, a compensação das maiores ingratidões. Se a penna deixa de correr sobre as folhas alvas e lustrosas, veloz como um patinador riscando o vidrado das aguas geladas, acode-lhe logo á idéa o ultimo dialogo com a marqueza, e quanto se passou toma aos seus olhos a fórma d'um sonho impossivel, ou d'uma intriga soez de espirito mau, que lhe segredasse calumniosa mentira para arrefecer a sua dedicação por aquella familia. Depois, vem o amargo confirmar da realidade dolorosa, e a lembrança de cada gesto, de cada palavra da mãe de Jorge, são outros tantos detalhes crueis.

E buscando fugir a essas preoccupações acabrunhadoras, tenta novamente embrenhar-se no enredo litterario da sua obra, tal um dominó esquivo e gentil barafusta atravez da confusão d'um baile de mascaras, para se livrar dos galanteadores que o perseguem.

Sem ter ainda erguido os olhos do papel, presente que um vulto parou na rua, em frente da sua janella, mas quando volta o rosto, arremessam-lhe o quer que seja sobre a meza. E' um ramo de flôres, desfolhadas pelo choque sobre a sua escripta, cuja tinta alastraram; corre á janella, e só vê dois vultos de mulher, descendo apressadamente a

rua e já distantes. Torna a examinar o projectil, sem ainda saber o que pensar do tiro e do atirador, e descobre um bilhete atado entre as flôres. Dizia apenas:

«O seu procedimento é digno, mas injusto para commigo. Espero que voltará a procurar-me, quando os factos provarem a todos que, fazendo-o, cumpre o seu dever».

A primeira intenção de Vasco foi de rasgar o papel e deitar fóra os seus restos. Não o fez; guardou-o n'uma gaveta, não com a radiante satisfação de quem archiva o tropheu d'uma conquista, mas com a tristeza de quem fecha a porta d'um jazigo sobre o que lhe resta d'uma existencia querida. Se Pepita fosse no dia immediato a mulher de Jorge, devolver-lhe-hia aquelle documento; mas, entretanto, ninguem poderia julgar menos cavalheiroso que se indemnizasse, unicamente relendo-o, dos desgostos, dos odios, dos aleives, que de toda a parte convergiam sobre elle, por haver commettido o grande crime de ter mais talento do que o filho da marqueza, e a gentil hespanholita o preferir.

Com effeito, na sociedade não se falla agora d'outra coisa: O incidente do sarau litterario, comprehendido desde que se haviam tornado notaveis as diligencias da fidalga e do barão de Rio Oiro para o casamento dos filhos, e o modo terminante porque Pepita se lhes oppunha; as circumstancias da ligação dos dois mancebos, e do romance que os separára; a intervenção da marqueza, a reserva do dr. Katzein, tudo foi sabido e passado de ouvido a ouvido, entre as recommendações d'um grande segredo. A curiosidade desoccupada começou a seguir a questão, como um vadio segue a tropa, marchando ao som da musica: para se distrahir. Depois, formaram-se parcialidades, e, sem nenhuma consciencia, uns exaltavam o proceder de Vasco, o seu talento, fazendo votos para que a victoria o bafejasse; e tudo isto porque no canhão da sua manga estava inscripta a desconsideração que a marqueza de Mont'eirado lhes

fizera, uma vez que os não convidára para certa festa, e queriam vêl-a soffrer aquelle cheque.

De outro lado, estanciavam os partidarios de Jorge, pedindo aos deuses o seu bom exito, não porque fossem capazes do minimo sacrificio por elle, mas porque uns, no seu dizer: *embirravam com a altivez do filho do mordomo*, que era um orgulhoso inchado do tal ou qual talento que faziam favor de lhe conceder. Outros ainda, arrastava-os o principio aristocratico, não existindo para elles a realidade d'uma filha de barão recusando um filho de marqueza, mas só a ousadia de um filho de mordomo pretendendo chamar sua mulher á herdeira d'um titulo, ostentado entre milhões.

Espectaculo divertidissimo, não obstante subir á scena todos os dias, desde que o mundo é mundo.

Nos cavacos bisbilhoteiros d'uns e de outros, ora se faziam os commentarios mais crus á educação que o barão dera á filha, de que, segundo o dito feliz de certo espirituoso, era consequencia natural esse *amor de carambola*, em que D. Jorge fazia o papel pouco lisongeiro de tabella; ora se esmiuçava a troca das cartas, e então a illustração de Pepita era exaltada, affirmando-se que outra qualquer rapariga nem saberia descobrir que o filho da marqueza não era o seu auctor, nem teria a grandiosidade de espirito sufficiente para se deixar captivar pela individualidade moral d'um homem, antes de conhecer os seus traços physicos.

E uns e outros continuavam saindo das salas do barão para entrarem nas da marqueza, amaveis e risonhos como sempre, n'um bello indifferentismo de monarcha constitucional, que perfeitamente conhece as complicações da politica interna, mas para quem officialmente ellas não existem, nem podem legalmente determinar a mais insignificante manifestação de sympathia por estes ou de antypathia por aquelles.

XXV

Nas ruas da capital corriam como desesperados os garotos vendedores de jornaes, apregoando n'um berrar de posséssos: «*Olha o supplemento á quebra do barão de Rio Oiro!*»

Caíra o inesperado successo sobre a opinião publica, em extremo confiada nas posses financeiras do conhecido forasteiro, deixando-a attonita, surpreza e confusa, como quem não reparou na subita mudança que se fez no ceu, e, guardando a impressão d'um sol claro a encher de luz a cupula azulada, é surprehendido por um trovão que ribomba parecendo rolar entre nuvens ameaçadoras, carregadas e negras.

A personalidade do capitalista estrangeiro tornára-se em pouco tempo conhecida de todas as classes, e nas mais inferiores fôra esse conhecimento espalhado por meio das verrinas com que as folhas baratas dos partidos que se alternavam na opposição, o apresentavam ao povo como um explorador dos seus recursos, constantemente envolvido em transacções com o governo.

A pouco e pouco, erguera-se a affrontal-o essa animosidade constantemente prompta a brotar da maioria contra aquelles a quem a fortuna sorri; e a de que o barão era ultimamente alvo, exacerbára-se ainda pelo confronto da sua opulencia e do furor mercantil com que se apresentava a disputar todas as transacções. O vulgo, que as paixões arrastam facilmente para onde bem lhes apraz, obcecado pelas cantatas da imprensa politica, passou d'um extremo ao outro, e á admiração que lhe causára a chegada espaventosa do ricaço a Lisboa, abrindo de par em par dourados salões a quantos se queriam divertir sem gastar coisa alguma, ao louvor que lhe merecera a liberalidade com que correspondia aos appellos feitos á sua bolsa pela cari-

dade, e ás vezes pela especulação pura, succederam os commentarios insolentes e asnaticos, e dentro em pouco ninguem via n'elle mais do que um especulador, que tivesse desembarcado no Terreiro do Paço com as algibeiras esvasiadas do pelintra, mas com a mente cogulada de planos para explorar este paiz.

Era, pois, recebida a catastrophe, que acabava de arruinar o Creso lisbonense, com essa dissimulada satisfação, que se encobre nas considerações deploradoras dos acontecimentos que lisongeiam o amor proprio, a vaidade ou o odio, mas que não ha a coragem de manifestar francamente.

— É uma enorme desgraça para aquella familia,— dizia em tom plangente um que se refestelára frequentemente nas copiosas ceias do barão. E depois, como a realidade era a d'um homem arruinado, que já não podia obsequiar, vinha á superficie da discussão a utilidade pratica do acontecimento, o discretear despreoccupado sobre o caso, e o ex-intimo concluia com os seguintes commentarios: — Eu sempre me pareceu que aquelle luxo era insustentavel... E o peior não é a quebra, é o modo porque o barão fugiu, deixando a mulher e a filha expostas á ira dos credores e aos procedimentos da justiça.

E desfiavam-se as ultimas particularidades, e contava-se a hora a que o barão sahira de casa, os botões de brilhantes que mandára vender na vespera, as notas que trocára por moeda estrangeira, na rua dos Capellistas, já ao dirigir-se para o caminho de ferro em que se escapulira.

*

Victima das mais rudemente colhidas na bancarrota do barão, o conde de S. Giraldo, por effeito da explosão que fizera saltar a casa do estrangeiro, fôra arrebatado á situação semi-prospera em que julgava caminhar novamente

aos dominios da abastança, e voltando a si, achava-se estatelado em rasa e plena miseria.

As ultimas illusões d'aquelle espirito de creança, excentricamente conservado no involucro senil d'um craneo que havia muito dava cabellos brancos, haviam sido dispendidas pelo conde no momento de confiar ao capitalista as duas dezenas de contos, apurados n'umas ultimas vendas de papeis de credito, verdadeira moínha do seu antigo capital, e dos ganhos pacientemente feitos ao jogo. Tudo o banqueiro promettera devolver-lhe em breve, multiplicado pela magica felicidade que acompanhava os seus emprehendimentos. O haver do senhor de S. Giraldo passára ás mãos do estrangeiro, que, por muito especial favor o queria fazer rico de um dia para o outro, offerecendo-lhe o braço para juntos darem uma volta sob a chuva de prosperidades pingadas da cornocopia que a fortuna inclinava á sua approximação.

E para chegar a este resultado nefasto, tinha o conde passado em claro uma noite, a primeira da sua vida n'aquelle genero, noite de horas não batidas discretamente n'um pendulo como receiando perturbar o enthusiasmo da orgia, mas pausadas, sonoras e ponderadas, qual cantilena do sereno, a lembrarem-lhe que havia muito durava o seu indeciso cogitar nos prós e contras do negocio em que lhe offereciam parceria.

A conquista da fortuna pelo jogo é problema em cuja solução frequentemente ensaiada pelas artes, paciencia a calculadas manhas do vicio, influe um termo constante e fatal: o ataque d'uma tentação momentanea em que se fecham os olhos, na resolução subita de quem se atira de cabeça á agua, esperando ao abril-os d'ahi a pouco ter presa nas mãos a fortuna, sendo porém o resultado, quasi sempre, vêr escapar-se por entre os dedos, como um punhado de areia que se tentasse reter, a poeira em que se desfaz o edificio do ganho erguido cuidadosamente.

Tal succedera ao conde.

Recentemente, o banqueiro tinha-o procurado fallando-lhe nos termos não do negociante que vem pedir emprestado um dinheiro que lhe é preciso, mas d'um amigo offerecendo delicadamente uma occasião de elevar ao quadrado os capitaes que lhe quizesse confiar. E o barão sorriu ás discretas perguntas com que o fidalgo buscava informar-se da especie do negocio, accusando o ascendente da cautella e desconfiança do arruinado, trabalhando com afinco no rehaver da riqueza.

Mas e estrangeiro conhecia já o senhor de S. Giraldo como os seus dedos. Sabia quena sua convivencia elle adquirira esse despreso do nacional, que é o luxo dos basbaques insignificantes que o Tolentino esteriotypou na sua carta ao duque d'Aveiro, immortalisando-os na toleima, os mesmos que nós hoje vemos entre gestos apanhados aos *titis* dos *boulevards* parisienses, declamarem que só os alfayates inglezes sabem vestir, que só em Londres se almoça e só em Paris se janta, isto quando o patrio torrão, Maçãs de D. Maria, Manteigas ou Crasto-Loboreiro, ressuma do seu physico, dos seus modos, do seu todo, a convencel-os do baldado empenho com que um burguez lusitano pretende volver-se *gentleman* só pelo effeito d'uma peregrinação ao estrangeiro, feita aliás na melhor boa fé, como as dos macavencos a Santa Quiteria de Meca.

O banqueiro fallou ao conde n'um negocio a realizar em praças estrangeiras, porque lhe conhecia a aspiração de ser rico para ir viver fóra do paiz; porque lhe ouvira que aqui tudo era mau, pequeno, mesquinho e atrasado: os hoteis e as modas, os costumes e as idéas; as emprezas insignificantes, bagatellas os lucros a auferir.

Por isso lhe apresentou uns termos vagos e vistosos, attrahentes como uma negaça bem ensinada. Fundos estrangeiros a comprar; alta certissima em vista de informaçõs secretas d'um seu amigo diplomata; as contas fabulosas d'uma

transacção igual, já realisadas, varios jornaes economicos e boletins de cotações das bolsas de Londres e Paris, foi o que elle deixou para servir de estudo ao conde, antes de lhe dar a sua resposta.

Vinte e quatro horas depois o fidalgo entregava-lhe quanto possuia, tendo passado metade d'este tempo a olhar para as cifras d'aquelles papeis, incomprehensiveis para elle como uma inscripção cuneiforme, ao passo que o pensamento lhe era alternadamente solicitado pelo temor de entregar ao azar d'uma especulação todo o seu haver, e pelas scintillações fascinantes da probabilidade de receber duzentos contos pelos vinte que possuia, brilhando repentinamente entre a penumbra do seu espirito já incerto e fatigado, como o pyrilampo na escuridade nocturna.

*

Foram as lamentações do conde, vindo desafogar no coração do seu amigo mais certo, que levaram ao conhecimento de Vasco a nova da fallencia do banqueiro.

E o bellisimo ingenuo que se julgava um sceptico a quem o mundo não poderia já espantar com decepções, miserias ou extravagancias, o innocente que, depois do succedido com a familia de Mont'eirado, acreditava possuir a ultima palavra do que a sociedade póde fabrcar de mais imprevistamante comico ou dramatico, a custo achava a compunção com que devidamente acolhesse a desgraça do amigo, porque a catastrophe que o motivára lhe vinha encher a alma de ventura. Para elle, a fallencia do banqueiro era Pepita descida dos pincaros da opulencia ao nivel da mediania, senão da pobreza em que a marqueza a não quereria para esposa de Jorge, em que podia solicitar sem escrupulo a sua mão. E como o egoismo era um elemento incompativel com a sua indole, sentia de certo modo a perda do conde, concebendo, porém, a nobre esperança de que o seu

trabalho de medico fosse a unica receita da casa em que vivessem como irmãs a sua felicidade e a desdita do fidalgo.

E a sua voz foi tão eloquente a expôr que a verdadeira força do homem é aquella com que o seu caracter resiste ás tormentas da vida, havia tal convencimento na sua apologia do trabalho, não só como lucta pela existencia, mas como deleite e satisfação, que mais d'uma vezjulgou o conde estar ouvindo uma predica do sacerdote que o educara, porém amenisada e racional, porque não a defumavam incensos casuisticos, nem a sobrenaturalisavam as premissias theologicas.

Quando Vasco concluiu, o senhor de S. Giraldo estava quanto possivel conformado com a sua sorte, antevendo compensação mais que sufficiente da perda que soffrera, n'essa vida de familia que lhe descrevera, e que era de ha muito o ideal dos seus momentos mais lucidos.

Aterrava-o, como um espectro, a perspectiva da sua velhice abandonada á triste recordação do passado, voltando cada vez mais insistante e accentuada, semelhante â mancha de sangue na dextra assassina de Macbeth.

Influenciado por taes idéas, Vasco escrevera á filha do barão de Rio Oiro, dizendo-lhe apenas que julgava chegado o momento, a que ella já se referira, de cumprir um dever, procurando-a. E como a resposta se fizesse esperar alguns dias, voltando nos termos d'um agradecimento delicado por amisade provada em situação improspera, segunda carta recebeu Pepita, mas já do apaixonado exorando uma entrevista, na qual claramente deixava transparecer o proposito de pedir a sua mão.

E, quando lhe foi concedida, dirigiu-se a ella, não correndo, mas voando, arrebatado pela atmosphera romantica de circumstancias casuaes, como uma constituição nevosa ressentindo-se de um tempo de trovoada.

XXVI

Era a noite de S. João. Nos ares subiam e espalhavam-se, com effluvios de incenso por entre as naves d'uma cathedral, o burburinho dos descantes populares, o zumbir turbulento da alegria uma vez expendida pelos que trabalham muito e folgam raramente.

Vasco deixava-se embalar pela poesia do momento, julgando-a um feliz presagio do futuro, como quem via nas harmonias do regosijo geral uma promessa da sorte, no instante em que ia tomar o mais serio compromisso.

Chegando ao palacio do fugido banqueiro, veio accommettel-o uma primeira e dupla desillusão. Pepita não estava em qualquer das janellas esperando a sua chegada, e o aspecto geral da casa era o mesmo das noites em que ahi reinava o socego da fortuna.

Junto á entrada, o porteiro, fardado, com o ar arrogante dos serviçaes das casas grandes, as luzes da entrada todas accezas, e pela porta da cocheira entreaberta viam-se os moços da estrebaria desatrellando a parelha do conhecido *landeau*, madraçamente, assobiando o fado.

Dir-se-ia que para aquella casa corria o tempo mais feliz, e que em meio d'ella não estalára uma granada carregada não só com a pobresa, mas com duras suspeitas.

Vasco, sem perceber o que via, dirigiu-se ao porteiro, mas não lhe tinha ainda dirigido a palavra, e já este o interrogava;

—E' o sr. Vasco da Nazareth?

— Sim, senhor.

— Faz favor de subir. A menina está jantando. Entrou agora mesmo; ainda estão a recolher o trem; como está para sair breve de Lisboa, não quiz ficar sem vêr a praça da Figueira armada para a noite de S. João.

E tudo isto era dito n'um tom em que Vasco bem percebia uma fingida deferencia pela sua pessoa.

A escada que subiam, não obstante a sumptuosidade que mostrava, trouxe ao medico a lembrança d'uma entrada de grande hotel, e não de casa de familia. Entre estatuas e espelhos viam-se malas e saccos de viagem, por toda a parte se accusava o desalinho das habitações em que a abundancia tudo obteve, menos a ordem, como o dinheiro tudo compra, menos a saude ou a ventura. D'um patamar fugiam um criado e sua collega surprehendidos em colloquio de natureza equivoca, emquanto lá no ultimo andar um rancho de criadas chacoteavam baixinho, espeitando curiosas.

O porteiro abriu uma porta do segundo andar, e entrando n'uma primeira sala, tocou a campainha electrica. Appareceu um criado, a quem disse:

— Vá prevenir a menina de que está aqui o senhor que ella espera.

— Quem?

— O senhor que ella espera; diga assim, não é preciso mais explicações.

E, saindo o companheiro, proseguiu para Vasco:

— E' o segundo criado de meza, um doutor de marca, mas para cá vem barrado.

O criado voltou, e pedindo a Vasco que o seguisse, fel-o atravessar uma serie de salas ricamente guarnecidas, até que pararam n'um gabinete de requintada elegancia, que declarou ser dominio especial da gentil estrangeira.

Esperando, o medico recobrava a custo a tranquillidade de idéas perturbada por todo este espectaculo, diametralmente opposto á sua espectativa. Tomava-o uma surpreza e receio, como a de neophyto ao tirarem-lhe dos olhos a venda com que entrou na loja maçonica. Surprehendia-o encontrar n'essa casa, em vez do silencio e consternação proprios d'uma recente fatalidade, o bulicio estouvado d'um

café, e um bom humor, tendo tanto de despreoccupado como de pouco edificante. Receava já ter chegado até ali, porque via os mesmos attestados de opulencia que no dia immediato ao da fugida do estrageiro o tinham feito partir envergonhado da porta da estrangeirinha a quem vinha offerecer, n'um movimento de dedicação sincera e louca, o seu apoio insignificante. Este aspecto de morada que a riqueza parecia pouco disposta a abandonar, para ceder o logar á pobreza, fazia-lhe antever o seu offerecimento como ridiculo, tolo, sem razão de ser, quasi uma offensa para a pessoa quem era feito. E querendo achar escolhida fórma de expôr o fim para que ali vinha, mas discretamente, guardando uma prudente retirada, ensaiava as phrases que iria dizer a Pepita, e nada formava de completo e unido, embrulhava-se e confundia-se, dominado pelo mal estar moral d'um deputado a quem pela vez primeira vae caber a palavra.

Por instantes, a força do bom senso, a consciencia do recto pensar, a convicção do passo digno que dava, dominavam-lhe a perturbação do espirito, proporcionando-lhe momentos de lucidez e de força. Elle é que estava com a verdade e com o bem.

Era ou não um facto a fallencia do barão? Era. Que importava então que a chamada ruina de sua casa, fosse ainda por mais algum tempo um simples modo de dizer? Havia de chegar, e ainda que jámais chegasse, materialmente, com todo o seu cortejo de privações, elle é que não tinha que se importar se o chamado: *ficar sem nada*, dos fallidos, era pura figura de rhetorica, auctorisada, admittida, tornada um direito cosuetudinario, pela moral relaxada d'uma sociedade e d'uma epoca egualmente faltas de escrupulos.

Para Vasco, a verdadeira theoria da quebra, era a que lhe apresentava o fallido, arrancando das paredes os quadros preciosos, tirando as joias dos dedos e do pescoço da mulher, apeando o trem, e guardando apenas o fato que

trouxesse no corpo e um bocado de pão, mas pagando a todos os credores, pagando sempre, reduzindo encarniçadamente o deficit trazído ás suas finanças por má sorte ou boa extravagancia. Era esta a quebra, segundo a moral e o codigo do commercio a da consciencia e a da lei.

Se as coisas se passavam d'um modo inteiramente differente, podia deplorar o uso, mas não admittil-o no seu fôro pessoal.

Portanto, para elle, Pepita era pobre; mais pobre do que os que trabalham hoje para viverem ámanhã, porque, consciente ou inconscientemente, recebia uma esmola duplamente chocante, esmola ainda rica, feita pelos arruinados na bancarota de seu pae. E então erguia a cabeça, quizera que ella entrasse n'aquelle instante para lhe offerecer uma casa, pobre sim, mas de que ninguem teria o direito de levar o quer que fosse, deixando ainda com justiça, em seu logar, uma apostrophe de ladrão!

*

Entretanto, entravam pelas janellas, misturados com a frescura da noite, já de todo descida sobre a cidade, n'uma das eminencias da qual assentava o palacio, os echos da algazarra que lá ia em baixo, no Rocio.

E quando o borborinho chegava menos accentuado, ouvia-se o tilintar dos pratos no marmore dos aparadores, e o conversar salpicado de risos partidos da sala de jantar proxima.

Attentando n'estes rumores que o impressionavam desagradavelmente, com um começo de desillusão, ou antes com a justa idé da pouca importancia que a entrevista, que para elle era tudo, produzia no animo da estrangeirinha, Vasco ouviu distinctamente o correr das rodetas de uma cadeira, e depois o raçagar d'um vestido sobre o tepete misturado ao rumor de passos, e, como ultima impressão,

a bulha do fecho da porta abrindo-se e deixando perceber, já entre os fumos da perturbação que ia envolvel-o, a figura elegante de Pepita.

Depois, por alguns momentos não soube bem o que se passou, o que disse á hespanholita, nem a sua resposta. Tinha apenas idéa d'um aperto de mão, e, vagamente, d'umas palavras banaes.

Mas, em compensação, a primeira phrase que, já meio senhor de si, percebeu a Pepita, pareceu fixar-se-lhe na memoria, lettra a lettra, com a energia, clareza e precisão d'um facto que nunca mais se esquecerá.

— Agradeço-lhe duas vezes a sua dedicação, pelo que vale, e pelo momento em que me é testemunhada.

Não respondeu. Esquecia tudo, a olhar attentamente aquella rapariga, por quem se apaixonara, quasi sem ter uma idéa bem precisa do seu physico.

Ella percebeu isto e sorriu. Estimara que a sua phrase ficasse sem resposta; estava assim cumprida uma formal civilidade a que não quizera faltar, mas agradava-lhe que sobre o assumpto não proseguisse a conversa.

Com um modo inteiramente franco e despreoccupado, como se fallasse a pessoa a quem a ligasse a intimidade, continuou:

— Sabe? Estimo que viesse hoje.

— Porquê, minha senhora?

— Porque me encontra muito alegre e satisfeita.

— Sim?!

— E verdade. Recebemos hoje a primeira carta de meu pae. Fiquei tão contente, que me senti disposta a ir vêr os preparativos para as festas de S. João. Gostei muito. Tenho pena de sair de Portugal, sem o conhecer melhor. Não imagina quanto eu gosto d'este povo; ainda agora, quando vi os ranchos de... como é que lhe chamam?... ah! de varinas, que desciam para a praça, senti uma grande pena por não fazer já este verão a viagem que meu pae planeára

ao Porto, a Aveiro, ao Minho... e não me lembro aonde mais... Mas, veiu este contratempo...

E o *contratempo*, foi dito d'um modo natural, que fez estremecer o medico, porque só podia ser a expressão de muita innocencia, ou de muito cynismo.

— Sinto que v. ex.ª saia de Lisboa, mas espero que a sua ausencia seja breve — respondeu Vasco para encaminhar a conversa para o que mais o interessava.

— Quem sabe...

— Deve sabel-o v. ex.ª, e não levará a mal que eu peça que m'o diga. Deve mesmo achar isso natural!

Pepita sorriu tristemente.

— Acho. E bem feliz seria, talvez, se tivesse tanto interesse em lhe responder como descubro na sua pergunta. Não me percebe, bem o vejo. Eu queria evitar umas explicações, sinceras da minha parte, mas que o hão-de affligir. Preferia que me ficasse julgando ingrata, estouvada, desleal, fosse o que fosse; mas não posso. O modo por que acaba de me interrogar, dá-me a impressão mais viva da idéa que eu já fazia de si: é bom, é sincero, é digno e nobre, foge de rodeios e só procura a verdade; custe o que custar a nós ambos, ha-de conhecer-me tal qual sou.

Emquanto Vasco esperava, sem saber o que pensar, a conclusão do que ouvira, Pepita levantou-se e foi fechar a porta, que ficára entreaberta. Depois, como se n'aquella casa em que havia tanta liberdade de viver, temesse que alguem a ouvisse, fez signal ao medico para que a acompanhasse á larga janella.

E quando sós juntos um ao outro, hombro com hombro, encostados ao parapeito da varanda suspensa em grande altura sobre a cidade, de cujo centro se levantava uma atmosphera de saudosa poesia em meio da tranquillidade nocturna, o visionario esperava colher a felicidade n'uma confissão da estrangeira, sentiu parar-lhe de repente o bater apressado do coração:

— Acho effectivamente natural o seu desejo de saber se volto a Lisboa. Que menos poderia perguntar-me quem, fiado em palavras minhas, de que eu não tinha consciencia, me offerece toda a sua vida?

— Não tinha a consciencia! — interrogou Vasco, levemente reprehensivo e surpreso.

— Escute-me com socego. Não se julgue objecto d'um capricho passado e d'um despreso presente. Não phantasie um rival. Ninguem lhe rouba o meu amor, porque para se roubar alguma coisa, a primeira condição, indispensavel, é que essa coisa exista.

O medico, livido, replicou tristemente:

— Mão se pode matar uma illusão, nem despedir um importuno, com mais delicadeza.

— Engana-se; mas perdôo-lhe essas palavras. Muito de proposito disse *o meu amor*, e olhe que esta palavra é de pronuncia melindrosa, ainda para uma rapariga excentrica e estouvada, como eu tenho a fama de ser. Disse amor, porque não podia dizer amisade, pois a minha amisade pertencer-lhe-ha sempre, por distantes que estejamos. Mas o que eu não posso, é acceitar o nome d'um homem que respeito, mas ao pé do qual eu estou, aqui, sósinha, socegada e tranquilla, como se elle fosse meu irmão.

— Comtudo, houve um momento em que v. ex.ª me deixou antever sentimentos differentes; a culpa foi minha, não aproveitei a occasião .

— Vingue-se do mal que lhe faço pelo ridiculo, pelo despreso, ou mesmo pela offensa . . N'este momento tudo lhe devo perdoar, porque vinha sonhando um futuro ditoso, e eu acordei-o para esta dura realidade.

— Antes assim.

— Não conheço bem o futuro que esta crise dos negocios de meu pae nos prepára. Pelo que nos escreve, não é mais do que uma passageira difficuldade, como as que em outras occasiões tem sabido vencer. E, já que fallo n'isto,

deixe-me dizer-lhe, apesar da sua lealdade, não me admira a desconfiança que lhe estou lendo no rosto pelo que lhe tenho dito...

— Eu, desconfiar!...

— E' um defeito nacional. Muito desconfiados são todos aqui! Imagine que hontem, appareceram ahi dois sujeitos, muito encolerisados, a procurar para onde meu pae fôra, dizendo que tinham depositado dois contos na sua caixa, e mostrando um tal receio pelo seu dinheiro, que me revoltou. Disse-lhes que se demorassem um instante, porque eu tinha ordens para lhes pagar. Mandei a minha criada vender umas joias, e lá se foram socegados.

— Mas v. ex.ª sabe se esses individuos tinham effectivamente direito a tal restituição? — perguntou Vasco, afastado por esta diversão da conversa para novas regiões, em que o caracter de Pepita se lhe tornava cada vez mais incomprehensivel.

— Eu não! Queriam deixar-me um recibo, mas vingueime da sua desconfiança, dizendo-lhes que não era preciso, que o mandassem entregar no escriptorio ao guarda-livros quando quizessem.

— Foi uma imprudencia pagar-lhes assim. E se forem dois ladrões?

— E' o mesmo. O que eu não podia era supportar que estivessem a pôr em duvida a honradez de meu pae. Como elle ha de pagar a todos, as contas d'estes dois fal-as-ha depois commigo; muito mais lhe devo eu de emprestimos que me tem feito para as minhas despezas. Sou muito extravagante, concluiu, sorrindo.

No cerebro do medico revolviam-se tumultuariamente as mais differentes e encontradas idéas, supposições e desconfianças sobre a sua interlocutora e o que lhe ouvia.

O silencio, resposta eloquente em muitos casos, era a que elle dava á estrangeira.

— Está zangado commigo, bem vejo. Quando pensar

mais socegadamente, ha de fazer-me justiça, e será meu amigo. Olhe, a outro qualquer talvez não dissesse, como lhe disse francamente, as razões por que não acceito a sua mão. Deixal-o-hia esperar a resposta, até se resolver esta crise. Porque, talvez não acredite, uma das coisas que eu desejo conhecer é a pobreza. Quando leio, ás vezes, a descripção dos tormentos da necessidade, não quero dizer propriamente a fome, mas esse estado em que se ambiciona muita coisa que se não póde ter, sinto inveja d'essa gente, porque estou farta d'esta massada de possuir quantas coisas desejo, e de não achar a minima difficuldade em as obter, o que lhes tira o valor.

O medico respondeu com um sorriso, para a estrangeira uma resposta banal, mas que realmente dizia muito. Era a constatação triumphante da theoria que tinha sobre o formar d'um caracter. Tal o zoologo se conserva mudo e quieto no osconderijo d'onde observa os habitos d'um pachiderme desconfiado, assim elle, entrincheirado no silencio, queria deixar que o feitio moral da hespanhola, da rapariga creada entre um luxo e uma liberdade a que nenhumas regras ou cuidados tinham servido de tempero, se manifestasse livre e plenamente.

— Veja se não é extraordinario: para mim, as lembranças da vida, são as d'um aborrecimento permanente. Uma constante massada; dias compridos, que eu pretendo matar occupando-me ora a regar as flôres da estufa, ora com uns bordados que sempre começo com enthusiasmo, mas que nunca termino; depois, contando divertir-me no passeio á tarde, de carruagem, que me sae tão monotono como tudo o mais, e no qual espero anciosamente a noite de theatro ou de *soirée*, em que ás onze horas estou a caír de aborrecimento. *L'ennui toujours au fond*, como diz Lamartine.

E, como Vasco sorrisse novamente, a filha do barão accrescentou entre um subito desespero:

— Podéra, se é todos os dias e sempre a mesma coisa!...

Poucas vezes me tenho sentido, não direi feliz, porque eu andava sempre mortificada, mas distraída, vivendo, tendo uma certa energia, não contando as horas, meias horas e quartos do tempo massador, como durante os dias da nossa aventura. Esperava com anciedade as cartas, que eu já sabia não serem do D. Jorge; compunha phrases para a resposta, e depois do episodio da sessão litteraria, quando fiz a proeza de lhe ir atirar o bilhete pela janella, andava como n'um paraizo, anciosa pela sua resposta, a espreitar pelas janellas a vêr se o via apparecer; até deixei uma noite de ir ao baile do paço, para que havia tanta influencia, porque me parecera tel-o visto passar por aqui na vespera á noite, já tarde bastante. Passou alguma vez, depois de eu lhe ter escripto? Diga. E' uma curiosidade.

— Não passei. As minhas idéas então eram de que eu não devia tornar a vêr v. ex.ª.

— E eu pensava justamente o contrario. Agora trocámos os papeis. Mas ambos havemos de ter juizo.

Calou-se; e depois de breve silencio:

— O que queria eu dizer ainda agora? Ah! já sei. Se a sua prrposta me fosse feita por outro, não lhe diria sim, nem não. Depois de resolvidos os negocios de meu pae, se ficassemos pobres e essa vida nova me distrahisse, desenganal-o-ia então. Se precisasse viver mais folgadamente, dizia-lhe que sim, se fosse rico; se o não fosse, buscaria quem tivesse fortuna. Mas a si, digo-lhe claramente que não, porque é o melhor de quantos tenho conhecido. Não me queria pela minha riqueza, como os mais; mas, apezar d'isso, conheci que me enganava, julgando ser o *tal* que eu espero ha muito tempo, mas que já desconfio de que nunca ha de apparecer.

E limpando umas lagrimas, que luctavam com um sorriso forçado, como n'uma instantanea comprehensão da sua infelicidade moral, com o gesto doloroso de quem adivinha a doença que a consome, concluiu:

— Nunca ha de apparecer; mas a culpa não é d'elle. . é minha... Se não sei o que desejo!

*

Com o avançar da noite era cada vez mais estrepitosa e viva a animação que lavrava no seio da cidade. O constante sussurro, o permanente borborinho eram como um tom consecutivo de acompanhamento n'um concerto, em que, ora as vozes de homens e mulheres cantando á desgarrada, ora os sons das flautas, violas e ferrinhos d'um descante, se alternavam com o tremelicar metalico das guitarras e as esganiçadas trovas dos fadistas, glosando ao desafio.

A's vezes, por entre a escuridão da noite, brilhavam as fagulhas d'um foguete cortando o espaço endiabradamente e fazendo estalar nas alturas as suas bombas, com auctoridade, sobre a bulha inferior.

O momento era animado de mais para que as tristezas e pensamentos graves de Vasco lhe resistissem, e á satisfação que parecera tomar a estrangeira á idéa que elle tivera de remetterem ao futuro a resolução definitiva do assumpto que os occupára.

Tanto quanto a meia cegueira de apaixonado lh'o permittia, o medico concluiu rapidamente do seu exame que na hespanholita havia, nem mais nem menos, do que uma perola que a existencia que até ali tivera não conseguira estragar, e a que a educação d'um bom marido daria um valor inapreciavel.

*

Ao caír da noite seguinte, Vasco, esperançado no bom exito da tarefa que ia emprehender, apresentava-se a procurar a filha do barão, e recebia o choque fortisimo da noticia dada pelo guarda portão de que as senhoras tinham partido de manhã, no paquete.

Por unica consolação, ou para maior desespero, restava-lhe entre os dedos tremulos um bilhete com estas palavras: «Perdoe-me tel-o enganado e partir sem lhe dizer adeus. Quando mais tarde pensar a sangue frio, conhecerá que fiz bem. Não devo animar essa derradeira esperança, que hontem lhe deixei conceber, para o não apoquentar mais, mas abandone-a, peço-lhe. Tenho a certeza fatal de que d'aqui a um anno, a dois ou tres, pobre ou rica, serei a mesma creatura incapaz de o tornar feliz »

Leu isto, sentindo uma impressão de magua, como jámais experimentara nos momentos da sua maior tristeza. Na realidade, porém, soffrera-as muito mais vivas; mas a differença estava em que, como nos paineis, se os claros e os escuros se dão reciprocamente valor, no quadro dos sentimentos a dôr sobresae n'um tom mais quente, quando desponta no fundo d'uma recente e viva alegria.. Era o que lhe succedia, porque havia momentos apenas que entrara esperançado e risonho a porta d'aquelle palacio em que agora julgava descobrir uma inscripção como a que Dante escreveu no limiar do seu inferno.

Entretanto, o *Ville de Marseille* perde de vista, entre a penumbra da noite que desce para o mar, essa linha indecisa no horisonte, ultimo indicio da costa de Portugal.

Indifferente ao rolar do navio que enjôa os passageiros, despresando a *poeira da estrada*, como os maritimos pittorescamente designam o rocio com que as ondas, depois de lamberem o costado, burrifam o convez, Pepita conservava-se na tolda.

O ranger do casco cortando as vagas, o vento zumbindo pelas enxarcias, o bater monotono da machina, tudo forma um côro lugubre, plangente, como apropriado acompanhamento dos pensamentos tristes, confusos, que busca ordenar.

E' o receio das consequencias que a sua fuga subita produzirá no animo de Vasco; é a consciencia pretendendo

convencel-a de que fez bem em cortar, quanto antes, aquella paixão a que não pode corresponder; é uma especie de accusação que a si mesmo formula, perguntando-se porque é que tendo passado toda a vida rodeada de venturas, sem jámais concorrer para a felicidade de ninguem, sem nunca ter prestado o minimo serviço a qualquer ente humano, se sente incapaz de tornar feliz esse desgraçado, de fazer uma quasi obra de caridade correspondendo ao affecto d'esse homem, que reconhece por todos os motivos digno de boa sorte?

E responde-se constatando pela vez primeira a esterilidade do seu coração, atrophiado por uma vida de sentimentos ficticios e perigosos, que a inutilisaram para as legitimas commoções. N'essa existencia inutil de tantos annos passados entre contentamentos fracos, porque permanentes, sem contrariedades ou cuidados que lhes dessem valor, todas as suas emoções se tinham gasto na posse d'uma joia caprichosamente rica, n'uma viagem interessante, ou em pequenas phantasias realisadas mal desabrochavam no seu pensamento. E da facilidade com que tudo obtinha, resultára a ambição d'um impossivel: d'um homem, como o idealisava.

Mas n'este ponto o ambicionar de Pepita fôra a sua desgraça. Nas lembranças da herdeira milionaria conservava-se uma verdadeira collecção de pretendentes, que todos a tinham fascinado um instante, a quem dera algumas horas de esperança, emquanto não descobria as suas faltas aos muitos requisitos a que deviam satisfazer. Como ella o dissera á sua camareira, na madrugada depois do concerto, ao lêr a primeira carta de D. Jorge, este a cavallo era sublime, mas em tudo o mais insupportavel; o official com quem dançára toda a noite, na valsa e no airoso da figura era inexcedivel, mas d'um semsabor de agua morna; e a graça que lhe faltava existia em pilhas na figura mephistophelica d'um visconde cuja côrte acceitára emquanto a

soubera fazer rir. Mas esgotado o reportorio, quando o espirituoso só tivera bons ditos em segunda edição, fugira espavorida da sua fealdade.

Vasco fôra para a filha do banqueiro, antes de tudo, uma novidade. Tinha o encanto do mysterio, a poesia do amoroso desprotegido pela fortuna, mas rico de talento para exprimir a paixão, e no enredo da aventura que os ligára fôra inebriada um momento pela atmosphera romantica entre a qual se desenvolvia.

Emquanto durára essa influencia, escutar as apologias de Vasco feitas pelo conde, esperar anciosamente as suas cartas, lel-as e responder-lhe com um enthusiasmo sempre crescente, commetter a imprudencia de lhe atirar á noite, pela janella, um bilhete provocador, como faria qualquer costureira apaixonada, tudo a levára a acreditar que o seu coração fôra finalmente avassallado por uma verdadeira paixão.

Mas, symptoma cruel de que então não reconhecera toda a importancia: o vêr o seu heroe no sarau da marqueza, quando já tinha a certeza de ser o aucter das suppostas cartas de D. Jorge, não lhe causára nenhum sobresalto. Era o primeiro indicio de que a chamma em que julgava arder não era mais que um fogo fatuo, que, passadas as primeiras illusões e os enthusiasmos ficticios motivados apenas pela novidade das circumstancias, lhe fazia dizer a Vasco que estando a seu lado, n'uma hora de poesia, só experimentava por elle uma afeição de irmã.

Podessem todas essas qualidades, que reconhecera adornando diversos homens, juntar-se n'um só. Apparecesse um entre privilegiado que montasse como D. Jorge, que valsasse como o bello official, que possuisse o espirito do visconde, o talento de Vasco e o seu bello caracter, e ella o amaria loucamente. Porém a experiencia ia-lhe chegando com a approximação das difficuldades e contratempos da vida, e o seu espirito, como que penetrando as trevas em

que até ali permanecera, começava a mostrar-lhe a sua aspiração como irrealisavel, ao mesmo tempo que um remorso a assaltava ao lembrar-se de Vasco. A cada novo recordar, sentia por elle mais respeito, maior veneração, mas não amor. E Pepita, se tinha innata em si a honestidade sufficiente para não o enganar fingindo amal-o, tinha tambem incutidas nos seus sentimentos as influencias da vida de coquettismo, de luxo, de liberdade mundana, creadoras de desejos sobre os quaes tambem se não fazia illusão.

E fixando a escuridão da noite, e ouvindo o mugir das vagas, parecia-lhe descobrir o seu carregado futuro. Antevia-se mais propria a ser a amante d'um homem que não venerasse o bastante para chamar marido, do que esposa d'aquelle que a não enthusiasmasse como amante Então formulou-se no seu espirito a primeira maldição ao systema por que fôra educada.

XXVII

O edificio da sonhada felicidade caindo e esmagando sob suas ruinas todas as esperanças de Vasco, prostrou-o no leito da doença.

Uma febre violentissima, que resiste aos mais energicos combates da medicina, ha dias que o traz entre a vida e a morte.

O conde de S. Giraldo, desde que o medico declarára em perigo o seu joven amigo, não abandonára mais a cabeceira do doente. N'esta grande preoccupação e anciedade, o conde esquecera inteiramente que a fuga do barão era tambem para elle a ruina, a desgraça. A's vezes apertando a mão escaldante do doente consumido pela febre, acudia-lhe por momentos a realidade dos ultimos acontecimentos, e a perspectiva da pobresa não o assustava uma vez que a sorte conservasse a vida ao seu amigo.

O pae de Vasco, o mordomo, parecia descontente e inquieto com a mudança que observava no fidalgo. Nos primeiros dias, quando elle encetára a sua tarefa de enfermeiro, perguntára-lhe:

— Então o sr. conde não sae?

— Saír? eu! quando Vasco está n'este estado!

— E os seus negocios? Os credores do barão teem-se reunido, para vêr se conseguem salvar alguma coisa.

— Não penso agora n'isso.

Dias depois, Florencio, muito enleiado, viera annunciar ao amo uma desagradavel noticia.

— O que é? perguntára o conde com grande indifferença.

— Está prestes a chegar a pessoa que comprou o palacio a v. ex.ª

— Sairemos d'aqui assim que Vasco estiver restabelecido.

— Mas, o sr. conde... occupa alguns quartos no andar nobre e...

O fidalgo encolheu os hombros, como respondendo que nada se lhe dava; depois, pareceu concentrar-se alguns instantes, e disse para o mordomo:

— Sim, é verdade, todos nós temos que tomar certas resoluções. Eu é que sou aqui o verdadeiro hospede; tu já não és meu mordomo; ha muito que aqui estás, não como tal, mas como encarregado de guardar o palacio, por quem o comprou. E' natural que fiques. Eu é que tenho de sair. Muda para a tua casa tudo que lá tenho em cima. Em quanto Vasco estiver em perigo aqui ficarei; depois, irei para um hotel.

Vasco, saido um instante da modorra febril, escutava estas palavras, e disse com voz fraquissima:

— Não, sr. conde, mas para nossa casa.

O conde apertou-lhe a mão, e com um gesto ordenou-lhe silencio, disfarçando mal que os olhos se lhe marejavam.

O pae de Vasco parecia cada vez mais inquieto. Recebia todos os dias telegrammas do estrangeiro, da madrinha do filho, dizia, a pedir noticias, e respondia-lhe logo.

Da sua parte havia um empenho evidente em esconder tudo isto ao conde, e em o capacitar de que o estado do filho não merecia já o sacrificio da sua presença dia e noite. O fidalgo, um tanto intrigado, attribuia comtudo o proceder do seu ex-mordomo, que nunca fôra um servidor dedicado, ao facto de se querer vêr livre da sua presença para inteiramente se dedicar a dispôr as coisas para fazer ao dono do palacio uma recepção que o collocasse nas suas boas graças. Acreditava isto facilmente, porque concorria para certas esperanças que afagava: naturalmente Vasco reprovaria o proceder do pae, e não qnerendo continuar ali, separar-se-hia, talvez, podendo então o fidalgo viver com elle.

Entretanto o seu estado não apresentava melhora. Com pequenas alternativas, a febre mantinha-se ameaçadora, lançando frequentamente o doente nos ardores do delirio. N'essas occasiões, Vasco descerrava os seus intimos pensamentos, e as preoccupações constantes da sua vida, o amago do seu padecer moral de tantos annos, revelava-se em sentidos queixumes

Uma vez, o conde, ouvindo-o, ficou tristemente impressionado.

Era ao cair da trade, tarde amena de verão em começo, embalsamada e quente. A claridade suave dos ultimos raios do sol a desapparecer no horisonte, atravessava as cortinas da janella e dava ao quarto do doente uma tranquilla penumbra. Qnasi se não ouvia o rumor da rua, sempre de pouco transito, e áquella hora quasi deserta; e ao quarto que dava para os jardins do palacio chegava apenas o pipilar dos passaros nos seus arvoredos, quebrando suavemente uma quietação e silencio, que ao mesmo tempo punham em relevo quando se calavam

O doente em delirio evocava as tristes reminiscencias da sua vida.

— Mãe!... uma enfermeira: Eis o que me falta. Para quem soffre, physica ou moralmente, nada ha como a solicitude materna.

O conde escutava-o, e sentiu apertar-se-lhe o coração. Cóm effeito, nunca ouvira o mordomo fazer a menor referencia á esposa, fallecida antes d'elle vir substituir o irmão no serviço da casa; nunca o ouvira fallar ao filho a respeito da mãe Insensivelmente, tomou a mão do doente, como para lhe affirmar novamente uma amisade segura. Vasco acordou em sobresalto, paracendo ter surprehendido o assumpto do seu delirio.

— Perdão, senhor conde — disse — desculpe este ingrato. Sei que uma amisade de mãe não seria maior do que a sua. Mas que quer? Não a conheci, e a sua idéa é o prazer e o tormento da minha vida. Depois, na minha curta carreira de medico tenho visto o que é uma figura de mulher á cabeceira do doente: é como um anjo a fazer-lhe um docel com as azas. Sabe em que eu penso, ou melhor o que vejo, assim que o delirio me toma?

— Delirio?!

— Então sr. conde, não esqueça que eu sou do officio... Com esta febre, é naturalissimo... Mas isso não quer dizer nada...

— Porém não deves fallar.

— Bem sei. — Deixe-me contar-lhe só isto: sabe o que eu vejo quasi sempre? um campo de batalha, feridos por todos os lados, e as ambulancias de cruz vermelha, uma irmã de caridade ao pé de cada desgraçado, e eu, ferido com elles, só, sempre só, nenhuma se approxima de mim!

O mordomo entrou n'este momento, e o conde adivinhou um successo extraordinario no seu rosto transtornado.

Vasco cerrára os olhos, caindo em profunda modorra febril.

— Sr. conde — disse o mordomo a meia voz — tenho um grande favor o pedir-lhe.

— E vem a ser ?...

— Que se ausente d'aqui o resto do dia.

— Porque motivo ?

— E' o medico que o recommenda.

— Não ha tal. — Faltas á verdade.

— Eu, sr. conde !

— Sim : Tens um motivo qualquer para esta nova tentativa, a fim de que eu abandone o Vasco ; mas tu que o escondes, é porque elle não é bom.

O mordomo fez um gesto de impaciencia, e o conde percebeu-lhe a intenção, n'um momento formulada e combatida, de lhe mostrar um peqneno papel que tinha na mão. No pensamento do fidalgo, passaram então, com uma velocidade vertiginosa, varias idéas : aquelle papel seria, de facto, uma ordem do medico ? a sua presença estaria prejudicando o doente ? Olhou successivamente para Vasco e para o mordomo, agitado ainda uma vez pelo vago pressentimento d'um mysterio existente entre aquellas duas pessoas. Os seus olhos, uma vez ainda, e mais imperiosamente do que nunca, dirigiam ao mordono essa pergunta a que sempre o via perturbar-se : quem dirá que elle é teu filho ?

O conde avançou para o mordomo, e ordenou-lhe :

— Dá-me esse papel !

Instinctivamente o interpellado ia guardal-o na algibeira, mas o amo tomou-lhe o pulso com força, repetindo :

— Dá-m'o, — Está ahí o que tu não queres dizer !

— Pois bem, sr. conde, aqui o tem. O que ha-de ser, seja. — Mais tarde ou mais cedo tinha de o saber.

O conde abriu o papel com mão tremula, e mal o correra com os olhos, tornou-se livido como um cadaver ; o escripto resvalára-lhe das mãos que apertavam a fronte como para moderar o impeto d'uma vertigem, o corpo va-

cilante, apoiou-se com força a uma columna do torneado leito de Vasco. O doente sobresaltou-se, acordando:

— Dê-me agua, meu pae. Esta sêde mata-me. O mordomo tomou um copo da beberagem receitada e ia dar-lh'o mas o conde, bruscamente, colerico e ameçador, tirou-lh'o da mão:

— Foi a mim que elle a pediu! — Em seguida, o rosto transfigurou-se-lhe, tomando a mais accentuada expressão de carinho e ternura, emquanto dizia ao doente: aqui tens, meu filho!

Vasco, ouvindo o fidalgo tratal-o assim, saiu do seu torpor e fixou-o admirado; mas a sêde que o devorada supplantou todos os demais sentimentos, e bebeu soffregamente do copo que lhe apresentaram. Depois, mais socegado, disse sorrindo para o conde:

— As tolices que a febre inventa: então não sonhei eu que o sr. conde me chamára filho?—e adormeceu sorrindo.

O fidalgo depoz-lhe cautelosamente na testa um carinhoso beijo, e saiu do quarto, não podendo já conter o choro e o soluçar violento.

Momentos depois o mordomo vinha encontrar o conde no quarto proximo, em que se lançára sobre uma cadeira dando largas ao remorso e á dôr.

— Porque me não disseste a verdade, tantas vezes que t'a perguntei?

— Não tinha auctorisação para o fazer, — respondeu o mordomo.

— Quem t'a recusava?

— A mãe de Vasco, mãe que não o tendo abandonado, que provendo á sua vida, educando-o, fazendo d'elle um medico, não o vê quasi desde a nascença; não lhe disse ainda que era sua mãe, contentando-se com o papel de sua madrinha.

— Tens razão; não é o creado, é a justiça divina que me está fallando pela tua bocca. Sim, todos aqui valem bem

mais do que eu, reu d'um feio crime, que abandonei mãe e filho, e agora me apresento a reclamar direitos paternos.

N'este momento um trem parou á porta do palacio. O mordomo correu á janella e voltou-se precipitadamente para o fidalgo.

— E' ella, senhor conde. Vou recebel-a, e tem de passar por aqui. E' melhor que v. ex.ª se retire.

— Tens razão, os meus direitos nada são em face dos seus; pódes ir recebel-a, que não me verá.

O mordomo sahiu, e o conde de S. Giraldo occultou-se por detraz de um reposteiro.

O que se passava n'aquelle momento no coração e no cerebro do fidalgo, não é facil de descrever.

A sua vida com todas as suas alternativas de boas e más acções, de alegrias e tristezas, de opulencia e miseria, parecia voltar-lhe repentinamente ante o espirito, que ora buscava razões e titulos que lhe dessem direito a mostrar-se n'aquelle instante ao filho e á mãe e a exigir o seu logar de pae, ora lhe relembrava todo o seu inqualificavel procedimento, como uma monstruosidade, e mais uma grande fraqueza e uma grande miseria a sua intervenção em tal instante.

Tornava-o assim a lucta intima produzindo a irresolução, quando a bulha de passos dos que se approximavam, varreu do seu espirito por um instante todas estas considerações, acordando-lhe apenas um outro sentimento, não menos humano senão tão vivo e apreciavel: uma grande curiosidade em vêr a mulher que fôra uma das suas phantasias, e que havia tantos annos abandonára em tão difficeis circumstancias, mas de quem tivera sempre noticias pelos jornaes estrangeiros, descrevendo as suas qualidades de artista de primeira ordem e de notabilidade europea.

O phantasiar da sua admiração por essa creatura, a quem agora era forçado a venerar, por tantos e tão variados motivos, ficou ainda áquem da impressão recebida.

O mordomo entrava n'este momento, abrindo cautelosamente a porta, como receioso de que o fidalgo ainda ali estivesse.

Este, viu-o correr respeitosamente o reposteiro, dando passagem a uma figura soberba de mulher, na acepção em que soberba quer dizer magestade e belleza. A custo podia o conde de S. Giraldo reconhecer n'aquella mulher de elevada estatura, d'um porte elegantissimo, dizendo ao mesmo tempo a alta situação de quem se via considerada como princeza da arte, sem esquecer nos modos com que fallava ao mordomo a modestia que é peculiar á grandeza, n'aquella mulher ainda formosa, cujos cabellos começando a branquear tranformavam a impressão produzida pela belleza mais em admiração do que em desejo, a Martha Corini, que elle conhecera uma rapariga bella, mas franzina, de maneiras acanhadas e timidas.

Depois, n'um instante, algumas simples palavras da cantora levaram o conde a mudar a sua admiração para um ponto ainda mais elevado: Martha parára no centro da sala e foi evidente o esforço supremo da sua vontade dominando a anciedade, a pressa, a commoção natural na mãe que pela segunda vez ia vêr um filho, homem feito, habilitado, n'uma posição social invejada por muitos, mas ás portas da morte, sem lhe poder dizer ao menos que era a auctora dos seus dias, que d'elle se afastara desde o berço, quem ali chegava n'aquelle momento em que a cova parecia reclamal-o. Ella correra o lenço pela fronte, enxugara as lagrimas que se lhe desprendiam dos olhos, e quando de novo se voltou para o mordomo havia em toda a sua figura e no seu rosto a mais completa serenidade.

— Entre primeiro e veja se elle está acordado; se estiver previna-o com cuidado; senão, esperarei que acorde.

Mas, no mesmo instante, Vasco perguntou com voz debil:

— Quem é, meu pae? Quem está ahi?

— A pessoa que esperamos ha dias.

— Minha madrinha? Que entre, que entre já!

Houve um instante de silencio, apoz o qual o conde, um pouco sahido do seu esconderijo, ouvia apenas os beijos que a cantora depunha sobre a fronte do doente.

— A mão, a mão é que lhe devo beijar, como prova da gratidão que muito lhe devo, dizia Vasco.

— Agora não se falla n'isso, o que é preciso, antes de tudo, é que recobres a tua saude. E' a melhor recompensa que Deus póde dar á tua madrinha.

— Madrinha, sim, porém mais alguma coisa.

— O quê?

— Minha mãe.

Martha fez um esforço supremo para conter a sua commoção e disse em tom de gracejo:

— Tua mãe? uma velha como eu, de cabellos brancos!

— Sim, bem sei que o não é. Muito cedo perdi a que a natureza me dera; mas posso e devo ter como tal, quem tão bem tem feito as suas vezes. Consente que assim lhe chame d'aqui em diante, não é verdade?

Ella chorava de alegria e fez apenas com a cabeça um gesto de assentimento.

— Porque chora? — perguntou Vasco.

— Desculpa a minha fraqueza, era muito amiga de tua mãe, e a sua lembrança custa-me sempre lagrimas.

O conde, pé ante pé, approximára-se e estava junto á porta do quarto.

— Meu pae,— perguntou o doente,— o sr. conde onde está? Porque saíu? porque se retirou? — e voltando-se para a cantora, proseguiu: — quero apresntar-lh'o, é o meu melhor amigo.

Martha não respondeu, apenas o rosto se lhe contraíu n'uma leve expressão de desgosto.

— Então? o sr. conde? interrogou novamente o doente dirigindo-se ao mordomo.

O fidalgo, não podendo resistir a um movimento inconsiderado, afastou um pouco o reposteiro, como que resolvido a entrar no quarto. A artista, sem que o tivesse perfeitamente visto, comprehendeu a scena que se dava e fez-se terrivelmente pallida; mas a sua commoção durou apenas um instante, succedendo-lhe um movimento colerico e uma resolução energica. Dirigindo-se resolutamente á porta, afastou o reposteiro com violencia, como a procurar quem se abrigava por detraz d'elle, mas já a este tempo o conde fugira rapidamente para o esconderijo em que assistira á entrada da artista.

Martha sabia que elle ali estava porque surprehendera ainda o final d'aquella fuga, mas aproveitou esta circumstancia favoravel ao seu plano.

— Sr. Florencio! — exclamou em voz alta. E quando o mordomo appareceu, fechando cautelosamente a porta do quarto do doente, disse para o supposto pae de Vasco: — Pelo que acabo de ouvir, vejo que não foram cumpridas as instrucções que lhe dei para afastar do convivio de Vasco e d'esta casa o seu antigo proprietario. Ha muito que eu suspendera a auctorisação para essa pessoa continuar a residir aqui.

— Minha senhora, balbuciou o mordomo confundido — eu não tenho sobre meu filho, quero dizer — emendou depressa — sobre o sr. Vasco, a menor influencia. A sua educação, muito superior á minha, nunca me deixou representar devidamente o papel que me confiaram. Tenho feito o que me é possivel; ainda esta manhã instei com o sr. conde para que...

— Bem! bem — interrompeu Martha — explicações de nada servem agora. O passado, foi comsigo; o presente, é commigo. Entenda bem e por uma vez o que lhe vou dizer. Em face da lei, só ha uma pessoa que tem sobre Vasco direitos paternos; escuso de dizer quem é! Se essa pessoa quizer, n'um momento desapparece a situação conven-

cional do que figurou de pae até hoje, assim como serão anniquiladas á nascença as pretenções de quem quizesse ser pae d'aqui em diante. Isto, porém, não se faria sem dar a Vasco um grande desgosto.

«Quem o estima, que lh'o poupe; na certeza de que, não se submettendo cada um á sítuação que lhe pertence, Vasco saberá quem é a sua mãe, e ella o levará para bem longe d'este paiz. Faça por cumprir quanto antes as ordens que lhe tenho dado. Emquanto Vasco estiver doente, a sua enfermeira sou eu; se o medico entender que a ausencia repentina das pessoas a quem estava acostumado lhe póde ser fatal, farei um sacrificio pela sua vida: eu direi as occasiões em que lhe hão de apparecer. Occupe-se entretanto a dispôr o palacio para as obras que hão de começar logo que Vasco poder sahir d'aqui. Quanto ao mais, ficamos entendidos: vá fazendo esquecer quanto possivel a sua situação de pae. Pelo que disse não lhe será difficil. Eu cá estou para cortar os vôos da phantasia a quem pensar em o substituir.

«Vasco viveu até hoje sem pae, pode dizer-se; melhor viverá d'aqui em diante, se lhe apparecer a elle a mãe. E apparecerá se fôr preciso, com uma situação elevada; com a riqueza e com os direitos legalmente constituidos, com tudo emfim que de ninguem a farão depender para dar a seu filho uma posição, em que poderá dispensar antigos pergaminhos.

Martha, mal acabou estas palavras, abriu novamente a porta do quarto do doente, em que entrou. Immediatamente, o conde, correndo violentamente a cortina que o occultava, precipitou-se em seu seguimento. O mordomo pretendeu detel-o, mas elle afastou-o rudemente, exclamando:

— Eu tambem tenho direitos! Vaes vêr.

A sua mão tocava já o fecho da porta, quando o mordomo proferiu, supplicante:

— E se o matar?

O conde ficou como que petrificado e a custo respondeu:

— Tens razão!

Muito concentrado, tranquillo na apparencia, os olhos cravados no chão, o mordomo viu-o retroceder e caminhar vagarosamente atravez das casas, direito á porta que dava para o grande pateo do palacio. Chegado ali, em vez de seguir para a rua, como parecia ser a sua tenção, o conde subiu apressadamente a grande escadaria. Atravessou rapidamente as salas, e ao entrar no quarto que habitava deu de frente com o quadro de familia que o representava ao collo de sua mãe, por detraz da qual se distinguia a nobre figura do marquez de S. Giraldo.

Pareceu-lhe vêr nos semblantes dos paes uma censura ao modo por que abandonára a mãe e o filho, cujos carinhos agora ambicionava. Juntou as mãos, como a implorar-lhes o perdão da sua falta, e depois de alguns passos vacillantes, veiu cair na frente d'esse quadro de amor paternal, com o rosto contra o chão, como cae um fuzilado.

XXVIII

Durante mais d'um mez depois de Martha ter chegado a Lisdoa, o primeiro periodo da sua estada em Portugal a que contava regressar entre um concerto de alegrias ha muito antevistas e esperadas, converteu-se, pelo contrario, n'um tormento e n'uma anciedade constante, originada pelo receio de vêr quebrar o tenue fio, do qual esteve pendente a existencia de Vasco.

Finalmente o mal fez crise, com ella cessaram os terrores, e entrado já o doente em franca convalescença, a artista pôde cuidar dos variados assumptos que chamavam a sua attenção.

Tudo está preparado para que dentro em poucos dias,

logo que Vasco possa ir habitar com sua madrinha a formosa quinta de S. Giraldo, nas proximidades da capital, por ella adquirida tambem, as obras comecem no palacio de Lisboa.

E' indescriptivel e alegre a actividade com que a cantora se occupa nos preparativos da partida e corresponde dignamente aos cuidados e á abnegação com que moral e physicamente se sacrificou durante aquelle longo mez ao tratamento do enfermo. N'esses dias e n'essas noites de cruciante anciedade, apenas alguns instantes se afastára do leito do doente, e afastára-se não para repousar, mas para cumprir a parte mais dolorosa dos seus sacrificios, para ceder o seu logar ao conde, conforme o medico julgára conveniente.

O doente, por differentes vezes, se mostrára contrariado pela insistencia dos motivos adduzidos, com que procuravam explicar-lhe o facto da sua madrinha e o conde se desencontrarem sempre, nas horas em que o acompanhavam.

O conde nada respondia ás suas observacões a tal respeito. O seu espirito, depois da ultima scena a que assistimos, entrára n'um periodo de triste concentração e abatimento que convertera os primeiros symptomas de rebellião contra a situação que lhe era imposta, na passividade com que acolhia a pequena concessão que lhe faziam, deixando-o passar alguns momentos junto de Vasco.

Chegara ao ponto de ambicionar quasi que aquelle estado de doença se prolongasse, porque já sabia que terminado elle o filho lhe seria arrebatado para uma vida bem differente da que até ali tivera, vida que decerto modo fôra muito tempo a sua propria, mas de que as circumstancias o afastavam agora fatalmente.

O seu orgulho não lhe permittira habitar o palacio um só dia mais depois que a nova proprietaria n'elle entrara e fôra morar para um modestissimo quarto n'uma casa de hospedes em um terceiro andar na baixa. Positivamente

reduzido á miseria pela quebra do barão de Rio Oiro, vivera durante esse mez com o producto da venda dos moveis que lhe adornavam ultimamente os quartos. Umas ultimas libras ao canto da gaveta, uma tabua de salvação ainda n'umas modestas joias de familia, que tinham escapado á voragem pela mediocridade do valor intrinseco, e depois, mais nada, as algibeiras positivamente vasias, e a necessidade absoluta de prover ao proprio sustento cada dia.

O futuro apresentava-se-lhe excessivamente sombrio. Nem o seu caracter lhe permittia recorrer aos amigos, a esses amigos que o não procuravam agora na decadencia, nem physica e moralmente se achava capaz para começar a ganhar a vida trabalhando. Pensára muitas vezes na morte antevendo n'ella um beneficio, mas immediatamente a lembrança de Vasco, do filho cuja existencia havia tão pouco conhecia, tornara-lhe essa idéa insupportavel.

Viver pois trabalhando, désse por onde désse, custasse o que custasse, era o seu proposito definitivo.

Mas, que perspectiva de vida tormentosa se abria ante elle! Ainda podendo combater pela sua astucia e diligencia os meios calculadamente estudados pela cantora para sequestrar o joven medico ao seu convivio, onde teria agora os recursos para concorrer na sociedade em que alguma vez se poderia approximar d'elle?

Depois, e esta não era para o conde a origem das menos sombrias apprehensões, reconhecia com verdadeiro terror a enorme influencia que, em alguns dias apenas, a madrinha conquistára sobre o supposto afilhado.

Vasco entregava-se inteiramente áquella affeição, que vinha preencher uma grande lacuna da sua alma, que era um balsamo para uma das suas mais crueis feridas. Como o desgraçado sequioso, bebia avidamente.

Por uma tendencia natural do espirito humano, de que Vasco não era isento, sem ser ambicioso, sem ligar uma

excessiva importancia ao fausto, á grandeza e ao luxo, o medico antevira na sua modesta posição uma causa de parte dos dissabores e ingratidões de que fôra victima. Tinha, pois, a ambição natural d'uma situação em que podesse despresar quem o despresára, ou lhe pagára a dedicação com a vileza. E a madrinha mostrava-lhe bem, a todos os momentos, que, não tendo familia, eleval-o e dar-lhe uma posição superior a todos os respeitos era o seu proposito.

O medico e o conde começavam a ter uma alta idéa da grande situação da artista, tanto material, como social, com que facilmente realisaria os seus desejos.

Logo que Vasco melhorára, a correspondencia de Martha quasi se não fazia senão pelo telegrapho. Ella mandára partir para Lisboa todo o pessoal da sua casa de Florença: um batalhão de criados, de todas as nacionalidades, desde o cosinheiro francez até ao cocheiro inglez. E a grande volocidade trouxera as soberbas equipagens, da mais apurada elegancia, que tinham animado da antiga vida de grandeza as estrebarias, e as cocheiras da nobre morada.

Não eram menos evidentes as provas da posição eminente do cantora.

Havia dias, o conde estando junto do leito de Vasco sentira o rodar d'um trem, que entrára no pateo do palacio, parando junto á escadaria. Chegára á janella e reconhecera as librés da legação da Russia. O ministro era um homem amabilissimo, com quem o conde tinha relações, e por um instante pensou que, fingindo ignorar a sua decadente situação, o diplomata o visitava. Procurou confuso o mordomo

— Florencio, diz que eu não estou em casa; ou antes — emendou como envergonhado da mentira — faz-lhe saber que já não moro aqui.

— Mas, sr. conde,— respondeu o mordomo — o ministro da Russia procura a madrinha do sr. Vasco.

— Ah!... fez o fidalgo descontente e despeitado, querendo apparentar indifferença.

— E' o terceiro ministro estrangeiro que a visita — continuou Florencio — e não admira. Só a massada que eu tive para levar a todas essas legações estrangeiras as cartas e as encommendas que a senhora trouxe. Ainda hontem a ministra de Italia, que por modos é amiga intima da senhora, a convidou para o theatro; mas a senhora respondeu, segundo lhe ouvi dizer ao sr. Vasco, que não apparecia em parte alguma emquanto elle a não podesse acompanhar.

Todos estes detalhes, cada uma d'estas novas de que o conde tinha conhecimento diariamente, eram outras tantas punhaladas para o seu coração, e origem de grandes receios pelo futuro proximo de afastamento do filho que o ameaçava.

Para cumulo de miseria, o ciume pela amisade de Vasco para com a artista avassalava-lhe já o espirito, embora sem motivo justo. Parecia-lhe que o joven medico começava a não ligar-lhe importancia, a dispensar a sua conversação, a ser indifferente á sua companhia.

A verdade, porém, é que uma vida toda nova de distracções e risonhas perspectivas se abria ante o convalescente, em que a sua paixão pela filha do arruinado banqueiro era o unico espinho que o turturava. Mas essa mesma tortura era mitigada pela esperança, que algumas palavras de sua madrinha a tal respeito tinham incutido no seu animo.

Havia ella feito allusão á causa da sua doença, e uma tristeza subita, evidente e silenciosa, fôra a resposta de Vasco.

— Tristezas não pagam dividas — observára a cantora — que conhecia perfeitamente a lingua portugueza — a Europa é grande, mas um barão e banqueiro arruinado não desapparece sem deixar rasto. Em quinze dias, ou talvez antes, teremos noticias da tua traidora; depois concluiu sorrindo, metteremos a nossa diplomacia no negocio, e talvez

se consiga trazel-a a um accordo amigavel, a um contracto de casamento.

Chegou finalmente a vespera do dia fixado para a partida da cantora e do afilhado para a quinta de S. Giraldo.

—A's cinco horas, a affluencia de visitas que Martha tem recebido nos ultimos dias terminou, e na sala fica apenas a marqueza de Mont'eirado.

A sociedade lisbonense, sabia já perfeitamente que a estrangeira era a artista pela qual o conde de S. Giraldo fizera em tempo loucuras. Primeiro houvera a seu respeito desconfiança e desprezo. Mas em poucos dias, os amigos que ella contava no corpo diplomatico tinham sabido conquistar-lhe o respeito e a sympathia geraes, fazendo conhecer que ella fôra toda a sua vida uma *senhora*, que do palco só trouxera a gloria e a fortuna honradamente adquiridas.

Eram conhecidos, e da primeira nobreza de varios paizes, os nomes que se lhe tinham vindo offerecer e que todos ella recusára sem orgulho. Sabia-se até que, aos que lhe faziam taes offertas, ella contava sinceramente o abuso de que fôra victima, e a existencia d'um filho, pelo futuro do qual trabalhava.

D'este modo, na sociedade, todos fallavam á bocca pequena na recente fortuna de Vasco, todos conheciam o mysterio que só elle ignorava.

A marqueza viera, portanto, visitar o doente e a supposta madrinha, já sciente de tudo e com um intuito reservado.

Fôra a ministra de Italia quem, havia meia hora, apresentára á cantora a marqueza de Mont'eirado, que dissera á diplomata, tinha o mais vivo desejo de conhecer tão notavel artista da scena italiana.

Haviam trocado cumprimentos amaveis, e depois a dona da casa prestara a sua attenção a outras senhoras que entravam. Não obstante, pelas antigas relações de Vasco com

a familia de Mont'eirado, e pelo rompimento que entre elles se dera, a presença da marqueza ali era um facto singular que chamou desde logo a desconfiança de Martha. Por isso, emquanto attendia as suas visitas, não deixava de observar a fidalga, e quando a ministra de Italia saíra, ouvira-a dizer á marqueza:

— Vamos-n'os?

— Eu fico ainda um momento, — respondeu a mãe de D. Jorge.

E a diplomata, um pouco admirada, estendera-lhe a mão, despedindo-se.

As suspeitas da artista accentuavam-se cada vez mais vendo successivamente retirarem-se as visitas, e a marqueza ficar sempre, procurando com grande tacto entreter-se com umas e com outras senhoras para não tornar reparada a sua demora.

Quando as ultimas visitas sahiram, a cantora tendo-as acompanhado á porta da sala, voltou para junto da marqueza com um modo que só traduzia perfeita urbanidade. Mas a fidalga erguera-se, e de mãos estendidas, um sorriso a debuxar-se nos labios, caminhava para ella como n'uma expansão de sympathia, de quem ambiciona a intimidade:

— Sou importuna, não é verdade? V. ex.ª tem dado já muito tempo ás suas visitas, e está em vespera de partida. A minha demora causa-lhe talvez transtorno?

— Por fórma alguma. A visita da sr.ª marqueza é para mim uma grande honra.

— E' a sua amabilidade que a leva a perdoar-me, mas não queria retirar-me sem ter o prazer de conversar alguns instantes sem testemunhas com quem me merece tanta admiração como respeito, pelo duplo titulo de artista tão insigne, e de senhora virtuosa que eu ha muito reconheço por tradição na madrinha de Vasco.

Martha era uma d'estas pessoas para quem a dissimulação

é quasi um impossivel. Os sentimentos que lhe iam na alma, vinham immediatamente aos seus labios traduzidos em palavras de verdade. Ella tinha a consciencia d'este seu feitio, e explicava-o sempre que a levava a assumir uma attitude, á primeira vista inesperada. Com uma perfeita serenidade, que perturbou a marqueza, respondeu-lhe:

— Quem, como eu, passou uma grande parte da sua vida sobre a scena, dizendo as phrases que os auctores lhe põem na bocca, representando sentimentos de encommenda, tem uma tendencia natural para se indemnisar nos demais actos da vida, dizendo em todas as occaziões apenas o que sente, e como a marqueza fizesse um gesto admirado, concluiu: Que v. ex.ª tivesse a bondade de dirigir uns cumprimentos immerecidos á artista, não me admira, mas que v. ex.ª aqui, n'esta casa e n'esta occasião, se dirigisse á madrinha de Vasco, francamente lh'o digo, estava longe de o esperar...

A marqueza, mais confusa do que nunca com a extraordinaria franqueza da replica, a custo poude ligar algumas idéas.

— Despertei-lhe então, sem querer, penosas recordações?

A cantora viu n'estas palavras mais do que o strico pensamento da fidalga, uma allusão ao drama da sua vida. Exasperada, não se poude conter.

— Não ha recordações penosas, para quem toda a sua vida cumpriu o seu dever dignamente, por mais difficil que fosse a situação que a sorte lhe creou. Mas, repito, admiro-me que v. ex.º se referisse á madrinha de Vasco, devendo suppôr que eu não ignoro por certo o modo por que se interromperam as relações do meu afilhado com a familia de v. ex.ª.

— E d'esse modo, — começou a marqueza, que recobrára a sua presença de espirito — quando eu, esquecendo o procedimento inconsiderado de Vasco, venho significar a v. ex.ª a anciedade em que estivemos durante a sua doen-

ça, a alegria que sentimos ao vêl-o restabelecido, os votos que fazemos pela sua felicidade, procurando na sua madrinha um medianeiro que lhe mostre quanto foi injusto, é v. ex.ª quem...

— Sente dizer á sr.ª marqueza, interrompeu a cantora, que Vasco teve toda a razão para proceder como procedeu; e que v. ex.ª, conhecendo a tempera do seu caracter, não deve esperar que elle reate jámais as relações com a familia que...

— Lhe suppria o que elle não tinha, mas que já encontrou... E' assim a gratidão hoje.

— Como? Pois é v. ex.ª que se arrisca a fallar em gratidão? Pois será preciso que eu lembre a v. ex.ª os longos annos durante os quaes Vasco foi um escravo de seu filho, sacrificando-lhe o seu tempo, o seu trabalho e o seu futuro? Não sabe v. ex.ª que, como uma predestinação, esse sacrificio começou no primeiro exame que fizeram juntos? E não durou elle effectivamente, emquanto seu filho cursou as aulas, quando depois se quiz fazer passar por escriptor, e até quando tentou os seus primeiros amores? E se essa paixão se apoderou de Vasco, não foi seu filho que a isso o incitou? Com que direito dispunha a sr.ª marqueza do futuro d'um homem como Vasco, dictando-lhe se havia de acalentar ou não as esperanças do seu coração, conforme no momento convinha aos seus calculos e ao capricho do sr. D. Jorge? Quer v. ex.ª saber, sr.ª marqueza? O seu procedimento não tem justificação possivel, e como attenuante só lhe vejo uma: o affecto materno desvairou-a.

— Como n'este momento desvaira v. ex.ª

A cantora perturbou-se um instante, com aquella positiva referencia ao seu verdadeiro parentesco com Vasco, e involuntariamente percorreu com os olhos a sala, como a assegurar-se de que ninguem a ouvira. Depois ergueu-se, e dirigindo-se para a porta fechou-a á chave Completamente tranquilla, sentou-se novamente junto da marqueza, si-

lenciosa e visivelmente arrependida da phrase que soltara.

— Fallemos sem rodeios, sr.ª marqueza. E' verdade: Vasco é meu filho. Só d'elle proprio desejo conservar desconhecida esta verdade. Não por mim, mas por elle, uma vez que nunca poderá ter o verdadeiro pae...

— Quem sabe? arriscou a marqueza.

— Sei-o eu! replicou resolutamente a cantora. E' o unico sacrificio que Vasco me pedirá debalde. E não quero que me peça coisa alguma que eu lhe não faça. E' meu filho, v. ex.ª o disse, — e duas lagrimas desciam lentamente dos olhos da cantora, — por elle trabalhei de longe toda a vida; o que não farei tendo-o junto a mim, nos annos que ainda me resta a viver?

— Comprehendo-a, e faço lhe justiça, respondeu apenas a marqueza, e a sua affeição por Jorge identificava-a com os sontimentos de Martha, e trazia-lhe tambem as lagrimas aos olhos.

— V. ex.ª veio aqui com um proposito feito: diga-me francamente qual é?

— Pois bem, não lh'o occultarei; desejo saber se v. ex.ª tenciona animar essas esperanças de Vasco?

— Conforme...

A marqueza não ligou o verdadeiro sentido a esta resposta, e pensando que a cantora propunha uma composição, continuou:

— O barão de Rio Oiro voltará brevemente a Lisboa, e rehabilitar-se-ha completamente. Convem-me a união de sua filha com Jorge...

— Tambem me póde convir o seu casamento com Vasco — insistiu resolutamente a cantora.

— N'esse caso, é a guerra entre nós...

— Póde ser.

— Mas v. ex.ª acaba de dizer: conforme...

Martha não poude conter um gesto de vaidoso triumpho:

— Vejo que tenho em mais conta o affecto por meu filho do que v. ex.ª o qne dedica ao seu...

— Não comprehendo!?

— Pois v. ex.ª pôde pensar um momento que fosse de uma transacção entre nós, que eu fizesse depender o meu appoio, ou a minha opposição aos seus planos com respeito á filha do barão? Mas enganou-se completamente. O *conforme*, consiste apenas no que eu averiguar quanto ás qualidades d'essa pessoa, e ás garantias que me der de fazer ou não a felicidade de Vasco... Tudo o mais me é absolutamente indifferente.

— Chegou a minha vez de dizer tambem: — é conforme — respondeu a marqueza erguendo-se. Tudo o mais que para v. ex.ª é completamente indifferente, póde não o ser para outras pessoas. Quem sabe se o barão se acommodará com a idéa de sua filha ser nora do sr. Florencio da Nazareth, antigo mordomo do conde de S. Giraldo?

E a marqueza, tendo saudado a cantora, retirou-se vagarosamente. Queria deixal-a sob o effeito d'esta ameaça. E de facto, enarme fôra a impressão que produziu em Martha. A despeito de todos os seus meios e de toda a altura da sua situação, esse nome de S. Giraldo que repellia, mas que todos sabiam já pertencer a Vasco, parecia erguer-se ante ella como a tornar impossivel a simultaneidade da sua desforra com a felicidade do filho.

XXIX

Na frente do magestoso portão de ferro, de uma grande elegancia antiga, encimado pelo illustre brazão de S. Giraldo, uma vasta meia laranja convida o caminheiro a interromper a linha recta da estrada real, parando um instante a admirar por entre as grades a esplendida avenida no extremo da qual se ergue o palacete. A perspectiva é mara-

vilhosa, a côr magnifica. Dir-se-hia um formoso panno de fundo do auge artistico de Rambois e Cinnatti.

A quinta de S. Giraldo, designação modestissima para tão sumptuosa vivenda, surgira da terra, graças á riqueza e alto bom gosto de duas gerações de antepassados do conde.

O palacete era uma joia de marmore, deposta no centro de um açafate de flôres e verdura. Os jardins que circumdam o terraço, sobre o qual elle se ergue, absolutamente planos, com os largos canteiros emoldurados de buxo, as estatuas dispersas e pensativas, como a namorarem as flôres, e os lagos rentes ao chão, com as serpentes e golfinhos a vomitarem agua espumante, affirmam a gloria da pura arte de Le Notre. Nas grandes avenidas a rua desce em festões e grinaldas dos cimos das arvores centenarias, e por entre os macissos de verdura surgem pequenas imitações da architectura grega, originando verdadeiros exemplos de paisagem heroica.

Utile et dulce se podia dizer da quinta de S. Giraldo. Para além da matta, que se ergue por detraz da casa, a propriedade tem um aspecto todo positivo: a videira estende as suas hastes por sobre um terreno argiloso, avermelhado; depois a côr do sólo vae-se esbatendo, e lá no extremo, já positivamente amarello e areento, serve de leito aos melões que se esperguiçam ao sol. Duzentos metros mais além, começa a praia; uma d'essas pequenas praias que recebem os primeiros beijos do Oceano que vem abraçar o Tejo.

Desde a chegada de Martha e de Vasco, a vida renascera na tranquilla vivenda. Com uma grande actividade incessante, os trabalhadores não consentiam uma folha secca, a manchar o verde unido dos prados de *gason*, e os jardineiros davam cuidados extremos á geração das flôres.

Por toda a parte o movimento e a vida. Nas extensas alamedas o pessoal das cocheiras passeia os cavallos de raça, cruzando-se com o carrinho tirado pelos *poneys*, no

qual a cantora, acompanhada por Vasco, sae todas as manhãs.

Com os primeiros dias de junho, começara o calor a despovoar a capital da sua alta sociedade, e estabelecidos quarteis de verão desde a margem do Tejo até á serra de Cintra, todas as tardes os *paniers* e os *breaks* traziam vizitas á cantora.

Não eram, porém, estas horas em que nos seus jardins, nas estufas ou nas salas se via cercada por uma sociedade distincta a testemunhar-lhe consideração e sympathia, as mais agradaveis que Martha passava n'aquelle encantador retiro.

De madrugada, no seu passeio com o supposto afilhado, havia sempre uma visita de medico, que elle fazia.—Uma vez, tinham encontrado estendida n'uma azinhaga, prostrada pela miseria, uma das conhecidas mendigas dos arredores. Quinze dias depois, graças ás esmolas da cantora e ás receitas de Vasco, era uma velha esperta e sadia. O povo dos arredores proclamara o milagre do medico e a caridade da madrinha, e agora todos os sabbados seguia pelos caminhos em direcção a S. Giraldo uma romaria de doentes e de pobres.

Vasco procurava os que não podiam vir consultal-o. Junto ao leito d'um pobre enfermo, ou quando na vasta sala terrea do bilhar, transformada em consultorio, as bençãos d'aquelles infelizes convergiam para elle, a cantora revia-se suavemente no que era a sua obra de virtude, e disfarçava umas lagrimas dulcissimas. Depois, com a idéa d'um agradecimento á sorte, distribuia as esmolas aos clientes, e punha as suas iniciaes nas receitas do medico. Na botica da villa, o remedio era então fornecido gratuitamente ao doente.

N'aquella existencia paradisiaca, Martha esquecia-se da lucta provavel, que o inverno traria, com a chegada já certa do barão e da filha, entre ella e a marqueza.

Pelo contrario, este facto era uma alegria de todos os momentos para Vasco, e a sua ventura seria completa se não existisse a prohibição pusitiva da madrinha, de proseguir na intimidade do conde. Martha dissera-lhe que durante as negociações para a compra do palacio e da quinta o conde não fôra amavel para com ella. Não o podia receber, portanto. Não lhe dizia que cortasse as suas relações com o fidalgo, mas que se restringisse aos encontros que o acaso promovesse. E ella se encarregaria de fazer que esse acaso se desse o menos possivel. Mas a amisade pelo conde estava arreigada no coração de Vasco. A sua delicadeza comprehendera os ciumes do fidalgo por essa vida de grandesa que o medico agora tinha, e elle não resistia á tentação de lhe provar que era sempre o mesmo, embora para isso infringisse as ordens da madrinha. Com sacrificio encontravam-se ás escondidas, como dois namorados.

Para obter umas horas de inteira liberdade, o medico arregimentara-se nas fileiras de Santo Humberto.

De espingarda ao hombro, a bolsa a tiracollo, a cartuxeira repleta de munições em torno da cintura, as polainas cuidadosamente afiveladas, Vasco era um belo typo de caçador novato, para quem os petrechos são tudo. Dado um beijo na madrinha, o medico descia lentamente as escadas do terraço, emquanto ella, despresando os raios dardejantes do sol, vinha encostar-se á balaustrada, e dizer-lhe ainda como ultimo adeus: — *Bonne chance!*

Vasco seguia direito ao portão, atravessava a estrada, percorrendo as terras de pão que a ladeavam. A meia legua de distancia, passava um valle atravessado por um velho aqueducto romano, sob cujo arco principal corria uma azinhaga. Era sempre o primeiro a chegar. D'ahi a pouco, no extremo do caminho, apparecia um vulto discordante com a paisagem; todo vestido de preto, chapeu alto, sobrecasaca e um grande chapeu de sol com que principalmente se defendia dos olhares dos viandantes.

O conde vinha de Lisboa n'um omnibus, que parava a legua e meia de S. Giraldo. A caminhada não o fatigava. Chegava alegre e satisfeito, e depois d'um abraço, a conversa seguia animada e jovial, interminavel de perguntas sobre tudo o que se referia ao medico, com as quaes o fidalgo procurava pôr-se em dia com os planos da cantora, para saber como se devia conduzir, a fim de não perder aquellas escondidas conferencias, que eram a ventura da sua vida.

Terminou mais um d'estes encontros.

De repente, o conde ergueu-se:

— Vamos, mandrião, toca a aprender.

— Seja — respondeu Vasco, imitando-o pachorrentamente.

— Devem estar aqui na baixa — exclamou o fidalgo com os olhos brilhantes de emoção, referindo-se ás perdizes, cujo canto se ouvia de instante a instante, e continuava:

— Toma bem sentido: não mandes entrar o cão sem estar bem parado. Depois, não te precipites; sangue frio é que se quer; deixa-as assentar bem o vôo e não faças fogo sem ter apontado. Vamos lá.

— Sou um desastrado. Nunca hei-de atirar bem.

— Qual não has-de? E' uma questão de pratica. Olha para o *Negro*; já lhe deu com o vento! Falla ao cão, anda, e insensivelmente, fallou-lhe elle: busca mais, *Negro!* Busca mais!

Vasco ancioso seguia o perdigueiro, fazendo esforços por adivinhar nos seus movimentos a proximidade da caça, e o animal olhava-o, como admirado da sua ignorancia.

O conde, que parára a distancia, comprehendia a situação e approximava se:

— Então, o que esperas? O cão está parado ha que tempos! Manda-o entrar.

O mais apropriadamente que podia, Vasco dava o signal

e o perdigueiro cumpria a ordem. Primeiro uma perdiz, depois outra e outra surgiam da terra. Lembrando-se da recommendação do conde, Vasco esperava um instante; não atirava á primeira, deixava escapar a segunda e quando desfechava com a terceira estava ella já fóra do tiro.

— Vê? Não lhe dizia? Sou um desastrado.

O conde não respondia. Muito attento, seguia fixamente o vôo da banda.

— Bem! vamos dar-lhe outro levante. Ficaram n'aquelle ponto do matto. E' provavel que d'esta vez esperem mais. São as mesmas do outro dia, mas já levaram cresta. Só contei dez hoje. Ha cá pelo sitio quem lhe chegu mais que tu.

— Contento-me em as espantar.

Caminharam mais alguns instantes.

— Cuidado, olha o cão, avisava o fidalgo.

— Tome, agora é a sua vez — e offerecia a espingarda ao conde.

— Assim, nunca aprendes.

— Mas sempre levo caça para casa — tornava o medico sorrindo.

O fidalgo tinha já instinctivamente entregue o chapeu de sol a Vasco, e a famosa *Remington* que a cantora mandara vir de Londres quando uma vez fôra dar com o medico atirando aos pardaes com a velha rainna do caseiro, achava-se em mãos dignas d'ella.

O perdigueiro, como que avaliando a superioridade da mudança, chicoteia o ar com a cauda e não perde de vista o caçador. Volvido por um instante á paixão da sua mocidade, o conde parece outro, não obstante aquelle estranho vestuario de escrevente mal remunerado. O andar resoluto, a attitude magnifica do caçador experimentado, fazem esquecer a sobrecasaca e o chapeu alto, adivinhando-se a bota taxeada e os ceifões.

O cão busca na frente, comprehendendo bem a voz do

caçador. Este modera um pouco a marcha, e troca um olhar com o discipulo como a pedir-lhe attencão. O animal parou.

— Vamos, *Negro!* anda com ellas! Díz o fidalgo n'um tom sacudido.

O perdigueiro avança, e quasi a um tempo umas poucas de perdizes levantam do chão. O conde, tranquillamente, mette a espingarda á cara; ha um segundo de demora em que parece escolher a victima, ouve-se a detonação e cae uma perdiz. Vasco corre para ella, mas vê o conde voltar-se de repente sempre de arma á cara. Parte outro tiro e uma perdiz que parecia já fóra do alcance, interrompe o vôo horisontal subindo verticalmente ao ar como um foguete. De repente, cae pesadamente na terra.

— Já ia longe, mas ainda apanhou um bago de chumbo na cabeça—explica o conde para Vasco admirado da proeza, em quanto o cão volta com a primeira victima na bocca.

Ao anoitecer, o conde, muito empoeirado, apeia-se do omnibus no Pelourinho. N'um quarto de hora come, em uma casa de pasto proxima, um jantar mais de que modesto, a que as leguas caminhadas dão o sabor de banquete delicioso; e uma hora depois, sentado á carteira na loja d'um fanqueiro qne acaba de fechar, as mangas de alpaca revestem os braços do caçador de ha pouco, que escriptura as vendas do dia e ganha o cruzado que é o sustento de ámanhã.

Pela porta, apenas entreaberta, vem, a cada instante menor, o ruido do movimento da rua, que termina com a chegada da noite. A's vezes, um rodar subito de carruagem, ou o passo repentino d'um caminhante apressado, de envolta com a bulha das chaves e cadeados das lojas que se fecham.

Sentado no alto banco em frente da enorme carteira, o conde conserva um reflexo do aprumo com que antigamente brilhava na almofada do seu *phaeton*, e os caixeiros

veem junto d'elle accusar n'uma toada fanhosa e sacudida as vendas que realisaram.

— Seis metros de acolchoado, a trezentos e quarenta

— Que é lá isso? Acolchoado a trezentos e quarenta!? interrompeu o conde.

E o caixeiro corrige-se logo:

— Digo; a cento e quarenta, sr. D. Francisco.

Ao fundo da loja, o gordo fanqueiro sorri satisfeito. De mãos cruzadas sobre o rotundo abdomen, ensarilha os pollegares com pachorra, e exclama a seu turno:

— Cautella com estas cabeças de vento, sr. D. Francisco. Veja que lembrança: acolchoado a trezentos e quarenta!

E quando o conde se retira, acompanha-o á porta, e depois d'um aperto de mão, vem cuidadosamente fechar a torneira do gaz, repetindo a sua phrase de todos os dias:

— Que homem de negocio se perdeu n'este D. Francisco.

A's onze horas, no seu quarto do terceiro andar da rua dos Douradores, o conde de S. Giraldo namora um retrato de Vasco, que traz sempre na carteira, relembra os factos do dia e adormece contente comsigo e socegado quanto ao dia de ámanhã.

Nunca na sua vida dormira tão socegadas noites.

XXX

A marqueza de Mont' eirado mandára pôr o trem para o dia seguinte, ás cinco da manhã.

O cocheiro estranhára a madrugada, e o criado de meza informava-o do dialogo que ouvira, quando servia o chá na sala:

— Não tinha eu mais que fazer do que levantar-me da cama para ir esperar tal senhor — dissera o dr. Katzein.

— Pois irei eu com o Jorge, respondera a marqueza.

Tratava-se, pois, de esperar alguem, que vinha pelo caminho de ferro. Quem, não sabia.

E de facto, ao despertar do dia seguinte, o rodar pesado e grave do *landeau* inglez da marqueza quebrava a quietação matinal das ruas. Raros viandantes deslisavam pelos passeios. Uns, apressados, operarios que arrancados ao calor da cama, se dirigiam para junto do seu fogão de todo o dia, o trabalho activo da officina; outros, vagarosos, malandrins sem domicilio, affeitos já ao frio dos seus dormitorios habituaes, as escadas e os bancos das praças publicas, tendo-se erguido para a deliciosa ociosidade gosada ao calor bemfazejo e gratis do sol. E uns e outros fitavam um instante o trem brazonado que passava, raridade na scena da rua áquella hora.

Recostada no fundo da carruagem, a fidalga, pouco acostumada a madrugadas, dormitava.

Junto ao Caes dos Soldados, houve uma interrupção violenta na marcha. O cocheiro sopeou energicamente os cavallos para não atropellar uma varina ajoujada sob o peso da canastra de carvão de pedra descarregado d'uma fragata. A mãe de Jorge acordou, interrompendo um sonho. Sonhava com as nobresas dos seus antepassados, e despertando deu com os olhos no edificio do museu de armas nacional, que muitas vezes visitára, creança ainda, na companhia do pae.

Elle percorria as salas lentamente, contava-lhe a historia de cada veneranda bandeira esfarrapada, e uma ou outra, bem como os grandes espadões da cavallaria de Chaves, recordava-lhe episodios da vida militar dos seus maiores.

A marqueza teve n'aquelle instante uma duvida repentina de que fosse proprio d'uma descendente de tal gente o ir esperar um barão de Rio Oiro. Pensou ella mesma em corrigir o indifferentismo de caracter do marido que lhe deixara dar aquelle passo, e chegada á estação ordenou ao filho que entrasse na gare a esperar o estrangeiro.

Era a hora. Alguns passageiros saiam já, e Jorge só teve o tempo necessario para ouvir, muito admirado, que o trem o ficava esperando, emquanto a marqueza voltava para casa n'uma carruagem praça, para cuja almofada o trintanario subiu.

Concluiu que a mãe se quizera certificar de que elle não faltava á chegada do futuro sogro. Momentos depois deparava com o criado particular do banqueiro, e este conduzia-o junto do compartimento reservado, em que elle compunha um pouco o desalinho da sua toilette de viajante recem acordado.

Houve os abraços e as expansões naturaes, depois da correspondencia trocada entre a marqueza e os paes de Pepita sobre o futuro dos filhos. E emquanto o criado descia as malas, o barão requintava as provas da sua affeição por Jorge e pela familia com innumeras perguntas.

— E teu pae? Sempre bem disposto, sim? apesar do muito que estuda e se applica. E' arrancal-o um pouco aos seus trabalhos incessantes. Trago-lhe uns livros de que ha-de gostar. Foi a sr.ª marqueza que me ordenou a sua compra. Pódes dizer-lhe que as suas ordens foram cumpridas. A baroneza tambem me encarregou de umas encommendas para tua mãe.

D. Jorge pouco se interessava pelos livros e outras remessas; o que desejava era saber noticias da formosa filha do estrangeiro, que outra vez lhe occupava o pensamento, n'um periodo de nova phantasia, despertado e animado pelos conselhos da mãe, que lhe expozera detalhadamente o renascimento da grande fortuna do barão.

Arriscou, pois, uma pergunta:

— A sr.ª baroneza ainda se demora em Paris?

— Isso é conforme. Tudo depende da resolução que tiverem os negocios que me trazem a Lisboa — e o barão sorriu, e continuou — mas, é de esperar que aqui as vejas em breve... Teus paes e eu vamos tratar d'esses negocios

quanto antes. Tua mãe, assim o dispôz na ultima carta com que me honrou.

O barão dizia a verdade. Perfeitamente conhecedora da situação, a marqueza pensára obter a victoria pela surpreza. Sabia que Martha se não apressava, esperando a chegada do barão, annunciada para o inverno, para então executar os seus planos. Entretanto, alargava-se o circulo de conhecimentos e sympathias que a artista conquistava na alta sociedade. Vasco, a despeito da inconveniencia do seu nascimento, era já olhado como um excellente marido mesmo para as herdeiras dos melhores nomes e das maiores fortunas, e a lisonja começava a descobrir n'elle as qualidades e o talento, que ninguem notára até ali. A marqueza conhecia o meio em que vivia, e aprecíava devidamente o risco da lucta. Podia salval-a uma habil manobra: attrair o barão a Lisboa, emquanto a cantora e Vasco gosavam as doçuras da villegiatura, e contractar o casamento dos filhos.

Depois, quando Pepita fosse já a noiva de Jorge, pouco se lhe dava o desenvolvimento das forças inimigas.

O lance valia bem a pena. A marqueza era bastante perspicaz para conhecer que os contrarios subiam, emquanto ella e o filho desciam moral e materialmente.

Desde o rompimento de Vasco a musa de D. Jorge era gentil. E para cumulo de desdita, a marqueza tivera de subscrever ao gastar louco com que elle desenvolvia a paixão do *sport*, que servia de explicação ao abandono das letras.

Não havia já artigos de D. Jorge nos jornaes litterarios, tinham desapparecido os seus folhetins, mas nas ruas faziam furor os seus carros e os seus cavallos de tiro e de sella, a meudo substituidos, sempre com um requinte de apuro.

A casa de Mont'eirado não correspondia a taes maravilhas, e a marqueza comprehendia que para não ficar em breve pobre, precisava casar o filho ricamente, ou que elle se resignasse a não fazer sensação.

E o produzir sensação era um habito que ella o fizera contrair, e de que elle se não podia já livrar.

Ao barão convinha a alliança com aquella familia. Novamente rico, vinha a Lisboa pagar os encargos da sua quebra; mas não obstante isso, a nobresa do nome de Mont'eirado e a respeitabilidade do dr. Katzein, eram uma especie de tonicos para a sua firma de aristocrata commercial, já uma vez fallido, mas que não renunciava a lançar-se novamente na esteira das grandes transacções. O casamento da filha com D. Jorge tomava aos seus olhos o aspecto da formação d'uma sociedade de capital e industria. Por isso, logo no dia da sua chegada, antes de visitar a marqueza, o banqueiro tratou de se informar da situação, apreciando bem o estrago que a fallencia lhe podia ter causado e as condições presentes d'aquelles cuja sombra procurava.

Ninguem melhor do que o conde de S. Giraldo o podia informar. Disse ao creado que indagasse a morada do seu antigo amigo, e elle transmittiu-lhe integralmente a resposta fornecida pelo mordomo do hotel, a quem se dirigira:

— O conde está sem vintem. Faz á noite a escripturação d'uma loja de fanqueiro, e mora em uma casa de hospedes no primeiro quarteirão da rua dos Douradores.

— Está bem, respondeu o barão.

O criado retirou-se, e elle procurou na sua carteira a nota da quantia que o conde depositára na sua casa bancaria. Era pouco mais de dezenove contos. Escreveu uma carta de ordem de pagamento da cifra redonda de vinte contos, a favor do conde, e dirigida ao banco de Lisboa, em que tinha aberto um credito enorme. Saldava assim liberalmente a conta do capital e dos juros. Permittia-lh'o a sua nova situação. Varias republicas americanas tinham feito a paz; e as acções das minas encravadas no seu territorio, não tinham hontem cotação e hoje achavam premio enorme. O barão acautelára-se vendendo muitas, mas tinha ainda muitas mais. Emfim, era outra vez millionario.

XXXI

As criadas da casa em que o conde de S. Giraldo se achava hospedado, serviam-n'o apenas no que não podia deixar de ser. O conde só pagava o quarto; não dava gratificações.

O estrangeiro batera á porta e perguntára:

— O sr. conde de S. Giraldo?

— Conde! exclamára a criada muito admirada.

Mas a dona da casa interviera.

— E' pelo sr. D. Francisco que este senhor procura.

A criada com mau modo, concluira.

— Ah! já sei, o quarto d'elle é ali e mostrára uma porta ao barão.

— Entre — disse o conde ouvindo as pancadas discretas que o banqueiro deu na porta com o castão de oiro da bengala.

— Meu querido conde! exclamou o barão expansivo, dirigindo-se ao fidalgo de braços abertos.

Mas este, dominando a sua surpreza, assumiu grande frieza, mettendo as mãos nas algibeiras.

O banqueiro empallideceu.

— O conde de S. Giraldo far-me-ha a offensa de me recusar a sua mão?

— A minha mão acostumou-se pela necessidade a muita coisa que desconhecia. Hoje, até limpo as minhas botas e apontava para umas escovas e uma caixa de graxa.— Mas não se acostumou ainda, nem se acostumará jámais a apertar a mão, seja de quem fôr, a respeito de cuja lisura de proceder eu tiver duvidas. Se o barão de Rio Oiro quer que eu lhe aperte a mão, prove-me primeiro que não foi por má fé que me reduziu a miseria.

A tarefa não era difficil para o banqueiro. Tendo fallido por circumstancias inesperadas, fugira por mal entendido

amor proprio. Bastou-lhe mostrar os despachos dos seus correspondentes, participando-lhe a ruina que os acontecimentos lhe traziam, e comparal-os com os que annunciavam a paz dos estados americanos e o volviam outra vez á prosperidade.

O fidalgo convencia-se da verdade, e era um convencimento grato, porque estava certo de que o amigo o reembolsaria.

A satisfação e a esperança invadiram-n'o suavemente. A experiencia das privações tinham-lhe morigerado os costumes, e o pequeno capital que entregára ao banqueiro bastava hoje para as suas ambições de ventura, cifradas em uma decente mediania que lhe permittisse approximar-se de Vasco.

Mas o que o conde não esperava era entrar immediatamente na posse da sua pequena fortuna, ao mesmo tempo que um abraço o reconciliava com o amigo.

— E agora, meu caro conde, quero dever-lhe um favor. Emquanto eu estiver em Lisboa dar-me-ha o prazer de estar no hotel commigo, sim?

O conde percebeu a intenção do banqueiro, e tendo sido até ali senhor dos seus sentimentos, não pôde agora conter-se, e duas lagrimas correram dos seus olhos.

— Agradeço a sua offerta, meu amigo. E' um modo delicado de me fazer abandonar esta morada, que não é d'aquellas a que estive toda a vida habituado. Pois dir-lhe-hei: tenho um certo amor a este quarto. Aqui aprendi a trabalhar. E pegando machinalmente no retrato de Vasco e fixando-o, concluiu depois d'um breve silencio: aqui fui feliz!

O barão não podia dar o devido valor ao que se passava no coração do conde; viu apenas o retrato d'um antigo conhecimento.

— Ah! o nosso doutor! Sabe d'elle? Conserva-se ainda em Lisboa?

— Certamente.

E como a occasião se lhe deparava, das perguntas a respeito de Vasco passou para outras relativas ao seu amigo D. Jorge, procurando informar-se sobre a situação da familia. A pouco e pouco, o banqueiro animava-se, e a sua intenção apparecia mais nitida e prendia a attenção do conde.

— Parece haver da parte da marqueza uma certa pressa em ajustar este casamento. Recommendou-me já, com muita diplomacia, que reservasse os nossos planos. O que poderá isto ser, meu caro conde?

— Nada posso dizer. Tenho vivido retirado; ha muito que não vejo a marqueza. O filho, algumas vezes, raras, o tenho visto montando soberbos cavallos ou em magnificos trens. Creio ser ainda uma casa boa a de Mont'eirado.

O barão nada respondeu, concluindo que o amigo se esquivava a informal-o.

Mais tarde, o banqueiro visitava os paes de D. Jorge. O dr. Katzein acolhia-o com a sua amabilidade placida, sem effusões; a marqueza, pelo contrario, com grandes demonstrações de intimidade.

— A'manhã jantam comnosco alguns parentes e amigos, o sr. barão dá-nos o gosto de nos acompanhar, sim?

— Com o maior prazer.

— Será occasião para, embora particularmente, lhes annunciar o proximo casamento de nossos filhos.

O barão não esperava esta entrada positiva e directa no assumpto. Dir-se-ia, pensou elle, que a mãe do futuro noivo, surprehendendo as suas hesitações, o queria forçar a uma resolução immediata. Mas o estrangeiro estava habituado a negociar, e não se desconcertava facilmente. Mediu o lance jogado pelo marqueza e aproveitou-o finamente.

— Não será um pouco prematura qualquer declaração a tal respeito? V. ex.ª teve já o cuidado de me recommendar uma discrição, que eu sou o primeiro a approvar. Um assumpto delicado como este, só deve sair do conhecimento dos que n'elle são immediatamente interessados, quando

definitivamente resolvido. E a senhora marqueza reconhecerá commigo, que ha pontos importantes de que nós, como paes, não podemos deixar de nos occupar previamente.

— Por certo. A nossa fortuna não é grande e...

— Pelo amor de Deus! interrompeu o barão, com um sorriso amabilissimo. Não é a taes detalhes que eu me referia. Poremos absolutamente de parte a questão de interesses materiaes. O que eu desejo apenas, é que estudemos conscienciosamente se esta união fará a felicidade de nossos filhos, e. .— o banqueiro demorou um pouco esta ultima phrase — se cada um d'elles achará por esse meio a situação a que deve aspirar.

A intelligencia da marqueza comprehendeu o pensamento do Creso, e exultou. Elle abandonava a parte positiva do assumpto; a questão de riqueza, pela da elevação social que fosse dada á filha. Lembrou-se de que a sua competidora era apenas uma ex-cantora rica, Vasco um filho bastardo, e juigou a victoria certa.

E ao jantar para que convidára o banqueiro seguiram-se algumas reuniões em que o fazia acolher com renovada defferencia pelo que havia de melhor nas diversas aristocracias.

XXXII

Havia festa em S. Giraldo.

Uma festa que impressionava profundamente a cantora. Era o anniversario de Vasco, que ella planeára passar no goso tranquillo da sua companhia unica. Mas, desde pela manhã, a quinta transformára-se n'um local de romaria, e as flôres, os casaes de gallinhas e os coelhos brancos, de estimação, eram offerecidos ao heroe do dia pelos mais pobres do povo sertanejo, agradecidos aos cuidados do medico e aos beneficios da madrinha.

Mais tarde, as carruagens tinham rodado pelas ruas da

quinta, e a artista encontrara-se com as salas cheias de gente que parecia timbrar em lhe dar provas de aympathia.

Estas demonstrações iam, como um balsamo e um conforto, direitas ao coração de Martha. Ella bem conhecia que n'aquella sociedade ninguem ignorava o que só para o medico era um mysterio, comprehendendo que aquelles signaes de consideração e apreço eram uma eloquente approvação dada ao seu virtuoso proceder de mãe, que trabalhara toda a vida pelo filho, e com elle vinha gosar o fructo d'esse trabalho, n'uma reserva discreta que era dura por certo ao seu coração, e não obstante uma homenagem ás conveniencias sociaes de que aliás fôra victima outr'ora.

E quando nas suas salas os parabens e os sorrisos lhe chegavam de todos os lados, houvera um instante para ella de suprema ventura. O mais idoso proprietario das cercanias, nobre de antiga linhagem, dissera-lhe ter sido escolhido pelos eleitores do circulo, para offerecer n'aquelle dia a sua representação em côrtes, que vagára, ao joven medico.

— Que elle não a recuse concluira o ancião — é a voz do povo que o escolhe, e a voz do povo é a voz de Deus. Estas palavras ditas em tal occasião tinham parecido a Martha uma recompensa e um apoio do ceu.

Era pois aquelle um dia de radiante felicidade. O coração grandioso da artista queria terminal-o dignamente. Reconhecia que fôra o amor da sua arte um dos grandes factores d'aquella ventura, e sentia um desejo irresistivel de a agradecer como artista. Passou-lhe pela mente como que um deslumbramento das suas noites de gloria, e resolveu mostrar aos que a festejavam quanto era grande ainda. Uma reunião foi improvisada para a noite.

Não resignava porém absolutamente os seus direitos de mãe. Esses, pediam-lhe alguns momentos de intimo convivio com o filho. Restava-lhe o jantar.

O supposto pae do medico, que viera de Lisboa, recebeu

instrucções para retirar com as demais visitas, sob um pretexto discreto.

Martha podera jantar a sós com o filho e gosar uma ventura unica.

A tarde vinha caindo quando o banquete terminava. Tarde amenissima. Uma brisa consoladora trazia o aroma dos campos, como um incenso d'aquelle dia festivo. Pelas janellas abertas descobria-se a perspectiva encantadora dos jardins, em que a alvura das estatuas animava, com umas linhas ao alto, o fundo azulado e unido do ceu.

Com a serenidade d'uma somnambula, descrevendo um sonho consolador, a artista abandonava-se á mercê das suas aspirações sobre o futuro do filho, confiadamente, como a desditosa Ophelia ao deslisar da corrente.

— Acceitas a candidatura que te offerecem, e és eleito. Depois, no dia do teu casamento, deslumbrarás a noiva com a tua farda de deputado. E como Vasco sorria n'uma approvação duvidosa. Ha-de ser assim mesmo; nós, mulheres, gostamos dos bordados... quasi tanto como os homens; mas temos a franqueza de o confessar. Tomaras tu já vêr-te fardado!

— E' quasi noite, observou o medico, antes de nos levantarmos da meza tenho ainda uma saude a fazer.

— A' tua futura?

— Não, ao meu unico amigo... Ao conde de S. Giraldo! Acompanha-me, sim?

Martha empallideceu e teve um momento de hesitação; porém, corrigiu-se, vendo a surpreza de Vasco, e levou aos labios a taça de Champagne.

Mas aquelle vinho parecia que envenenava toda a ventura do momento. Era o espectro unico dos seus momentos de tristeza que apparecia, era a recordação de que, no meio de tanta felicidade e grandeza, Vasco era sempre o filho natural, ella a mãe illudida e abandonada.

Aquella ventura não era completa. Para o ser faltava-lhe

essa condição irrealisavel: a presença do pae e do marido áquella meza, respeitado pelo filho, não odiado por ella, amado por amhos. Um impossivel!

Entretanto, n'aquella momento, guiado por uma attracção irresistivel, o conde de S. Giraldo saltava o muro da quinta, e approximava-se furtivamente como um malfeitor.

Não comera desde pela manhã. Todo o dia rondara pelos arredores, esperando debalde o medico, que não podera afastar-se um instante para se encontrarem, como tinham combinado.

O conde, já de posse da sua pequena fortuna desde a vespera, só tivera tempo para ir á noite salvar d'um leilão de penhores algumas joias de familia. Uma das mais ricas, um grande brilhante que pertencera a seu pae, trazia-o ali na algibeira para offerecer a Vasco n'aquelle dia. Deslisava, pois, roçando pelas arvores, com que se cosia, a sobrecasaca rapada.

O brinde erguido por Vasco ao seu amigo viera, como uma nota de tristeza, perturbar a satisfação com que o jantar concluia — Martha tornára-se silenciosa, e o medico ficára pensativo, a cogitar uma vez mais n'essa antipathia inexplicavel da madrinha pelo conde.

Ergueram-se. Vasco beijou a mão da sua protectora e veiu passear para o terraço superior ao jardim, e entretanto ella enxugava umas lagrimas. Mas aquelle desalento só durou um instaute, soccorrendo-se a artista a um balsamo em que, nas horas mais angustiosas da vida, encontrára sempre o lenitivo ás dôres do seu coração.

A cantora entregava-se dolorida, supplicante e apaixonada ao amor da sua arte, e n'aquelle instante, a alguns passos um do outro, o pae e o filho estacavam egualmente subjugados pelo prestigio commovedor d'aquella voz incomparavel cantando com verdadeiro arrebatamento das coisas da terra o grande *arioso do Propheta*.

A impressão era enorme nos que escutavam.

O medico nunca ouvira a madrinha cantar; o conde havia muitos annos que a ouvira pela ultima vez. A criadagem, que jantava alegremente entre risota e bulha de pratos e talheres, aquietára-se respeitosa. N'aquelle silencio peculiar das noites do campo, a voz magnifica de Martha elevava-se acompanhada pelo gemer dolente d'um orgão. Dos jardins chegava o sussurro da agua caindo nos lagos, como um rythmo em surdina a secundar o canto.

Aquella phrase do *arioso*: *Figlio, il cielo te recompenserá*, que o conde tantas vezes ouvira indifferente na platéa de S. Carlos, tinha agora para elle uma significação tremenda. O amor filial apparecia-lhe como o lenitivo da desventura de que fôra auctor. Era uma accusação eloquente, sem colera, que lhe avassalava o espirito com as harmonias sentidas que escutava. Com coração oppresso, o fidalgo approximava-se, mais arrastado do que caminhando. Quando a ultima nota depois de vibrar saudosa se extinnguiu lentamente, a artista voltou-se ouvindo uma voz estrangulada:

— Perdão! Perdão!

A luz da sala dava em cheio na figura do conde, parado á porta, e destacando entre o escuro da noite n'uma attitude supplicante.

Martha não pôde conter um grito.

O medico, arrancado por elle ao embevecimento em que o canto da madrinha o prendera, como que despertou.

O conde fugia. Vasco suppondo um malfeitor, correu sobre elle. A cantora chamava: Vasco! Vasco! querendo detel-o. Mas elle percebera-a distinctamente illesa, e só cuidava agora em perseguir esse homem.

O fugitivo, deixando as ruas da quinta, cortava atravez dos pomares. De repente, o medico, já proximo, viu-o desapparecer, como se a terra se houvesse aberto a seus pés. Mas seguiu-se logo o ruido de um corpo caido na agua. Os

sentimentos do perseguidor mudaram, e em altos brados pedia soccorro que o ajudasse a salvar aquelle homem que suppunha em lucta com a morte.

O conde, porém, caira apenas n'uma caldeira do pomar.

— Sou eu, Vasco, sou eu. Não chames ninguem. Evita que me vejam

Attonito, o medico não sabia o que dizer. Ajudou o amigo a subir para junto de si, e começava a explicar-se que o conde se compromettera pelo desejo de lhe fallar, quando sentiu a voz da madrinha que se approximava, inquieta com os gritos que lhe ouvira, incitando os criados a acudirem.

— Pelo amor de Deus, Vasco! Não os deixes approximar. Poupa-me a mais uma vergonha!

Havia tal afflicção na voz do conde, que o medico só cuidou em lhe obedecer. Foi-lhe facil deter os criados, e mandal-os para casa, dizendo que o fugitivo saira já da quinta; mas emquanto o fazia, Martha chegára.

No seu rosto explosia a irritação. A lua apparecendo, aclarava o pomar.

— Triste morte para um fidalgo: afogado em lama! Dou-lhe os parabens por ter escapado.

Mas em vez de se encolerisar com a humilhação, o conde, dominando-se, respondeu tranquillamente:

— Saltei como um ladrão os muros d'esta quinta, de que fui senhor por tantos annos, para cumprir um dever.

— Um dever?!

— Sim, para avisar quem se interessa por Vasco, de que a sua felicidade futura corre grave risco.

A severidade e a convicção da resposta, tão differente da que esperava, impressionou profundamente a cantora.

O medico voltára, e pretendia justificar o seu amigo:

— Eu é que tive a culpa em não tirar um momento para ir encontrar o sr. conde, que absolutamente me queria dar os parabens.

— Ah! exclamou a artista, duvidando já do que ouvira.

— Não, Vasco, a verdade não é essa. Desejava muito abraçar-te n'este dia, mas esse motivo só não me levaria a entrar furtivamente n'esta propriedade, sabendo que a minha presença aqui é contraria ás ordens da sua dona. Não! vim porque é precisamente a essa pessoa que necessito fallar.

— Sendo assim — interveiu Martha — conduz o sr. conde ao teu quarto, e empresta-lhe um fato. Depois ouvirei o que me quer dizer.

Desconhecia-se a cantora. Aquelle grande odio, que constantemente lhe parecia nutrir pelo fidalgo, estava agora singularmente reduzido. Fôra aquelle perdão pedido havia um instante, no momento em que o seu coração de artista se dispunha á clemencia, anciando pela felicidade completa? Seria a humildade com que o conde se apresentara, reconhecendo-se reu? Ou era essa affeição pelo filho, que elle insistia em provar, que modificava os seus sentimentos? Não o sabia. Constatava apenas o facto.

Se o medico adivinhasse n'aquelle instante os mysterios que em torno d'elle se davam, a reconciliação dos paes seria a sua obra immediata.

Entretanto, a cantora escutava o que os dois se diziam, emquanto o conde reparava os estragos do seu vestuario.

— Aqui tens, Vasco, esta lembrança. Quero que a acceites, mas entregando-t'a aqui, em casa de tua madrinha, que te prohibiu a intimidade commigo, é preciso que ella o saiba.

— Mas, um presente d'esta ordem...

— Acaba com franqueza o teu pensamento.

— Não sei se. .

— Sim, é rico de mais para um conde arruinado como eu .. Pois sabe que não estou já tão pobre como era. E' quanto basta. Mais tarde fallaremos. Comprehendes que estou aqui por effeito d'uma especie de treguas com a dona

d'esta casa. Nada te posso dizer sem ter fallado com ella.

— Mas, n'esse caso, é dos seus negocios que lhe vem fallar?

— Certamente. Vamos; tua madrinha espera-nos.

A cantora, que escutava, comprehendeu que o conde procedia com lealdade.

Martha sentára-se na sala, esperando, naturalmente. Os dois amigos entraram, e em quanto o fidalgo se dirigia á dona da casa, Vasco afastava-se, discretamente, saindo para o jardim. Houve um pequeno silencio, accusando a difficuldade da situação. Finalmente, a cantora convidou o conde com um gesto a sentar-se.

Elle inclinou-se, e sem acceitar, disse:

— O barão de Rio Oiro está em Lisboa, e a marqueza de Mont'eirado envida os maiores esforços para o ajuste immediato do casamento de seus filhos. E' possivel que o consiga um d'estes dias. Entendi que lh'o devia fazer constar. Pela minha parte, quando podia, protegi estes amores de Vasco. Hoje o seu futuro está n'outras mãos. Offereço o meu concurso, se o quizerem. Nada mais.

E cumprimentando novamente, dispunha-se a sair. Martha deteve-o com um signal. Custava-lhe a ligar duas idéas. Ficára interdicta com o inesperado aviso, e com o laconismo do dizer do conde, que lhe parecia uma accusação: emquanto ella se occupava das manifestações exteriores do seu valimento, a marqueza tratava do positivo.

— Tem razão. E' preciso proceder. Por amor de Vasco faremos treguas. E' preciso prevenir antes de tudo a filha do barão do que se passa.

— Escrevi-lhe já hontem, observou o conde.

Martha fez um novo gesto de despeito.

— Não importa, escrever-lhe-hei eu mesma hoje.

— Mas é necessario contar principalmente com o pae. O barão é um homem pratico, um homem de negocios. A riqueza pouco o fascina no casamento da filha; o que elle

precisa é ligar-se a uma familia, cuja alliança concorra para a sua rehabilitação na sociedade.

— Ah! percebo agora tudo! Comprehendo o que aqui o traz. Já me admirava tanto desinteresse! Sim; o que é preciso é que eu vá ter com esse homem e que lhe diga que para oppôr ao nome de Mont'eirado póde-se arranjar o nome de S. Giraldo? Não é verdade? Pois antes, mil vezes, sacrificarei o futuro de meu filho!

E n'um impeto, como a praticar o seu pensamento, a cantora fez pedaços violentamente entre as suas mãos nervosas o rico leque de madreperola.

O conde, sempre tranquillo, deixou serenar a tormenta. Passado um instante, estas palavras caiam-lhe, por assim dizer, friamente dos labios.

— O futuro de Vasco ainda me merece mais alguma coisa. Bem vê: estou tranquillo, nem penso em repellir a insinuação. Estamos de accordo n'um ponto: Martha Corini e o conde de S. Giraldo nunca poderão ser os paes reconhecidos de Vasco! Tambem pela minha parte é esse o unico sacrificio que não faria a um filho!

— Sacrificio?! interrompeu a artista em nova explosão de orgulho offendido.

— E porque não? O que ha de mais apreciavel no mundo para o homem que reconhece o seu erro, do que a rehabilitação? Só uma coisa pode rehabilitar o conde de S. Giraldo: é o trabalho honrado no resto da vida, é a dedicação constante mas indirecta á felicidade de seu filho, mas sem que elle a suspeite, evitando por todas as fórmas o goso das regalias de pae. O que pensaria d'elle o mundo, se o visse dar o nome ao filho abandonado, mas subindo da pobreza e das privações para o luxo e para a riqueza em que tantos annos viveu? O que pensaria Vasco, que é a rectidão personificada? Creia-o bem, eu sou o mais interessado em coutinuar como estou.

Pela segunda vez, a artista sentia-se derrotada pela su-

perioridade do fidalgo. Este fallava com uma altivez serena, com uma convicção passiva que se impunham.

— Seja. Posso ter-me enganado nas minhas supposições.

— O meu passado auctorisa-as, não o nego. Mas não se trata agora d'isso. O que é preciso é que eu explique esse pensamento que interpretou erradamente. Sem o concurso do nome de S. Giraldo, ha meios para fazer com que o barão julgue o casamento de sua filha com Vasco mais vantajoso.

— Quem os tem? perguntou ella vivamente.

O conde não poude conter um sorriso.

— Descanse v. ex.ª dos seus receios: não é o fidalgo, é a poderosa artista ..

— Ah!

— O meu papel é todo secundario. Nem eu pretendo outra coisa.

E o conde procurava fixar os olhos nos da sua interlocutora e convencel-a.

— A sociedade — proseguiu o fidalgo — tem-se transformado, como tudo mais. Ainda ha a influencia dos grandes nomes e das grandes situações, mas uns e outros são diversos do que eram. Ninguem comprehende tanto isto como o barão. Não será elle quem faça questão da filiação de Vasco. Para o contentar, bastará que lhe reconheça mais amplo futuro do que a Jorge, e maiores elementos a proporcionar-lh'os. A v. ex.ª pertence tornar isto uma realidade; eu, poderei ser apenas a voz que segrede ao barão todas essas vantagens.

A cantora convencia-se a cada momento da transformação do conde. Encontrava-o um espirito pratico, rasoavel e modesto. Mau grado seu, sentia desvanecer-se-lhe o odio entranhado que pensara votar-lhe eternamente.

— E a troco de tudo isso, o que pretende v. ex.ª que haja de modificação na situação actual de Vasco a seu respeito?

— Nada!

Martha dissimulou o seu espanto.

— Nada?! Continuará elle a estar afastado de si como agora? Deverá ignorar os serviços que o conde de S. Giraldo lhe presta?

— E porque não? Se como amigo algumas vezes me poder approximar d'elle, é quanto desejo. A minha recompensa é outra.

— Qual?

— Ter a certeza de que depois da minha morte lhe será narrado todo o proceder de seu pae. Ha-de ter uma lagrima para a sua memoria, e essa lagrima caida sobre a minha sepultura deixar-me-ha dormir ali em paz.

Martha ergueu-se. A sua grande alma não podia ficar insensivel ao que ouvia. Estendendo a mão ao conde, disse com difficuldade, dominando a sua commoção:

— Nunca pensei que esta mão tornasse a apertar a do conde de S. Giraldo. Porém, mal andaria difficultando um arrependimento que devo tomar por sincero. Para fazer a felicidade de Vasco, basta que não sejamos inimigos.

— Basta! repetiu o conde com voz sumida, beijando a mão que a artista lhe estendia.

Ouvia-se o rodar das carruagens, trazendo os primeiros convidados que chegavam para a festa da noite

Trocaram um olhar.

— Devo retirar-me. V. ex.ª me fará saber quando quer que falle ao barão.

O conde percebia que no espirito da cantora se travava uma lucta; havia alguma coisa que hesitava em lhe dizer. Finalmente, ella tomou, visivelmente, uma resolução.

— Não quer passar esta noite com Vasco?

— E' impossivel. V. ex.ª bem comprehende, Vasco esta noite pertence á sociedade, não a mim. A sociedade que ahi entra, o que pensaria vendo-me aqui?

— Tem razão, observou a cantora com um suspiro. Con-

sinta ao menos que elle o acompanhe ao fim da quinta.

— Seja. Basta que entrasse como um malfeitor.

As badaladas vibrantes da sineta, accusando a chegada dos convidados, vieram cortar mais rapidamente as despedidas.

XXXII

A curiosidade dos amadores de loiças antigas e trastes velhos fazia-os correr pressurosos ao leilão do recheio da casa do argentario Proença, um brazileiro de torna viagem recentemente fallecido.

Era maravilhoso o que se dizia das riquezas artisticas e dos cacos de merecimento amontoados n'esse palacio pelo gosto excentrico do milionario, que ali vivera longos annos, absolutamente retirado do mundo, contemplando as suas talhas da China, revendo-se nos seus espelhos de Veneza, acariciando as suas figurinhas de Sexe, na exclusiva companhia d'um casal de velhos servidores.

Por isso, agora que o antiquario dormia o somno dos justos no cemiterio dos Prazeres, a chusma dos amadores aproveitava o ensejo que o leilão judicial lhe proporcionava, e voava a desvendar os mysterios d'aquelle palacio encantado. A multidão era compacta em todas as salas, e a concorrencia cada vez maior, chegava ora de trem, ora a pé, não obstante a impertinencia da chuva continuada e do vendaval desagradavel de um dia de inverno carrancudo e positivo, vespera do Natal.

O agente leiloeiro esfregava as mãos satisfeito com a perspectiva da ganancia d'aquella grande operação, e desdobrava a sua tactica espertalhona dizendo para o pregoeiro, de modo a ser ouvido:

— Que pechinceiros ahi estão hoje! F., e citava um banqueiro conhecido, preveniu-me de que até duzentas libras o lustre de bronze da sala de jantar era seu! Que tal est

a franqueza, hein? Uma peça d'aquellas, por duzentas libras? Estão arranjados! Hoje aqui não se queima nada! E' que elles não sabem que o barão de Rio Oiro chegou hontem expressamente para cá vir.

Com effeito, o estrangeiro estava em Lisboa desde a vespera á noite, mas a sua chegada, ainda desconhecida de todos, obedecia a planos diversos do que o leiloeiro pretendia.

A intervenção do conde tinha esclarecido completamente o banqueiro sobre o affan da marqueza em contractarem o casamento dos filhos. Havia um outro pretendente em condições vantajosas. Tanto bastava para elle se não comprometter.

Primeiro, lançou mão d'esse expediente tão querido da diplomacia, a demora na resolução. O barão não dizia: sim, mas tambem não dizia: não. Simulara ser a sua propria vontade o resolver o assumpto, desde logo, mas, dizia, não poder acceitar um marido para Pepita sem a consultar uma vez ao menos. E passados uns dias para que estivesse prevenida pelas cartas do conde e de Martha, escreveu-lhe. A resposta chegou, como esperava, na volta do correio, e elle apparentou um grande pesar dando-a a lêr á marqueza.

— No fim de contas, antes assim. Minha filha não quer por ora tomar uma resolução, e mal teria eu feito decidindo por ella em assumpto que tanto lhe interessa.

— Ah! certamente, replicou a mãe de D. Jorge dissimulando a custo o seu despeito.

— Minha filha virá, mais tarde ou mais cedo, para Lisboa, e será então o momento opportuno para uma resolução definitiva.

O banqueiro voltara logo para o estrangeiro. Um mez não era ainda passado depois da sua partida, e os acontecimentos mostravam á marqueza que fôra ludibriada. O barão deixara-se ficar em Paris, mas enviara a familia para

Lisboa, e Pepita, chegando, mostrava claramente acceitar a côrte de Vasco

Evidentemente o banqueiro proporcionava os acontecimentos que o haviam de eximir dos seus já inapreciaveis compromissos.

Tal era, havia tempo, a situação de todos conhecida.

Vasco fôra eleito deputado, e as sympathias de varias notabilidades politicas, affeiçoadas á artista, rodeavam-n'o proporcionando-lhe um brilhante futuro de homem publico. O seu incontestavel talento, a sua modestia, o desejo sincero de justificar com o seu trabalho os favores da sorte, valiam de muito, mas ainda mais valiam para os pôr em relevo, e os fazer apreciar, a grande situação de Martha, a sua casa magnifica sempre aberta para obsequiar, os seus banquetes, as suas *soirées*, o seu camarote de S Carlos offerecido ora a um, ora a outro. Tudo parecia conjurar-se para fazer do joven medico um dos moços de maior futuro na sociedade; tudo, até essa filiação, inconveniente mas nobilissima. Ninguem ignorava jáque entre a artista e o conde de S. Giraldo havia uma secreta intimidade estabelecida sobre o principio dignissimo da dedicação ao filho, sem o sacrificio dos melindres de cada um. E o optimismo mundano considerava já esses melindres um simples capricho, que, mais dia menos dia, se desfazia ante uma consideração justa, apparecendo a cantora feita condessa de S. Giraldo á face do altar.

E, não obstante os amores de Vasco e de Pepita florescendo aos olhos de todos, havia grande quantidade de paes e de mães que abrigavam a doce esperança da possibilidade d'um rompimento da estrangeirita caprichosa e riquissima, como o que já se dera com D. Jorge, podendo muito bem o pseudo afilhado de Martha ser ainda seu genro.

Esta mudança que se fizera nas condições sociaes do seu amigo, tinha feito que o filho da marqueza lhe votas-

se um odio mortal. O seu espirito caprichoso, a que tudo obedecera até ali, não admittia que a seu respeito a ordem natural d'este mundo se fizesse observar no seu descer e no subir de Vasco.

A sua impotencia para vencer, lançava-o em planos abjectos de rancorosa vingança.

Pepita regressára, mais formosa do que nunca.

N'aquelles mezes de ausencia desabrochara em todo o esplendor o conjuncto dos seus dotes physicos. Partira uma menina interessante, e regressava uma mulher formosissima.

Cada vez que a via passar, entregue ao doce enlevo dos seus amores com Vasco, a vaidade do filho da marqueza suggeria-lhe este pensamento imbecil: foi a minha toleima, a minha condescendencia que lh'a deu. Se não fossem aquellas cartas que lhe pedi para escrever por mim!...

E como, além do apreço pela fortuna que a estrangeira herdaria, D. Jorge só nutria pela sua pessoa um sentimento baixo e animal, o mesmo desejo que experimentava pelas aventureiras fascinantes que Paris e Madrid remettiam de quando em quando, de passagem para Lisboa; áquelle pensamento succedia outro mais torpe: podiam casar, mas a nova phantasia de Pepita pouco duraria, e quando acabasse elle teria ainda os meios para se fazer valer como *D. Juan* irresistivel.

Com a toleima ajuisava o passado. Com o odio entretinha o presente. Com a infamia calculava o futuro.

Tudo isto lhe provocava o sorriso amarello e desdenhoso com que, d'uma das janellas, espiava o affectuoso encontro do seu antigo amigo com a filha do banqueiro, que aquelle esperava á porta do palacio em que ia dar-se o leilão.

Quem sabe? E' possivel que toda essa miseria moral em que se atolavam os sentimentos do filho da marqueza, se convertesse n'um sincero respeito pelo caracter e pela tranquillidade d'essa rapariga, se elle podesse conhecer o

genero d'aquella alegria pura, d'aquelle enthusiasmo de noiva manifestado banalmente na apparencia, com a apreciação epigrammatica do tempo que lá ia fóra:

— E' este o dia de primavera conveniente para a vida entrar pela primeira vez, na casa d'um antiquario bisonho, como era o dono d'esta? O peior é que eu tenho á noite uma festa para que te convido—terminou em voz baixa—porque só na intimidade dava ao medico o futuro tratamento de tu.

— Como é á noite, e estamos quasi em janeiro, não tem duvida; lá diz o rifão: que o luar de janeiro não tem parceiro. Mas de que festa se trata? Não me consta nada. Hoje nem ha theatro!

— E' festa bem differente de tudo isso.

— Ah!

— E' uma festa de egreja: a missa do gallo, como aqui lhe chamam. Vaes commigo, sim?

— Por certo.

— Obrigado. Não calculas quanto estimo essa resposta.

— Porquê?

Porque és homem de sciencia, e aos sabios, ultimamente, dá-lhes para fugirem da egreja...

— Que idéa!

E chegados ás salas, Pepita, abandonando a seriedade do assumpto, lançára-se novamente nas expansões da sua franca alegria.

Se a ventura desce ás vezes a este mundo, era de certo n'aquella creatura, que tomava a mais completa encarnação.

Maior ainda do que a mudança physica, que todos contestavam na filha do barão, era a transformação das suas idéas e sentimentos, que alguns mezes de desgraça tinham occasionado.

Como antigamente, nos dias e noites incessantes de prazeres e distracções da grande vida, se intercallavam alguns

momentos de reflexão, que lhe revelavam o vacuo que tudo isso deixava nos seus sentimentos, aquelle periodo de decadencia e privações fôra como que um grande momento, em que a vida se lhe apresentára em toda a sua frisante realidade, quanto ao passado e quanto ao futuro.

O passado fôra para ella uma esterilidade. O futuro podia ser um perigo.

Continuara no silencio das noites da pequena morada humilde, n'um bairro modesto de Paris, esse exame de consciencia principiado a bordo do paquete, que as ondas afastavam de Portugal.

Aquellas paredes sem espelhos nem quadros; aquelle vestido de lã escura, sem enfeites, que a envolvia; aquella vida a sós com a mãe, emquanto o barão mourejava para as sustentar, tudo se lhe impunha como uma conjunctura de luto, em que á primeira impressão dolorosa succede a resignação e o tranquillo encarar dos factos.

Tinha de renunciar ás passadas grandezas. Era evidente, e felizmente não era o que mais a mortificava. No seu espirito havia um desconforto maior do que o produzido pela falta da opulencia. Tinha um presentimento da sua solidão no mundo, se lhe faltasse a dedicação dos paes.

Percorrera a escala de todas as amizades contraidas nos seus dias aureos, e salvo uma ou outra amiga, improprias para a ampararem, só via um largo reportorio de affeições casuaes, incompativeis com a sua pobreza.

Sem se explicar como, nem porque razão, o nome de Vasco, e o offerecimento do seu apoio no momento em que a desgraça a ferira, apresentava-se-lhe pelo contraste frisante, como o mais seguro auxilio.

A pouco e pouco, na solidão da sua vida, aquelle nome todo dignidade, aquella dedicação incontestavel, aquellle rapaz que lançára na dôr, appareciam constantemente ante o seu pensamento. Familiarisou-se com todas essas recordações. A' amizade agradecida, succedeu uma sympathia

mais pronunciada, ao passo que receiava o perigo de se enganar entregando-se a uma amizade alimentada passageiramente pela ambição da sua formosura.

Sentiu primeiro um remorso por ter fugido, illudindo o medico. Quiz saber como elle acceitára o facto, e pediu noticias a uma amiga de confiança. Teve a descripção fiel da doença que o collocava ás portas da morte, e encontrou-se a pedir a Deus fervorosamente a conservação d'aquella vida.

Esperava que o doente estivesse em estado de conhecer o seu arrependimento e a acceitação do seu nome, quando a amiga a informou da chegada da cantora e do aureo futuro que se abria para Vasco. Afogou então nas mesmas lagrimas a sua alegria pela inesperada fortuna do medico que para si era uma nova desgraça. Ella, pobre, não podia agora ligar-se-lhe.

Entretanto, á medida que ia conhecendo os engrandecimentos, as prosperidades de Vasco, as côrtes com que era assaltado, o impossivel e a paixão avassalavam-n'a cada vez mais.

Vivia em torturas, quando um dia o barão chegou inesperadamente, annunciando, louco de alegria, as noticias da bolsa, que lhe asseguravam novamente a riqueza. N'esse momento, Pepita resolveu ser a mulher de Vasco. Olhou para o relogio de parede: era ainda possivel escrever-lhe n'aquelle dia. Pegou na penna, mas quando ia a traçar a primeira linha, teve uma lembrança dolorosa: e se a tivesse esquecido? Se amasse qualquer d'essas muitas que sabia o cortejavam agora?

Comprehendeu então que os perigos e as dôres não tinham desapparecido completamente com a só chegada da fortuna. Agora para ser feliz, precisava mais alguma coisa; precisava a renovada certeza da affeição de Vasco.

E impoz-se o sacrificio, de esperar silenciosa, até que podesse voltar a Lisboa e ajuisar da situação com os pro-

prios olhos. Mas antes d'isso, a felicidade viera completa ao seu encontro na carta do conde de S. Giraldo.

Anciosamente esperára o momento de chegar a Lisboa, e quando na *gare* apertára a mão de Vasco, conheceu um detalhe das fraquezas humanas, um vestigio das suas primeiras idéas, constatando a propria satisfação por vêr trasformada a modesta decencia do antigo vestir do medico em completa e distincta elegancia, affirmada em tudo que o rodeava, desde a perola esplendida que Martha lhe pozera um dia na gravata, até ao pequeno *coupé* que o esperava á porta.

Mal suspeitava o filho da marqueza, ao fazer os seus desgraçados e ridiculos planos, que Pepita amava o noivo sincera e loucamente.

*

— Está aberta a praça! — annunciára em voz altisonante o agente do leilão.

A multidão convergiu para a sala em que a licitação começava, e o pregoeiro ergueu nas mãos um pequeno cupido de marmore.

— Vendo esta estatueta! — marmore de Carrara! Obra italiana! Auctor reconhecido! Quanto dão? Libras e meias libras!

E começou o tiroteio das offertas e das competencias.

O leiloeiro approximava-se frequentemente da cantora, attenciosamente, a fazer valer as maravilhas que ia apresentando á venda.

De repente, o filho da marqueza viu entrar por uma porta fronteira o conde de S. Giraldo, e percebeu que a um signal seu a artista se erguia e muito naturalmente passava a outra sala.

Seguiu-a, disfarçadamente, e observou que, depois de algumas voltas por diversas casas, os dois se encontravam no vão da janella d'um pequeno gabinete solitario.

Escutou.

— Vem ahi o barão — dizia o conde — encontrei-o a poucos passos d'aqui.

— Sim?

— E' talvez uma occasião opportuna para lhe ser apresentado. Ah! eil-o que entra.

Martha estendeu a cabeça fóra da janella, mas fazendo-se muito pallida e agarrando-se ao braço do conde, exclamou:

— Aquelle!? E' aquelle o barão? O pae de Pepita?

— Certamente.

— Oh! meu Deus! Pobre Vasco, que fatalidade! Conde: peço-lhe encarecidamente que me não apresente esse homem.

N'aquelle instante, Vasco atravessava a sala contigua, parecendo buscar alguem. O filho da marqueza suspeitou que era a felicidade do seu ex-amigo que ali soffria um golpe mortal, e teve a idéa diabolica d'uma vingança immediata. Correu ao seu encontro, e, naturalmente, como se esquecesse que havia muito se não fallavam, com um grande cynismo, interrogou-o:

— Procuras teus paes?

— Meus paes!? replicou Vasco sem poder conter o seu duplicado espanto.

— Pois ignoras ainda o que toda a gente sabe? N'esse caso felicito-me por t'os fazer conhecer... Chega aqui e escuta!

Vasco, machinalmente, dera alguns passos, e no mesmo instante, livido, encostava-se para não caír á hombreira da janella contigua á do gabinete em que Martha e o conde trocavam um dialogo para todos elles tremendo.

— Como! Em nome da felicidade do nosso filho pedes-me para não provocar o barão, de quem dizes ter soffrido uma offensa mortal; mas esqueces essa mesma felicidade de Vasco, julgando agora impossivel o seu casamento? Só

eu devo então esquecer o insulto feito á mãe do meu filho?

— Por piedade, cala-te! Essa provocação seria um novo escandalo, outra desgraça e nada mais! Lembra-te que a mãe de teu filho foi abandonada por ti a essa vida de theatro em que os caprichos e o oiro offendem as mulheres honestas impunemente. Para te tranquillisar, basta que te affirme que a recordação do filho deu sempre energia á mãe para repellir taes insultos.

— Tens razão. Continúo a ser o mesmo egoista miseravel.

A sala proxima foi n'este momento invadida por um grande borborinho. O leilão transportava-se para ali. A turba dos compradores irrompia seguindo a declamação do leiloeiro.

— Aqui estão as quatro que faltavam para a collecção. São doze ao todo! Doze talhas do Japão antiquissimas. Estão intactas. Vejam que não teem defeito. Preço, meus senhores!

— Cem mil réis, offereceu alguem.

— Cem mil réis! — gritou o pregoeiro.— Cem mil réis! Cento e quatro mil! Cento e cinco! Cento e cinco! Cento e dez... e quinhentos... Cento e onze! Cento e onze mil réis!

Este incidente veio chamar á realidade os actores do drama que se representava a poucos passos de distancia.

— Convem que eu me ausente quanto antes, conde,— proferiu Martha já sem a familiaridade de tratamento a que o inesperado acontecimento a arrastára.

— E se o barão se me dirigir, em vista do que tinhamos ajustado?

— Retire tambem d'aqui. Evite de o encontrar, até que socegadamente consideremos o que mais convem fazer. Espero-o em minha casa esta noite ás dez horas! Não falte!

— Em sua casa? interrogou o conde timidamente.

— E porque não? trata-se do futuro de Vasco, terá ainda escrupulo de ali ir?

— Não faltarei.

— Peço-lhe ainda que o previna de que o espero no trem.

Passado um instante, Vasco conseguia ordenar um pouco as suas idéas. Parecia-lhe sentir a cabeça despedaçada, como se a casa lhe tivesse desabado em cima. O mysterio da sua vida, essa causa de factos que algumas vezes o tinham feito scismar, acabava de lhe ser revelada por uma fórma que era a condemnação de toda a sua felicidade.

No lado opposto da sala, D. Jorge, fingindo admirar um quadro, saboreava o effeito da sua proeza. Voltou-se percebendo que o medico se approximava, e teve medo da expressão transtornada do seu rosto.

— Acabas de me prestar um serviço que só se paga com uma bala!

— Não me parece caso para tanto, balbuciou o filho da marqueza, sem ter a consciencia do que dizia, mas sentindo necessidade de se desculpar.

— Pois se não te parece, eu te convenço. Vasco avançou para elle com os punhos cerrados e ameaçador.

Mas no mesmo momento ouviu Pepita que o chamava:

— Vasco! Vasco! enlouqueceste?

— Se dentro em tres dias não estiveres ás minhas ordens, mato-te como um cão onde te encontrar, disse o meco a meia voz.

— Será como quizeres, concluiu D. Jorge afastando-se.

Pepita tomou o braço do noivo e arrastou-o para aquella mesma janella que Martha e o conde tinham deixado havia momentos.

— O que foi isto, Vasco? Quero sabel-o!

— Nada. Um dito impertinente e uma imprudencia minha.

— Só isso? Vê bem! não me enganes!

— Socega, que é a verdade — e Vasco procurava sorrir. Mas a commoção que o dominava era mais forte, e a filha

do barão procurava lêr-lhe no olhar o que elle não dizia. Voltou o rosto para esconder as lagrimas que lhe saltavam dos olhos.

— Mas tu choras, Vasco ? O que se passou ? Diz-m'o pelo amor de Deus!

— Esta noite o saberás. Adeus; minha mãe espera-me.

— Tua mãe!?

— Sim, é uma primeira revelação que te faço. Prepara-te, querida, para uma grande fatalidade. Adeus.

E apertou-lhe a mão, retirando-se porque o barão se approximava.

Emquanto atravessou as salas, seguiram-n'o os olhares da inveja, e ouviu alguem que dizia: Para aquelle é que está a vida!

A cabeça andava-lhe á roda, parecendo-lhe uma bulha tremenda a da cantilena incessante do pregoeiro:

— Não querem mais! não ha quem lance mais ? Vae-se arrematar.

XXXIII

Pepita voltara para casa silenciosa, concentrada.

O barão tinha visto o medico despedir-se precipitadamente quando elle se approximava, e notava agora na filha a ausencia da sua proverbial alegria. Comprehendia que alguma coisa de extraordinario se passava, mas não queria mortifical-a com perguntas.

A ausencia do conde, que ficara de o apresentar á madrinha de Vasco, tambem o fazia scismar.

Durante o trajecto, Pepita não interveio uma só vez na conversação dos paes. Ao apearem-se, interrogou o barão:

— Precisa do trem esta noite ?

— Não. Ainda queres sair ?

— Tencionava ir á missa da Sé.

— A que horas ?

— A' meia noite.

O banqueiro deu a ordem ao trintanario, e resolveu seguir a filha á egreja, convicto de que ali obteria algumas luzes sobre o acontecido.

Com effeito, antes d'aquella hora, o estrangeiro procurava no templo um bom ponto de observação.

A devoção ou o divertimento traziam á Sé as ondas de gente que ia entrando. Uns deixavam fechar com estrondo os pesados batentes do guardavento, na ancia irreverente de não perderem de vista um rosto conhecido, o astro que seguiam como satelites. Era o amor, devoto de occasião, que invadia o templo. Outros penetravam na egreja cautelosamente, recolhidos nos seus pensamentos beatificos, procurando com o olhar o presepe do Divino Recemnascido.

O medico aguardava a filha do barão no adro da egreja.

Entraram. Buscando um logar, Vasco indicou-lhe o degrau d'um confessionario, quasi indistincto nas trevas d'uma das naves lateraes.

No olhar trocado parecia-lhes haver um pensamento commum: era aquelle sitio de penitencia o logar proprio para se communicarem a reciproca desdita e se aconselharem a resignação.

— E' bem triste a nova que tenho a dar-te — disse o medico, quebrando o silencio e buscando apparentar tranquilidade e força.

— Qualquer que ella seja, Vasco, eu estou prompta a todos os sacrificios por ti. E' o conforto que te posso dar; é a consolação que me resta.

— Obrigado — respondeu elle apertando-lhe a mão. — Mas esta fatalidade, não ha sacrificios que a modifiquem: o nosso casamento é impossivel.

— Ah! exclamou a estrangeirita, com a dolorosa admiração de quem é ferido de imprevisto por uma lamina.

— Tem animo, segredou-lhe o medico, assustado com a pallidez e o abatimento a que parecia succumbir.

N'um instante, porém, Pepita recuperou a sua energia, e revoltada com tal idéa, disse com força:

— Mas isso é mais do que um sacrificio na vida. E' a morte... a minha pelo menos. Quem nol-a pode impôr, quando a nossa felicidade acaba apenas de nascer?

— A consciencia. O dever. Deus!

E como se do ceu partisse uma voz a confirmar estas palavras, junto ao altar entoavam n'aquelle instante os sacerdotes a oração dos anjos, emquanto a orchestra e o maestrado do côro, desenvolviam entre harmonias o thema lithurgico: *Deus, qui hanc sacratissimam*, da primeira missa de Natal.

— Ouves? interrogou Vasco Sabes o que diz esta oração?

— Sei! e buscando acalmar a revolta do seu espirito, Pepita leu em voz alta o trecho do seu livro encadernado de rescendente moscovia.

Esta leitura foi um calmante para a sua dôr, e proporcionou-lhe o derivativo das lagrimas. As harmonias voavam pelas abobadas do templo, insistindo na prece e dando momentos de contemplação aos fieis.

— Vamos — disse ella resignadamente — ajoelha aqui ao pé de mim, e conta-me toda esta desgraça.

Vasco obedeceu. Gautelosamente, o barão avançára atravessando a multidão, e protegido pelas trevas que reinavam n'aquelle sitio, collocando-se a pequena distancia, ouvia a narração do medico sobre o que se passára durante o leilão. Elle, porém, omittira a parte mais dolorosa para a noiva, a que se referia a essa má acção do banqueiro, de que Martha se queixára.

— Mas, — interrogou Pepita — em que póde esse conhecimento que acabas de ter da tua verdadeira filiação, impedir este casamento? A nossa amisade não estará superior a todos os preconceitos? Não será verdade que assim como eu te acceito ainda que sejas o filho não reconhecido

tu me não repelles tambem se ámanhã fores herdeiro d'um titulo dos mais nobres ?

O medico não respondeu.

— Calas-te Vasco! Duvidaste acaso um instante de mim ? Só póde ser isto, porque o orgulho não é accessivel á tua alma. Falla, por Deus t'o peço.

— Ha um motivo...

— Um motivo ? Qual ?

— Não posso dizel-o.

— Não pódes dizer-m'o ! mas não ha mysterio possivel entre nós.

Houve um novo silencio, imposto outra vez pelas orações da egreja. A ceremonia ia avançando. No dialogo dos distosos namorados intermeavam-se o latim dos padres e as entradas da orchestra. Aquelle, na solemnidade monotona do cantochão, parecia-lhe um *memento* dos sacrificios e das desventuras do mundo; estas nos seus arrebatamentos harmoniosos, como que insinuavam uma consolação e uma esperança na felicídade e na paz longiqua de alem-morte.

Esta idéa tomava uma fórma accentuada e consoladora no espirito de Pepita. O seu coração despedaçado abrigava-se ali como n'um refugio ultimo.

— Guarda pois o silencio que julgares indispensavel; não te interrogarei mais a tal respeito. Conformar-me-hei com nossa infelicidade, sem pretender saber a causa que a impõe. Mas para isso, tomaremos um compromisso reciproco...

— Qual ?

— Nenhum de nós casará jámais.

— Não posso acceitar esse teu sacrificio.

— Não pódes ? ! Porquê ?

— Porque eu mesmo me não posso obrigar.

Uma angustia suprema transpareceu no rosto de Pepita. Os seus tremendos receios justificavam-se. A realidade era

mais terrivel do que antevira primeiro. Não era só o impossivel da sua ventura com Vasco, era o amor d'elle que lhe roubavam para o dar a outra.

— Alguem quer matar-me, e tu allias-te a esse alguem. Nunca o esperei... Vasco, concluiu ella desesperadamente.

— Ah! isso não! Que tu duvides de mim um só instante é uma idéa que não posso supportar. Vaes saber toda a verdade. Mas, peço-t'o encarecidamente: que o teu espirito esqueça depois esta revelação d'um momento. Repito: é o dever, é a consciencia, que impõe o sacrificio da nossa felicidade. Como te disse, minha mãe foi abandonada pelo que hoje sei que é meu pae. Vivi longos annos com elle, conheci os remorsos que o atormentavam, nascidos d'essa falta. Hoje, comprehendo tambem essa animadversão, que tanto estranhei, de minha madrinha pelo conde de S. Giraldo.

E vi finalmente que tudo tinham esquecido, fazendo treguas provisorias para tratarem d'este casamento, para assegurarem a nossa felicidade. Pois bem: foi da bocca de minha mãe, d'aquella a quem tudo devo que ouvi as palavras fataes: este casamento é impossivel!

— Foi ella que o disse? mas porque motivo?

— O motivo?... é que na sua vida de atribulações, quando essa pobre mãe abandonada fingia a alegria sobre as scenas dos theatros, para assegurar o futuro de seu filho, o meu futuro, houve um homem que a perseguiu com o seu oiro, e que, repellido, lhe fez um aggravo que desconheço ainda, mas que ella tem presente como se fosse de hontem... E esse homem, é teu pae!

— Meu Deus! exclamou Pepita, vergando a cabeça ao peso d'aquella revelação e escondendo o rosto com o seu livro de orações. Vasco deixou passar uns momentos em que o pranto a desopprimia um pouco; depois, concluiu:

— O meu dever, bem o comprehendes, é, antes de tudo, trabalhar para a união de meus paes. Não sei como o hei-

de conseguir. A minha cabeça tem sido hoje muito atormentada para fixar um plano. Mas uma coisa te juro, Pepita; é que só na ultima extremidade lançarei mão do meio que me não deixa acceitar o compromisso que lembraste.

— E esse meio é .. casares com outra?

— Sim. Procurar uma allianca que pareça ser a minha felicidade, mas a que seja condição indispensavel o casamento de meus paes, o meu reconhecimento como seu filho. Considera, querida, que futuro o meu: vê se não sou mais infeliz ainda do que tu.

— Perdoa as minhas suspeitas. E' grande demais a tua alma para eu a comprehender, proferiu a filha do barão com voz sumida. Segue a tua sorte. A minha é considerarme para sempre tua.

— Isso não.

Mas a pobre menina, como um naufrago, soccorria-se a uma derradeira esperança.

— Quem sabe? A vida é tão accidentada! Eu serei sempre a tua noiva, esperando-te prompta para ajoelhar ante o altar, se um dia, por qualquer motivo, poderes vir buscar-me.

— Não! Cumprido o meu dever, a vida pouco me tentará. E a morte encontra-se facilmente n'este mundo .

— Encontra se! Que dizes tu, Vasco? proferiu ella erguendo-se, esquecendo o logar em que estava, abandonando toda a idéa de resignação e interrogando anciosa o medico.

— Socega. Lembra-te que estamos na egreja.

— Encontra-se, disseste! Agora comprehendo as tuas ultimas palavras de hoje ao filho da marqueza. Adivinho o teu proposito. Cumprindo o teu dever, irás procural-o. Elle fará a graça de te tirar a vida. Esta é a verdade, nega se és capaz... Ah! mas isso é demais. Tanto não consintirei eu.

Vasco protestara, querendo acalmar a sua agitação.

Era um trabalho infructifero.

— Não! Isto não póde ser! O sacrificio tem limites! Os filhos não pódem ser as victimas unicas das culpas dos paes — ouves? — digo-te eu tambem agora — e agarrando-lhe fortemente a mão, indicava-lhe que escutasse o offertorio da missa final: *Tui sunt cœli*, entoado pelos sacerdotes. Sabes o que diz esta oração? Que a justiça e a equidade são as bases do throno de Deus. O que tu queres fazer não é justo, porque seria a tua morte, a minha, talvez até a d'esses por quem te sacrificas!

Vasco receiando contradizel-a, ficou silencioso.

Ellla ajoelhou de novo orando entre soluços.

A solemnidade terminava. Em ondas, a turba dos apressados refluia para a porta do templo. Quando essa grande corrente de povo se foi sumindo pela sahida, Pepita ergueu-se, singularmente tranquilla.

— Não sei porque, Vasco, tenho uma esperança de que esta noite de Natal, não póde marcar o termo da nossa felicidade.

— Assim Deus te ouvisse.

— Ouve, pódes crêl-o. Socega o teu espirito. Não procedas precipitadamente. Vêr-nos-hemos ámanhà, sim?

— Pois seja.

— Confia em mim, adeus.

*

Pouco depois Pepita buscava n'aquelle mesmo terraço do palacio em que, havia mezes, fallara pela primeira vez com o medico, tranquillisar o seu espirito ao contacto da serenidade da noite.

Ao pensamento acudiam-lhe as approximações e os contactos d'aquellas duas conjuncturas. Era uma noite festiva como a de hoje. Então, eram os cantos populares que subiam da cidade; agora, era o alegre repicar dos sinos das egrejas annunciando aos christãos a hora do Natal. Então,

na sua consciencia havia o começo d'um remorso pela dôr que a sua partida havia de causar no dia seguinte a esse rapaz cujo amor a deixara insensivel; agora, era um receio tremendo pelo que havia de trazer-lhe o dia de amanhã, era ella que o amava loucamente.

Então, apresentava-se-lhe um futuro de privações e pobreza, que nem levemente a amedrontava; agora, rodeava-a uma opulencia mais segura do que nunca, mas incapaz de lhe dar a felicidade.

Estes confrontos arrancaram á sua alma attribulada um grito de desanimo.

— Pois eu nunca serei feliz?

— Has-de sel-o, asseguro-t'o eu.

Pepita ergueu-se sobresaltada, reconhecendo a voz do pae, que a abraçava ternamente, emquanto ella, encostando a cabeça ao seu peito, desafogava em lagrimas a sua dôr.

— Socega, filha, e tem esperança — dizia o barão com voz tremula — venho como tu da egreja. Descança, que a minha falta não é tão grave que deva custar a tua ventura. Quando tu eras pequenina, eu vinha n'esta noite de Natal, a estas horas, realizar a felicidade dos teus sonhos infantis, encerrando n'um cestinho a lembrança que tu agradecicias como trazida pelo pequeno Menino Jesus recemnascido. Hoje és mulher. A tua felicidade consiste no teu amor. N'esta noite, como nas que passaram, eu quero que sejas feliz. Has-de ser a esposa de Vasco. E' teu pae que t'o promette.

XXXIV

O conde de S. Giraldo batia á porta do palacio, que fôra dos seus antepassados, e que o vira nascer, quando as dez horas da noite, para que a cantora o emprazára, soavam na torre da egreja proxima. Era um badalar de sinos que elle conheceria entre mil.

Ouvira-os a cada hora, durante quasi toda a sua vida, e n'aquelle instante a voz do bronze, a mesma exactamente de outros tempos, parecia dirigir-se-lhe lá do alto da torre, lembrrando-lhe a grande mudança que na sua vida se fizera.

Esta reminiscencia do passado, occasionou-lhe um movimento filho do costume de tantos annos. A mão do fidalgo erguida procurou debalde o puxador da corrente da antiga sineta.

Como que voltou a si, á realidade, e na hombreira de marmore carregou o luzente botão da campaínha electrica.

O porteiro acudiu logo, e na attitude respeitosa com que indicou ao fidalgo que no peristilo do palacio alguem o esperava, este conheceu que a sua chegada estava prevenida.

Então o conde atravessou o grande pateo reconhecendo-o difficimente. Deixara-o coberto de ortigas, desempedrado, um chavascal, e encontrava-o revestido de taboleiros de verdura, com um grande lago ao centro, ruas calçadas em minucioso mosaico, e illuminado por candelabros com triplicadas luzes de gaz.

Na entrada, conheceu que o respeito do antigo fôra rigorosamente observado. Os damnos da cantaria trabalhada tinham sido reparados e substituidas as faltas dos azulejos. Só os estuques da escada, embora conservando o primitivo desenho, os anjos e as grinaldas que elle sabia de cór, tinham sido inteiramente renovados com maior perfeição de acabamento.

Ao centro da escada, uma larga alcatifa vermelha fixada com varões de metal branco, fazia destacar a alvura dos degraus de marmore, a que o proprietario nunca déra a devida attenção. No vestibulo, enormes espelhos guarneciam os vãos das portas, reproduzindo o grande lustre de bronze pendente da alta cupula.

Pesados reposteiros de velludo azul indicavam as altas portas que encobriam.

Quando o conde ia a meio da escada, sentiu ranger uns

gonzos, e um d'esses reposteiros foi corrido por um criado que, um pouco inclinado, immovel e silencioso como uma estatua, franqueou a entrada ao fidalgo. Este achou-se na sua antiga sala de entrada, onde tantas vezes aguardára os convidados para as festas dadas por seus paes. O criado, adiantando-se pressuroso, abriu a porta que communicava com a grande sala em que se ostentavam antigamente os retratos dos seus antepassados, e annunciou:

— O sr. conde de S. Giraldo.

Martha ergueu-se e veiu ao encontro do recemchegado.

Involuntariamente este percorreu com os olhos as paredes como a procurar os rostos dos seus maiores.

— Estão guardados, conde, — disse Martha timidamente, cravando o olhar no chão. Estão guardados como tudo que ornava esta casa, e que eu pude salvar do leilão. Quando o meu testamento fôr aberto, e Vasco souber os laços que o unem aos antigos senhores que aqui habitaram, elle cumprirá a minha vontade collocando nos seus logares todas essas reliquias. Eu, não o posso fazer.

— Eu — respondeu o conde — nem sequer tenho o direito de erguer os olhos para o sitio em que ellas estiveram. Obrigado, Martha, obrigado por essa nobre maneira de emendar os meus erros.

A artista exultava com este incidente, que cortára a situação difficil do começo d'aquella entrevista, encaminhando a conversação para o proposito de esquecimento e reconciliação que o seu coração e o futuro do filho pediam.

— Esta sala é grande de mais para confidencias. Siga-me, conde, tenha paciencia.

E os dois atravessaram a serie de salões tão intimos do antigo proprietario, que admirava maravilhado as decorações actuaes.

Finalmente, chegaram ao antigo escriptorio do conde.

— Fiquemos por aqui, disse a cantora. E' o meu gabinete de trabalho.

Esta disposição favoravel, quasi sympathica, com que era recebido na primeira vez que entrava em casa da artista, longe de o satisfazer, inquietava o fidalgo. No seu espirito, predominava um receio de que esse incidente passado com o barão tivesse uma gravidade que abatia o orgulho da cantora.

Succedia, porém, justamente o contrario. O facto que n'aquelle dia se dera, tinha sobresaltado Martha, por amor do filho unicamente. Percebera que, apezar de toda a altura da sua posição, e da sombra de grandeza que ella projeva sobre Vasco, nada compensaria a sua dôr se conhecesse esses precalços do seu passado de abandono. Só havia um modo de liquidar a incerteza d'uma tal situação: era varrer do seu espirito os ultimos vestigios de resentimento, unindo-se ao conde. Na grandeza da sua alma estava prompta a ceder. Havia muito que esta hypothese se apresentava ao seu pensamento, cada vez mais acceitavel em vista da grande affeição pelo filho de que o conde dava provas e do seu inconstestavel arrependimento.

N'aquelle dia, porém, Martha conhecera mais alguma coisa. Essa exaltação do conde ao saber a offensa que recebera do barão, mostrara-lhe que era apparente a indifferença que o fidalgo parecia ter por ella. Lá no intimo do seu coração de mulher havia como que um rasto da affeição que a perdera. Era essa recordação d'aquelle homem, sempre presente ao seu espirito. Tomara primeiro a fórma apaixonada do amor, depois a d'um odio inexplicavel traduzido na ambição de uma vingança que, no fim de contas, o trouxesse arrastado aos seus pés, flagellado com o seu desdem; e agora apparecia-lhe subitamente convertida em amisade, em dedicação, no desejo de tudo esquecer, e de passar junto d'elle o resto dos seus dias.

Era, emfim, esse conde de S. Giraldo sempre ante o seu pensamento, desde a primeira vez que lhe fôra apresentado na noite do seu debute em S. Carlos.

Os seus cabebellos que principiavam a branquear não a deixavam tornar-se ridiculamente apaixonada, mas impelliam-n'a para uma amisade que era alguma coisa, pois que se impozera ao orgulho da desforra.

Enleiado, o fidalgo não sabia o qne pensar da situação.

— Sente-se, conde, aqui perto de mim, e se o quer, fallemos pela primeira vez sem rodeios, como dois amigos. Temo-nos encontrado unidos e accordes para tratar do futuro de Vasco... mas só isso e mais nada. Pois bem: não lhe parece que em attenção a esse mesmo principio, é conveniente que abandonemos as nossas reservas para bem considerarmos o que hoje se passou?

— Não acho o menor inconveniente. A mãe de Vasco sabe, porque ha muito lh'o disse, quanto a venero. Mas esse respeito, devido ao seu proceder, lembra-me a fórma porque eu mesmo procedi, e sem me fazer reservado a seu respeito só me permitte veneral-a...

Martha ficou um momento tristememente concentrada.

Tinha novamente uma duvida que a desanimava.

O conde, no que acabava de dizer, parecia querer prevenil-a de que não podia haver entre elles mais do que um respeitoso afastamento.

Como de costume, a energia do seu caracter suggeriu-he uma resolução. Era preciso averiguar, por uma vez, se o conde tinha ou não, como ella, uma recordação do passado, ainda que o desfazer d'aquella sua illusão d'um momento devesse já custar-lhe uma nova dôr.

— Conde! interrogou, subitamente resoluta — ainda agora, quando reconheci o barão, perturbei-me por tal fórma que lhe faltei á verdade...

— Como? interrogou o fidalgo erguendo-se agitado.

— E' certo que repelli as suas propostas, mas, o... e observava attentamente com uma alegria intima a anciedade pintada no rosto do seu interlocutor — mas, o meu passado de abandono não é puro, eu precisava esquecer os

meus tormentos, e, além do barão, houve quem me tentasse...

— Desgraçada! exclamou o conde, avançando n'um gesto ameaçador. Subitamente conteve-se, e disse como interrogando-se: Mas posso eu castigar? Não fui eu o causador de todas estas miserias? Oh! meu Deus, que tremenda punição! Tudo perdido n'um dia. Tudo! até essa ultima consolação de adorar a mãe virtuosa, secretamente, no altar do meu coração.

Mas a victima parecia vir ao encontro do castigo, adiantando-se de braços abertos para o executor.

No rosto d'este, o espanto, uma nova duvida, a esperança, succediam-se rapidamente.

O abraço de Martha não o pôde o fidalgo evitar. Apertava-o estreitamente, e a sua cabeça, descançada sobre o hombro do conde, não lhe deixava perceber que as suas lagrimas não eram de contricção mas de alegria. Só passado um momento, a realidade, uma realidade abençoada, lhe era segredada pela artista ao ouvido:

— Mas então, sou ainda para ti a Martha de outros tempos? Não é verdade? Diz-m'o, diz-m'o, se queres vêr-me completamente feliz. Quando era nova dei-te o meu coração, o meu amor. O meu coração pertenceu-te sempre, mas hoje sou quasi uma velha, e o que te offereço é uma amizade sincera, uma affeição de esposa... Acceitas?

— Assim eu o podesse fazer. Mas... não posso.

Esta recusa, apparentemente fraca, animou a cantora.

Tomou-a por uma simples formalidade do conde antes de se render. Radiante e esperançada, fez sentar o fidalgo junto a si n'um pequeno sophá.

— Hoje, meu caro Francisco, disse como a deliciar se com a intimidade d'aquelle tratamento, exaggerei a importancia d'essa offensa que o barão me fez. Mas, tu bem o sabes, nós artistas temos logar no coração para duas paixões: uma, é essa que todos conhecem com o nome de amor; a

outra, é a paixão pela nossa arte. Foi n'este sentimento que o barão me feriu cruelmente; e ainda hoje, tão distante já das minhas noites de gloria, a lembrança d'aquella vingança mesquinha conseguiu desvairar-me completamente. Vê até que ponto: pois não cheguei a pensar em lhe sacrificar a felicidade do nosso filho? Foi pura demencia, não ha que vêr. Mas, queres ouvir como se passou essa aventura?

— Ia pedil-o.

— E' uma pagina d'esta minha vida, tão variada em dias de triumpho e desalento. Que te não entristeça o que digo. Não é uma accusação que faço ao teu abandono. Eu esqueci tudo; e tu tambem... Pois não é assim?

— Só a ti, só á victima, pertence esquecer e perdoar.

— O que são as coisas d'este mundo! o que é o coração humano! Pódes crêl-o, Francisco: sem o teu abandono, sem a ambição de assegurar um brilhante futuro ao nosso filho, e — disse como que envergonhada — sem esse desejo ardente que tive durante tantos annos de me vingar de ti, — eu nunca teria sido a artista que fui. Cada vez que entrava em scena, o meu pensamento volvia-se para este canto de Portugal, onde estava todo o meu amor e todo o meu odio. Foi por isso que eu jámais cantei banalmente... Fóra do theatro, desconheciam-me: eu era uma especie de viuva, soffrendo saudades longe do filho unico. Comtudo, havia quem me achasse formosa, e as propostas tentadoras, mais ou menos discretas, chegavam-me constantemente, escondidas entre as corôas e os ramos de flôres. Uma vez, em Nova York, um milionario, o barão de hoje, insistiu por tal fórma nas suas amaveis tentativas, que eu tive de lhe fazer conhecer que acabava por me importunar. O pae de Pepita não possuia ainda um titulo, mas era um banqueiro importante, nomeado pelas suas ostentosas estravagancias.

— Supponho já o que se passou, interrompeu o conde. Ferido no seu orgulho, procurou vingar-se na artista da mulher que o desprezara.

— Exactamente. Pagou opiniões de jornaes que me guerrearam, creando no publico que até ali me acclamara, uma corrente destavoravel a meu respeito, e quando a julgou bastante forte para a execução do seu plano, fez pronunciar ruidosamente contra mim a platéa quasi toda ás suas ordens. Como eu não perdi o juizo n'essa noite, é o que ainda me parece incrivel. Ah! só nós artistas sabemos calcular o martyrio dos momentos em que se soffre a pé firme, a reprovação, as vaias e os apupos d'um publico hostil e apaixonado. Mas quando se está, como eu estava, habituada a um favor ininterrompido, aos applausos e á consideração da platéa, então o soffrimento é incomparavelmente maior, e o artista succumbe se é fraco, ou reage energicamente se é forte. Estive prestes a succumbir — proseguiu apoz uma breve pausa — mas comprehendi que um tal momento podia bem decidir de todo o meu futuro, e esse futuro era o de Vasco. Foi o que me salvou! Disseram-me depois—continuou com accentuado orgulho — que parecia impossivel como a minha voz conseguira dominar a tempestade desencadeada no theatro. Parece que eu cantei n'aquela noite como jámais cantara. Sei que os meus inimigos foram derrotados, e acabei por ter a maior talvez de todas as ovações que até ali recebera.

«Mas a lembrança d'aquella noite e do seu auctor ficou para sempre odiosamente impressa no meu espirito. Hoje, reconhecendo o barão, não me pude dominar, pensando no primeiro momento em sacrificar ao meu odio a felicidade de Vasco. Seria uma loucura. Precisamos de combinar a fórma de resolver as difficuldades em que a descoberta de hoje me colloca. Posso contar com o teu auxilio?

— Como sempre.

— Não é bastaate.

— Não é bastante?!

— Não. Essas palavras são uma resticção já inadmissivel. Como sempre, é apenas a ratificação dos teus offere-

cimentos, feitos a primeira vez que me procuraste por dedicação a Vasco. E' preciso mais, muito mais.. E' preciso que elle conheça quanto antes seus paes, legitimamente unidos...

— Abandona essa idéa, Martha. E' impossivel.

— Impossivel? Pois hesitas ante o sacrificio dos teus preconceitos?

O conde não respondia conhecendo o fundamento d'aquella arguição, sem comprehender a lucta que se travava no seu coração entre duas forças oppostas: uma que lhe pedia esse pequeno sacrificio por amor d'aquellas duas pessoas tão caras; outra, que lhe segredava que o não devia fazer.

Da mesma fórma que no final d'uma opera a repetição do motivo nos traz a reminiscencia de toda a acção, desde as primeiras scenas, assim, ao avisinhar-se da velhice, aquella educação austera e religiosa da sua infancia, obliterada emquanto predominava a voragem dos prazeres, acordava agora novamente nos sentimentos do conde, manifestaado-se na intransigencia sobre a expiação da sua culpa. O seu espirito obedecia a essa influencia, sem a definir.

A sua união com Martha era a ventura para ella e para o filho, mas ao mesmo tempo a sua isenção ao castigo, á penitencia, porque era a sua felicidade tambem, que lhe impedia essa reabilitação moral que só a abnegação no soffrer lhe podia dar. Impôr-se voluntariamente um supplicio de Tantalo, ter ao seu alcance a fortuna e a alegria e não estender para ellas a mão, affigurava-se-lhe o unico meio de reparar as suas culpas.

Martha, começando a inquietar-se com aquelle silencio, insistiu novamente:

— No meu passado, nào ha sequer a sombra d'uma acçào que assuste a minha consciencia...

— Ah! d'isso estou eu certo, juro-t'o! atalhou o conde.

— Bem sei que se me recusares o teu titulo, não será por

me julgares indigna d'elle. Faço-te essa justiça. Mas a verdade é que, não obstante a integridade de toda a minha vida, esse passado, deixa-me dizer o termo, de mulher do theatro, é um supplicio constante, é quasi um perigo imminente para quem tem um filho com o caracter de Vasco. Este segredo da sua filiação, que todos sabem, póde-lhe ser revelado d'um momento para o outro. Calculas a impressão que o nosso apartamento lhe causará?

— Tens razão. Tens razão. Bem conheço tudo isso. Mas já t·o disse: não posso, não devo fazel-o.

— Mas ainda, proseguiu a artista na corrente das suas idéas, a que serie de falsidades, de calumnias, de suspeitas não se presta uma situação como a nossa? E o socego, a paz, a felicidade do nosso filho não poderia ser destruida n'um momento, com a apparente confirmação que o nosso affastamento lhe dá? Que razões tens que opponhas a estas?

— Que razões tenho?

— Sim.

— Não me atrevo a dizel-as.

— E' que não as reconheces como boas.

— Não é isso, mas porque são mais uma prova do meu egoismo. Sim, eu quizera partilhar comtigo e com Vasco essa felicidade que nobremente me offereces, a mim que te illudi e te desprezei. Mas para ser completa, era preciso que nem um instante sequer me acudisse ao espirito a lembrança de que a grande generosidade tua e d'elle, lhes não póde varrer do espirito a recordação da minha indignidade. Podia ser isso um facto e uma realidade, um verdadeiro phenomeno da grandeza de alma da mãe e do filho, que a minha consciencia o não acreditaria. E' esse o meu castigo; é como que um estygma de que só a morte me livrará. Quanto maior fôr a tua magnanimidade e a de Vasco, mais nitido me apparecerá constantemente o phantasma do meu erro. E' um contraste terrivel, inexoravelmente erguido no meu pensamento.

— Exaggeras a tua culpa, e n'esse exaggero influem os preconceitos sociaes.

— Ah! não — Sobre esses facilmente passaria eu — Bem sei o que se havia de dizer de mim, do fidalgo arruinado vindo na velhice disfructar a opulencia e a fortuna da mulher que outr'ora abandonára. Com essa suspeição arrostaria eu. Não é o orgulho, nem o respeito das convenções sociaes que me detem; é um escrupulo da consciencia, é o receio de que esse mesmo passo que me póde ligar á esposa e ao filho no resto da vida, me afaste depois d'elles para sempre!...

Mal terminára estas palavras, pela porta fronteira, aberta repentinamente, entrou Vasco.

Tendo regressado da egreja, só ao atravessar o pateo do palacio, vendo luz no gabinete de Martha, se recordára da entrevista por ella pedida ao conde, de que a perturbação das suas idéas o fizera esquecer. Não resistira a procurar saber o que se passava, e longe de se arrepender, parecia-lhe que a Providencia lhe deparava o ensejo de conseguir a união dos paes. Entrou, pois. No seu rosto transtornado havia uma expressão de severidade, que aterrou o conde. Não lhe parecia o filho, correndo a lançar-se-lhe nos braços, mas o juiz que ia proferir-lhe a sentença.

— Meu filho! exclamou a cantora, estendendo para elle os braços, como a pedir clemencia.

A esta invocação, o rosto do medico transformou-se subitamente, assumindo a expressão do mais carinhoso affecto. O conde caiu n'uma cadeira, e apoiando os cotovellos na meza proxima, com os punhos cerrados, parecia querer impedir as lagrimas de lhe brotaram dos olhos, reconhecendo que era para si a severidade do filho enlaçado já com a mãe n'um estreito abraço.

— Que idéa faz o conde de S. Giraldo da justiça divina, para pensar o que acaba de dizer? perguntou Vasco, apoz um pequeno silencio.

O choro convulso do fidalgo foi a sua unica resposta. Sempre abraçado a Martha, o medico interrogou novamente:

— O que é feito d'esse arrependimento, d'esse desejo ardente de ser ainda bom pae e bom esposo, que o conde de S. Giraldo tantas vezes confessou ao seu amigo Vasco?

— Piedade, meu filho, implorou o conde.

— Filho? interrogou o medico, como a restringir a invocação do fidalgo. Filho, se o conde de S. Giraldo não preferir antes que eu seja o amigo que d'elle se afasta para sempre. O filho aqui está, no seu logar, junto da mãe; se o pae o reconhece como tal, venha abraçar-se com elles.

— Martha! meu Vasco! perdôem, perdôem a este desgraçado...

Abraçando-se com a esposa e com o filho, cobria-os de beijos regados pelas suas lagrimas.

No silencio profundo da noite, distinguia-se o soluçar d'esse grupo, que representava a virtude e o arrependimento.

E um tanger de sinos longinquos, celebrando a noite de Natal, voava lá por fóra na quietação nocturna, e vinha dar áquelle sentido quadro uma nota de uncção, como que a solemne corfirmação da egreja.

XXXV

Dois dias depois, a luz do sol que acabava de nascer, atravessando fracamente os vidros de côr das pequenas ogivas, que rodeavam a capella do palacio, confundia-se com a luz das velas accesas no altar, ante o qual acabava de celebrar-se o casamento dos paes de Vasco.

A solemnidade realisara-se á capucha, assistindo apenas os parentes que o conde convidára para padrinhos e a familia da futura esposa do medico.

A presença do barão explicava-se pela dignidade do seu procedimento. Cumprindo a promessa que fizera a Pepita, procurára o conde, confessando o aggravo á artista e prestando-se á reparação que lhe exigissem.

— Nem minha filha nem Vasco devem soffrer as consequencias d'essa falta dos meus tempos de estravagante. A minha presença é justamente odiosa para a mãe de Vasco. Está pois indicado o modo de resolver a difficuldade: retirar-me-hei de Portugal por uma vez. Separar-me-hei de Pepita, será o meu castigo.

Mas os acontecimentos que se davam, a felicidade de mãe e de esposa reconhecida dispunham o espirito da artista para o esquecimento e para o perdão. O arrependimento do banqueiro e a sua dedicação de pae, harmonisava tanto com o proceder do conde e com os sentimentos de Martha, que ella considerou a acceitação d'um tal sacrificio uma falta de magnanimidade, que iria lançar uma nota discordante na ventura que sorria a todos.

Como fôra combinado, concluida a seremonia, os condes de S. Giraldo pediram aos barões de Rio Oiro a mão de Pepita para seu filho.

Trocadas as effusões proprias d'um tal momento, o conde abraçara enternecidamente a esposa e Vasco.

Passados instantes, notava-se a sua ausencia. Procuraram-n'o por todo o palacio, e não o encontrando, o presentimento d'uma desgraça acudiu a todos, e cada um julgou ter visto n'aquelles abraços uma despedida dolorosa, heroicamente dissimulada.

A inquietação da esposa e do filho, convertida já em anciedade, pozera em alvoroço todo o palacio, depois os jardins e a quinta.

— O sr. conde, informou então um jardineiro, passou ha pouco n'um trem com dois senhores. Vi-os cá do muro da quinta. Por signal que um levava em cima dos joelhos uma caixa de madeira polida, assim pequena.

— Não póde ser senão um duelo com D. Jorge, exclamou o barão involuntariamente, deixando escapar em voz alta aquella idéa, que lançou a todos na maior afflicção.

— E' preciso seguil-os, encontra-los, proferiu o medico.

— Mas para onde iriam? interrogou Martha no auge da consternação.

Ouve novas indagações, e o trintanario do barão, que esperava junto do «landeau», fóra do portão, disse que o trem de praça com os dois individuos estava esperando algum tempo ali perto, e que, logo que o conde chegara, um dissera ao cocheiro: para Algés.

— Para Algés, a toda a brida,— ordenou o banqueiro, precipitando-se para o seu trem — afflicto com a idéa de que fôra elle quem revelára ao conde o duello imminente entre Vasco e o filho da marqueza, que o fidalgo certamente pretendia impedir por aquella fórma.

Vasco e Martha seguiam o barão, que nào teve força para os deter, e o *landeau* partiu á desfilada pelas ruas ainda desertas áquellas sete horas da manhã de dezembro.

O dia annunciava-se formosissimo, um d'esses dias do fim do anno que parecem uns retardatarios do outomno.

Junto á ponte de Algés, encostado ao tronco da primeira arvore plantada á beira do rio, um mendigo coxo, um d'estes aleijões que esmolam pelas estradas proximas da capital, entoou ao parar a carruagem a sua cantada lamentação:

— Meus bemfeitores: uma esmola para este aleijadinho.

O barão deu-lhe esmola e interrogou-o.

Elle vira passar um trem, havia um bocado, mais para diante.

Seguiram.

Junto á cruz de S. José de Ribamar, estava parado um leiteiro que vinha para a cidade. Pediram novas informamações e o saloio com a maior tranquillidade, apontando para a calçada, respondeu:

— Ah! já sei... o desafio é lá em cima, na terra á direita do caminho, por detraz d'um canavial. Deram dois tiros mas nenhum ficou ferido.

— Para cima, a toda a brida — ordenou novamente o barão. As palavras do camponio tinham feito luzir uma esperança. O duello estaria terminado sem consequencias fataes. Fustigados, os finos cavallos inglezes trepavam desesperadamente a ladeira, calçada á antiga de grandes pedregulhos negros.

Em baixo, descobria-se a praia na qual umas pequenas ondas vinham morrer, murmurando, parecendo affirmar uma grande indifferença da natureza por aquelle drama humano, que a algumas centenas de passos se convertia em tragedia.

O conde de S. Giraldo chegara ao logar do combate e dirigira-se para o filho da marqueza. As testemunhas d'este, que estavam proximas, afastaram-se, prevendo uma solução pacifica.

— Jorge—disse o conde—conheço-te desde pequeno, sou teu amigo e de teus paes. Só o receio de que tu, um atirador dextro, mates qualquer dia meu filho, me traz aqui. Disse-t'o, é verdade: a tua dignidade, a tua reputação, a tua coragem, ficam ao abrigo de toda a suspeita, desde que dês ao marido da condessa de S. Giraldo a satisfação da offensa que lhe fizeste, julgando revelar um passado menos digno d'essa senhora ao seu filho. O casamento de Vasco está ajustado, e eu quero assegurar-lhe a paz e a felicidade. As minhas testemunhas sabem o que eu venho propor-te, e se morrer aqui, affirmarão que tu por uma promessa feita a mim não poderás nunca bater-te com Vasco. Jura-me isto, e atira como quizeres, que eu atirarei para o ar. Lembra-te de tua mãe.

Mas aquellas palavras, longe de chamarem D. Jorge á razão, motivaram-lhe a idéa louca d'um receio da parte do fidalgo, ao passo que a noticia do ajustado casamento de

Vasco lhe accendia todo o rancor, mostrando que a sua intriga de nada servira.

— Não acceito essa proposta. Faça v. ex.ª o que entender.

— E' uma fatalidade, mas tu assim o queres. N'esse caso, repetiremos as balas até um ser ferido. Foi ajustado. E's bom atirador... mata-me, pois, para que eu não te mate.

Afastaram-se. Cumpridas as formalidades da lucta, e á voz de *fogo*, o conde percebeu uma hesitação, uma tremura na mão do adversario. Teve ainda uma esperança. Elle reconsiderára talvez. Então, invocou a pericia dos seus bons tempos, e emquanto calculava que D. Jorge o ia errar, resolveu poupal-o, amedrontando-o. Ergueu uma linha a mão quieta como se fôsse d'uma estatua, e a sua bala atravessou o chapeu do filho da marqueza.

Os padrinhos, anciosos, demoravam a entrega de outras pistolas, esperando uma reconciliação.

O conde, porém, tomou a arma que lhe pertencia, e approximou-se novamente do seu adversario:

— Ainda uma vez, Jorge!... pensa em teus paes...

E esperou um instante. Não tendo resposta, voltou para o seu logar, dizendo para as testemunhas:

— Acabemos com isto.

Pela segunda vez soaram as tres palmadas fataes, depois a ordem de atirar. D. Jorge precipitara-se, e fizera fogo um segundo antes.

O conde levou a mão ao peito, e vacilou; mas, por um esforço rapido e supremo, ajoelhou para obter mais firmeza, e curvando o braço esquerdo appoiou n'elle a sua arma.

— O meu filho não has-de tu matar, não! — e, cuidadosamente, visava o adversario.

Este viu a morte imminente e a sua coragem ficticia, alimentada só pelo odio, abandonou-o.

— Não me baterei com Vasco. Juro-o! exclamou aterrado, erguendo as mãos, como para se escudar.

— Antes assim! foram as ultimas palavras do conde, que largou da mão a sua arma, e cahiu redondamente sobre a relva que tapetava o campo.

Pouco depois, o trem do barão descia a passo a ladeira, que havia instantes trepára a galope. Era um caminhar de enterro. N'um logar do fundo, o conde parecja já cadaver. Ao seu lado, o medico, suffocando a sua dôr, não lhe abandonava o pulso, pretendendo animar a mãe.

— Vive. Vive ainda. Havemos de o salvar.

A coragem de Vasco mostrou n'aquelle dia que elle era o digno descendente d'uma raça de valentes. Não consentiu que os medicos, que já esperavam o ferido no palacio, fizessem a extracção da bala. A melindrosa operação foi por elle executada, com uma firmesa não inferior á que a mão do conde demonstrara no campo.

N'esse instante o fidalgo abriu os olhos. Teve um momento de estupefacção, depois veio a recordação de quanto se passara, e disse sorrindo para o filho e indicando o projectil:

— Para que m'a tiraste? Esta bala, que podia ter sido a tua morte, é que me reconcilia com a minha consciencia.

Cuidados incessantes da esposa e do filho, arrancaram o conde á morte; e logo que elle deixou o leito, realisou-se com pompa o casamento de Vasco e Pepita.

A sociedade, esquecendo um momento as miserias em que se agita de ordinario, enchia as salas do palacio, sinceramente respeitosa. E o conde de S. Giraldo, ainda convalescente, discorria atravez da multidão, pelo braço de Martha, appoiando-se em uma bengala, mas de cabeça erguida.

FIM

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 250 rs. brochado, ou 400 rs elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada volume

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Amor á antiga, por Caïel.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — A flôr sêcca, por P. Chagas.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de) || **Pinto (Silva**

Diccionario (Gra-
raneo francez

(ed. de luxo), enc. 3$200 rs. || enc. 900 rs.

LPor
L7996v
347904
Lobo d'Avila, Arthur
Vasco.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
OFFICINAS
TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
44a54-Rua Augusta-44a54
LISBOA